COVID-19: O GRANDE RESET

KLAUS SCHWAB
THIERRY MALLERET

FORUM PUBLISHING

COVI

O GRA

COVID-19:
O GRANDE RESET

KLAUS SCHWAB
THIERRY MALLERET

PUBLICAÇÃO DO FÓRUM

Edição 1.0

Fórum Econômico Mundial 91-93 rota de la Capite CH-1223 Cologny/Genebra
Suíça

Tel..: +41 (0)22 869 1212
Fax +41 (0)22 786 2744
mail: contact@weforum.org
www.weforum.org
mailto:contact@weforum.orghttps://www.weforum.org/

ISBN 978-2-940631-11-7

Essa tradução foi feita de forma automática utilizando programas como o google tradutor e DeepL sendo revisada de forma inteiramente manual

Sobre a Covid-19: O Grande Reset

Desde que entrou no cenário mundial, a COVID-19 rasgou dramaticamente o roteiro existente de como governar países, conviver com outros e participar da economia global. Escrito pelo fundador do Fórum Econômico Mundial Klaus Schwab e o autor do Barômetro Mensal Thierry Malleret, COVID- 19: The Great Reset considera suas implicações dramáticas e de longo alcance no mundo de amanhã.

O principal objetivo do livro é ajudar a entender o que está por vir em uma infinidade de domínios. Publicado em julho de 2020, em meio à crise e quando ainda podem surgir novas ondas de infecção, é um híbrido entre um ensaio contemporâneo e um retrato acadêmico de um momento crucial da história. Ele inclui teoria e exemplos práticos, mas é principalmente explicativo, contendo muitas conjecturas e ideias sobre como o mundo pós-pandêmico poderia, e talvez devesse, ser.

O livro tem três capítulos principais, oferecendo uma visão panorâmica da paisagem futura. O primeiro avalia qual será o impacto da pandemia em cinco macro categorias-chave: os fatores econômicos, sociais, geopolíticos, ambientais e tecnológicos. O segundo considera os efeitos em termos micro, em indústrias e empresas específicas. A terceira hipóteses sobre a natureza das possíveis consequências a nível individual.

No início de julho de 2020, estamos em uma encruzilhada, os autores da COVID-19: A Grande Reposição discute. Um caminho nos levará a um mundo melhor: mais inclusivo, mais equitativo e mais respeitoso da Mãe Natureza. O outro nos levará a um mundo que se assemelha ao que acabamos de abandonar - mas pior e constantemente perseguido por surpresas desagradáveis. Devemos, portanto, acertar. Os desafios que se avizinham podem ser mais consequentes do que até agora escolhemos imaginar, mas nossa capacidade de reiniciar também pode ser maior do que ousamos esperar anteriormente.

Sobre os autores



O Professor **Klaus Schwab** (1938, Ravensburg, Alemanha) é o Fundador e Presidente Executivo do Fórum Econômico Mundial. Em 1971, ele publicou Modern Enterprise Management in Mechanical Engineering. Ele argumenta nesse livro que uma empresa deve servir não apenas aos acionistas, mas a todas as partes interessadas para alcançar crescimento e prosperidade a longo prazo. Para promover o conceito de partes interessadas, ele fundou o Fórum Econômico Mundial no mesmo ano.

https://www.penguinrandomhouse.com/books/551710/the-fourth-industrial-revolution-by-klaus-schwab/9781524758868professor Schwab tem doutorado em Economia (Universidade de Friburgo) e em Engenharia (Instituto Federal Suíço de Tecnologia) e obteve um mestrado em Administração Pública (MPA) pela Kennedy School of Government da Universidade de Harvard. Em 1972, além de seu papel de liderança no Fórum, ele se tornou professor na Universidade de Genebra. Desde então, ele recebeu inúmeras honras internacionais e nacionais, incluindo 17 doutoramentos honorários Seus últimos livro são TheFourthIndustrialRevolution(2016),um best seller mundial traduzido em 30 idiomas, e Shaping the Futur eof the Fourth Industrial Revolution (2018).



Thierry Malleret (1961, Paris, França) é o Sócio-Gerente do Barômetro Mensal, uma análise preditiva sucinta fornecida a investidores privados, CEOs globais e formadores de opinião e de decisão. Sua experiência profissional inclui a fundação da Rede Global de Risco no Fórum Econômico Mundial e a chefia de sua equipe de programas.

Malleret foi educada na Sorbonne e na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, e no St Antony's College, Oxford. Ele tem mestrado em Economia e História, e doutorado em Economia. Sua carreira abrange bancos de investimento, think tanks, academia e governo (com um período de três anos no gabinete do primeiro-ministro em Paris). Ele escreveu vários livros de negócios e acadêmicos e publicou quatro romances. Ele vive em Chamonix, França, com sua esposa Mary Anne.

CONTEÚDO

NOTAS DE CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

A crise mundial desencadeada pela pandemia do coronavírus não tem paralelo na história moderna. Não podemos ser acusados de hipérbole quando dizemos que ela está mergulhando nosso mundo em sua totalidade e cada um de nós individualmente nos tempos mais desafiadores que enfrentamos em gerações. É o nosso momento decisivo - vamos lidar com suas consequências durante anos, e muitas coisas mudarão para sempre. Está trazendo perturbações econômicas de proporções monumentais, criando um período perigoso e volátil em múltiplas frentes - política, social, geopolítica - levantando profundas preocupações sobre o meio ambiente e ampliando o alcance (pernicioso ou não) da tecnologia em nossas vidas. Nenhuma indústria ou empresa será poupada do impacto dessas mudanças. Milhões de empresas correm o risco de desaparecer e muitas indústrias enfrentam um futuro incerto; algumas delas prosperarão. Em uma base individual, para muitos, a vida como eles sempre soube está se desenrolando a uma velocidade alarmante. Mas crises profundas e existenciais também favorecem a introspecção e podem abrigar o potencial de transformação. As linhas de falha do mundo - principalmente as divisões sociais, a falta de justiça, a falta de cooperação, o fracasso da governança global e da liderança - estão agora expostas como nunca, e as pessoas sentem que chegou a hora da reinvenção. Um novo mundo surgirá, cujos contornos são para nós tanto para imaginar como para desenhar.

No momento em que escrevemos (junho de 2020), a pandemia continua a se agravar globalmente. Muitos de nós estamos ponderando quando as coisas voltarão ao normal. A resposta curta é: nunca. Nada voltará à "quebrada" sensação de normalidade que prevalecia antes da crise porque a pandemia de coronavírus marca um ponto de inflexão fundamental em nossa trajetória global.

Alguns analistas a chamam de uma grande bifurcação, outros se referem a uma profunda crise de proporções "bíblicas", mas a essência permanece a mesma: o mundo como o conhecemos nos primeiros meses de 2020 já não é mais, dissolvido no contexto da pandemia. Mudanças radicais de tal consequência estão chegando que alguns especialistas se referiram a uma era "antes do coronavírus" (BC) e "depois do coronavírus" (AC).

Continuaremos a nos surpreender com a rapidez e a natureza inesperada dessas mudanças - ao se confundirem entre si, elas provocarão consequências de segunda, terceira, quarta e maior ordem, efeitos em cascata e resultados imprevistos. Ao fazer isso, elas moldarão um "novo normal" radicalmente diferente daquele que estaremos progressivamente deixando para trás. Muitas de nossas crenças e suposições sobre o que o mundo poderia ou deveria parecer serão quebradas no processo.

Entretanto, pronunciamentos amplos e radicais (como "tudo vai mudar") e uma análise tudo ou nada, em preto-e-branco, devem ser implantados com muito cuidado. É claro, a realidade será muito mais matizada. Por si só, a pandemia pode não transformar completamente o mundo, mas é provável que acelere muitas das mudanças que já estavam ocorrendo antes de irromper, o que, por sua vez, porá em movimento outras mudanças. A única certeza: as mudanças não serão lineares e as descontinuidades acentuadas prevalecerão. *COVID- 19: A Grande Reposição* é uma tentativa de identificar e lançar luz sobre as mudanças à frente, e fazer uma modesta contribuição em termos de delinear o que sua forma mais desejável e sustentável poderia se assemelhar. Vamos começar colocando as coisas em perspectiva: os seres humanos existem há cerca de 200.000 anos, as bactérias mais antigas há bilhões de anos e os vírus há pelo menos 300 milhões de anos. Isto significa que, muito provavelmente, as pandemias sempre existiram e foram parte integrante da história humana desde que as pessoas começaram a viajar; nos últimos 2000 anos, elas têm sido a regra e não a exceção. Devido à sua natureza inerentemente disruptiva, as epidemias ao longo da história provaram ser uma força de mudança duradoura e muitas vezes radical: provocando motins, causando confrontos populacionais e derrotas militares, mas também provocando inovações, redefinindo as fronteiras nacionais e muitas vezes abrindo o caminho para revoluções.

Os surtos forçaram os impérios a mudar de rumo - como o Império Bizantino quando atingido pela Peste de Justiniano em 541-542 - e alguns até mesmo a desaparecer completamente - quando os imperadores astecas e incas morreram com a maioria de seus súditos de germes europeus. Além disso, as medidas autorizadas para tentar contê-los sempre fizeram parte do arsenal político. Assim, não há nada de novo sobre o confinamento e os lockdowns impostos a grande parte do mundo para administrar a COVID-19. Elas têm sido uma prática comum por séculos. As primeiras formas de confinamento vieram com as quarentenas instituídas em um esforço para conter a Peste Negra que entre 1347 e 1351 matou cerca de um terço de todos os europeus. Vindo da palavra *quaranta* (que significa "quarenta" em italiano), a ideia de confinar as pessoas por 40 dias teve origem sem que as autoridades realmente entendessem o que queriam conter, mas as medidas foram uma das primeiras formas de "saúde pública institucionalizada" que ajudou a legitimar o "acúmulo de poder" pelo Estado moderno. [1] O período de 40 dias não tem fundamento médico; foi escolhido por razões simbólicas e religiosas: tanto o Antigo como o Novo Testamento se referem frequentemente ao número 40 no contexto da purificação - em particular os 40 dias da Quaresma e os 40 dias de enchente no Gênesis.

A propagação de doenças infecciosas tem uma capacidade única de alimentar o medo, a ansiedade e a histeria em massa. Ao fazer isso, como já vimos, também desafia nossa coesão social e capacidade coletiva para administrar uma crise. As epidemias são, por natureza, divisórias e traumatizantes. O que estamos combatendo é invisível; nossa família, amigos e vizinhos podem se tornar fontes de infecção; aqueles rituais cotidianos que acarinhamos, como encontrar um amigo em um local público, podem se tornar um veículo de transmissão; e as autoridades que tentam nos manter a salvo, aplicando medidas de confinamento, são freqüentemente percebidas como agentes de opressão. Ao longo da história, o padrão importante e recorrente tem sido procurar bodes expiatórios e colocar a culpa firmemente sobre o forasteiro. Na Europa medieval, os judeus estavam quase sempre entre as vítimas dos mais notórios pogroms provocados pela peste. Um exemplo trágico ilustra este ponto: em 1349, dois anos após a Peste Negra ter começado a percorrer o continente, em Estrasburgo, no dia dos namorados, os judeus, que haviam sido acusados de espalhar a peste poluindo os poços da cidade, foram convidados a se converter. Cerca de 1.000 recusaram e foram queimados vivos.

Durante esse mesmo ano, comunidades judaicas em outras cidades europeias foram dizimadas, obrigando-as a migrar maciçamente para a parte oriental da Europa (na Polônia e na Rússia), alterando permanentemente a demografia do continente no processo. O que é verdade para o antissemitismo europeu também se aplica à ascensão do estado absolutista, à retirada gradual da igreja e muitos outros eventos históricos que podem ser atribuídos em grande parte a pandemias. As mudanças foram tão diversas e difundidas que levaram ao "fim de uma era de submissão", pondo fim ao feudalismo e à servidão e inaugurando a era do Iluminismo. Dito de forma simples: "A Peste Negra pode ter sido o início não reconhecido do homem moderno". [2] Se mudanças sociais, políticas e econômicas tão profundas poderiam ser provocadas pela peste no mundo medieval, poderia a pandemia da COVID-19 marcar o início de um ponto de viragem semelhante com consequências duradouras e dramáticas para nosso mundo de hoje? Ao contrário de certas epidemias do passado, a COVID- 19 não representa uma nova ameaça existencial. Ela não resultará em fomes em massa imprevistas ou em grandes derrotas militares e mudanças de regime. Populações inteiras não serão exterminadas nem deslocadas como resultado da pandemia. No entanto, isto não equivale a uma análise tranquilizadora. Na realidade, a pandemia está exacerbando dramaticamente os perigos pré-existentes que não conseguimos enfrentar adequadamente por muito tempo. Ela também acelerará tendências perturbadoras que vêm se acumulando ao longo de um longo período. Para começar a elaborar uma resposta significativa, precisamos de uma estrutura conceitual (ou um simples mapa mental) para nos ajudar a refletir sobre o que está por vir e para nos orientar a dar sentido a isso. As visões oferecidas pela história podem ser particularmente úteis. É por isso que muitas vezes procuramos uma "âncora mental" reconfortante que possa servir de referência quando somos forçados a nos fazer perguntas difíceis sobre o que vai mudar e até que ponto. Ao fazer isso, buscamos precedentes, com perguntas como: A pandemia é como a gripe espanhola de 1918 (estima-se que tenha matado mais de 50 milhões de pessoas no mundo inteiro em três ondas sucessivas)? Pode parecer-se com a Grande Depressão que começou em 1929? Há alguma semelhança com o choque psicológico infligido pelo 11 de setembro? Há semelhanças com o que aconteceu com a SARS em 2003 e o H1N1 em 2009 (embora em uma escala diferente)? Poderia ser como a grande crise financeira de 2008, mas muito maior? A resposta correta, embora indesejada, a tudo isso é: não! Nenhuma se ajusta ao alcance e ao padrão do sofrimento humano e da destruição econômica causada pela atual pandemia.

As consequências econômicas em particular não se assemelham a nenhuma crise da história moderna. Como muitos chefes de Estado e de governo assinalaram em meio à pandemia, estamos em guerra, mas com um inimigo que é invisível e, é claro, metaforicamente: "Se o que estamos passando pode de fato ser chamado de guerra, certamente não é uma guerra típica". Afinal de contas, o inimigo de hoje é compartilhado por toda a humanidade". [3] bookmark236

Dito isto, a Segunda Guerra Mundial poderia mesmo assim ser uma das âncoras mentais mais relevantes no esforço de avaliar o que virá em seguida. A Segunda Guerra Mundial foi a quintessência guerra transformadora, desencadeando não apenas mudanças fundamentais na ordem global e na economia global, mas também provocando mudanças radicais nas atitudes e crenças sociais que eventualmente abriram o caminho para políticas radicalmente novas e disposições de contratos sociais (como as mulheres se juntar aos trabalhadores antes de se tornarem eleitores). Existem obviamente diferenças fundamentais entre uma pandemia e uma guerra (que consideraremos com algum detalhe nas páginas seguintes), mas a magnitude de seu poder de transformação é comparável. Ambas têm o potencial de ser uma crise transformadora de proporções antes inimagináveis. Entretanto, devemos ter cuidado com as analogias superficiais. Mesmo no pior cenário horrendo, a COVID-19 matará muito menos pessoas do que as Grandes Pragas, incluindo as Mortes Negras, ou a Segunda Guerra Mundial. Além disso, a economia de hoje não tem nenhuma semelhança com a de séculos passados que dependia do trabalho manual e das terras cultivadas ou da indústria pesada. No mundo atual altamente interligado e interdependente, no entanto, o impacto da pandemia irá muito além das estatísticas (já espantosas) relacionadas "simplesmente" à morte, ao desemprego e às falências.

COVID-19: O grande Reset é escrito e publicado em meio a uma crise cujas consequências se desdobrarão nos próximos anos. Não é de admirar que todos nós nos sintamos um pouco perplexos - um sentimento tão compreensível quando um choque extremo acontece, trazendo consigo a inquietante certeza de que seus resultados serão ao mesmo tempo inesperados e inusitados. Esta estranheza é bem capturada por Albert Camus em seu romance *A Peste de* 1947: "No entanto, todos estas mudanças foram, em certo sentido, tão fantásticas e foram feitas tão precipitadamente que não foi fácil considerá-las como tendo qualquer probabilidade de permanência". [4] Agora que o impensável está sobre nós, o que acontecerá em seguida, no rescaldo imediato da pandemia e, em seguida, num futuro próximo?

É claro que é muito cedo demais para dizer, com razoável precisão, o que a COVID-19 implicará em termos de mudanças "importantes", mas o objetivo deste livro é oferecer algumas diretrizes coerentes e conceitualmente sólidas sobre o que pode estar por vir, e fazê-lo da maneira mais abrangente possível. Nosso objetivo é ajudar nossos leitores a compreender a dimensão multifacetada das mudanças que estão por vir. No mínimo, como argumentaremos, a pandemia acelerará mudanças sistêmicas que já eram aparentes antes da crise: o recuo parcial da globalização, a crescente dissociação entre os EUA e a China, a aceleração da automação, a preocupação com o aumento da vigilância, o crescente apelo de políticas de bem-estar, o aumento do nacionalismo e o subsequente medo da imigração, o poder crescente da tecnologia, a necessidade de as empresas terem uma presença on-line ainda mais forte, entre muitos outros. Mas poderia ir além de uma mera aceleração, alterando coisas que antes pareciam imutáveis. Assim, poderia provocar mudanças que teriam parecido inconcebíveis antes da pandemia, tais como novas formas de política monetária como dinheiro de helicóptero (já um dado adquirido), a reconsideração/recálculo de algumas de nossas prioridades sociais e uma busca ampliada do bem comum como objetivo político, a noção de justiça adquirindo potência política, medidas radicais de bem-estar e tributação, e realinhamentos geopolíticos drásticos. O ponto mais amplo é o seguinte: as possibilidades de mudança e a nova ordem resultante são agora ilimitadas e apenas ligadas por nossa imaginação, para o melhor ou para o pior.

As sociedades poderiam se tornar mais igualitárias ou mais autoritárias, ou voltadas para mais solidariedade ou mais individualismo, favorecendo os interesses de poucos ou muitos; as economias, quando se recuperarem, poderiam tomar o caminho da maior inclusividade e estar mais sintonizadas com as necessidades de nossos bens comuns globais, ou poderiam voltar a funcionar como antes. Você entende o ponto: devemos aproveitar esta oportunidade sem precedentes para reimaginar nosso mundo, numa tentativa de torná-lo melhor e mais resiliente como ele emerge do outro lado desta crise.

Estamos conscientes de que tentar cobrir o escopo e a amplitude de todas as questões abordadas neste livro é uma tarefa enorme que pode nem mesmo ser possível. O assunto e todas as incertezas associadas a ele são gigantescas e poderiam ter preenchido as páginas de uma publicação cinco vezes o tamanho deste. Mas nosso objetivo era escrever um livro relativamente conciso e simples para ajudar o leitor a entender o que está por vir em uma infinidade de domínios. Para interromper o fluxo do texto o mínimo possível, as informações de referência aparecem no final do livro e as atribuições diretas foram minimizadas. Publicado em meio à crise e quando novas ondas de infecção são esperadas, ele irá evoluir continuamente para considerar a natureza mutável do assunto. As futuras edições serão atualizadas em função das novas descobertas, das últimas pesquisas, das medidas políticas revisadas e do feedback contínuo dos leitores.

Este volume é um híbrido entre um livro acadêmico leve e um ensaio. Inclui teoria e exemplos práticos, mas é principalmente explicativo, contendo muitas conjecturas e ideias sobre o que o mundo pós-pandêmico poderia, e talvez devesse parecer. Ela não oferece generalizações simples nem recomendações para um mundo que se move para um novo normal, mas confiamos que será útil. Este livro está estruturado em torno de três capítulos principais, oferecendo uma visão panorâmica da paisagem futura. O primeiro avalia qual será o impacto da pandemia em cinco macro categorias-chave: os fatores econômicos, sociais, geopolíticos, ambientais e tecnológicos. O segundo considera os efeitos em termos micro, em indústrias e empresas específicas. A terceira hipótese sobre a natureza das possíveis consequências a nível individual.

1. MACRO RESET

A primeira etapa de nossa jornada avança em cinco macro categorias que oferecem uma estrutura analítica abrangente para entender o que está acontecendo no mundo de hoje e como isto pode evoluir. Para facilitar a leitura, nós viajamos tematicamente através de cada uma delas separadamente. Na realidade, eles são interdependentes, que é onde começamos: nossos cérebros nos fazem pensar em termos lineares, mas o mundo que nos cerca é não-linear, ou seja: complexo, adaptável, acelerado e ambíguo.

1.1. Estrutura conceitual - Três características que definem o mundo de hoje

O rearme macro ocorrerá no contexto das três forças seculares predominantes que moldam nosso mundo de hoje: interdependência, velocidade e complexidade. Este trio exerce sua força, em menor ou maior grau, sobre todos nós, seja quem for ou onde quer que estejamos.

1.1.1. Interdependência

Se apenas uma palavra tivesse que destilar a essência do século 21, teria que ser "interdependência". Um subproduto da globalização e do progresso tecnológico, pode ser definido essencialmente como a dinâmica da dependência recíproca entre os elementos que compõem um sistema. O fato de que a globalização e o progresso tecnológico avançaram tanto nas últimas décadas levou alguns especialistas a declarar que o mundo está agora "hiperconectado" - uma variante da interdependência com os esteroides! O que está interdependência significa na prática? Simplesmente que o mundo está "concatenado": ligado entre si. No início dos anos 2010, Kishore Mahbubani, uma acadêmica e ex-diplomata de

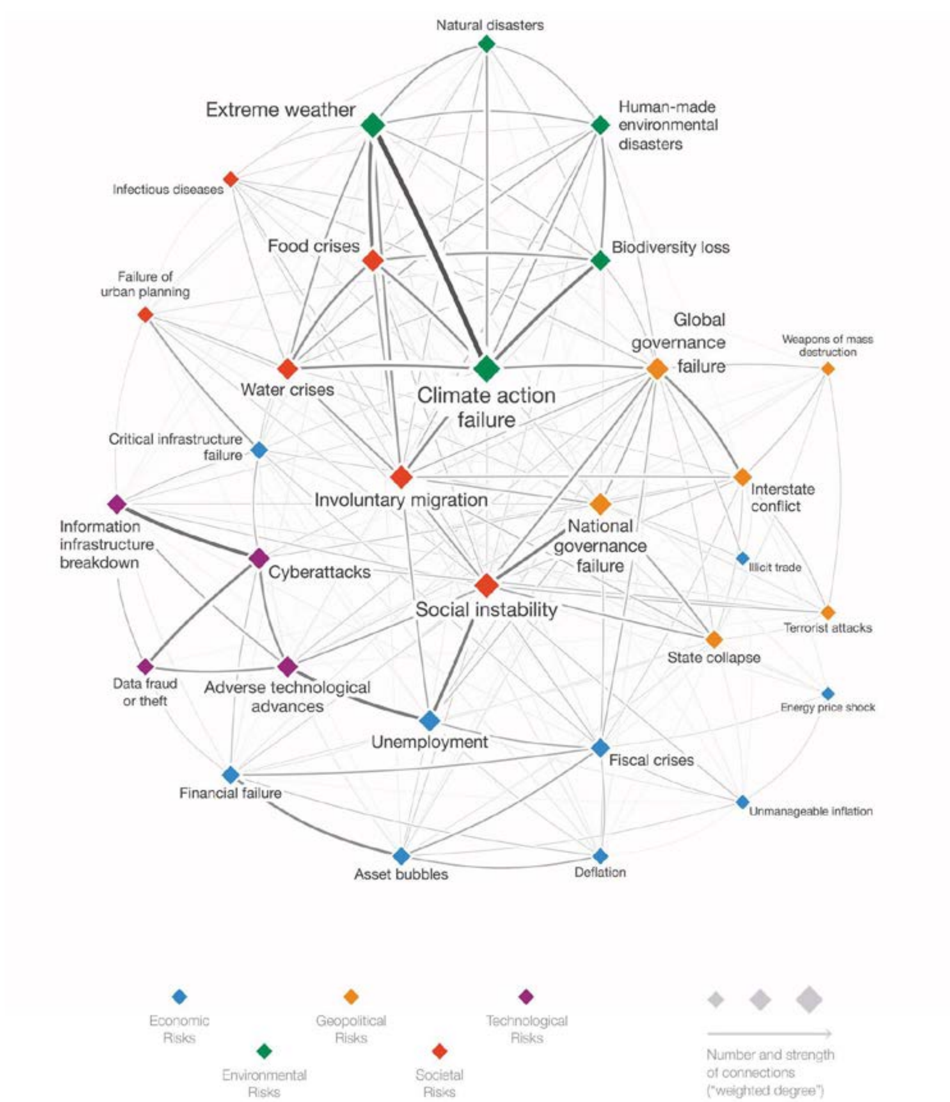
Singapura, captou esta realidade com uma metáfora de barco: "As 7 bilhões de pessoas que habitam o planeta Terra não vivem mais em mais de cem barcos [países] separados". Em vez disso, todos eles vivem em 193 cabines separadas no mesmo barco". Em suas próprias palavras, esta é uma das maiores transformações de todos os tempos. Em 2020, ele prosseguiu com esta metáfora no contexto da pandemia escrevendo: "Se nós 7,5 bilhões de pessoas
estão agora presos juntos em um navio de cruzeiro infectado com vírus, faz sentido limpar e esfregar apenas nossas cabines pessoais, ignorando os corredores e
poços aéreos externos, através dos quais o vírus viaja? A resposta é claramente: não. No entanto, isto é o que temos feito. ... Já que agora estamos no mesmo barco, a humanidade tem que cuidar do barco global como um todo". [5] bookmark238

Um mundo interdependente é um mundo de profunda conectividade sistêmica, no qual todos os riscos se afetam mutuamente através de uma teia de interações complexas. Nessas condições, a afirmação de que um risco econômico estará confinado à esfera econômica ou que um risco ambiental não terá repercussões sobre riscos de natureza diferente (econômicos, geopolíticos, etc.) não é mais defensável. Todos nós podemos pensar em riscos econômicos transformando-se em políticos (como um forte aumento do desemprego levando a bolsas de agitação social), ou em riscos tecnológicos mutantes em sociais (como a questão de rastrear a pandemia nos telefones celulares provocando um retrocesso social). Quando considerados isoladamente, os riscos individuais - sejam eles de caráter econômico, geopolítico, social ou ambiental - dão a falsa impressão de que podem ser contidos ou mitigados; na vida real, a conectividade sistêmica mostra que se trata de uma construção artificial. Em um mundo interdependente, os riscos se amplificam mutuamente e, ao fazê-lo, têm efeitos em cascata. É por isso que o isolamento ou contenção não pode rimar com interdependência e interconexão.

O gráfico abaixo, extraído do *Relatório de Riscos Globais 2020 do* Fórum Econômico Mundial [6], torna isto claro. Ele ilustra a natureza interligada dos riscos que enfrentamos coletivamente; cada risco individual sempre conflita com aqueles de sua própria categoria macro, mas também com os riscos individuais das outras categorias macro (riscos econômicos aparecem em azul, geopolíticos em laranja, sociais em vermelho, ambientais em verde e tecnológicos em roxo). Desta forma, cada risco individual abriga o potencial de criar efeitos de ricochete, provocando outros riscos. Como o gráfico deixa claro, um risco de "doenças

infecciosas" tem um efeito direto no "fracasso da governança global", "instabilidade social", "desemprego", "crises fiscais" e "migração involuntária" (para citar apenas alguns). Cada um destes, por sua vez, influenciará outros riscos individuais, o que significa que o risco individual de que a cadeia de efeitos iniciada (neste caso particular "doenças infecciosas") acaba ampliando muitos outros riscos não apenas em sua própria categoria macro (riscos sociais), mas também nas outras quatro categorias macro. Isto mostra o fenômeno de contágio pela conectividade sistêmica. Nos subcapítulos seguintes, exploramos o que o risco pandêmico pode implicar do ponto de vista econômico, social, geopolítico, ambiental e tecnológico.

Figura 1



Fonte: Fórum Econômico Mundial, *Relatório de Riscos Globais 2020*, Figura IV: Mapa de Interconexões de Riscos Globais 2020, Pesquisa de Percepção de Riscos Globais do Fórum Econômico Mundial 2019-2020

A interdependência tem um efeito conceitual importante: ela invalida o "pensamento de silo". Uma vez que a conflação e a conectividade sistêmica são o que importa em última instância, tratar de um problema ou avaliar um problema ou um risco isoladamente dos outros é insensato e fútil. No passado, este "pensamento de silo" explica em parte porque tantos economistas não conseguiram prever a crise de crédito (em 2008) e por que tão poucos cientistas políticos viram chegar a primavera árabe (em 2011). Hoje, o problema é o mesmo com a pandemia. Epidemiologistas, especialistas em saúde pública, economistas, cientistas sociais e todos os outros cientistas e especialistas que estão no negócio de ajudar os tomadores de decisão a entender o que está por vir encontram dificuldades (e às vezes impossíveis) para cruzar os limites de sua própria disciplina. É por isso que lidar com compromissos complexos, tais como conter a progressão da pandemia versus reabrir a economia, é tão diabolicamente difícil. Compreensivelmente, a maioria dos especialistas acabam sendo segregados em campos cada vez mais estreitos.
Portanto, falta-lhes a visão ampliada necessária para conectar os muitos pontos diferentes que fornecem o quadro mais completo que os tomadores de decisão precisam desesperadamente.

1.1.2. Velocidade

O acima exposto aponta firmemente o dedo ao progresso tecnológico e à globalização como os principais "culpados" responsáveis por uma maior interdependência. Além disso, eles criaram uma cultura de imediatismo tal que não é um exagero afirmar que, no mundo de hoje, tudo se move muito mais rápido do que antes. Se apenas uma coisa fosse destacada para explicar este espantoso aumento de velocidade, seria sem dúvida a Internet. Mais da metade (52%) da população mundial está agora online, em comparação com menos de 8% há 20 anos; em 2019, mais de 1,5 bilhões de smartphones - um símbolo e vetor de velocidade que nos permite ser alcançados em qualquer lugar e a qualquer momento - foram vendidos em todo o mundo. A Internet das coisas (IoT) agora conecta 22 bilhões de dispositivos em tempo real, desde carros a leitos hospitalares, redes elétricas e bombas de estação de água, até fornos de cozinha.
e sistemas de irrigação agrícola. Espera-se que este número atinja 50 bilhões ou mais em 2030. Outras explicações para o aumento da velocidade apontam para o elemento "escassez": à medida que as sociedades se enriquecem, o tempo se torna mais valioso e, portanto, é percebido como cada vez mais escasso. Isto pode explicar os estudos

mostrando que as pessoas nas cidades ricas andam sempre mais rápido do que nas cidades pobres
- Eles não têm tempo a perder! Não importa qual seja a explicação causal, o jogo final de tudo isso é claro: como consumidores e produtores, cônjuges e pais, líderes e seguidores, todos estamos sendo submetidos a mudanças constantes, embora descontínuas, rápidas.

Podemos ver velocidade em todos os lugares; se é uma crise, descontentamento social, desenvolvimentos tecnológicos e adoção, convulsões geopolíticas, os mercados financeiros e, é claro, a manifestação de doenças infecciosas - tudo agora corre rápido. Como resultado, operamos em uma sociedade em tempo real, com o sentimento incômodo de que o ritmo de vida está sempre aumentando. Esta nova cultura de imediatismo, obcecada pela velocidade, é aparente em todos os aspectos de nossas vidas, desde as cadeias de abastecimento "just-in-time" até o comércio "high-frequency", desde a datação rápida até a fast food. É tão difundido que alguns especialistas chamam este novo fenômeno de "ditadura da urgência". De fato, pode assumir formas extremas. Pesquisas realizadas por cientistas na Microsoft mostram, por exemplo, que ser mais lento em não mais de 250 milissegundos (um quarto de segundo) é suficiente para que um website perca acessos para seus concorrentes "mais rápidos"! O resultado que se torna mais abrangente é que a vida útil de uma política, um produto ou uma ideia, e o ciclo de vida de um tomador de decisão ou de um projeto, estão se contraindo de forma acentuada e muitas vezes imprevisível.

Nada ilustrava isso de forma mais nítida do que a velocidade de ruptura com que a COVID-19 progrediu em março de 2020. Em menos de um mês, a partir do turbilhão provocado pela velocidade espantosa com que a pandemia atingiu a maior parte do mundo, uma nova era parecia surgir. Acreditava-se que o início da epidemia tivesse ocorrido na China algum tempo antes, mas a progressão global exponencial da pandemia surpreendeu muitos tomadores de decisão e a maioria do público porque geralmente achamos cognitivamente difícil entender o significado de crescimento exponencial. Considere o seguinte em termos de "dias para dobrar": se uma pandemia crescer a 30% ao dia (como fez a COVID-19 por volta de meados de março para alguns dos países mais afetados), os casos registrados (ou mortes) duplicarão em pouco mais de dois dias. Se crescer a 20%, será necessário
entre quatro e cinco dias; e se crescer a 10%, levará apenas mais de uma semana. Expresso de forma diferente: em nível global, a COVID-19 levou

três meses para atingir 100.000 casos, 12 dias para dobrar para 200.000 casos, quatro dias para atingir 300.000 casos, e então 400.000 e 500.000 casos foram alcançada em dois dias cada um. Estes números fazem nossas cabeças girarem - velocidade extrema em ação! O crescimento exponencial é tão desconcertante para nossas funções cognitivas que muitas vezes lidamos - com ele desenvolvendo "miopia" exponencial [7], pensando nele como nada mais do que "muito rápido". Em uma famosa experiência realizada em 1975, dois psicólogos descobriram que quando temos que prever um processo exponencial, muitas vezes o subestimamos por um fator de 10. [8] A compreensão desta dinâmica de crescimento e do poder dos exponenciais esclarece por que a velocidade é uma questão tão importante e por que a velocidade de intervenção para refrear o taxa de crescimento é tão crucial. Ernest Hemingway entendeu isso. Em seu romance *O sol também se levanta*, dois personagens têm a seguinte conversa: "Como você foi à falência", perguntou Bill. "De duas maneiras", disse Mike. "Gradualmente, depois de repente". O mesmo tende a acontecer para grandes mudanças sistêmicas e perturbações em geral: as coisas tendem a mudar gradualmente no início e depois tudo de uma vez. Espere o mesmo para o macro reset.

A velocidade não só assume formas extremas, mas também pode gerar efeitos perversos. A "impaciência", por exemplo, é uma delas, cujos efeitos podem ser vistos de forma semelhante no comportamento dos participantes nos mercados financeiros (com novas pesquisas sugerindo que o momentum da negociação, baseado na velocidade, leva o preço das ações a desviar-se persistentemente de seu valor fundamental ou preço "correto") e no dos eleitores em uma eleição. Este último terá uma relevância crítica na era pós-pandêmica. Os governos, por necessidade, tomam um tempo para tomar decisões e implementá-las: são obrigados a considerar muitos grupos constituintes diferentes e interesses concorrentes, equilibrar as preocupações internas com considerações externas e assegurar a aprovação legislativa, antes de colocar em ação a máquina burocrática todas essas decisões. Em contraste, os eleitores esperam resultados e melhorias políticas quase imediatas, que, quando não chegam suficientemente rápido, levam a uma decepção quase instantânea. Este problema de assincronia entre dois grupos diferentes (formuladores de políticas e o público), cujo horizonte temporal difere tão marcadamente, será agudo e muito difícil de administrar no contexto da pandemia. A velocidade do choque e (a profundidade) da dor que ele infligiu não será e não pode ser igualada com a mesma velocidade do lado da política.

A velocidade também levou muitos observadores a estabelecer uma falsa equivalência ao comparar a gripe sazonal com a COVID-19. Esta comparação, feita repetidas vezes nos primeiros meses da pandemia, foi enganosa e conceitualmente errôneo. Tomemos o exemplo dos Estados Unidos para martelar o ponto e entender melhor o papel desempenhado pela velocidade em tudo isso. Segundo os Centros de Controle de Doenças (CDC), entre 39 e 56 milhões de americanos contraíram a gripe durante o inverno de 2019-2020, com entre 24.000 e 62.000 mortes. Em contraste, e de acordo com a Universidade Johns Hopkins, em 24 de junho de 2020, mais de 2,3 milhões de pessoas morreram de gripe.
diagnosticada com a COVID-19 e quase 121.000 pessoas haviam morrido. [10] Mas a comparação termina aí; não tem sentido por duas razões: 1) os números da gripe correspondem à carga total estimada da gripe enquanto os números da COVID-19 são casos confirmados; e 2) as cascatas sazonais da gripe em ondas "suaves" durante um período de (até seis) meses em um padrão uniforme, enquanto o vírus COVID-19 se espalha como um tsunami em um padrão de hotspot (em um punhado de cidades e regiões onde se concentra) e, ao fazê-lo, pode sobrecarregar e congestionar as capacidades de saúde, monopolizando os hospitais em detrimento dos pacientes que não são da COVID-19. A segunda razão - a velocidade com que a pandemia COVID-19 surge e a repentina emergência de clusters - faz toda a diferença e torna a comparação com a gripe irrelevante.

A velocidade está na raiz da primeira e segunda razões: na grande maioria dos países, a velocidade com que a epidemia progrediu impossibilitou a capacidade de testes suficientes, e depois sobrecarregou muitos sistemas nacionais de saúde equipados para lidar com uma gripe sazonal previsível, recorrente e bastante lenta, mas não com uma pandemia "super-rápida".

Outra consequência importante e de longo alcance da velocidade é que
Os tomadores de decisão têm mais informações e mais análises do que nunca, mas menos tempo para decidir. Para políticos e líderes empresariais, a necessidade de obter uma perspectiva estratégica colide cada vez mais frequentemente com as pressões diárias de decisões imediatas, particularmente óbvias no contexto da pandemia, e reforçadas pela complexidade, como vemos na próxima seção.

1.1.3. Complexidade

Em sua forma mais simples possível, a complexidade pode ser definida como o que não entendemos ou achamos difícil de entender. Quanto a um sistema complexo, o psicólogo Herbert Simon o definiu como "um sistema composto por muitas partes que interagem de formação simples". [11] Os sistemas complexos são frequentemente caracterizado por uma ausência de vínculos causais visíveis entre seus elementos, o que os torna virtualmente impossíveis de prever. No fundo, sentimos que quanto mais complexo for um sistema, maior a probabilidade de que algo possa dar errado e que um acidente ou uma aberração possa ocorrer e se propagar.

A complexidade pode ser medida, grosso modo, por três fatores: "1) a quantidade de informações ou o número de componentes em um sistema; 2) a interconexão - definida como a dinâmica de resposta recíproca - entre essas informações ou componentes; e 3) o efeito da não-linearidade (elementos não-lineares são frequentemente chamados de 'pontos de ruptura'). A não linearidade é uma característica chave da complexidade, pois significa que uma mudança em apenas um componente de um sistema pode levar a um efeito surpreendente e desproporcional em outro lugar". [12] É por esta razão que os modelos pandêmicos muitas vezes produzem uma ampla gama de resultados: uma diferença de suposição em relação a apenas um componente do modelo pode afetar dramaticamente o resultado final. Quando se ouve falar de "cisnes negros", "desconhecidos" ou "efeitos borboleta", a não-linearidade está em ação; assim, não é surpresa que muitas vezes associemos a complexidade mundial a "surpresas", "turbulência" e "incerteza". Por exemplo, em 2008, quantos "especialistas" previram que os títulos garantidos por hipotecas originários dos Estados Unidos iriam aleijar os bancos em todo o mundo e, por fim, levar o sistema financeiro global à beira do colapso? E, nas primeiras semanas de 2020, quantos tomadores de decisão previam até que ponto uma possível pandemia causaria
que destruiria alguns dos sistemas de saúde mais sofisticados do mundo e infligiria danos tão grandes à economia global?

Uma pandemia é um complexo sistema adaptativo que compreende muitos componentes ou informações diferentes (tão diversas quanto biologia ou psicologia), cujo comportamento é influenciado por variáveis tais como o papel das empresas, políticas econômicas, intervenção governamental,

política de saúde ou governança nacional. Por esta razão, ele pode e deve ser visto como uma "rede viva" que se adapta às condições de mudança - não algo que se encontra em pedra, mas um sistema de interações que é ao mesmo tempo complexo e adaptativo. É complexo porque representa um "berço do gato" de interdependência e interconexões das quais se origina, e adaptativo no sentido de que seu "comportamento" é impulsionado por interações entre nós (as organizações, as pessoas - nós!) que podem se tornar confusas e "indisciplinadas" em tempos de estresse. (Vamos nos ajustar às normas de confinamento? Será que a maioria de nós - ou não - Cumprir as regras... etc.). A gestão (a contenção, neste caso particular) de um sistema adaptativo complexo requer uma colaboração contínua em tempo real, mas em constante mudança entre uma vasta gama de disciplinas, e entre diferentes campos dentro destas disciplinas. Apenas para fornecer um exemplo amplo e super-simplificado, a contenção da pandemia de coronavírus exigirá uma rede de vigilância global capaz de identificar novos surtos assim que eles surgirem, laboratórios em múltiplos locais ao redor do mundo que possam analisar rapidamente novas linhagens virais e desenvolver tratamentos eficazes, grandes infraestruturas de TI para que as comunidades possam se preparar e reagir eficazmente, mecanismos políticos apropriados e coordenados para implementar eficientemente as decisões uma vez tomadas, e assim por diante. O ponto importante é o seguinte: cada atividade separada por si só é necessária para enfrentar a pandemia, mas é insuficiente se não for considerada em conjunto com as outras. Segue-se que este complexo sistema adaptativo é maior do que a soma de suas partes. Sua eficácia depende de quão bem ele funciona como um todo, e é tão forte quanto seu elo mais fraco.

Muitos especialistas caracterizaram mal a pandemia COVID-19 como um evento de cisne negro simplesmente porque apresenta todas as características de um sistema adaptativo complexo. Mas na realidade é um evento de cisne branco, algo explicitamente apresentado como tal por Nassim Taleb em *The Black Swan* publicado em 2007algo que eventualmente aconteceria com muita certeza. [13] De fato! Durante anos, organizações internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), instituições como o Fórum Econômico Mundial e a Coalizão para Inovações de Preparação para Epidemias (CEPI - lançada na Reunião Anual 2017 em Davos), e indivíduos como Bill Gates têm nos alertado sobre o próximo risco pandêmico, inclusive especificando-o: 1) surgiria em um lugar altamente povoado onde o desenvolvimento econômico força as pessoas e a vida selvagem juntas; 2) se espalharia rápida e silenciosamente, explorando redes de viagens e comércio humano; e 3) alcançaria múltiplos

países, frustrando a contenção. Como veremos nos capítulos seguintes, caracterizando corretamente a pandemia e compreendendo sua características são vitais porque foram elas que sustentaram as diferenças em termos de preparação. Muitos países asiáticos reagiram rapidamente porque estavam preparados logística e organizacionalmente (devido à SRA) e, portanto, foram capazes de diminuir o impacto da pandemia. Em contraste, muitos países ocidentais, países não estavam preparados e foram devastados pela pandemia - não é coincidência que eles sejam aqueles em que a falsa noção de um evento de cisne-preto mais circulou. Entretanto, podemos afirmar com confiança que a pandemia (um evento de alta probabilidade, com altas consequências, de cisnes brancos) provocará muitos eventos de cisnes negros através de efeitos de segunda, terceira, quarta e mais ordem. É difícil, se não impossível, prever o que poderá acontecer no final da cadeia quando os efeitos de ordem múltipla e suas consequentes cascatas de consequências ocorrerem após os picos de desemprego, as empresas forem à falência e alguns países estiverem à beira do colapso. Nenhum deles é imprevisível por si só, mas é sua propensão a criar tempestades perfeitas quando se confundem com outros riscos que nos apanham de surpresa. Resumindo, a pandemia não é um evento de cisne-preto, mas algumas de suas consequências serão.

O ponto fundamental aqui é o seguinte: a complexidade cria limites ao nosso conhecimento e compreensão das coisas; pode ser que a complexidade crescente de hoje literalmente ultrapasse as capacidades dos políticos em particular - e dos tomadores de decisão em geral - de tomar decisões bem informadas. Um físico teórico que se tornou chefe de Estado (Presidente Armen Sarkissian, da Armênia) fez este ponto quando cunhou a expressão "política quântica", delineando como o mundo clássico da física pós-Newtoniana - linear, previsível e até certo ponto determinista - tinha dado lugar ao mundo quântico: altamente interconectado e incerto, incrivelmente complexo e também mutável, dependendo da posição do observador. Esta expressão lembra a física quântica, que explica como tudo funciona e é "a melhor descrição que temos da natureza das partículas que compõem a matéria e das forças com as quais elas interagem". [14] –
A pandemia da COVID-19 pôs a nu este mundo quântico.

1.2. Redefinição econômica

1.2.1. A economia da COVID-19

Nossa economia contemporânea difere radicalmente da dos séculos anteriores. Comparada ao passado, ela é infinitamente mais interconectada, intrincada e complexa. É caracterizada por uma população mundial que cresceu exponencialmente, por aviões que conectam qualquer ponto em qualquer lugar a outro em apenas algumas horas, resultando em mais de um bilhão de nós cruzando uma fronteira a cada ano, por seres humanos invadindo a natureza e os habitats da vida selvagem, por megacidades onipresentes e espalhadas que são o lar de milhões de pessoas vivendo de bochecha a queixo (muitas vezes sem saneamento e cuidados médicos adequados). Medido contra a paisagem de apenas algumas décadas atrás, muito menos séculos atrás, a economia de hoje é simplesmente irreconhecível.
Não obstante, algumas das lições econômicas a serem colhidas das pandemias históricas ainda hoje são válidas para ajudar a entender o que está por vir. A catástrofe econômica global que estamos enfrentando agora é a mais profunda registrada desde 1945; em termos de velocidade, ela é inigualável na história. Embora não rivalize com as calamidades e o desespero econômico absoluto que as sociedades sofreram no passado, há algumas características reveladoras que são assombrosamente semelhantes. Quando em 1665, no espaço de 18 meses, a última peste bubônica erradicou um quarto da população de Londres, Daniel Defoe escreveu em *A Journal of the Plague Year* [15] (publicado em 1722): "Todos os ofícios foram interrompidos, o emprego cessou: o trabalho, e por isso o pão, dos pobres foi cortado; e no início realmente
os gritos dos pobres foram mais lamentáveis de ouvir ... milhares deles tendo ficado em Londres até que nada além do desespero os mandou embora, a morte os ultrapassou na estrada, e eles serviram por nada melhor do que os mensageiros da morte". O livro do Defoe está cheio de anedotas que ressoam com a situação atual, contando-nos como os ricos estavam fugindo para o país, "levando a morte com eles", e observando como os pobres estavam muito mais expostos ao surto, ou descrevendo como "charlatões e charlatões" vendiam curas falsas. [16] bookmark249

O que a história das epidemias anteriores mostra uma e outra vez é como as pandemias exploram as rotas comerciais e o choque que existe entre os

interesses de saúde pública e de economia (algo que constitui uma "aberração" econômica, como veremos em apenas algumas páginas). Como descreve o historiador Simon Schama:

> Em meio à calamidade, a economia sempre esteve na ponta do lenhador com os interesses da saúde pública. Mesmo que, até que houvesse uma compreensão das doenças transmitidas por germes, a peste era atribuída principalmente ao "ar viciado" e aos vapores nocivos que se dizia serem provenientes de pântanos estagnados ou poluídos, havia no entanto a sensação de que as próprias artérias comerciais que haviam gerado prosperidade se transformavam agora em vetores de veneno. Mas quando as quarentenas eram propostas ou impostas (...), aqueles que mais perderam, os comerciantes e, em alguns lugares, os artesãos e trabalhadores, da paralisação dos mercados, das feiras e do comércio, colocavam uma forte resistência. A economia deve morrer para que possa ser ressuscitada em boa saúde? Sim, disseram os guardiões da saúde pública, que se tornaram parte da vida urbana na Europa a partir do século XV. [17] bookmark250

A história mostra que as epidemias têm sido o grande reinício da economia e do tecido social dos países. Por que deveria ser diferente com a COVID-19? Um documento seminal sobre as consequências econômicas a longo prazo de grandes pandemias ao longo da história mostra que os pós os efeitos podem persistir por até 40 anos, taxas de retorno reais substancialmente deprimentes. [18] Isto contrasta com as guerras que têm o efeito contrário: elas destroem o capital enquanto as pandemias não o fazem - as guerras provocam taxas de juros reais mais altas, implicando maior atividade econômica, enquanto as pandemias provocam taxas reais mais baixas, implicando atividade econômica lenta. Além disso, os consumidores tendem a reagir ao choque aumentando suas economias, seja por causa de novas preocupações de precaução, seja simplesmente para substituir a riqueza perdida durante a epidemia. Do lado trabalhista, haverá ganhos às custas do capital, uma vez que os salários reais tendem a aumentar após as pandemias. Desde a Peste Negra que assolou a Europa de 1347 a 1351 (e que reprimiu 40% da população da Europa em poucos anos), os trabalhadores descobriram pela primeira vez em suas vidas que o poder de mudar as coisas estava em suas mãos. Apenas um ano após a epidemia ter diminuído, os trabalhadores têxteis em Saint-Omer (uma pequena cidade no norte da França) exigiram e receberam aumentos

salariais sucessivos. Dois anos mais tarde, muitas corporações de trabalhadores negociaram horários mais curtos e salários mais altos, às vezes até um terço a mais do que seu nível anterior à epidemia.

Exemplos similares, mas menos extremos de outras pandemias apontam para a mesma conclusão: ganhos de mão-de-obra no poder em detrimento do capital. Atualmente, este fenômeno pode ser exacerbado pelo envelhecimento de grande parte da população mundial (a África e a Índia são exceções notáveis), mas tal cenário corre hoje o risco de ser radicalmente alterado pelo aumento da automação, uma questão à qual voltaremos na seção 1.6. Ao contrário de pandemias anteriores, está longe de ser certo que a crise da COVID-19 virará a balança a favor do trabalho e contra o capital. Por razões políticas e sociais, ela poderia, mas a tecnologia muda a mistura.

1.2.1.1. Incerteza

O alto grau de incerteza permanente em torno da COVID-19 torna incrivelmente difícil avaliar com precisão o risco que ela representa. Como com todos os novos riscos que são agentes do medo, isto cria muita ansiedade social que impacta o comportamento econômico. Um consenso esmagador surgiu dentro da comunidade científica global de que Jin Qi (um dos principais cientistas da China) tinha razão quando disse em abril de 2020: "Esta é muito provavelmente uma epidemia que coexiste com os humanos por muito tempo, torna-se sazonal e é sustentada dentro do corpo humano". [19] _bookmark252

Desde que a pandemia começou, temos sido bombardeados diariamente com um fluxo implacável de dados, mas, em junho de 2020, cerca de meio ano após o início da epidemia, nosso conhecimento ainda é muito desigual e, como resultado, ainda não sabemos realmente o quanto a COVID-19 é perigosa. Apesar da avalanche de artigos científicos publicados sobre o coronavírus, sua taxa de mortalidade por infecção (ou seja, o número de casos COVID-19, medidos ou não, que resultam em morte) continua sendo motivo de debate (cerca de 0,4%-0,5% e possivelmente até 1%). A razão entre casos não detectados e confirmados, a taxa de transmissão de indivíduos assintomáticos, o efeito sazonal, a duração do período de incubação, as taxas nacionais de infecção - progresso em termos de compreensão de cada um deles está sendo feito, mas eles e muitos outros elementos permanecem em grande parte "desconhecidos". Para os formuladores de políticas e funcionários públicos, este nível predominante de incerteza torna muito difícil elaborar a estratégia de saúde pública

correta e a estratégia econômica concomitante.

Isto não deve ser uma surpresa. Anne Rimoin, uma professora de epidemiologia da UCLA, confessa: "Este é um novo vírus, novo para a humanidade, e ninguém sabe o que vai acontecer". [20] Tais circunstâncias exigem uma boa dose de humildade porque, nas palavras de Peter Piot (um dos principais virologistas do mundo): "Quanto mais aprendemos sobre o coronavírus, mais perguntas surgem". [21] COVID-19 é um mestre do disfarce que se manifesta com sintomas proteanos que estão confundindo a comunidade médica. É antes de tudo uma doença respiratória, mas, para um número pequeno, mas considerável de pacientes, os sintomas variam desde inflamação cardíaca e problemas digestivos até infecção renal, coágulos de sangue e meningite. Além disso, muitas pessoas que se recuperam ficam com problemas renais e cardíacos crônicos, assim como com efeitos neurológicos duradouros.

Diante da incerteza, faz sentido recorrer a cenários para ter uma melhor noção do que está por vir. Com a pandemia, é bem compreendido que uma ampla gama de resultados potenciais é possível, sujeita a eventos imprevistos e ocorrências aleatórias, mas três cenários plausíveis se destacam. Cada um deles pode ajudar a delinear os contornos de como poderiam ser os próximos dois anos.

Estes três cenários plausíveis [22] são todos baseados na suposição central de que a pandemia poderia continuar nos afetando até 2022; assim eles podem nos ajudar a refletir sobre o que está por vir. No primeiro cenário, a onda inicial que começou em março de 2020 é seguida por uma série de ondas menores que ocorrem até meados de 2020 e depois durante um período de um a dois anos, diminuindo gradualmente em 2021, como "picos e vales". A ocorrência e amplitude destas
Os picos e vales variam geograficamente e dependem das medidas de mitigação específicas que são implementadas. No segundo cenário, a primeira onda é seguida por uma onda maior que ocorre no terceiro ou quarto trimestre de 2020, e uma ou várias ondas subsequentes menores em 2021 (como durante a pandemia da gripe espanhola de 1918-1919). Este cenário exige a reimplementação de medidas de mitigação por volta do quarto trimestre de 2020 para conter a propagação da infecção e evitar que os sistemas de saúde sejam sobrecarregados. No terceiro cenário, não visto com pandemias de gripe passadas, mas possível para a COVID-19, uma "queima lenta" de
transmissão e ocorrência de casos seguem a primeira onda de 2020, mas sem um padrão de onda claro, apenas com subidas e descidas menores.

Como nos outros cenários, este padrão varia geograficamente e é determinado, em certa medida, pela natureza das medidas de mitigação anteriores implementadas em cada país ou região em particular. Casos de infecção e mortes continuam a ocorrer, mas não exigem a reinstituição de medidas de mitigação.

Muitos cientistas parece concordar com a estrutura oferecida por esses três cenários. Qualquer um dos três que se seguem à pandemia, todos eles significam, como os autores afirmam explicitamente, que os formuladores de políticas devem estar preparados para lidar com "pelo menos mais 18 a 24 meses de atividade significativa da COVID-19, com hotspots surgindo periodicamente em diversas áreas geográficas". Como discutiremos a seguir, uma recuperação econômica plena não pode ocorrer até que o vírus seja derrotado ou até que o vírus fique atrás de nós.

1.2.1.2. A falácia econômica de sacrificar algumas vidas para salvar o crescimento

Durante toda a pandemia, tem havido um debate perene sobre "salvar vidas versus salvar a economia" - vidas versus meios de subsistência. Esta é uma falsa troca. Do ponto de vista econômico, o mito de ter que escolher entre saúde pública e um impacto no crescimento do PIB pode ser facilmente desmascarado.
Deixando de lado a questão ética (não insignificante) de sacrificar ou não algumas vidas para salvar a economia é uma proposta social darwiniana (ou não), a decisão de não salvar vidas não melhorará o bem-estar econômico. As razões são dúplices:

1. Do lado da oferta, se a flexibilização prematura das várias restrições e das regras de distanciamento social resultasse em uma aceleração da infecção (o que quase todos os cientistas acreditam que aconteceria), mais funcionários e trabalhadores ficariam infectados e mais empresas simplesmente deixariam de funcionar. Após o início da pandemia em 2020, a validade deste argumento foi comprovada em várias ocasiões. Eles variavam de fábricas que tinham que parar de operar porque muitos trabalhadores tinham adoecido (principalmente o caso de ambientes de trabalho que forçavam a proximidade física entre trabalhadores, como em instalações de processamento de carne) a navios navais encalhados porque muitos membros da tripulação
tinham sido infectados, impedindo assim que o navio operasse

normalmente.
Um fator adicional que afeta negativamente a oferta de mão-de-obra é que, ao redor do mundo, houve repetidos casos de trabalhadores que se recusaram a voltar ao trabalho por medo de serem infectados. Em muitas grandes empresas, funcionários que se sentiam vulneráveis à doença geraram uma onda de ativismo, incluindo paradas de trabalho.

2. Do lado da demanda, o argumento se resume ao mais básico, e ainda fundamental, determinante da atividade econômica: os sentimentos. Como os sentimentos do consumidor são o que realmente impulsiona as economias, um retorno a qualquer tipo de "normal" só acontecerá quando e não antes do retorno da confiança. As percepções individuais sobre segurança impulsionam as decisões dos consumidores e das empresas, o que significa que a melhoria econômica sustentada depende de duas coisas: a confiança de que a pandemia já passou - sem a qual as pessoas não consumirão e investirão - e a prova de que o vírus é derrotado globalmente - sem a qual as pessoas não serão capazes de se sentir seguras primeiro localmente e depois mais longe.

A conclusão lógica destes dois pontos é a seguinte: os governos devem fazer o que for preciso e gastar o que custar no interesse de nossa saúde e de nossa riqueza coletiva para que a economia se recupere de forma sustentável. Como diz um economista e um especialista em saúde pública: "Somente salvar vidas salvará a subsistência", [23] deixando claro que somente medidas políticas que coloquem a saúde das pessoas em seu cerne permitirão uma recuperação econômica, acrescentando: "Se os governos não conseguirem salvar vidas, as pessoas com medo do vírus não retomarão as compras, as viagens ou os jantares fora. Isto dificultará a recuperação econômica, com ou sem bloqueio".

Somente dados futuros e análises subsequentes fornecerão prova incontestável de que o compromisso entre saúde e economia não existe. Dito isto, alguns dados americanos coletados nas primeiras fases de reabertura em alguns estados mostraram uma queda nos gastos e no funcionamento mesmo antes do fechamento. [24] Uma vez que as pessoas começaram a se preocupar com a pandemia, elas efetivamente começaram a "fechar" a economia, mesmo antes que o governo lhes pedisse oficialmente que o fizessem. Um fenômeno semelhante ocorreu depois que alguns estados americanos decidiram reabrir (parcialmente): o consumo permaneceu moderado. Isto prova que a vida econômica não pode ser

ativada pelo fiat, mas também ilustra a situação difícil que a maioria dos tomadores de decisão
experiência ao ter que decidir se deve ou não reabrir. O dano econômico e social de um fechamento é evidente para todos, enquanto o sucesso em termos de conter o surto e evitar mortes - um pré-requisito para uma abertura bem sucedida - é mais ou menos invisível. Não há celebração pública quando um caso de coronavírus ou morte não acontece, levando ao paradoxo da política de saúde pública de que "quando você faz bem, nada acontece". É por isso que atrasar o fechamento ou a abertura muito cedo sempre foi uma tentação política tão forte. Entretanto, vários estudos mostraram desde então como tal tentação carregava um risco considerável. Dois, em particular, chegaram a conclusões semelhantes com metodologias diferentes, modelando o que poderia ter acontecido sem o fechamento. De acordo com um estudo conduzido pelo Imperial College London, os bloqueios rigorosos em larga escala impostos em
Março de 2020 evitou 3,1 milhões de mortes em 11 países europeus (incluindo o Reino Unido, Espanha, Itália, França e Alemanha). O outro, liderado pela Universidade da Califórnia, Berkeley, concluiu que 530 milhões de infecções totais, correspondentes a 62 milhões de casos confirmados, foram evitadas em seis países (China, Coréia do Sul, Itália, Irã, França e Estados Unidos) pelas medidas de confinamento que cada um havia colocado em prática. [26] A conclusão simples: em países aflitos com casos registrados da COVID-19 que, no auge, dobravam a cada dois dias, os governos não tinham outra alternativa razoável a não ser impor um bloqueio rigoroso. Fingir o contrário é ignorar o poder do crescimento exponencial e os danos consideráveis que ele pode infligir através de uma pandemia. Devido à velocidade extrema da progressão da COVID-19, o momento e a força da intervenção foram essenciais.

1.2.2. Crescimento e emprego

Antes de março de 2020, nunca a economia mundial havia chegado a uma parada tão abrupta e brutal; nunca antes alguém vivo havia experimentado um colapso econômico tão dramático e drástico, tanto em sua natureza quanto em seu ritmo.

O choque que a pandemia infligiu à economia global foi mais severo e ocorreu muito mais rapidamente do que qualquer outra coisa na história econômica registrada. Mesmo na Grande Depressão no início da década de 1930 e na Crise Financeira Global em 2008, levou vários anos para que o PIB se contraísse em 10% ou mais e para que o desemprego subisse acima

de 10%. Com a pandemia, resultados macroeconômicos semelhantes a desastres - em particular a explosão dos níveis de desemprego e a queda do crescimento do PIB - aconteceram em março de 2020 ao longo de apenas três semanas. A COVID-19 infligiu uma crise tanto de oferta quanto de demanda que levou ao mergulho mais profundo de que se tem notícia para a economia há mais de 100 anos. Como advertiu o economista Kenneth Rogoff: "Tudo depende de quanto tempo dura, mas se isto continuar por muito tempo, certamente será a mãe de todas as crises financeiras". [27] bookmark260

A duração e a acuidade da retração, e seu posterior impacto sobre o crescimento e o emprego, dependem de três coisas: 1) a duração e a gravidade do surto; 2) o sucesso de cada país em conter a pandemia e mitigar seus efeitos; e 3) a coesão de cada sociedade em lidar com as medidas pós-conclusão e as várias estratégias de abertura. No momento da redação (final de junho de 2020), todos os três aspectos permanecem desconhecidos.
Ocorrem ondas renovadas de surtos (grandes e pequenos), o sucesso dos países em conter o surto pode durar ou ser revertido repentinamente por novas ondas, e a coesão das sociedades pode ser desafiada por ondas renovadas
dor econômica e social.

1.2.2.1. Crescimento econômico

Em diferentes momentos entre fevereiro e maio de 2020, em uma tentativa de conter a pandemia, os governos de todo o mundo tomaram a decisão deliberada de fechar grande parte de suas respectivas economias. Este curso de acontecimentos sem precedentes trouxe consigo uma mudança fundamental na forma de funcionamento da economia mundial, marcada por um retorno abrupto e não solicitado a uma forma de relativa autarquia, com cada nação tentando avançar para certas formas de autossuficiência, e uma redução na produção nacional e global. O impacto dessas decisões parecia ainda mais dramático porque diziam respeito, antes de tudo, às indústrias de serviços, um setor tradicionalmente mais imune do que outras indústrias (como a construção ou a manufatura) aos ciclos cíclicos da economia mundial.
balanços de crescimento econômico. Consequentemente, o setor de serviços que representa de longe o maior componente da atividade econômica em qualquer economia desenvolvida (cerca de 70% do PIB e mais de 80% do emprego no país).

US) foi a mais atingida pela pandemia. Também sofria de outra característica distintiva: ao contrário da produção ou da agricultura, as receitas perdidas nos serviços desapareceram para sempre. Elas não podem ser adiadas porque as empresas de serviços não possuem estoques ou estoque de matérias-primas.

Vários meses após a pandemia, parece até um semblante de um
O retorno ao "business as usual" para a maioria das empresas de serviços é inconcebível enquanto a COVID-19 permanecer uma ameaça à nossa saúde. Isto, por sua vez, sugere que um retorno completo ao "normal" não pode ser previsto antes que uma vacina esteja disponível. Quando isso poderia ser? Segundo a maioria dos especialistas, é pouco provável que seja antes do primeiro trimestre de 2021, na melhor das hipóteses. Em meados de junho de 2020, já estavam em andamento mais de 135 testes, prosseguindo a um ritmo notável considerando que no passado poderia levar até 10 anos para desenvolver uma vacina (cinco no caso do Ébola), então a razão não é a ciência, mas a produção. A fabricação de bilhões de doses constitui o verdadeiro desafio que exigirá uma expansão maciça e um desvio da capacidade existente. O próximo obstáculo é o desafio político de vacinar pessoas suficientes em todo o mundo (somos coletivamente tão fortes quanto o elo mais fraco) com uma taxa de conformidade suficientemente alta, apesar do aumento dos anti-vaxxers. Durante os meses intermediários, a economia não funcionará em plena capacidade: um fenômeno dependente do país chamou a economia de 80%. Empresas em setores tão variados como viagens, hospitalidade, varejo ou esportes e eventos enfrentarão o seguinte triplo golpe: 1) menos clientes (que responderão à incerteza tornando-se mais avessos ao risco);
2) aqueles que consomem gastarão menos em média (devido à economia por precaução); e 3) os custos de transação serão mais altos (servir um cliente custará mais por causa de medidas de distanciamento físico e saneamento).

Levando em consideração a criticidade dos serviços para o crescimento do PIB (quanto mais rico o país, maior a importância dos serviços para o crescimento), esta nova realidade de uma economia de 80% levanta a questão de saber se as sucessivas paralisações da atividade empresarial no setor de serviços terão efeitos duradouros na economia mais ampla através de falências e perdas de emprego, o que, por sua vez, levanta a questão de saber se estes possíveis efeitos duradouros poderiam ser seguidos por um colapso da demanda à medida que as pessoas perdem sua renda e sua confiança no futuro. Tal cenário levará quase inevitavelmente a um

colapso nos investimentos entre as empresas e a um surto de poupança preventiva entre os consumidores, com queda em toda a economia global através da fuga de capitais, o movimento rápido e incerto de grandes quantias de dinheiro para fora de um país, o que tende a exacerbar as crises econômicas.

De acordo com a OCDE, o impacto anual imediato do desligamento da economia poderia ser uma redução do PIB nos países do G7 entre 20% e 30%. [28] Mas, mais uma vez, esta estimativa depende da duração e da gravidade do surto em cada país: quanto mais tempo duram os bloqueios, maiores são os danos estruturais que infligem, deixando cicatrizes permanentes na economia através da perda de empregos, falências e gastos de capital e cancelamentos. Como regra geral, a cada mês que grandes partes de uma economia permanecem fechadas, o crescimento anual pode cair mais 2 pontos percentuais. Mas como seria de se esperar, a relação entre a duração das medidas restritivas e o impacto correspondente no PIB não é linear.
O departamento de planejamento central holandês descobriu que cada mês adicional de contenção resulta em uma maior deterioração, não proporcional, da atividade econômica. Segundo o modelo, um mês completo de "hibernação" econômica resultaria em uma perda de 1,2% no crescimento holandês em 2020, enquanto três meses causariam uma perda de 5%. [29] bookmark262

Para as regiões e países que já saíram dos lockdowns, é muito cedo para dizer como o crescimento do PIB irá evoluir. No final de junho de 2020, alguns dados em forma de V (como os Índices de Compras de Manufatura da zona do euro - PMI) e um pouco de evidência anedótica geraram uma narrativa de recuperação mais forte do que o esperado, mas não devemos nos deixar levar por duas razões:

1. A melhoria acentuada do PMI na zona do euro e nos EUA não significa que essas economias tenham virado a esquina. Ela simplesmente indica que a atividade comercial melhorou em relação aos meses anteriores, o que é natural, já que uma significativa retomada da atividade deve seguir o período de inatividade causado por rigorosos lockdowns.

2. Em termos de crescimento futuro, um dos indicadores mais significativos a serem observados é a taxa de economia. Em abril (reconhecidamente durante o bloqueio), a taxa de poupança pessoal dos EUA subiu para 33% enquanto, na zona do euro, a taxa de

> poupança familiar (calculada de forma diferente da taxa de poupança pessoal dos EUA) subiu para 19%. Ambos cairão significativamente à medida que as economias reabrem, mas provavelmente não o suficiente para evitar que estas taxas permaneçam em níveis historicamente elevados.

Em sua "World Economic Outlook Update" publicada em junho de 2020, o Fundo Monetário Internacional (FMI) alertou sobre "uma crise como nenhuma outra" e uma "recuperação incerta". [30] Em comparação com abril, ele revisou sua
projeções de crescimento global para baixo, antecipando um PIB global de -4,9% em 2020, quase dois pontos percentuais abaixo de sua estimativa anterior.

1.2.2.2. Emprego

A pandemia está confrontando a economia com uma crise do mercado de trabalho de proporções gigantescas. A devastação é tal e tão repentina que deixa até mesmo os formuladores de políticas mais experientes quase sem palavras (e, pior ainda, quase sem palavras).
em "policy-less"). Em testemunho perante o Comitê Bancário do Senado dos EUA em 19 de maio, o presidente do Sistema da Reserva Federal - Jerome "Jay" Powell - confessou: "Esta queda abrupta na atividade econômica causou um nível de dor difícil de capturar em palavras, já que vidas são levantadas em meio a uma grande incerteza sobre o futuro". [31] Em apenas dois meses de março e abril de 2020, mais de 36 milhões de americanos perderam seus empregos, revertendo 10 anos de ganhos de emprego. Nos EUA, como em outros lugares, os despedimentos temporários causados pelos bloqueios iniciais podem se tornar permanentes, infligindo dor social intensa (que somente redes de segurança social robustas podem aliviar) e danos estruturais profundos às economias dos países.

O nível de desemprego global dependerá em última instância da profundidade do colapso da atividade econômica, mas o fato de se pairar ao redor ou exceder os níveis de dois dígitos em todo o mundo é um dado adquirido. Nos EUA, um prenúncio de dificuldades para vir a outro lugar, estima-se que a taxa oficial de desemprego poderia atingir um pico de 25% em 2020 - um nível equivalente ao da Grande Depressão - que seria ainda maior se o desemprego oculto fosse levado em conta (como os trabalhadores que não são contados nas estatísticas oficiais porque são tão desencorajadores que abandonaram a força de trabalho e deixaram de

procurar um emprego, ou os trabalhadores em tempo parcial que estão procurando um emprego em tempo integral). A situação dos empregados no setor de serviços será particularmente terrível. A dos trabalhadores que não estão oficialmente empregados será ainda pior.

Quanto ao crescimento do PIB, a magnitude e a gravidade da situação do desemprego dependem do país. Cada nação será afetada de forma diferente, dependendo de sua estrutura econômica e da natureza de seu contrato social, mas os EUA e a Europa oferecem dois modelos radicalmente diferentes de como a questão está sendo tratada pelos formuladores de políticas e do que está por vir.

Em junho de 2020, o aumento da taxa de desemprego nos EUA (que era de apenas 3,5% antes da pandemia) era muito maior do que em qualquer outro lugar. Em abril de 2020, a taxa de desemprego nos EUA havia aumentado 11,2 pontos percentuais em relação a fevereiro, enquanto, durante o mesmo período na Alemanha, havia aumentado em menos de um ponto percentual. Duas razões explicam isto; diferença marcante: 1) o mercado de trabalho americano tem uma cultura de "contratar e despedir" que não existe e que muitas vezes é proibida por lei na Europa; e 2) logo desde o início da crise, a Europa adotou medidas fiscais destinadas a apoiar o emprego.

Nos EUA, o apoio governamental até agora (junho de 2020) tem sido maior do que na Europa, mas de uma natureza fundamentalmente diferente. Ele fornece apoio de renda para aqueles que perderam seu emprego, com o resultado ocasional de que os deslocados estão em melhor situação do que em seus empregos em tempo integral antes da crise. Na Europa, ao contrário, os governos decidiram apoiar diretamente as empresas que mantinham os trabalhadores formalmente "empregados" em seus empregos originais, mesmo quando eles não estavam mais trabalhando em tempo integral ou quando não trabalhavam mais.

Na Alemanha, o esquema de trabalho a tempo reduzido (chamado *Kurzarbeit* - um modelo emulado em outro lugar) substituiu até 60% dos ganhos de 10 milhões de funcionários que, de outra forma, teriam perdido seus empregos, enquanto na França um esquema semelhante também compensou um número semelhante de trabalhadores, fornecendo-lhes até 80% de seu salário anterior. Muitos outros países europeus apresentaram soluções semelhantes, sem as quais demissões e despedimentos teriam sido muito mais consequentes. Estas medidas de apoio ao mercado de trabalho são acompanhadas por outras medidas de emergência governamentais,

como as que dão às empresas insolventes a possibilidade de ganhar tempo. Em muitos países europeus, se as empresas puderem provar que seus problemas de liquidez foram causados pela pandemia, não terão que declarar falência até mais tarde (possivelmente já em março de 2021 em alguns países).
Isto faz sentido eminente se a recuperação se concretizar, mas pode ser que esta política esteja apenas adiando o problema. Globalmente, uma recuperação completa do mercado de trabalho poderia levar décadas e, na Europa como em qualquer outro lugar, o medo de falências em massa seguidas de desemprego em massa se torna grande.

Nos próximos meses, a situação do desemprego tende a deteriorar-se ainda mais pela simples razão de que não pode melhorar significativamente até que se inicie uma recuperação econômica sustentável. Isto não acontecerá antes que uma vacina ou um tratamento seja encontrado, o que significa que muitas pessoas estarão duplamente preocupadas - em perder seu emprego e em não encontrar outro se o perderem (o que levará a um forte aumento nas taxas de economia). Em um tempo um pouco mais distante (de alguns meses a alguns anos), duas categorias de pessoas enfrentarão uma situação de emprego particularmente sombria: os jovens que entram no mercado de trabalho pela primeira vez, um mercado de trabalho devastado pela pandemia e trabalhadores suscetíveis de serem substituídos por robôs. Estas são questões fundamentais na intersecção da economia, sociedade e tecnologia com implicações definidoras para o futuro do trabalho. A automação, em particular, será uma fonte de grande preocupação. O caso econômico de que a tecnologia sempre exerce um efeito econômico positivo no longo prazo é bem conhecido. A substância do argumento é assim: a automação é perturbadora, mas melhora a produtividade e aumenta a riqueza, o que, por sua vez, leva a uma maior demanda por bens e serviços e, portanto, a novos tipos de empregos para satisfazer essas demandas. Isto é correto, mas o que acontece entre agora e o longo prazo?

Muito provavelmente, a recessão induzida pela pandemia desencadeará um forte aumento da substituição de mão-de-obra, o que significa que o trabalho físico será substituído por robôs e máquinas "inteligentes", o que, por sua vez, provocará mudanças estruturais e duradouras no mercado de trabalho. No capítulo de tecnologia, analisamos com mais detalhes o impacto que a pandemia está tendo
na automação, mas já existem amplas evidências de que ela está acelerando o ritmo de transformação. O setor de call center é o epitomizador desta

situação.

Na era pré-pandêmica, novas tecnologias baseadas em inteligência artificial (IA) estavam sendo gradualmente introduzidas para automatizar algumas das tarefas desempenhadas por funcionários humanos. A crise da COVID-19, e suas medidas de acompanhamento do distanciamento social, acelerou repentinamente este processo de inovação e mudança tecnológica. Os Chatbots, que freqüentemente usam a mesma tecnologia de reconhecimento de voz por trás do Alexa da Amazon, e outros softwares que podem substituir tarefas normalmente executadas por funcionários humanos, estão sendo introduzidos rapidamente. Essas inovações provocadas pela necessidade (ou seja, medidas sanitárias) em breve resultarão em centenas de milhares, e potencialmente milhões, de perdas de empregos.

Como os consumidores podem preferir serviços automatizados a interações frente a frente por algum tempo, o que está acontecendo atualmente com os call centers inevitavelmente ocorrerá também em outros setores. A "ansiedade da automatização" está, portanto, preparada para um renascimento [32], que a recessão econômica irá exacerbar. O processo de automação nunca é linear; ele tende a acontecer em ondas e muitas vezes em tempos econômicos difíceis, quando a queda nas receitas das empresas torna os custos de mão-de-obra relativamente mais caros. Isto é quando os empregadores substituem trabalhadores menos qualificados com automação para aumentar a produtividade do trabalho.[33] bookmark266

Os trabalhadores de baixa renda em empregos de rotina (na fabricação e serviços como alimentação e transporte) são os mais afetados. O mercado de trabalho se tornará cada vez mais polarizado entre o trabalho altamente remunerado e muitos empregos que desapareceram ou não são bem remunerados e não são muito interessantes. Em países emergentes e em desenvolvimento (particularmente aqueles com um "boom juvenil"), a tecnologia corre o risco de transformar o "dividendo demográfico" em um "pesadelo demográfico", pois a automação tornará muito mais difícil entrar na escada rolante do crescimento econômico.

É fácil dar lugar ao pessimismo excessivo porque nós, seres humanos, achamos muito mais fácil visualizar o que está desaparecendo do que o que está vindo em seguida. Sabemos e compreendemos que os níveis de desemprego estão prestes a aumentar globalmente num futuro próximo, mas nos próximos anos e décadas podemos nos surpreender. Poderíamos testemunhar uma onda sem precedentes de inovação e criatividade

impulsionada por novos métodos e ferramentas de produção. Também pode haver uma explosão global de centenas de milhares de novas micro indústrias que, esperamos, empregarão centenas de milhões de pessoas. É claro que não podemos saber o que o futuro nos reserva, exceto que muito dependerá da trajetória do crescimento econômico futuro.

1.2.2.3. Como poderia ser o crescimento futuro

Na era pós-pandêmica, de acordo com as projeções atuais, o novo "normal" econômico pode ser caracterizado por um crescimento muito menor do que nas décadas passadas. Quando a recuperação começa, o crescimento do PIB de um trimestre para outro pode parecer impressionante (porque começará de uma base muito baixa), mas pode levar anos até que o tamanho geral da economia da maioria das nações volte ao seu nível pré-pandêmico. Isto também se deve ao fato de que a gravidade do choque econômico infligido pelo coronavírus se confundirá com uma tendência de longo prazo: declínio populacional em muitos países e envelhecimento (a demografia é o "destino" e um motor crucial do crescimento do PIB). Sob tais condições, quando o menor crescimento econômico parece quase certo, muitas pessoas podem se perguntar se a "obsessão" pelo crescimento é útil, concluindo que não faz sentido perseguir um alvo de crescimento cada vez maior do PIB.

A profunda perturbação causada pela COVID-19 globalmente tem oferecido às sociedades uma pausa forçada para refletir sobre o que é realmente de valor. Com as respostas econômicas de emergência à pandemia agora em vigor, a oportunidade pode ser apreendidos para fazer o tipo de mudanças institucionais e escolhas políticas que colocarão as economias em um novo caminho rumo a um futuro mais justo e mais verde. A história do repensar radical nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, que incluiu o estabelecimento das instituições de Bretton Woods, as Nações Unidas, a UE e a expansão dos Estados-Providência, mostra a magnitude das mudanças possíveis.

Isto levanta duas questões: 1) Qual deve ser a nova bússola para acompanhar o progresso? e 2) Quais serão os novos motores de uma economia que seja inclusiva e sustentável?

Em relação à primeira pergunta, a mudança de rumo exigirá uma mudança na mentalidade dos líderes mundiais para colocar maior foco e prioridade no bem-estar de todos os cidadãos e do planeta. Historicamente, as estatísticas nacionais foram reunidas principalmente para fornecer aos

governos uma melhor compreensão dos recursos disponíveis para a tributação e o desencadeamento da guerra. Como as democracias se fortaleceram, na década de 1930 o mandato das estatísticas nacionais foi ampliado para capturar o bem-estar econômico da população [34], mas destilado na forma do PIB. O bem-estar econômico tornou-se equivalente à produção e ao consumo atuais, sem considerar a disponibilidade futura de recursos. A dependência excessiva dos legisladores em relação ao PIB como indicador de prosperidade econômica levou ao atual estado de esgotamento dos recursos naturais e sociais.

Que outros elementos deveriam incluir um painel de controle melhorado para o progresso? Primeiro, o próprio PIB precisa ser atualizado para refletir o valor criado na economia digital, o valor criado através do trabalho não remunerado, bem como o valor potencialmente destruído através de certos tipos de atividade econômica. A omissão do valor criado através do trabalho realizado no lar tem sido uma questão antiga e os esforços de pesquisa para criar uma estrutura de medição precisarão de um novo impulso. Além disso, à medida que a economia digital está se expandindo, a lacuna entre a atividade medida e a atividade econômica real tem sido cada vez maior. Além disso, certos tipos de produtos financeiros, que através de sua inclusão no PIB são capturados como criação de valor, estão meramente deslocando o valor de um lugar para outro ou às vezes até mesmo tendo o efeito de destruí-lo.

Segundo, não é apenas o tamanho geral da economia que importa, mas também a distribuição dos ganhos e a evolução progressiva do acesso a oportunidade. Com a desigualdade de renda mais acentuada do que nunca em muitos países e o desenvolvimento tecnológico impulsionando uma maior polarização, o PIB total ou médias como o PIB per capita estão se tornando cada vez menos úteis como verdadeiros indicadores da qualidade de vida dos indivíduos. A desigualdade na riqueza é uma dimensão significativa da dinâmica atual da desigualdade e deve ser rastreada de forma mais sistemática.

Terceiro, a resiliência precisará ser melhor medida e monitorada para avaliar a verdadeira saúde de uma economia, incluindo os determinantes da produtividade, tais como instituições, infra-estrutura, capital humano e ecossistemas de inovação, que são críticos para a força geral de um sistema. Além disso, as reservas de capital sobre as quais um país pode se apoiar em tempos de crise, incluindo capital financeiro, físico, natural e social, precisarão ser rastreadas sistematicamente. Embora o capital natural e social, em particular, seja

difíceis de medir, são críticos para a coesão social e a sustentabilidade ambiental de um país e não devem ser subestimados. Esforços acadêmicos recentes estão começando a enfrentar o desafio da medição ao reunir fontes de dados dos setores público e privado.

Estão aparecendo exemplos reais de uma mudança na ênfase dos formuladores de políticas. Não é coincidência que em 2019, um país colocado no top 10 do *Relatório Mundial da Felicidade tenha* revelado um "orçamento de bem-estar". A decisão do Primeiro Ministro da Nova Zelândia de destinar dinheiro para questões sociais, como saúde mental, pobreza infantil e violência familiar, tornou o bem-estar um objetivo explícito das políticas públicas. Ao fazer isso, o Primeiro Ministro Ardern transformou em política o que todos sabem há anos, que um aumento no PIB não garante uma melhoria no padrão de vida e no bem-estar social.

Além disso, várias instituições e organizações, desde as cidades até a Comissão Européia, estão refletindo sobre opções que sustentariam a atividade econômica futura em um nível que corresponda à satisfação de nossas necessidades materiais com o respeito às nossas fronteiras planetárias. O município de Amsterdam é o primeiro no mundo a se comprometer formalmente com esta estrutura como ponto de partida para as decisões de política pública no mundo pós-pandêmico. A estrutura se assemelha a um "donut" no qual o anel interno representa o mínimo que precisamos para levar uma boa vida (como enunciado pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU) e o anel externo o teto ecológico definido pelos cientistas do sistema terrestre (que destaca os limites que não devem ser ultrapassados pela atividade humana para evitar o impacto negativo ambiental sobre o clima, o solo, os oceanos, a camada de ozônio, a água doce e a biodiversidade). Entre os dois anéis está o ponto doce (ou "massa") onde nossas necessidades humanas e as do planeta estão sendo atendidas. [35] bookmark268

Ainda não sabemos se a "tirania do crescimento do PIB" chegará ao fim, mas sinais diferentes sugerem que a pandemia pode acelerar mudanças em muitas de nossas normas sociais bem centradas. Se reconhecermos coletivamente que, além de um certo nível de riqueza definido pelo PIB per capita, a felicidade depende mais de fatores intangíveis, como saúde acessível e um tecido social robusto do que do consumo material, então valores tão diferentes como o respeito ao meio ambiente, alimentação responsável, empatia ou generosidade podem ganhar terreno e progressivamente vir a caracterizar as novas normas sociais.

Além da crise imediata em curso, nos últimos anos o papel do crescimento econômico no avanço do padrão de vida tem variado, dependendo do contexto. Nas economias de alta renda, o crescimento da produtividade vem diminuindo constantemente desde os anos 70, e tem sido argumentado que atualmente não existem vias políticas claras para reavivar o crescimento a longo prazo. [36] Além disso, o crescimento que se concretizou de forma desproporcional para os indivíduos na parte superior da distribuição de renda. Uma abordagem mais eficaz pode ser a de que os formuladores de políticas visem mais diretamente as intervenções de melhoria do bem-estar. [37] Em países de baixa e média renda, os benefícios do crescimento econômico tiraram milhões da pobreza em grandes mercados emergentes. As opções políticas para impulsionar o desempenho do crescimento são mais conhecidas (por exemplo, lidar com distorções básicas), mas novas abordagens terão que ser encontradas, pois o modelo de desenvolvimento liderado pela manufatura está perdendo rapidamente seu poder com o advento da Quarta Revolução Industrial. [38] bookmark271

Isto leva à segunda questão-chave em torno do crescimento futuro. Se a direção e a qualidade do crescimento econômico importam tanto quanto - ou talvez até mais do que - sua velocidade, quais serão provavelmente os novos motores dessa qualidade na economia pós-pandêmica? Várias áreas têm o potencial de oferecer um ambiente capaz de impulsionar um dinamismo mais inclusivo e sustentável.

A economia verde abrange uma gama de possibilidades, desde energia mais verde, passando pelo ecoturismo, até a economia circular. Por exemplo, a mudança do "take-make-dispose" de produção e consumo para um modelo que é "restaurador e regenerativo por projeto" [39] pode preservar recursos e minimizar o desperdício usando um produto novamente quando ele chega ao fim de sua vida útil, criando assim mais valor que, por sua vez, pode gerar benefícios econômicos, contribuindo para a inovação, a criação de empregos e, em última análise, o crescimento. Empresas e estratégias que favorecem produtos reparáveis com maior vida útil (de telefones e carros à moda) que oferecem até mesmo reparos gratuitos (como o desgaste ao ar livre da Patagônia) e plataformas para a comercialização de produtos usados estão se expandindo rapidamente. [40] bookmark273

A economia social abrange outras áreas de alto crescimento e criação de empregos nas áreas de prestação de cuidados e serviços pessoais, educação e saúde. O investimento no cuidado de crianças, cuidado de idosos e outros elementos da economia do cuidado criaria 13 milhões de empregos somente nos EUA e 21 milhões de empregos em sete economias, e levaria

a um aumento de 2% no crescimento do PIB nos países estudados. [41] A educação também é uma área de criação massiva de empregos, particularmente quando se considera o ensino primário e secundário, a educação e o treinamento técnico e profissional, o treinamento universitário e o treinamento de adultos juntos.
A saúde, como a pandemia tem demonstrado, requer investimentos muito maiores tanto em termos de infraestrutura e inovação quanto de capital humano. Estas três áreas criam um efeito multiplicador tanto através de seu próprio potencial de emprego quanto dos benefícios de longo prazo que elas proporcionam às sociedades em termos de igualdade, mobilidade social e crescimento inclusivo.

A inovação na produção, distribuição e modelos comerciais pode gerar ganhos de eficiência e novos ou melhores produtos que criam maior valor agregado, levando a novos empregos e prosperidade econômica. Assim, os governos têm à sua disposição ferramentas para fazer a mudança em direção a uma prosperidade mais inclusiva e sustentável, combinando a definição de direções e incentivos do setor público com a capacidade de inovação comercial através de uma reformulação fundamental dos mercados e de seu papel em nossa economia e sociedade. Isto requer investimentos diferentes e deliberados nos mercados fronteiriços delineados acima, áreas onde as forças de mercado poderiam ter um efeito transformador nas economias e sociedades, mas onde ainda faltam algumas das condições prévias necessárias para funcionar (por exemplo, as capacidades técnicas para produzir de forma sustentável um produto ou ativo em escala ainda são insuficientes, os padrões não estão bem definidos ou as estruturas legais ainda não estão bem desenvolvidas). Moldar as regras e mecanismos destes novos mercados pode ter um impacto transformador na economia. Se governos querem a mudança para um novo e melhor tipo de crescimento, eles têm uma janela de oportunidade para agir agora para criar incentivos à inovação e criatividade nas áreas descritas acima.

Alguns apelaram para um "decrescimento", um movimento que abraça um crescimento zero ou mesmo negativo do PIB que está ganhando alguma tração (pelo menos nos países mais ricos). medida que a crítica ao crescimento econômico se mover para o centro das atenções, o domínio financeiro e cultural do consumismo na vida pública e privada será revisado. [42] Isto se torna óbvio no ativismo do decrescimento impulsionado pelo consumidor em alguns segmentos de nicho - como a defesa de menos carne ou menos voos. Ao desencadear um período de

decrescimento forçado, a pandemia estimulou um interesse renovado neste movimento que quer reverter o ritmo do crescimento econômico, levando mais de 1.100 especialistas de todo o mundo a lançar um manifesto em maio de 2020 apresentando uma estratégia de decrescimento para enfrentar a crise econômica e humana causada pela COVID-19. [43] Sua carta aberta exige a adoção de uma "redução da economia planejada, porém adaptável, sustentável e equitativa, levando a um futuro onde possamos viver melhor com menos".

Entretanto, cuidado com a busca do decrescimento, que se mostra tão sem direção quanto a busca do crescimento! Os países mais avançados e seus governos darão prioridade a uma abordagem mais inclusiva e sustentável para gerenciar e medir suas economias, uma abordagem que também impulsione o crescimento do emprego, a melhoria dos padrões de vida e a salvaguarda do planeta.
A tecnologia para fazer mais com menos já existe. [44] Não existe um compromisso fundamental entre fatores econômicos, sociais e ambientais se adotarmos esta abordagem mais holística e de longo prazo para definir o progresso e incentivar o investimento em mercados verdes e de fronteira social.

1.2.3. Políticas fiscais e monetárias

A resposta da política fiscal e monetária à pandemia tem sido decisiva, massiva e rápida.

Em países sistemicamente importantes, os bancos centrais decidiram quase imediatamente após o início do surto reduzir as taxas de juros enquanto lançavam grandes programas de flexibilização quantitativa, comprometendo-se a imprimir o dinheiro necessário para manter baixos os custos dos empréstimos do governo. O Fed (Sistema de Reserva Federal dos Estados Unidos) se comprometeu a comprar títulos do Tesouro e títulos garantidos por hipotecas de agências, enquanto o Banco Central Europeu prometeu comprar qualquer instrumento que os governos emitissem (um movimento que conseguiu reduzir o spread dos custos de empréstimo entre os membros mais fracos e mais fortes da zona do euro).

Concomitantemente, a maioria dos governos lançou respostas ambiciosas e sem precedentes em matéria de política fiscal. Medidas urgentes e expansivas foram tomadas muito cedo durante a crise, com três objetivos específicos: 1) combater a pandemia com o máximo de gastos necessários para que ela seja controlada o mais rapidamente possível (através da

produção de testes, capacidades hospitalares, pesquisa em medicamentos e vacinas, etc.); 2) fornecer fundos de emergência para famílias e empresas à beira da falência e do desastre; e 3) apoiar a demanda agregada para que a economia possa operar o mais próximo possível do potencial.
45] bookmark278

Essas medidas levarão a déficits fiscais muito grandes, com um provável aumento na relação dívida/PIB de 30% do PIB nas economias ricas. Em nível global, o estímulo agregado dos gastos governamentais provavelmente excederá 20% do PIB global em 2020, com variação significativa entre os países, variando de 33% na Alemanha a mais de 12% nos EUA.

Esta expansão das capacidades fiscais tem implicações dramaticamente diferentes dependendo se o país em questão é avançado ou emergente. Os países de alta renda têm mais espaço fiscal porque um nível mais alto de endividamento deve se mostrar sustentável e acarretar um nível viável de custo de bem-estar para as gerações futuras, por duas razões: 1) o compromisso dos bancos centrais de comprar qualquer quantidade de títulos necessários para manter os juros baixos
e 2) a confiança de que as taxas de juros provavelmente permanecerão baixas no futuro previsível, pois a incerteza continuará dificultando o investimento privado e justificará altos níveis de poupança preventiva. Em contraste, a situação não poderia ser mais grave nas economias emergentes e em desenvolvimento.
A maioria deles não tem o espaço fiscal necessário para reagir ao choque pandêmico; eles já estão sofrendo grandes saídas de capital e uma queda nos preços das commodities, o que significa que sua taxa de câmbio será martelada se eles decidirem lançar políticas fiscais expansionistas. Nestas circunstâncias, a ajuda sob a forma de subsídios e alívio da dívida, e possivelmente uma moratória imediata, [46] não será apenas necessária, mas será crítica.

Estes são programas sem precedentes para uma situação sem precedentes, algo tão novo que a economista Carmen Reinhart o chamou de "o que quer que seja para as políticas fiscais e monetárias em grande escala, de fora da caixa". [47] Medidas que teriam parecido inconcebíveis antes da pandemia podem muito bem se tornar padrão em todo o mundo enquanto os governos tentam evitar que a recessão econômica se transforme em uma depressão catastrófica. Cada vez mais, haverá apelos para que o governo aja como um "pagador de último recurso" [48] para prevenir ou deter a vaga de demissões em massa e a destruição de empresas desencadeada pela pandemia.

Todas essas mudanças estão alterando as regras do "jogo" da política econômica e monetária. A barreira artificial que torna as autoridades monetárias e fiscais independentes uma da outra foi agora desmantelada, com os banqueiros centrais se tornando (em relativo grau) subservientes aos políticos eleitos. É agora concebível que, no futuro, o governo tentará exercer sua influência sobre os bancos centrais para financiar grandes projetos públicos, tais como uma infraestrutura ou um fundo de investimento verde. Da mesma forma, o preceito de que o governo pode intervir para preservar o emprego ou a renda dos trabalhadores e proteger as empresas falidas podem sofrer após o fim destas políticas. É provável que a pressão pública e política para manter tais esquemas persistirá, mesmo quando a situação melhorar. Uma das maiores preocupações é que esta cooperação implícita entre as políticas fiscal e monetária leva a uma inflação incontrolável. Ela se origina na ideia de que os formuladores de políticas implantarão estímulos fiscais maciços que serão totalmente monetizados, ou seja, não financiados através da dívida padrão do governo. É aqui que entra a Teoria Monetária Moderna (MMT) e o dinheiro dos helicópteros: com as taxas de juros pairando em torno de zero, os bancos centrais não podem estimular a economia através de ferramentas monetárias clássicas;
ou seja, uma redução nas taxas de juros - a menos que eles decidam optar por taxas de juros profundamente negativas, um movimento problemático ao qual a maioria dos bancos centrais resiste. [49] Portanto, o estímulo deve vir de um aumento dos déficits fiscais (o que significa que os gastos públicos subirão em um momento em que as receitas fiscais diminuem). Colocando em termos o mais simples possível (e, neste caso, simplistas), o MMT funciona assim: os governos emitirão algumas dívidas que o banco central comprará. Se nunca a vender de volta, equivale ao financiamento monetário: o déficit é monetizado (pelo banco central comprando os títulos que o governo emite) e o governo pode usar o dinheiro como achar conveniente. Ele pode, por exemplo, metaforicamente deixá-lo cair de helicópteros para as pessoas necessitadas.

A ideia é atraente e realizável, mas contém uma questão importante de expectativas sociais e controle político: quando os cidadãos perceberem que o dinheiro pode ser encontrado em uma "árvore mágica do dinheiro", os políticos eleitos estarão sob forte e implacável pressão pública para criar mais e mais, que é quando a questão da inflação entra em cena.

1.2.3.1. Deflação ou inflação?

Dois elementos técnicos incorporados na questão das finanças monetárias estão associados ao risco de inflação. Primeiro, a decisão de se engajar em perpétua flexibilização quantitativa (ou seja, em finanças monetárias) não precisa ser tomada quando o banco central compra a dívida emitida pelo governo; pode ser deixado ao futuro contingente para esconder ou contornar a ideia de que o dinheiro "cresce nas árvores". Em segundo lugar, o impacto inflacionário do dinheiro dos helicópteros não está relacionado ao fato de o déficit ser financiado ou não, mas é diretamente proporcional à quantidade de dinheiro envolvido. Não há limites nominais para a quantidade de dinheiro que um banco central pode criar, mas há limites sensatos para a quantidade que eles gostariam de criar para alcançar a inflação sem correr o risco de inflação excessiva. O aumento resultante no PIB nominal será dividido entre um efeito de produção real e um aumento no nível de preços - este equilíbrio e sua natureza inflacionária dependerá de quão apertadas são as restrições de oferta, portanto, em última instância, da quantidade de dinheiro criada. Os banqueiros centrais podem decidir que não há nada com que se preocupar com a inflação a 2% ou 3%, e que 4% a 5% também é bom, mas eles terão que definir um limite superior no qual a inflação se torne perturbadora e uma preocupação real. O desafio será determinar a que nível a inflação se torna corrosiva e uma fonte de preocupação obsessiva para os consumidores.

No momento, alguns temem a deflação enquanto outros se preocupam com a inflação. O que está por trás dessas ansiedades divergentes para o futuro? Os preocupados com a deflação apontam para um colapso do mercado de trabalho e um tropeço nos preços das commodities, e se perguntam como a inflação poderia se recuperar a qualquer momento nestas condições. Os preocupados com a inflação observam os aumentos substanciais nos balanços do banco central e déficits fiscais e perguntam como estes não levarão, um dia, à inflação, e possivelmente a uma inflação alta, e até mesmo à hiperinflação. Eles apontam para o exemplo da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, que inflou sua dívida interna de guerra na hiperinflação de 1923, ou o Reino Unido, que sofreu com um pouco de inflação a enorme quantidade de dívida (250%) que herdou da Segunda Guerra Mundial. Estes preocupados reconhecem que, a curto prazo, a deflação pode ser o maior risco, mas argumentam que a inflação é, em última instância, inevitável, dadas as enormes e inevitáveis quantidades de estímulo.

Nesta conjuntura atual, é difícil imaginar como a inflação poderia aumentar a qualquer momento. A revalorização das atividades de produção poderia gerar bolsas ocasionais de inflação, mas é provável que elas permaneçam limitadas. A combinação de tendências estruturais potentes e de longo prazo como o envelhecimento e a tecnologia (ambas são de natureza deflacionária) e uma taxa de desemprego excepcionalmente alta que restringirá os aumentos salariais durante anos coloca uma forte pressão descendente sobre a inflação. Na era pós-pandêmica, a forte demanda dos consumidores é improvável. A dor infligida pelo desemprego generalizado, a renda mais baixa para grandes segmentos da população e a incerteza sobre o futuro provavelmente levarão a um aumento da poupança preventiva. Quando o distanciamento social eventualmente diminuir, a demanda reprimida poderá provocar um pouco de inflação, mas é provável que seja temporária e, portanto, não afetará as expectativas de inflação. Olivier Blanchard, antigo economista-chefe do FMI, pensa que apenas a combinação dos três elementos seguintes poderia criar inflação: 1) um aumento muito grande na relação dívida/PIB, maior que a previsão atual de 20-30%; 2) um aumento muito grande na taxa neutra (ou seja, a taxa real segura necessária para manter a economia em potencial); e 3) o domínio fiscal da política monetária. [50] A probabilidade de cada um individualmente já é baixa, de modo que a probabilidade dos três ocorrerem em conjunto entre si é extremamente baixa (mas não nula). Os investidores em títulos pensam da mesma forma. Isto poderia mudar, é claro, mas no momento o baixo diferencial de taxas entre os títulos nominais e os indexados à inflação pinta um quadro de inflação muito baixa em andamento, na melhor das hipóteses.

Nos próximos anos, os países de alta renda poderão enfrentar uma situação semelhante à do Japão nas últimas décadas: demanda estruturalmente fraca, inflação muito baixa e taxas de juros ultrabaixas. A possível "japonificação" do mundo (rico) é frequentemente descrita como uma combinação sem esperança de não crescimento, sem inflação e níveis de dívida insuportáveis. Isto é enganoso. Quando os dados são ajustados para a demografia, o Japão faz melhor do que a maioria. Seu PIB per capita é alto e crescente e, desde 2007, seu PIB real por membro da população em idade de trabalho aumentou mais rapidamente do que em qualquer outro país.

outro país do G7. Naturalmente, há muitas razões idiossincráticas para isto (um nível muito alto de capital social e confiança, mas também um crescimento da produtividade do trabalho que ultrapassa a média, e uma absorção bem sucedida de trabalhadores idosos na força de trabalho), mas mostra que uma população em declínio não precisa levar ao esquecimento econômico. Os altos padrões de vida e indicadores de bem-estar do Japão oferecem uma lição salutar de que há esperança diante das dificuldades econômicas.

1.2.3.2. O destino do dólar americano

Durante décadas, os EUA desfrutaram do "privilégio exorbitante" de manter a reserva monetária global, um status que há muito tempo tem sido "um privilégio do poder imperial e um elixir econômico". [51] Em grande medida, o poder e a prosperidade americanos foram construídos e reforçados pela confiança global no dólar e pela disposição dos clientes no exterior de mantê-la, na maioria das vezes na forma de títulos do governo dos EUA. O fato de tantos países e instituições estrangeiras quererem manter o dólar como uma reserva de valor e como um instrumento de troca (para o comércio) ancorou seu status como moeda de reserva global. Isto permitiu que os EUA tomassem empréstimos baratos no exterior e se beneficiassem das baixas taxas de juros no país, o que, por sua vez, permitiu aos americanos consumir além de suas possibilidades. Também possibilitou grandes déficits recentes do governo dos EUA, permitiu que os EUA tivessem déficits comerciais substanciais, reduziu o risco cambial e tornou os mercados financeiros americanos mais líquidos. No centro do status do dólar americano como moeda de reserva está uma questão crítica de confiança: os não americanos que possuem dólares confiam que os Estados Unidos protegerão tanto seus próprios interesses (administrando sensatamente sua economia) quanto o resto do mundo no que diz respeito ao dólar americano (administrando sensatamente sua moeda, como fornecer liquidez em dólares ao sistema financeiro global de forma eficiente e rápida).

Há algum tempo, alguns analistas e formuladores de políticas vêm considerando um possível e progressivo fim do domínio do dólar. Eles agora pensam que a pandemia pode ser o catalisador que prova que estão certos. Seu argumento é duplo e se relaciona a ambos os lados da questão da confiança.

Por um lado (administrando a economia com sensatez), os que duvidam do

domínio do dólar norte-americano apontam para a inevitável e acentuada deterioração da posição fiscal norte-americana. Em sua mente, níveis insustentáveis de dívida acabarão corroendo

confiança no dólar americano. Pouco antes da pandemia, os gastos com defesa dos EUA, mais os juros da dívida federal, mais os pagamentos anuais de direitos - Medicare, Medicaid e previdência social - representavam 112% das receitas fiscais federais (contra 95% em 2017). Esse caminho insustentável vai piorar na era pós-pandemia e pós-resgate. Esse argumento sugere que algo importante terá, portanto, de mudar, seja por meio de um papel geopolítico muito reduzido ou de impostos mais altos, ou ambos, caso contrário, o déficit crescente atingirá um limite além do qual os investidores não americanos não estão dispostos a financiá-lo. Afinal, o status da moeda de reserva não pode durar mais do que a confiança estrangeira na capacidade do detentor de honrar seus pagamentos.

Por outro lado (administrando o dólar americano de forma sensata para o resto do mundo), os que duvidam do domínio do dólar apontam para a incompatibilidade de seu status como moeda de reserva global com o crescente nacionalismo econômico interno. Mesmo que o Fed e o Tesouro dos EUA gerenciem o dólar e sua rede influente em todo o mundo com eficácia, os céticos enfatizam que a disposição do governo dos EUA de usar o dólar como arma para fins geopolíticos (como punir países e empresas que comercializam com o Irã ou a Coreia do Norte) irá inevitavelmente incentivar os detentores de dólares a procurarem alternativas.

Existem alternativas viáveis? Os EUA continuam a ser uma hegemonia financeira global formidável (o papel do dólar nas transações financeiras internacionais é muito maior, embora menos visível, do que no comércio internacional), mas também é verdade do que muitos países gostariam de desafiar o domínio global do dólar. No curto prazo, não há alternativas. O renminbi chinês (RMB) pode ser uma opção, mas não até que os rígidos controles de capital sejam eliminados e o RMB se torne uma moeda determinada pelo mercado, o que é improvável que aconteça em um futuro previsível. O mesmo se aplica ao euro; poderia ser uma opção, mas não até que as dúvidas sobre uma possível implosão da zona do euro se dissipassem para sempre, o que novamente é uma perspectiva improvável nos próximos anos. Quanto a uma moeda virtual global, não há nenhuma à vista ainda, mas há tentativas de lançar moedas digitais nacionais que podem eventualmente destronar a supremacia do dólar americano. O mais

significativo ocorreu na China no final de abril de 2020 com um teste de uma moeda digital nacional em quatro grandes cidades. [52] O país está anos à frente do resto do mundo no desenvolvimento de uma moeda digital combinada com poderosas plataformas de pagamento eletrônico; este experimento mostra claramente que existem sistemas monetários que estão tentando se tornar independentes dos intermediários americanos enquanto se movem em direção a uma digitalização maior.

Em última análise, o possível fim da primazia do dólar americano dependerá do que acontecer nos Estados Unidos. Como diz Henry Paulson, ex-secretário do Tesouro dos Estados Unidos: “A proeminência do dólar americano começa em casa (…). Os Estados Unidos devem manter uma economia que inspire credibilidade e confiança globais. Se não o fizer, com o tempo, colocará em perigo a posição do dólar americano ”. [53] Em grande medida, a credibilidade global dos EUA também depende da geopolítica e do apelo de seu modelo social. O “privilégio exorbitante” está intrinsecamente entrelaçado com o poder global, a percepção dos EUA como um parceiro confiável e seu papel no funcionamento das instituições multilaterais. “Se esse papel fosse visto como menos seguro e essa garantia de segurança menos rígida, porque os EUA estavam se desligando da geopolítica global em favor de políticas mais independentes e voltadas para o interior, o prêmio de segurança desfrutado pelo dólar dos EUA poderia diminuir, ”Avisa Barry Eichengreen e representantes do Banco Central Europeu. [54]
Perguntas e dúvidas sobre o futuro status do dólar como reserva monetária global são um lembrete adequado de que a economia não existe isoladamente. Essa realidade é particularmente dura em países pobres e emergentes superendividados, agora incapazes de pagar suas dívidas, muitas vezes denominadas em dólares. Para eles, esta crise assumirá proporções enormes e anos para ser resolvida, com danos econômicos consideráveis se traduzindo rapidamente em sofrimento social e humanitário. Em todos esses países, a crise COVID pode muito bem encerrar o processo gradual de convergência que deveria trazer
países desenvolvidos e emergentes ou em desenvolvimento em maior alinhamento. Isso levará a um aumento dos riscos sociais e geopolíticos - um lembrete gritante da extensão em que os riscos econômicos se cruzam com as questões sociais e geopolíticas.

1.3. Reset da Sociedade

Historicamente, as pandemias testaram as sociedades em sua essência; a crise de 2020 COVID-19 não será exceção. Comparável à economia, como acabamos de ver, e à geopolítica, como veremos no próximo capítulo, a turbulência social desencadeada pela COVID-19 durará anos e possivelmente gerações. O impacto mais imediato e visível é que muitos governos serão questionados, com muita raiva dirigida aos formuladores de políticas e figuras políticas que pareciam inadequados ou mal preparados em termos de sua resposta para lidar com o COVID-19. Como observou Henry Kissinger: “As nações são coerentes e prosperam na crença de que suas instituições podem prever calamidades, interromper seu impacto e restaurar a estabilidade. Quando a pandemia COVID-19 acabar, as instituições de muitos países serão vistas como tendo falhado”. [55] Isso será particularmente verdadeiro para alguns países ricos dotados de sistemas de saúde sofisticados e fortes ativos em pesquisa, ciência e inovação, onde os cidadãos perguntarão por que suas autoridades agiram tão mal em comparação com outras. Nestes, pode emergir a própria essência do seu tecido social e sistema socioeconómico e ser denunciados como os “verdadeiros” culpados, por não terem garantido o bem-estar económico e social à maioria dos cidadãos. Nos países mais pobres, a pandemia terá um pedágio dramático em termos de custos sociais. Será exacerbar as questões sociais que já os afetam - em particular a pobreza, a desigualdade e a corrupção. Isso pode, em alguns casos, levar a resultados extremos tão graves quanto a desintegração social e social (“social” refere-se às interações entre indivíduos ou grupos de indivíduos, enquanto “social” é o adjetivo que se relaciona à sociedade como um todo).
Há alguma lição sistêmica a ser aprendida em relação ao que funcionou e não funcionou em termos de lidar com a pandemia? Em que medida a resposta de diferentes nações revela alguns pontos fortes e fracos internos sobre sociedades ou sistemas de governança específicos? Alguns, como Cingapura, Coréia do Sul e Dinamarca (entre outros), pareceram se sair muito bem e certamente melhor do que a maioria. Outros, como Itália, Espanha, Estados Unidos ou Reino Unido, pareceram ter desempenho inferior em diferentes aspectos, seja em termos de preparação, gestão de crise, comunicação pública, número de casos confirmados e mortes e várias outras métricas. Vizinho

países que compartilham muitas semelhanças estruturais, como França e Alemanha, tiveram um número equivalente aproximado de casos confirmados, mas um número notavelmente diferente de mortes por COVID-

19. Além das diferenças na infraestrutura de saúde, o que é responsável por essas aparentes anomalias? Atualmente (junho de 2020), ainda nos deparamos com múltiplas “incógnitas” sobre as razões pelas quais COVID-19 atingiu e se espalhou com particular virulência em alguns países e regiões, e não em outros. No entanto, e em conjunto, os países que se saem melhor compartilham os seguintes atributos amplos e comuns:

. Eles estavam “preparados” para o que estava por vir (logística e organizacionalmente).
. Eles tomaram decisões rápidas e decisivas.
. Eles têm um sistema de saúde inclusivo e econômico.
. São sociedades de alta confiança nas quais os cidadãos confiam tanto na liderança quanto nas informações que fornecem.
. Eles parecem estar sob pressão para exibir um verdadeiro senso de solidariedade, favorecendo o bem comum em detrimento das aspirações e necessidades individuais.

Com exceção parcial do primeiro e do segundo atributos que são mais técnicos (embora o tecnicismo tenha elementos culturais embutidos), todos os outros podem ser categorizados como características sociais "favoráveis", provando que os valores fundamentais de inclusão, solidariedade e confiança são fortes elementos determinantes e contribuintes importantes para o sucesso na contenção de uma epidemia.
É claro que é muito cedo para descrever com algum grau de precisão a forma que a restauração da sociedade assumirá em diferentes países, mas alguns de seus amplos contornos globais já podem ser delineados. Em primeiro lugar, a era pós-pandemia inaugurará um período de redistribuição maciça de riqueza, dos ricos aos pobres e do capital ao trabalho. Em segundo lugar, é provável que COVID-19 soe a sentença de morte do neoliberalismo, um corpus de ideias e políticas que podem ser definidas vagamente como favorecendo a competição em vez da solidariedade, a destruição criativa em relação à intervenção governamental e o crescimento econômico em detrimento do bem-estar social. Por vários anos, a doutrina neoliberal está em declínio, com muitos comentaristas, líderes empresariais e
os formuladores de políticas denunciavam cada vez mais seu “fetichismo de mercado”, mas a COVID-19 deu o golpe de misericórdia. Não é por acaso que os dois países que nos últimos anos abraçaram com mais fervor as políticas do neoliberalismo - os EUA e o Reino Unido - estão entre os que mais sofreram com vítimas durante a pandemia. Essas duas forças concomitantes - redistribuição massiva por um lado e abandono das políticas neoliberais por outro - exercerão um impacto definidor na organização de nossas sociedades,

desde como as desigualdades podem estimular a agitação social até o papel cada vez maior dos governos e a redefinição dos contratos sociais.

1.3.1. Inequidades Sociais

Um clichê seriamente enganoso sobre o coronavírus reside na metáfora do COVID-19 como um "grande nivelador". [56] A realidade é exatamente o oposto. COVID-19 exacerbou as condições pré-existentes de desigualdade, onde e quando ela aparecer. Como tal, não é um "nivelador", nem do ponto de vista médico, nem económico, nem social ou psicológico. A pandemia é, na realidade, um "grande desequilibrador" [57] que agravou as disparidades de renda, riqueza e oportunidade. Foi revelado para todos ver não apenas o grande número de pessoas no mundo que são econômica e socialmente vulneráveis, mas também a profundidade e o grau de sua fragilidade - um fenômeno ainda mais prevalente em países com baixa ou inexistente segurança social redes ou laços familiares e sociais fracos. Essa situação, é claro, é anterior à pandemia, mas, como observamos para outras questões globais, o vírus atuou como um amplificador, nos forçando a reconhecer e reconhecer a gravidade dos problemas relativos à desigualdade, antes deixados de lado por muitos por muito tempo.

O primeiro efeito da pandemia foi ampliar o desafio macro das desigualdades sociais, colocando um holofote nas chocantes disparidades no grau de risco a que as diferentes classes sociais estão expostas. Em grande parte do mundo, uma narrativa aproximada, embora reveladora, surgiu durante os bloqueios. Descreveu uma dicotomia: as classes alta e média podiam teletrabalhar e auto-escolarizar seus filhos em suas casas (primário ou, quando possível, residências secundárias, mais remotas consideradas mais seguras), enquanto os membros da classe trabalhadora (para aqueles com emprego) não estavam em casa e não supervisionavam a educação de seus filhos, mas trabalhavam na linha de frente para ajudar a salvar vidas (direta ou não) e a economia - limpando hospitais, cuidando dos caixas, transportando itens essenciais e garantindo nossa segurança. No caso de uma economia de serviços altamente desenvolvida como os EUA, cerca de um terço do total de empregos pode ser executado em casa, ou remotamente, com discrepâncias consideráveis que estão altamente correlacionadas com os ganhos por setores. Mais de 75% dos trabalhadores americanos de finanças e seguros podem fazer seu trabalho remotamente, enquanto apenas 3% dos trabalhadores com salários muito menores na indústria de alimentos podem fazê-lo. [58] No meio da

pandemia (meados de abril), a maioria dos novos casos de infecção e a contagem de mortes tornaram mais claro do que nunca que o COVID-19 estava longe de ser o “grande nivelador” ou “equalizador” a que tantas pessoas se referiam no início da pandemia. Em vez disso, o que rapidamente emergiu foi que não havia nada justo ou imparcial sobre como o vírus realizava seu trabalho mortal.

Nos EUA, o COVID-19 tem cobrado um preço desproporcional aos afro-americanos, pessoas de baixa renda e populações vulneráveis, como os sem-teto. No estado de Michigan, onde menos de 15% da população é negra, os residentes negros representaram cerca de 40% das mortes por complicações do COVID-19. O fato de a COVID-19 ter afetado as comunidades negras de forma tão desproporcional é um mero reflexo das desigualdades existentes. Na América, como em muitos outros países, os afro-americanos são mais pobres, têm maior probabilidade de estar desempregados ou subempregados e são vítimas de moradias e condições de vida precárias. Como resultado, eles sofrem mais com problemas de saúde pré-existentes, como obesidade, doenças cardíacas ou diabetes, que tornam o COVID-19 particularmente mortal.

O segundo efeito da pandemia e do estado de bloqueio que se seguiu foi expor a profunda desconexão entre a natureza essencial e o valor inato de um trabalho realizado e a recompensa econômica que ele exige. Dito de outra forma: nós valorizamos menos economicamente os indivíduos que a sociedade mais precisa. A verdade preocupante é que os heróis da crise imediata do COVID-19, aqueles que (sob risco pessoal) cuidaram dos doentes e mantiveram a economia funcionando, estão entre os profissionais mais mal pagos - as enfermeiras, os faxineiros, os entregadores, os trabalhadores em fábricas de alimentos, lares e armazéns, entre outros. Muitas vezes, é sua contribuição para o bem-estar econômico e social que é menos reconhecida. O fenômeno é global, mas particularmente forte nos países anglo-saxões, onde a pobreza está associada à precariedade. Os cidadãos deste grupo não são apenas os mais mal pagos, mas também os que mais correm o risco de perder o emprego. No Reino Unido, por exemplo, uma grande maioria (quase 60%) dos prestadores de cuidados que trabalham na comunidade opera com "contratos de hora zero", o que significa que eles não têm horas regulares garantidas e, como resultado, nenhuma certeza de renda. Da mesma forma, os trabalhadores em fábricas de alimentos frequentemente têm contratos de trabalho temporários com menos direitos do que o normal e sem segurança. Quanto aos motoristas de entrega, na maioria das vezes

categorizados como autônomos, eles são pagos por “gota” e não recebem auxílio-doença ou férias - uma realidade retratada de forma pungente no trabalho mais recente de Ken Loach, “Desculpe, Perdemos Você”, um filme isso ilustra a extensão dramática em que esses trabalhadores estão sempre a apenas um acidente da ruína física, emocional ou econômica, com efeitos em cascata agravados pelo estresse e ansiedade.

Na era pós-pandemia, as desigualdades sociais aumentarão ou diminuirão? Muitas evidências anedóticas sugerem, pelo menos no curto prazo, que as desigualdades provavelmente aumentarão. Conforme descrito anteriormente, as pessoas com baixa ou nenhuma renda estão sofrendo desproporcionalmente com a pandemia: são mais suscetíveis a condições crônicas de saúde e deficiência imunológica e, portanto, têm maior probabilidade de contrair COVID-19 e sofrer de infecções graves. Isso continuará nos meses seguintes ao surto. Tal como aconteceu com episódios de pandemia anteriores, como a peste, nem todos se beneficiarão igualmente de tratamentos médicos e vacinas. Particularmente nos Estados Unidos, como Angus Deaton, o laureado com o Nobel que foi coautor de Deaths of Despair and the Future of Capitalism com Anne Case, observou: “fabricantes de remédios e hospitais serão mais poderosos e ricos do que nunca”, [59] para a desvantagem dos segmentos mais pobres da população. Além disso, as políticas monetárias ultra acomodatícias adotadas em todo o mundo aumentarão as desigualdades de riqueza, alimentando os preços dos ativos, principalmente nos mercados financeiros e imobiliários.

No entanto, indo além do futuro imediato, a tendência pode se reverter e provocar o oposto - menos desigualdade. Como isso pode acontecer? Pode ser que um número suficiente de pessoas estejam suficientemente indignado com a flagrante injustiça do tratamento preferencial desfrutado exclusivamente pelos ricos a ponto de provocar uma ampla reação social. Nos Estados Unidos, uma maioria ou uma minoria muito vocal pode exigir o controle nacional ou comunitário sobre a saúde, enquanto, na Europa, o subfinanciamento do sistema de saúde não será mais politicamente aceitável. Também pode ser que a pandemia eventualmente nos obrigue a repensar as ocupações que realmente valorizamos e nos force a redesenhar a forma como as remuneramos coletivamente. No futuro, a sociedade aceitará que um gestor de fundos de hedge famoso, especializado em vendas a descoberto (cuja contribuição para o bem-estar econômico e social é duvidosa, na melhor das hipóteses) possa receber uma renda e os milhões por ano, enquanto uma enfermeira (cuja contribuição para o bem-

estar social é incontestável) ganha uma fração infinitesimal dessa quantia? Em um cenário tão otimista, à medida que reconhecemos cada vez mais que muitos trabalhadores em empregos mal pagos e precários desempenham um papel essencial no nosso bem-estar coletivo, as políticas se ajustariam para melhorar suas condições de trabalho e remuneração. Haveria melhores salários, mesmo que fossem acompanhados por lucros reduzidos para as empresas ou preços mais altos; haverá forte pressão social e política para substituir contratos inseguros e lacunas de exploração por posições permanentes e melhor treinamento. As desigualdades poderiam, portanto, diminuir, mas, se a história servir de guia, é improvável que esse cenário otimista prevaleça sem primeira turbulência social massiva.

1.3.2. Inquietação social

Um dos perigos mais profundos que a era pós-pandemia enfrenta é a agitação social. Em alguns casos extremos, pode levar à desintegração social e ao colapso político. Inúmeros estudos, artigos e avisos têm

destacando esse risco particular, com base na observação óbvia de que quando as pessoas não têm emprego, renda e perspectiva de uma vida melhor, muitas vezes recorrem à violência. A seguinte citação captura a essência do problema. Isso se aplica aos EUA, mas suas conclusões são válidas para a maioria dos países ao redor do mundo:

Aqueles que ficam sem esperança, sem emprego e sem bens podem facilmente se voltar contra aqueles que estão em melhor situação. Já, cerca de 30% dos americanos têm riqueza zero ou negativa. Se mais pessoas emergirem da crise atual sem dinheiro, nem empregos, nem acesso a cuidados de saúde, e se essas pessoas ficarem desesperadas e com raiva, cenas como a recente fuga de prisioneiros na Itália ou os saques que se seguiram ao furacão Katrina em Nova Orleans em 2005 pode se tornar comum. Se os governos tiverem de recorrer ao uso de forças paramilitares ou militares para reprimir, por exemplo, motins ou ataques à propriedade, as sociedades podem começar a se desintegrar. [60]

Muito antes de a pandemia engolfar o mundo, a agitação social estava aumentando globalmente, então o risco não é novo, mas foi ampliado pelo COVID-19.

Existem diferentes maneiras de definir o que constitui agitação social, mas, sobre nos últimos dois anos, mais de 100 protesto antigovernamentais significativos ocorreram em todo o mundo, [61] em países ricos e pobres, desde os distúrbios dos coletes amarelos na França a manifestações contra homens fortes em países como Bolívia, Irã e Sudão. A maioria (do último) foi suprimida por repressões brutais e muitos entraram em hibernação (como a economia global) quando os governos forçaram suas populações a confinar para conter a pandemia. Mas depois que a proibição de se reunir em grupos e sair às ruas for suspensa, é difícil imaginar que as velhas queixas e a inquietação social temporariamente suprimida não iriam explodir novamente, possivelmente com força renovada. Na era pós-pandemia, o número de desempregados, preocupados, miseráveis, ressentidos, doentes e famintos terá aumentado dramaticamente. Tragédias pessoais vão se acumular, fomentando raiva, ressentimento e exasperação em diferentes grupos sociais, incluindo os desempregados, os pobres, os migrantes, os prisioneiros, os sem-teto, todos os que ficaram de fora ... Como toda essa pressão não poderia terminar em erupção? Os fenômenos sociais frequentemente exibem as mesmas características das pandemias e, conforme observado nas páginas anteriores, os pontos de inflexão se aplicam igualmente a ambos. Quando a pobreza, a sensação de privação e impotência chegam a um certo ponto de inflexão, a ação social disruptiva muitas vezes se torna a opção de último recurso.

Nos primeiros dias da crise, indivíduos proeminentes ecoaram essas preocupações e alertaram o mundo para o risco crescente de agitação social. Jacob Wallenberg, o industrial sueco, é um deles. Em março de 2020, ele escreveu: “Se a crise continuar por muito tempo, o desemprego pode atingir 20-30 por cento, enquanto as economias podem contrair em 20-30 por cento ... Não haverá recuperação.

Haverá agitação social. Haverá violência. Haverá consequências socioeconômicas: desemprego dramático. Os cidadãos sofrerão dramaticamente: alguns morrerão, outros se sentirão horríveis”. [62] Estamos agora além do limite do que Wallenberg considerava "preocupante", com o desemprego excedendo 20% a 30% em muitos países ao redor do mundo e com a maioria das economias tendo contraído no segundo trimestre de 2020 além de um nível anteriormente considerado de preocupação. Como isso vai se desenrolar e onde a agitação social é mais provável de ocorrer e em que grau?

No momento em que escrevia este livro, COVID-19 já havia

desencadeado uma onda global de agitação social. Tudo começou nos EUA com os protestos Black Lives Matter após a morte de George Floyd no final de maio de 2020, mas rapidamente se espalhou pelo mundo. COVID-19 foi um elemento determinante: a morte de George Floyd foi a faísca que acendeu o fogo da agitação social, mas as condições subjacentes criadas pela pandemia, em particular as desigualdades raciais que ela revelou e o nível crescente de desemprego, foram o combustível que ampliou os protestos e os manteve indo. Quão? Nos últimos seis anos, quase 100 afro-americanos morreram sob custódia policial, mas foi preciso o assassinato de George Floyd para desencadear um levante nacional. Portanto, não é por acaso que essa explosão de raiva ocorreu durante a pandemia que afetou desproporcionalmente a comunidade afro-americana dos Estados Unidos (como apontado anteriormente). No final de junho de 2020, a taxa de mortalidade infligida pelo COVID-19 em americanos negros era 2,4 vezes maior do que em americanos brancos. Simultaneamente, o emprego entre os negros americanos estava sendo dizimado pela crise da coroa. Isso não deveria ser uma surpresa: a divisão econômica e social entre afro-americanos e brancos americanos é tão profunda que, de acordo com quase todas as métricas, os trabalhadores negros estão em desvantagem em comparação aos trabalhadores brancos. [63] Em maio de 2020, o desemprego entre os afro-americanos ficou em 16,8% (contra um nível nacional de 13,3%), um nível muito alto que alimenta um fenômeno descrito pelos sociólogos como "disponibilidade biográfica": [64] a ausência de emprego em tempo integral tende a aumentar a nível de participação nos movimentos sociais.

Não sabemos como o movimento Black Lives Matter irá evoluir e, se persistir, que forma assumirá. No entanto, as indicações mostram que está se tornando algo mais amplo do que questões específicas de raça. Os protestos contra o racismo sistêmico levaram a apelos mais gerais sobre justiça econômica e inclusão. Essa é uma transição lógica para as questões de desigualdade abordadas no subcapítulo anterior, que também ilustra como os riscos interagem entre si e se amplificam.

É importante enfatizar que nenhuma situação é imutável e que não existem gatilhos “mecânicos” para a agitação social - continua a ser uma expressão de uma dinâmica humana coletiva e estado de espírito que depende de uma infinidade de fatores. Fiel às noções de interconexão e complexidade, explosões de agitação social são eventos não lineares por excelência que podem ser desencadeados por uma ampla variedade de fatores políticos, econômicos, sociais, tecnológicos e ambientais. Eles

variam de coisas tão diferentes como choques econômicos, dificuldades causadas por eventos climáticos extremos, tensões raciais, escassez de alimentos e até mesmo sentimento de injustiça. Todos estes, e mais, quase sempre interagem entre si e criam efeitos em cascata. Portanto, situações específicas de turbulência não podem ser previstas, mas podem, no entanto, ser antecipadas. Quais países são mais suscetíveis? À primeira vista, os países mais pobres sem redes de segurança e os países ricos com redes de segurança social fracas correm o maior risco porque não têm ou têm menos medidas de política, como seguro-desemprego, para amortecer o choque da perda de renda. Por esta razão, sociedades fortemente individualistas como os EUA podem correr mais risco do que países europeus ou asiáticos que têm um maior senso de solidariedade (como no sul da Europa) ou um melhor sistema social de assistência

os menos privilegiados (como no norte da Europa). Às vezes, os dois vêm juntos. Países como a Itália, por exemplo, possuem uma forte rede de segurança social e um forte senso de solidariedade (especialmente em termos intergeracionais). Na mesma linha, o confucionismo prevalente em tantos países asiáticos coloca um senso de dever e solidariedade geracional antes dos direitos individuais; também valoriza medidas e regras que beneficiam a comunidade como um todo. Tudo isso não significa, é claro, que os países europeus ou asiáticos estejam imunes à agitação social. Longe disso! Como o movimento dos coletes amarelos demonstrou no caso da França, formas violentas e contínuas de agitação social podem explodir mesmo em países dotados de uma robusta rede de segurança social, mas onde as expectativas sociais são deixadas em falta.

A agitação social afeta negativamente o bem-estar econômico e social, mas é essencial enfatizar que não somos impotentes diante de uma potencial agitação social, pela simples razão de que os governos e em menor medida as empresas e outras organizações podem se preparar para mitigar o risco adotando as políticas certas. A maior causa subjacente da agitação social é a desigualdade. As ferramentas de política para combater níveis inaceitáveis de desigualdade existem e muitas vezes estão nas mãos dos governos.

1.3.3. O retorno do Governo ‘’grande’’

Nas palavras de John Micklethwait e Adrian Wooldridge: “A pandemia COVID-19 tornou o governo novamente importante. Não apenas poderosa novamente (veja aquelas empresas outrora poderosas

implorando por ajuda), mas também vital novamente: é extremamente importante se seu país tem boa saúde serviço, burocratas competentes e finanças sólidas. Bom governo é a diferença entre viver e morrer ”. [65]

Uma das grandes lições dos últimos cinco séculos na Europa e na América é esta: as crises agudas contribuem para aumentar o poder do Estado. Sempre foi assim e não há razão para que seja diferente com a pandemia de COVID-19. Os historiadores apontam para o fato de que os crescentes recursos fiscais dos países capitalistas a partir do século XVIII sempre estiveram intimamente associados à necessidade de travar guerras, principalmente aquelas ocorridas em países distantes e que exigiam capacidades marítimas. Tal foi o caso da Guerra dos Sete Anos de 1756-1763, descrita como a primeira

guerra verdadeiramente global que envolveu todas as grandes potências da Europa na época. Desde então, as respostas às grandes crises sempre consolidaram ainda mais o poder do Estado, a começar pela tributação: “um atributo inerente e essencial à soberania pertencente como uma questão de direito de todo governo independente”. [66] Alguns exemplos que ilustram o ponto sugerem fortemente que desta vez, como no passado, a tributação aumentará. Como no passado, o raciocínio social e a justificativa política subjacentes aos aumentos serão baseados na narrativa de “países em guerra” (só que desta vez contra um inimigo invisível).

A taxa máxima de imposto de renda da França era zero em 1914; um ano após o fim da Primeira Guerra Mundial, era 50%. O Canadá introduziu o imposto de renda em 1917 como uma medida "temporária" para financiar a guerra e, em seguida, expandiu-o dramaticamente durante a Segunda Guerra Mundial com uma sobretaxa fixa de 20% sobre todo o imposto de renda devido por pessoas que não sejam empresas e a introdução de impostos marginais elevados taxas (69%). As taxas caíram depois da guerra, mas permaneceram substancialmente mais altas do que antes. Da mesma forma, durante a Segunda Guerra Mundial, o imposto de renda na América passou de um “imposto de classe” para um “imposto de massa”, com o número de pagadores aumentando de 7 milhões em 1940 para 42 milhões em 1945.

Os anos fiscais mais progressivos na história dos Estados Unidos foram 1944 e 1945, com uma taxa de 94% aplicada a qualquer renda acima de $ 200.000 (o equivalente em 2009 de $ 2,4 milhões). Essas taxas máximas, muitas vezes denunciadas como confiscatórias por aqueles que tiveram de

pagá-las, não cairiam abaixo de 80% por mais 20 anos. No final da Segunda Guerra Mundial, muitos outros países adotaram medidas tributárias semelhantes e muitas vezes extremas. No Reino Unido, durante a guerra, a maior taxa de imposto de renda subiu para extraordinariamente impressionantes 99,25%! [67]

Às vezes, o poder soberano do Estado de tributar se traduzia em ganhos sociais tangíveis em diferentes domínios, como a criação de um sistema de bem-estar. No entanto, essas transições massivas para algo inteiramente "novo" foram sempre definido em termos de uma resposta a um choque externo violento ou a ameaça de um por vir. A Segunda Guerra Mundial, por exemplo, levou à introdução de sistemas de bem-estar do Estado do berço ao túmulo na maior parte da Europa. O mesmo aconteceu com a Guerra Fria: os governos dos países capitalistas estavam tão preocupados com uma rebelião comunista interna que implantaram um modelo liderado pelo Estado para evitá-la. Esse sistema, no qual os burocratas estaduais administravam grandes parcelas da economia, que iam do transporte à energia, manteve-se em vigor até a década de 1970.

Hoje a situação é fundamentalmente diferente; nas décadas seguintes (no mundo ocidental), o papel do Estado diminuiu consideravelmente. Esta é uma situação que está prestes a mudar porque é difícil imaginar como um choque exógeno de tal magnitude como o infligido pelo COVID-19 poderia ser tratado com soluções puramente baseadas no mercado. Já e quase da noite para o dia, o coronavírus conseguiu alterar as percepções sobre o equilíbrio complexo e delicado entre os domínios privado e público em favor do último. Ele revelou que o seguro social é eficiente e que descarregar uma quantidade cada vez maior de responsabilidades (como saúde e educação) para os indivíduos e os mercados pode não ser do interesse da sociedade. Em uma reviravolta surpreendente e repentina, a ideia, que teria sido um anátema apenas alguns anos atrás, de que os governos podem promover o bem público, enquanto economias em crise sem supervisão podem causar estragos no bem-estar social pode agora se tornar a norma. No mostrador que mede o continuum entre o governo e os mercados, a agulha se move decisivamente para a esquerda.

Pela primeira vez, desde que Margaret Thatcher capturou o espírito de uma era ao declarar que “não existe sociedade”, os governos têm a vantagem. Tudo o que vier na era pós-pandemia nos levará a repensar o papel dos governos. Em vez de simplesmente consertar falhas de mercado quando elas surgirem, eles deveriam, conforme sugerido pela economista Mariana Mazzucato: “avançar no sentido

de moldar e criar ativamente mercados que proporcionem um crescimento sustentável e inclusivo. Devem também garantir que as parcerias com empresas que envolvam fundos governamentais sejam movidas pelo interesse público, não pelo lucro ”. [68]

Como esse papel expandido dos governos se manifestará? Um elemento significativo de um novo governo "maior" já está em vigor com o vasto controle governamental da economia aumentado e quase imediato. Conforme detalhado no Capítulo 1, a intervenção econômica pública ocorreu muito rapidamente e em uma escala sem precedentes. Em abril de 2020, assim que a pandemia começou a engolfar o mundo, governos em todo o mundo anunciaram programas de estímulo no valor de vários trilhões de dólares, como se oito ou nove Planos Marshall tivessem sido colocados em prática quase simultaneamente para apoiar as necessidades básicas dos mais pobres pessoas, preservem empregos sempre que possível e ajudem as empresas a sobreviver. Os bancos centrais decidiram cortar taxas e se comprometeram a fornecer toda a liquidez necessária, enquanto os governos começaram a expandir os benefícios de bem-estar social, fazer transferências diretas de dinheiro, cobrir salários e suspender pagamentos de empréstimos e hipotecas, entre outras respostas. Apenas os governos tinham o poder, a capacidade e a abrangência para tomar tais decisões, sem as quais a calamidade econômica e um colapso social completo teriam prevalecido. Olhando para o futuro, os governos provavelmente, mas com diferentes graus de intensidade, decidirão que é do interesse da sociedade reescrever algumas das regras do jogo e aumentar permanentemente seu papel. Como aconteceu na década de 1930 nos Estados Unidos, quando o desemprego maciço e a insegurança econômica foram progressivamente tratados por um papel maior do governo, hoje um curso de ação semelhante provavelmente caracterizará o futuro previsível. Revisamos em outros subcapítulos a forma que isso assumirá (como no próximo capítulo sobre o novo contrato social), mas vamos identificar brevemente alguns dos pontos mais importantes. O seguro-saúde e o seguro-desemprego terão de ser criados do zero ou reforçados onde já existe. As redes de segurança social também precisarão ser fortalecidas - nas sociedades anglo-saxãs que são mais “orientadas para o mercado”; benefícios estendidos de desemprego, licença médica e muitas outras medidas sociais terão de ser implementadas para amortecer o efeito do choque e, a partir de então, se tornarão a

norma. Em muitos países, o renovado envolvimento sindical facilitará esse processo. O valor para o acionista se tornará uma consideração secundária, trazendo à tona a primazia do capitalismo das partes interessadas. A financeirização do mundo que ganhou tanto impulso nos últimos anos provavelmente se reverterá. Os governos, especialmente nos países mais afetados por ela - os EUA e o Reino Unido - serão forçados a reconsiderar muitas características dessa obsessão com as finanças. Eles poderiam decidir sobre uma ampla gama de medidas, desde fazer recompra de ações ilegal, para impedir os bancos de incentivar a dívida do consumidor. O escrutínio público de empresas privadas aumentará, particularmente (mas não apenas) para todas as empresas que se beneficiaram de dinheiro público. Alguns países se nacionalizarão, enquanto outros preferirão assumir participações no capital ou conceder empréstimos. Em geral, haverá mais regulamentação cobrindo muitas questões diferentes, como segurança dos trabalhadores ou fornecimento doméstico de certos bens. As empresas também serão responsabilizadas por fraturas sociais e ambientais para as quais se espera que façam parte da solução. Como complemento, os governos encorajarão fortemente as parcerias público-privadas para que as empresas privadas se envolvam mais na mitigação dos riscos globais. Independentemente dos detalhes, o papel do estado aumentará e, ao fazê-lo, afetará materialmente a forma como os negócios são conduzidos. Em graus variados, os executivos de negócios em todos os setores e todos os países terão que se adaptar a uma maior intervenção governamental. Pesquisa e desenvolvimento de bens públicos globais, como soluções de saúde e mudança climática, serão ativamente buscados. A tributação aumentará, especialmente para os mais privilegiados, porque os governos precisarão fortalecer suas capacidades de resiliência e desejam investir mais pesadamente nelas. Conforme defendido por Joseph Stiglitz: A primeira prioridade é (...) fornecer mais financiamento para o setor público, especialmente para as partes dele que são projetadas para proteger contra os inúmeros riscos que uma sociedade complexa enfrenta e para financiar os avanços na ciência e na educação de alta qualidade , da qual depende a nossa prosperidade futura. São áreas em que trabalhos produtivos - pesquisadores, professores, aqueles que ajudam a administrar as instituições que os apoiam - podem ser criados rapidamente. Mesmo quando saímos desta crise, devemos estar cientes de que alguns outra crise certamente está à

espreita. Não podemos prever como será o próximo - exceto que terá uma aparência diferente do último.[69]

Em parte, alguma esta intrusão de governos, cuja forma pode ser benigna ou maligna dependendo do país e da cultura em que está ocorrendo, se manifestará com maior vigor do que na redefinição do contrato social.

1.3.4. O Contrato Social

É quase inevitável que a pandemia leve muitas sociedades ao redor do mundo a reconsiderar e redefinir os termos de seu contrato social. Já aludimos ao fato de o COVID-19 ter atuado como um amplificador de condições pré-existentes, trazendo à tona questões de longa data que resultavam de profundas fragilidades estruturais que nunca haviam sido devidamente tratadas. Essa dissonância e um questionamento emergente do status quo estão encontrando expressão em um apelo cada vez maior para revisar os contratos sociais por ao qual estamos todos mais ou menos limitados.

Definido de forma ampla, o “contrato social” refere-se ao conjunto (frequentemente implícito) de arranjos e expectativas que governam as relações entre indivíduos e instituições. Simplificando, é a “cola” que une as sociedades; sem ele, o tecido social se desfaz. Durante décadas, ele evoluiu lenta e quase imperceptivelmente em uma direção que obrigou os indivíduos a assumirem maior responsabilidade por suas vidas individuais e resultados econômicos, levando grande parte da população (mais evidentemente nas camadas de baixa renda) a concluir que o contrato social estava, na melhor das hipóteses, sendo corroído, senão em alguns casos totalmente destruído. A aparente ilusão de inflação baixa ou nenhuma inflação é um exemplo prático e ilustrativo de como essa erosão se desenvolve em termos da vida real. Por muitos anos, em todo o mundo, a taxa de inflação caiu para muitos bens e serviços, com exceção das três coisas que mais importam para a grande maioria de nós: habitação, saúde e educação. Para os três, os preços aumentaram acentuadamente, absorvendo uma proporção cada vez maior da renda disponível e, em alguns países, até obrigando as famílias a se endividarem para receber tratamento médico.

Da mesma forma, na era pré-pandemia, as oportunidades de trabalho haviam se expandido em muitos países, mas o aumento nas taxas de

emprego frequentemente coincidia com a estagnação da renda e a polarização do trabalho. Essa situação acabou corroendo o bem-estar econômico e social de uma grande maioria das pessoas cuja receita não era mais suficiente para garantir um estilo de vida modestamente decente (inclusive entre a classe média do mundo rico). Hoje, as razões fundamentais que sustentam a perda de fé em nossos contratos sociais se aglutinam em torno de questões de desigualdade, a ineficácia da maioria das políticas de redistribuição, um sentimento de exclusão e marginalização e um sentimento geral de injustiça. É por isso que muitos cidadãos começaram a denunciar uma quebra do contrato social, expressando cada vez mais vigorosamente uma perda geral de confiança nas instituições e líderes. [70] Em alguns países, esta exasperação generalizada assumiu a forma de manifestações pacíficas ou violentas; em outros, levou a vitórias eleitorais para partidos populistas e extremistas. Qualquer que seja a forma que assuma, em quase todos os casos, a resposta do estabelecimento foi deixada em falta - mal preparado para a rebelião e sem ideias e alavancas políticas para resolver o problema. Embora sejam complexas, as soluções de políticas existem e amplamente consiste em adaptar o estado de bem-estar ao mundo de hoje, capacitando as pessoas e respondendo às demandas de um contrato social mais justo. Nos últimos anos, várias organizações internacionais e grupos de reflexão se adaptaram a essa nova realidade e traçaram propostas de como fazer isso acontecer. [71] A pandemia marcará um ponto de inflexão ao acelerar esta transição. Ele cristalizou a questão e tornou impossível o retorno ao status quo pré-pandêmico.

Que forma pode assumir o novo contrato social? Não há modelos prontos para usar porque cada solução potencial depende da história e da cultura do país ao qual se aplica. Inevitavelmente e compreensivelmente, um “bom” contrato social para a China será diferente de um para os EUA, que por sua vez não se parecerá com o da Suécia ou da Nigéria. No entanto, todos eles poderiam compartilhar algumas características e princípios comuns, cuja necessidade absoluta se tornou cada vez mais óbvia pelas consequências sociais e econômicas da crise pandêmica. Dois em particular se destacam:

1. Uma provisão mais ampla, senão universal, de assistência social, seguro social, saúde e serviços básicos de qualidade

2. Um movimento em direção a uma proteção aprimorada para os trabalhadores e aqueles atualmente mais vulneráveis (como aqueles empregados e alimentando a economia de gig, na qual funcionários em tempo integral são substituídos por contratados independentes e

freelancers).

Costuma-se dizer que a resposta de uma nação a um desastre fala muito sobre seus pontos fortes e disfunções e, acima de tudo, sobre a "qualidade" e robustez de seu contrato social. À medida que nos afastamos progressivamente dos momentos mais agudos da crise e começamos um exame completo do que deu certo e do que não deu, devemos esperar um grande exame de consciência que acabará por levar a uma redefinição dos termos de nossa vida social contrato. Em países que foram percebidos como fornecendo uma resposta abaixo da média à pandemia, muitos cidadãos começarão a fazer perguntas críticas como: Por que é que, em meio à pandemia, meu país muitas vezes não tinha máscaras, respiradores e ventiladores? Por que não foi devidamente preparado? Tem a ver com a obsessão com o curto prazo? Por que somos tão ricos em termos de PIB e tão ineficazes na prestação de bons cuidados de saúde a todos aqueles que deles precisam? Como pode ser uma pessoa que passou mais de 10 anos em treinamento para se tornar um médico e cujos "resultados" de final de ano são medidos

em vidas recebe uma compensação ínfima em comparação com a de um comerciante ou administrador de um fundo de hedge?

A crise do COVID-19 revelou o estado inadequado da maioria dos sistemas de saúde nacionais, tanto em termos de custos de vida de pacientes como de enfermeiras e médicos. Em países ricos, onde os serviços de saúde financiados por impostos sofreram por muito tempo com a falta de recursos (o Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido sendo o exemplo mais extremo) devido a preocupações políticas sobre o aumento dos impostos,

os apelos por mais gastos (e, portanto, impostos mais altos) ficarão mais altos, com uma compreensão crescente de que a “gestão eficiente” não pode compensar o subinvestimento.

O COVID-19 também revelou lacunas enormes na maioria dos sistemas de previdência. À primeira vista, as nações que reagiram da maneira mais inclusiva são aquelas com um elaborado sistema de bem-estar, principalmente os países escandinavos.

Para dar um exemplo, já em março de 2020, a Noruega garantiu 80% da renda média dos trabalhadores autônomos (com base nas declarações de impostos dos três anos anteriores), enquanto a Dinamarca garantiu 75%. No outro extremo do espectro, as economias mais orientadas para o mercado recuperaram-se e mostraram-se indecisas em como proteger os segmentos mais vulneráveis do mercado de trabalho, em particular os trabalhadores de gig, os empreiteiros independentes e os trabalhadores

temporários e de plantão. emprego consiste em atividades geradoras de renda que estão fora da relação empregador-empregado tradicional.

Um tema importante que pode ter um impacto decisivo no novo contrato social são as licenças médicas. Os economistas tendem a concordar que a ausência de licença médica remunerada torna mais difícil conter a propagação de uma epidemia, pelo simples motivo de que se os funcionários não tiverem acesso a ela, eles podem ser tentados ou forçados a trabalhar enquanto estão infectados e assim espalhar a doença. Isso é particularmente verdadeiro para trabalhadores de baixa renda e de serviços (os dois costumam andar de mãos dadas). Quando a pandemia da gripe suína (H1N1) ocorreu em 2009-2010, a American Public Health Association estimou que cerca de 7 milhões de pessoas foram infectadas e mais 1.500 morreram porque os funcionários contagiosos não tinham dinheiro para não trabalhar. Entre as economias ricas, apenas os Estados Unidos têm um sistema que deixa a critério dos empregadores a decisão de conceder licença médica remunerada. Em 2019, quase um quarto de todos os trabalhadores dos EUA (cerca de 40 milhões, em grande parte concentrados em cargos de baixa remuneração) não se beneficiou dele. Em março de 2020, quando a pandemia começou a se alastrar nos EUA, o presidente Trump sancionou uma nova legislação que exigia temporariamente que os empregadores concedessem duas semanas de licença médica mais licença familiar com pagamento parcial, mas apenas para trabalhadores com problemas de creche. Resta saber como isso se refletirá na redefinição do contrato social nos Estados Unidos. Em contraste, quase todos os países europeus exigem que os empregadores forneçam licença por doença remunerada por períodos variáveis, durante os quais os trabalhadores também estão protegidos contra demissão. Novas leis que foram promulgadas no início da pandemia também significavam que o estado

compensar parte ou todo o salário das pessoas confinadas em casa, incluindo aqueles que trabalham na economia de gig e freelancers. No Japão, todos os trabalhadores têm direito a até 20 dias de licença remunerada todos os anos, enquanto, na China, têm direito a auxílio-doença que varia de 60% a 100% do salário diário durante qualquer período de doença com o tempo de licença médica acordado ou definido contratualmente entre trabalhadores e empregadores. À medida que avançamos, devemos esperar que essas questões se intrometam cada vez mais na redefinição de nosso contrato social.

Outro aspecto crítico para os contratos sociais nas democracias ocidentais diz respeito às liberdades e liberdade. Atualmente, existe uma preocupação

crescente de que a luta contra esta pandemia e as futuras levem à criação de sociedades de vigilância permanente. Essa questão é explorada com mais detalhes no capítulo sobre a reconfiguração tecnológica, mas basta dizer que uma emergência estadual só pode ser justificada quando a ameaça é pública, universal e existencial. Além disso, os teóricos políticos freqüentemente enfatizam que poderes extraordinários requerem autorização do povo e devem ser limitados no tempo e na proporção. Pode-se concordar com a primeira parte da afirmação (ameaça pública, universal e existencial), mas e a última? Espere que seja um componente proeminente de futuras discussões sobre como deve ser o nosso contrato social.

Redefinir coletivamente os termos de nossos contratos sociais é uma tarefa histórica que liga os desafios substanciais do momento presente às esperanças do futuro. Como nos lembrou Henry Kissinger: “O desafio histórico para os líderes é administrar a crise enquanto constrói o futuro. O fracasso pode colocar o mundo em chamas ”. [72] Enquanto refletimos sobre os contornos que pensamos que um futuro contrato social pode seguir, ignoramos por nossa conta e risco a opinião da geração mais jovem, que será convidada a viver com ele. A adesão deles é decisiva e, assim, para compreender melhor o que desejam, não devemos deixar de ouvir. Isso se torna ainda mais significativo pelo fato de que a geração mais jovem provavelmente será mais radical do que a mais velha na reformulação de nosso contrato social. A pandemia mudou suas vidas, e uma geração inteira em todo o mundo será definida pela insegurança econômica e muitas vezes social, com milhões devendo entrar na força de trabalho em meio a uma recessão profunda. Eles carregarão essas cicatrizes para sempre. Além disso, começando em

um déficit - muitos alunos têm dívidas educacionais - provavelmente terá efeitos de longo prazo. Já os millennials (pelo menos no mundo ocidental) estão em situação pior do que seus pais em termos de rendimentos, ativos e riqueza. Eles

são menos propensos a possuir uma casa ou ter filhos do que seus pais. Agora, outra geração (Gen Z) está entrando em um sistema que ela vê como falhando e que será assolado por problemas de longa data revelados e exacerbados pela pandemia. Como um jovem universitário, citado no The New York Times, disse: “Os jovens têm um desejo profundo de uma mudança radical porque vemos o caminho quebrado à frente”. [73]

Como essa geração vai responder? Ao propor soluções radicais (e muitas vezes ações radicais) na tentativa de evitar que o próximo desastre atinja

- Sejam mudanças climáticas ou desigualdades sociais. Provavelmente exigirá uma alternativa radical ao curso atual porque seus membros estão frustrados e obstinados por uma crença persistente de que o sistema atual está fraturado além do reparo.

O ativismo juvenil está aumentando em todo o mundo, [74] sendo revolucionado pela mídia social que aumenta a mobilização a uma extensão que teria sido impossível antes. [75] Ele assume muitas formas diferentes, variando de participação política não institucionalizada a manifestações e protestos, e aborda questões tão diversas como mudança climática, reformas econômicas, igualdade de gênero e direitos LGBTQ. A geração jovem está firmemente na vanguarda de mudança social. Não há dúvida de que será o catalisador para a mudança e uma fonte de impulso crítico para o Grande Reset.

1.3.5 Reset Geopolitíco

A conectividade entre geopolítica e pandemias flui nos dois sentidos. Por um lado, o fim caótico do multilateralismo, um vácuo de governança global e o surgimento de várias formas de nacionalismo [76] tornam mais difícil lidar com o surto. O coronavírus está se espalhando globalmente e não poupando ninguém, enquanto, simultaneamente, as falhas geopolíticas que dividem as sociedades estimulam muitos líderes a se concentrarem nas respostas nacionais - uma situação que restringe a eficácia coletiva e reduz a capacidade de erradicar a pandemia. Por outro lado, a pandemia está claramente exacerbando e acelerando as tendências geopolíticas que já eram aparentes antes do início da crise. O que eram e qual é o estado atual das questões geopolíticas?

O falecido economista Jean-Pierre Lehmann (que lecionou no IMD em Lausanne) resumiu a situação de hoje com grande perspicácia quando disse: "Não há uma nova ordem global, apenas uma transição caótica para a incerteza". Mais recentemente, Kevin Rudd, presidente do Asia Society Policy Institute e ex-primeiro-ministro australiano, expressou sentimentos semelhantes, preocupando-se especificamente com a "futura anarquia pós-COVID-19": "Várias formas de nacionalismo galopante estão tomando o lugar da ordem e da cooperação. A natureza caótica das respostas nacionais e globais à pandemia, portanto, é um alerta do que pode vir em uma escala ainda mais ampla. " [77] Foram anos em construção com múltiplas causas

que se cruzam, mas o elemento determinante da instabilidade geopolítica é o reequilíbrio progressivo do Ocidente para o Oriente - uma transição que cria tensões e que, no processo, também gera desordem global. Isso é capturado no a chamada armadilha de Tucídides - o estresse estrutural que ocorre inevitavelmente quando uma potência em ascensão como a China rivaliza com uma potência dominante como os EUA. Este confronto será uma fonte de confusão global, desordem e incerteza nos próximos anos.
Independentemente de se “gostar” ou não dos EUA, seu progressivo desligamento (o equivalente a uma “redução geopolítica”, como diz o historiador Niall Ferguson) do cenário internacional tende a aumentar a volatilidade internacional. Cada vez mais, os países que tendiam a depender de bens públicos globais fornecidos pela "hegemon" dos EUA (para rotas marítimas segurança, a luta contra o terrorismo internacional, etc.) agora terá que cuidarbseus próprios quintais. O século 21 provavelmente será uma era desprovida de hegemonia absoluta durante a qual nenhum poder ganha domínio absoluto - como resultado, poder e influência serão redistribuídos caoticamente e em alguns casos a contragosto.
Neste novo mundo confuso definido por uma mudança em direção à multipolaridade e intensa competição por influência, os conflitos ou tensões não serão mais movidos pela ideologia (com a exceção parcial e limitada do Islã radical), mas estimulados pelo nacionalismo e pela competição por recursos. Se ninguém o poder pode impor a ordem, nosso mundo sofrerá com um “déficit de ordem global”. A menos que nações individuais e organizações internacionais tenham sucesso em encontrar soluções para melhor colaborar em nível global, corremos o risco de entrar em uma “era da entropia ”, em que retração, fragmentação, raiva e paroquialismo definirão cada vez mais nossa paisagem global, tornando-a menos inteligível e mais desordenada. A crise pandêmica expôs e exacerbou esse triste estado de coisas. A magnitude e a consequência do choque que ele infligiu são tais que nenhum cenário extremo pode agora ser retirado da mesa.
A implosão de alguns estados ou petroestados falidos, o possível desmoronamento da UE, um colapso entre a China e os EUA que leva à guerra: tudo isso e muitos mais agora se tornaram cenários plausíveis (embora esperançosamente improváveis).
Nas páginas a seguir, revisamos quatro questões principais que se tornarão mais prevalentes na era pós-pandemia e que se confundem: a erosão da globalização, a ausência de governança global, a rivalidade crescente entre os EUA e a China e o destino de Estados frágeis e em decadência.

1.4.1. Globalização e Nacionalismo

Globalização - uma palavra para todos os fins - é uma noção ampla e vaga que se refere ao intercâmbio global entre as nações de bens, serviços, pessoas, capital e agora até dados. Ele conseguiu tirar centenas de milhões de pessoas da pobreza, mas, já há vários anos, foi questionado e até começou a diminuir. Conforme destacado anteriormente, o mundo de hoje está mais interconectado do que nunca, mas, por mais de uma década, o ímpeto econômico e político que defendeu e apoiou o aumento da globalização está diminuindo. As negociações comerciais globais que começaram no início de 2000 não conseguiram entregar um acordo, enquanto durante o mesmo período a reação política e social contra a globalização ganhou força implacável. À medida que os custos sociais provocados pelos efeitos assimétricos da globalização aumentaram (particularmente em termos de desemprego industrial em países de alta renda), os riscos da globalização financeira tornaram-se cada vez mais aparentes após a Grande Crise Financeira que começou em 2008. Assim combinados, desencadeou o surgimento de partidos populistas e de direita em todo o mundo (mais notadamente no Ocidente), que, quando chegam ao poder, frequentemente recuam para o nacionalismo e promovem uma agenda isolacionista - duas noções antitéticas à globalização.

A economia global está tão intimamente interligada que é impossível acabar com a globalização. No entanto, é possível desacelerar e até mesmo colocá-lo em marcha ré. Prevemos que a pandemia fará exatamente isso. Já reergueu fronteiras com força total, reforçando tendências extremas que já estavam em plena luz antes de estourar com força total em março de 2020 (quando se tornou uma pandemia verdadeiramente global, sem poupar nenhum país), como controles de fronteira mais rígidos (principalmente por causa do medo da imigração) e maior protecionismo (principalmente por causa do medo da globalização). Controles de fronteira mais rígidos com a finalidade de controlar a progressão da pandemia fazem sentido eminente, mas o risco de o renascimento do estado-nação leva progressivamente a um nacionalismo muito maior que é real, uma realidade que o quadro do “trilema da globalização” oferecido por Dani Rodrik capturou. No início dos anos 2010, quando a globalização estava se tornando uma questão política e social delicada, o economista de Harvard explicou por que seria a vítima inevitável se o nacionalismo aumentasse. O trilema sugere que as três noções de globalização econômica, democracia política e os estados-nação são mutuamente irreconciliáveis, com base na lógica de

que apenas dois podem coexistir efetivamente a qualquer momento. [78] A democracia e a soberania nacional só são compatíveis se a globalização for contida. Em contraste, se o Estado-nação e a globalização florescerem, a democracia se tornará insustentável. E então, se a democracia e a globalização se expandirem, não haverá lugar para o Estado-nação. Portanto, só se pode escolher dois dos três - esta é a essência do trilema. A União Europeia tem sido frequentemente usada como um exemplo para ilustrar a pertinência da estrutura conceitual oferecida pelo trilema. Combinar a integração econômica (um proxy para a globalização) com a democracia implica que as decisões importantes devem ser tomadas em um nível supranacional, que de alguma forma enfraquece a soberania do estado-nação. No ambiente atual, o que o quadro do “trilema político” sugere é que a globalização deve necessariamente ser contida se não quisermos abrir mão de alguma soberania nacional ou de alguma democracia. Portanto, a ascensão do nacionalismo torna o recuo da globalização inevitável na maior parte do mundo - um impulso particularmente notável no Ocidente. O voto no Brexit e a eleição do presidente Trump em uma plataforma protecionista são dois marcadores importantes da reação ocidental contra a globalização. Estudos subsequentes não apenas validam o trilema de Rodrik, mas também mostram que a rejeição da globalização pelos eleitores é uma resposta racional quando a economia é forte e a desigualdade é alta. [79]

A forma mais visível de desglobalização progressiva ocorrerá no coração de seu “reator nuclear”: a cadeia de abastecimento global que se tornou emblemática da globalização. Como e por que isso vai acontecer? O encurtamento ou realocação das cadeias de abastecimento será incentivado por: 1) empresas que veem isso como uma medida de mitigação de risco contra a interrupção da cadeia de abastecimento (a compensação entre resiliência e eficiência); e 2) pressão política tanto da direita quanto da esquerda. Desde 2008, o impulso para uma maior localização tem estado firmemente na agenda política em muitos países (especialmente no Ocidente), mas agora será acelerado na era pós-pandemia. À direita, a resistência contra a globalização é impulsionada por protecionistas e falcões da segurança nacional que já estavam ganhando força antes do início da pandemia. Agora, eles criarão alianças e às vezes se fundirão com outras forças políticas que verão os benefícios de abraçar uma agenda antiglobalização. À esquerda, ativistas e partidos verdes que já estigmatizam as viagens aéreas e pedem uma reversão contra a globalização serão encorajados pelo efeito positivo que a pandemia teve em nosso meio ambiente (muito menos emissões de carbono, muito menos

poluição do ar e da água). Mesmo sem a pressão da extrema direita e dos ativistas verdes, muitos governos perceberão que algumas situações de dependência comercial não são mais politicamente aceitáveis. Como pode o governo dos Estados Unidos, por exemplo, aceitar que 97% dos antibióticos fornecidos no país venham da China? [80]

Este processo de reversão da globalização não acontecerá da noite para o dia; encurtar as cadeias de abastecimento será muito desafiador e muito caro. Por exemplo, uma dissociação completa e abrangente da China seria exigem das empresas que realizam tal movimento um investimento de centenas de bilhões de dólares em fábricas recém-localizadas, e dos governos quantias equivalentes para financiar novas infraestruturas, como aeroportos, ligações de transporte e habitação, para servir as cadeias de abastecimento realocadas. Não obstante, o desejo político de dissociação pode, em alguns casos, ser mais forte do que a capacidade real de fazer isso, a direção da tendência é, no entanto, clara. O governo japonês deixou isso óbvio quando reservou 243 bilhões de seu pacote de resgate de 108 trilhões de ienes para ajudar as empresas japonesas a retirarem suas operações da China. Em várias ocasiões, o governo dos EUA sugeriu medidas semelhantes.

O resultado mais provável ao longo da globalização - nenhum continuum de globalização está em uma solução intermediária: a regionalização. O sucesso da União Europeia como área de livre comércio ou a nova Parceria Econômica Regional Abrangente na Ásia (uma proposta de acordo de livre comércio entre os 10 países que compõem a ASEAN) são casos ilustrativos importantes de como a regionalização pode muito bem se tornar uma nova versão diluída da globalização. Mesmo os três estados que compõem a América do Norte agora comercializam mais entre si do que com a China ou a Europa. Como Parag Khanna aponta: “O regionalismo estava claramente superando o globalismo antes que a pandemia expusesse as vulnerabilidades de nossa interdependência de longa distância”. [81] Por anos, com exceção parcial do comércio direto entre os EUA e a China, a globalização (medida pela troca de mercadorias) já estava se tornando mais intra-regional do que inter-regional. No início da década de 1990, a América do Norte absorveu 35% das exportações do Leste Asiático, enquanto hoje essa proporção caiu para 20%, principalmente porque a participação do Leste Asiático nas exportações cresce a cada ano - uma situação natural à medida que os países asiáticos sobem na cadeia de valor, consumindo mais do que eles produzem. Em 2019, quando os EUA e a China desencadearam uma guerra comercial, o

comércio dos EUA com o Canadá e o México aumentou e caiu com a China. Ao mesmo tempo, o comércio da China com a ASEAN aumentou pela primeira vez para mais de US $ 300 bilhões. Em suma, a desglobalização na forma de maior regionalização já estava acontecendo.

A COVID-19 apenas acelerará essa divergência global à medida que a América do Norte, Europa e Ásia se concentram cada vez mais na autossuficiência regional, em vez de nas distantes e intrincadas cadeias de suprimentos globais que antes resumiam a essência da globalização. Que forma isso pode assumir? Pode parecer a sequência de eventos que encerrou um período anterior de globalização, mas com um toque regional. A antiglobalização foi forte na corrida até 1914 e até 1918, depois menos durante a década de 1920, mas reacendeu na década de 1930 como resultado da Grande Depressão, provocando um aumento nas barreiras tarifárias e não tarifárias que destruiu muitos negócios e infligiu muita dor às maiores economias da época. O mesmo pode acontecer novamente, com um forte impulso para resgatar que vai além da saúde e da agricultura para incluir grandes categorias de produtos não estratégicos. Tanto a extrema direita quanto a extrema esquerda aproveitarão a crise para promover uma agenda protecionista com maiores barreiras ao livre fluxo de bens de capital e pessoas. Várias pesquisas realizadas nos primeiros meses de 2020 revelaram que as empresas internacionais temem um retorno e agravamento do protecionismo nos Estados Unidos, não apenas no comércio, mas também nas fusões e aquisições internacionais e nas compras governamentais. [82] O que acontece nos Estados Unidos inevitavelmente ricocheteia em outros lugares, com outras economias avançadas impondo mais barreiras ao comércio e ao investimento, desafiando os apelos de especialistas e organizações internacionais para se absterem do protecionismo.

Esse cenário sombrio não é inevitável, mas, nos próximos anos, devemos esperar que as tensões entre as forças do nacionalismo e da abertura se manifestem em três dimensões críticas: 1) instituições globais; 2) comércio; e 3) fluxos de capital. Recentemente, instituições globais e organizações internacionais foram enfraquecidas, como a Organização Mundial do Comércio ou a OMS, ou não estão à altura da tarefa, esta última devido mais a ser "subfinanciada e super governada" [83] do que à inadequação inerente.

O comércio global, como vimos no capítulo anterior, quase certamente irá se contrair à medida que as empresas encurtam sua cadeia de suprimentos e garantem que não dependam mais de um único país ou negócio no exterior

para peças e componentes essenciais. No caso de setores particularmente sensíveis (como produtos farmacêuticos ou materiais de saúde) e setores considerados de interesse para a segurança nacional (como telecomunicações ou geração de energia), pode até haver um processo contínuo de desintegração. Isso já está se tornando uma exigência nos Estados Unidos e seria surpreendente se essa atitude não se espalhasse para outros países e outros setores. A geopolítica também está infringindo alguns problemas econômicos por meio da chamada armamentização do comércio, gerando medo entre as empresas globais de que não possam mais assumir um resolução ordenada e previsível de conflitos comerciais por meio do Estado de Direito internacional.

Quanto aos fluxos internacionais de capital, já parece evidente que as autoridades nacionais e o desafio público os restringirão. Conforme já demonstrado por tantos países e regiões tão diferentes como Austrália, Índia ou a UE, as considerações protecionistas se tornarão cada vez mais presentes na era pós-pandemia. As medidas vão desde a compra de participações por governos nacionais em empresas “estratégicas” para evitar aquisições estrangeiras ou a imposição de diversas restrições a essas aquisições, até o investimento estrangeiro direto (IED) sujeito à aprovação do governo. É revelador que, em abril de 2020, o governo dos Estados Unidos tenha decidido bloquear um fundo de pensão de administração pública de investir na China.

Nos próximos anos, parece inevitável que ocorra alguma desglobalização, estimulada pelo surgimento do nacionalismo e por uma maior fragmentação internacional. Não adianta tentar restaurar o status quo ex ante (a “hiper-globalização” perdeu todo o seu capital político e social, e defendê-la não é mais politicamente sustentável), mas é importante limitar o lado negativo de um possível queda que precipitaria grandes danos econômicos e sofrimento social. Um recuo apressado da globalização implicaria em guerras comerciais e cambiais, danificando a economia de todos os países, provocando destruição social e desencadeando o nacionalismo étnico ou de clã. O estabelecimento de uma forma de globalização muito mais inclusiva e equitativa que a torne sustentável, tanto social quanto ambientalmente, é a única forma viável de gerenciar o recuo. Isso requer soluções de políticas abordadas no capítulo final e alguma forma de governança global eficaz. O progresso é de fato possível nas áreas globais que tradicionalmente se beneficiam da cooperação internacional, como acordos ambientais, saúde pública e paraísos fiscais.

Isso só acontecerá por meio de uma governança global aprimorada - o fator atenuante mais “natural” e eficaz contra as tendências protecionistas.

No entanto, ainda não sabemos como sua estrutura irá evoluir no futuro

previsível. No momento, os sinais são sinistros de que não está indo na direção certa. Não há tempo a perder. Se não melhorarmos o funcionamento e a legitimidade de nossas instituições globais, o mundo logo tornam-se incontroláveis e muito perigosos. Não pode haver uma recuperação duradoura sem uma estrutura estratégica global de governança.

1.4.2 Governança Global

A governança global é comumente definida como o processo de cooperação entre atores transnacionais com o objetivo de fornecer respostas aos problemas globais (aqueles que afetam mais de um estado ou região). Abrange a totalidade de instituições, políticas, normas, procedimentos e iniciativas por meio das quais os Estados-nação tentam trazer mais previsibilidade e estabilidade às suas respostas aos desafios transnacionais. Essa definição deixa claro que qualquer esforço global em qualquer questão ou preocupação global será inútil sem a cooperação dos governos nacionais e sua capacidade de agir e legislar para apoiar seus objetivos. Os Estados-nação tornam a governança global possível (um lidera o outro), razão pela qual a ONU diz que “global eficaz a governança só pode ser alcançada com cooperação internacional efetiva”. [84] As duas noções de governança global e cooperação internacional estão tão interligadas que é quase impossível para a governança global florescer em um mundo dividido que está se retraindo e se fragmentando. Quanto mais nacionalismo e isolacionismo permeiam a política global, maior é a chance de que a governança global perca sua relevância e se torne ineficaz. Infelizmente, estamos agora neste momento crítico. Para ser franco, vivemos em um mundo no qual ninguém está realmente no comando.

COVID-19 nos lembrou que os maiores problemas que enfrentamos são de natureza global. Sejam pandemias, mudanças climáticas, terrorismo ou comércio internacional, todos são problemas globais que só podemos abordar, e cujos riscos só podem ser mitigados, de forma coletiva. Mas o mundo se tornou, nas palavras de Ian Bremmer, um mundo G0, ou pior, um mundo G-menos-2 (os EUA e a China), de acordo com o economista indiano Arvind Subramanian [85] (para dar conta da ausência da liderança dos dois gigantes em oposição ao G7, o grupo das sete nações mais ricas -

ou G20 - o G7 mais 13 outros países e organizações importantes, que deveriam liderar). Cada vez mais, os grandes problemas que nos afligem acontecem além do controle até mesmo dos estados-nação mais poderosos; os riscos e problemas a serem enfrentados estão cada vez mais globalizados, interdependentes e interconectados, enquanto as capacidades de governança global para fazer isso estão falhando perigosamente, ameaçada pelo ressurgimento do nacionalismo. Essa desconexão significa não apenas que as questões globais mais críticas estão sendo tratadas de uma maneira altamente fragmentada e, portanto, inadequada, mas também que estão realmente sendo exacerbadas por essa falha em lidar com elas de maneira adequada. Assim, longe de se manterem constantes (em termos do risco que representam), aumentam e acabam por aumentar a fragilidade sistémica. Isso é mostrado na figura 1; existem fortes interconexões entre o fracasso da governança global, o fracasso da ação climática, o fracasso do governo nacional (com o qual tem um efeito de auto-reforço), a instabilidade social e, claro, a capacidade de lidar com pandemias com sucesso. Em suma, a governança global está no nexo de todas essas outras questões. Portanto, a preocupação é que, sem governança global adequada, ficaremos paralisados em nossas tentativas de abordar e responder aos desafios globais, especialmente quando há uma grande dissonância entre os imperativos domésticos de curto prazo e os desafios globais de longo prazo. Essa é uma grande preocupação, considerando que hoje não existe um "comitê para salvar o mundo" (a expressão era usada há mais de 20 anos, no auge da crise financeira asiática). Prosseguindo com o argumento, pode-se até afirmar que a "decadência institucional geral" que Fukuyama descreve em Political Order and Political Decay [86] amplifica o problema de um mundo desprovido de governança global. Ele desencadeia um ciclo vicioso no qual os Estados-nação lidam mal com os principais desafios que os afligem, o que então alimenta a desconfiança do público em relação ao Estado, o que por sua vez leva ao Estado a ficar sem autoridade e recursos, levando a até mesmo desempenho inferior e a incapacidade ou falta de vontade de lidar com questões de governança global.

COVID-19 conta exatamente essa história de governança global fracassada. Desde o início, um vácuo na governança global, exacerbado pelas relações tensas entre os EUA e a China, minou os esforços internacionais para responder à pandemia. No início da crise, internacional a cooperação era inexistente ou limitada e, mesmo durante o período em que era mais necessária (no auge da crise: durante o segundo trimestre de 2020), manteve-se notável pela sua ausência. Em vez de desencadear um conjunto de medidas coordenadas globalmente, COVID-19 levou ao oposto: um fluxo de

fechamentos de fronteira, restrições em viagens e comércio internacional introduzidas quase sem qualquer coordenação, a interrupção frequente da distribuição de suprimentos médicos e a consequente competição por recursos, particularmente visível em várias tentativas de vários estados-nação de adquirir equipamentos médicos extremamente necessários por todos os meios possíveis. Mesmo na UE, os países optaram inicialmente por agir sozinhos, mas esse curso de ação mudou posteriormente, com assistência prática entre os países membros, um orçamento da UE emendado em apoio aos sistemas de saúde e fundos de pesquisa combinados para desenvolver tratamentos e vacinas. (E agora houve ambiciosos medidas, que teriam parecido inimagináveis na era pré-pandemia, suscetíveis de empurrar a UE para uma maior integração, em particular um € 750 bilhões de fundos de recuperação apresentados pela Comissão Europeia.) Em uma estrutura de governança global funcional, as nações deveriam ter se unido para lutar uma "guerra" global e coordenada contra a pandemia.

Em vez disso, a resposta "meu país primeiro" prevaleceu e prejudicou gravemente as tentativas de conter a expansão da primeira onda da pandemia. Também impôs restrições à disponibilidade de equipamento de proteção e tratamento, o que, por sua vez, prejudicou a resiliência dos sistemas nacionais de saúde.

Além disso, essa abordagem fragmentada acabou prejudicando as tentativas de coordenar as políticas de saída destinadas a "reiniciar" o motor econômico global. No caso da pandemia, em contraste com outras crises globais recentes como 11 de setembro ou a crise financeira de 2008, o sistema de governança global falhou, provando ser inexistente ou disfuncional. Os Estados Unidos retiraram o financiamento da OMS, mas, independentemente do fundamento lógico desta decisão, o fato é que é a única organização capaz de coordenar uma resposta global à pandemia, o que significa que uma OMS, embora longe de ser perfeita, é infinitamente preferível a um inexistente, um argumento que Bill Gates apresentou de forma convincente e sucinta em um tweet: "O trabalho deles está retardando a disseminação do COVID-19 e se esse trabalho for interrompido, nenhuma outra organização poderá substituí-los. O mundo precisa de @WHO agora mais do que nunca. "

Essa falha não é culpa da OMS. A agência da ONU é apenas o sintoma, não a causa, do fracasso da governança global. A postura deferente da OMS para com os países doadores reflete sua total dependência de estados que concordem em cooperar com ela. A organização da ONU não tem poder para obrigar o compartilhamento de informações ou impor a preparação para uma pandemia. Como outras agências semelhantes da ONU, por exemplo

sobre direitos humanos ou mudança climática, a OMS está sobrecarregada com recursos limitados e minguantes: em 2018, tinha um orçamento anual de $ 4,2 bilhões, minúsculo em comparação com qualquer orçamento de saúde ao redor o mundo. Além disso, está à mercê perpétua dos Estados membros e efetivamente não tem ferramentas à sua disposição para monitorar diretamente os surtos, coordenar o planejamento da pandemia ou garantir a implementação eficaz da preparação no nível do país, muito menos alocar recursos aos países mais necessitados.
Essa disfuncionalidade é sintomática de um sistema de governança global falido, e o júri está decidido se as configurações de governança global existentes, como a ONU e a OMS, podem ser reaproveitadas para lidar com os riscos globais de hoje. Por enquanto, o resultado final é o seguinte: em face de tamanho vácuo na governança global, apenas os Estados-nação são coesos o suficiente para serem capazes de tomar decisões coletivas, mas este modelo não funciona no caso de riscos mundiais que exigem decisões globais combinadas.
O mundo será um lugar muito perigoso se não consertarmos as instituições multilaterais. A coordenação global será ainda mais necessária após a crise epidemiológica, pois é inconcebível que a economia global possa "reiniciar" sem uma cooperação internacional sustentada. Sem ele, caminharemos para "um mundo mais pobre, mais mesquinho e menor".

1.4.1. A crescente rivalidade entre China e EUA

Na era pós-pandemia, COVID-19 pode ser lembrado como o ponto de virada que marcou o início de um "novo tipo de guerra fria" [88] entre a China e os EUA (as duas palavras "novo tipo" importam consideravelmente: ao contrário do soviético União, a China não pretende impor sua ideologia ao redor do mundo). Antes da pandemia, as tensões entre as duas potências dominantes já eram construindo em muitos domínios diferentes (comércio, direitos de propriedade, bases militares no Mar da China Meridional e tecnologia e investimento em indústrias estratégicas em particular), mas após 40 anos de engajamento estratégico, os EUA e a China agora parecem incapazes de superar o lado ideológico e divisões políticas que separe-os. Longe de unir os dois gigantes geopolíticos, a pandemia fez exatamente o oposto ao exacerbar sua rivalidade e intensificar a competição entre eles.

A maioria dos analistas concordaria que, durante a crise do COVID-19, a fratura política e ideológica entre os dois gigantes cresceu. De acordo com Wang Jisi, um renomado acadêmico chinês e decano da Escola de Estudos

Internacionais da Universidade de Pequim, as consequências da pandemia empurraram as relações China-EUA estão em seu pior nível desde 1979, quando os laços formais foram estabelecidos. Para ele, a dissociação econômica e tecnológica bilateral é "já irreversível", [89] e pode ir tão longe quanto o "sistema global se partindo em duas partes", alerta Wang Huiyao, presidente do Centro para a China e Globalização de Pequim. [90] Até mesmo figuras públicas expressaram publicamente sua preocupação. Em um artigo publicado em junho de 2020, Lee Hsien Loong, primeiro-ministro de Cingapura, alertou contra os perigos do confronto entre os EUA e a China, que, em suas próprias palavras: "levanta questões profundas sobre o futuro da Ásia e a forma do emergente internacional ordem". Ele acrescentou que: "Os países do sudeste asiático, incluindo Cingapura, estão especialmente preocupados, pois vivem na interseção dos interesses de várias grandes potências e devem evitar ser pegos no meio ou forçados a escolhas invejosas". [91]

As opiniões, é claro, diferem radicalmente sobre qual país está "certo" ou vai sair "por cima" ao se beneficiar das fraquezas e fragilidades percebidas do outro. Mas é fundamental contextualizá-los. Não há uma visão "certa" e uma visão "errada", mas interpretações diferentes e muitas vezes divergentes que frequentemente se correlacionam com a origem, cultura e história pessoal daqueles que as professam. Prosseguindo com a metáfora do "mundo quântico" mencionada anteriormente, poderia ser inferido da física quântica que a realidade objetiva não existe. Achamos que a observação e a medição definem uma opinião "objetiva", mas o micromundo dos átomos e partículas (como o macro-mundo da geopolítica) é governado pelas estranhas regras da mecânica quântica em que dois observadores diferentes têm direito às suas próprias opiniões (isso é chamado de "superposição": "as partículas podem estar em vários lugares ou estados ao mesmo tempo"). [92] No mundo das relações internacionais, se dois observadores diferentes têm direito às suas próprias opiniões, isso os torna subjetivos, mas não menos reais e não menos válidos. Se um observador só consegue dar sentido à "realidade" por meio de diferentes lentes idiossincráticas, isso nos força a repensar nossa noção de objetividade. É evidente que a representação da realidade depende da posição do observador. Nesse sentido, uma visão "chinesa" e uma visão "EUA" podem coexistir, junto com várias outras visões ao longo desse continuum - todas elas reais! Em uma extensão considerável e por razões compreensíveis, a visão chinesa do mundo e seu lugar nele é influenciada

pela humilhação sofrida durante a primeira Guerra do Ópio em 1840 e a subsequente invasão em 1900, quando a Aliança das Oito Nações saqueadas Pequim e outras cidades chinesas antes de exigir compensação. [93] Por outro lado, a forma como os EUA vêem o mundo e seu lugar nele é amplamente baseado nos valores e princípios que moldaram a vida pública americana desde a fundação do país. [94] Isso determinou sua posição mundial preeminente e sua atratividade única para muitos imigrantes por 250 anos. A perspectiva dos Estados Unidos também está enraizada no domínio incomparável que desfrutou sobre o resto do mundo nas últimas décadas e nas dúvidas e inseguranças inevitáveis que vêm com uma perda relativa da supremacia absoluta. Por razões compreensíveis, tanto a China quanto os EUA têm uma história rica (a China remonta a 5.000 anos) da qual se orgulham, levando-os, como observou Kishore Mahbubani, a superestimar seus próprios pontos fortes e subestimar os pontos fortes do outro.

Vindicando o ponto acima, todos os analistas e meteorologistas especializados na China, nos EUA, ou em ambos, têm acesso a mais ou menos os mesmos dados e informações (agora uma mercadoria global), vêem, ouvem e leem mais ou menos as mesmas coisas, mas às vezes chegam a conclusões diametralmente opostas. Alguns veem os EUA como o vencedor final, outros argumentam que a China já venceu e um terceiro grupo afirma que não haverá vencedores. Vamos revisar brevemente cada um de seus argumentos por sua vez.

China como vencedora

O argumento daqueles que afirmam que a crise pandêmica beneficiou a China ao mesmo tempo que expôs as fraquezas dos EUA é triplo.

1. Tornou a força americana como a potência militar mais proeminente do mundo irrelevante em face de um inimigo invisível e microscópico.

2. Nas palavras do acadêmico americano que cunhou a expressão, prejudicou o soft power dos Estados Unidos pela “incompetência de sua resposta”. [95] (Uma advertência importante: a questão de saber se uma resposta pública ao COVID-19 foi "competente" ou "incompetente" deu origem a uma miríade de opiniões e provocou muitos desacordos. No entanto, continua difícil emitir um julgamento. nos EUA, por exemplo, a resposta política foi em grande parte responsabilidade dos estados e até

mesmo das cidades. Portanto, na verdade, não houve uma resposta política nacional dos EUA como tal. O que estamos discutindo aqui são opiniões subjetivas que moldaram as atitudes públicas.)

3. Expôs aspectos da sociedade americana que alguns podem achar chocantes, como as profundas desigualdades em face do surto, a falta de cobertura médica universal e a questão do racismo sistêmico levantada pelo movimento Black Lives Matter.

Tudo isso levou Kishore Mahbubani, um analista influente da rivalidade que opõe os EUA e a China, [96] a argumentar que o COVID-19 inverteu os papéis de ambos os países em termos de lidar com desastres e apoiar outros. Enquanto no passado os Estados Unidos sempre foram os primeiros a chegar com ajuda onde a assistência era necessária (como em 26 de dezembro de 2004, quando um grande tsunami atingiu a Indonésia), esse papel agora pertence à China, diz ele. Em março de 2020, a China enviou para a Itália 31 toneladas de equipamentos médicos (ventiladores, máscaras e roupas de proteção) que a UE não poderia fornecer. Em sua opinião, os 6 bilhões de pessoas que compõem “o resto do mundo” e vivem em 191 países já começaram a se preparar para a disputa geopolítica EUA-China. Mahbubani diz que são suas escolhas que determinarão quem ganhará a disputa de rivalidade e que estas serão baseadas no "cálculo frio da razão para elaborar análises de custo-benefício do que os EUA e a China têm a oferecer". [97] Os sentimentos podem não ter um papel importante porque todos esses países irão basear sua escolha em qual, os EUA ou a China, no final do dia irão melhorar as condições de vida de seus cidadãos, mas a grande maioria deles não quer ser pego em um jogo de soma zero geopolítico e preferir manter todas as opções em aberto (ou seja, não ser forçado a escolher entre os EUA e a China). No entanto, como o exemplo da Huawei mostrou, mesmo aliados tradicionais dos EUA, como França, Alemanha e Reino Unido, estão sendo pressionados pelos EUA a fazê-lo. As decisões que os países tomarem ao enfrentarem uma escolha tão dura determinarão, em última instância, quem sairá vencedor na rivalidade crescente entre os EUA e a China.

O EUA como vencendor

No campo da América como o vencedor final, os argumentos estão centrados nos pontos fortes inerentes dos EUA, bem como nas fraquezas estruturais percebidas da China. Os proponentes dos "EUA como vencedores" pensam que é prematuro pedir um fim abrupto da supremacia dos EUA na era pós-pandêmica e oferecem o seguinte argumento: o país pode estar em declínio em termos relativos, mas ainda é uma hegemonia formidável em absoluto termos e continua a possuir uma quantidade considerável de soft power; seu apelo como destino global pode estar diminuindo de alguma forma, mas ainda assim permanece forte, conforme demonstrado pelo sucesso das universidades americanas no exterior e pelo apelo de sua indústria cultural. Além disso, a dominação do dólar como moeda global usada no comércio e percebida como um porto seguro permanece amplamente incontestável no momento. Isso se traduz em um poder geopolítico considerável, permitindo que as autoridades dos EUA excluam empresas e até países (como o Irã ou Venezuela) do sistema dólar. Como vimos no capítulo anterior, isso pode mudar no futuro, mas, nos próximos anos, não há alternativa para o domínio mundial do dólar americano. Mais fundamentalmente, os proponentes da "irredutibilidade" dos EUA argumentarão com Ruchir Sharma que: "A supremacia econômica dos EUA provou repetidamente que os declinistas estavam errados". [98] Eles também concordarão com Winston Churchill, que certa vez observou que os Estados Unidos têm uma capacidade inata de aprender com seus erros quando observou que os Estados Unidos sempre fizeram a coisa certa quando todas as alternativas foram esgotadas.

Deixando de lado o argumento político altamente carregado (democracia versus autocracia), aqueles que acreditam que os EUA continuarão a ser um "vencedor" por muitos mais anos também enfatizam que a China enfrenta seus próprios ventos contrários em seu caminho para o status de superpotência global. Os mais citados são os seguintes: 1) sofre de uma desvantagem demográfica, com uma população em envelhecimento rápido e uma população em idade ativa que atingiu o pico em 2015; 2) sua influência na Ásia é restringida pelas disputas territoriais existentes com Brunei, Índia, Indonésia, Japão, Malásia, Filipinas e Vietnã; e 3) é altamente dependente de energia.

Sem vencedores

O que pensam aqueles que afirmam que "a pandemia é um mau presságio

para o poder americano e chinês - e para a ordem global”? [99] Eles argumentam que, como quase todos os outros países ao redor do mundo, a China e os Estados Unidos certamente sofrerão danos econômicos massivos que limitarão sua capacidade de estender seu alcance e influência. A China, cujo setor comercial representa mais de um terço do PIB total, terá dificuldade em iniciar uma recuperação econômica sustentada quando seus grandes parceiros comerciais (como os EUA) estiverem se retraindo drasticamente. Quanto aos EUA, seu superendividamento, mais cedo ou mais tarde, restringirá os gastos pós-recuperação, com o risco sempre presente de que a atual crise econômica se transforme em uma crise financeira sistêmica.

Referindo-se, no caso de ambos os países, ao golpe econômico e às dificuldades políticas internas, os que duvidam afirmam que ambos os países provavelmente sairão desta crise significativamente diminuídos. “Nem uma nova Pax Sinica nem uma Pax Americana renovada surgirão das ruínas. Em vez disso, ambos os poderes serão enfraquecidos, em casa e no exterior ”. Uma razão subjacente para o argumento do “não há vencedor” é uma ideia intrigante apresentada por vários acadêmicos, principalmente Niall Ferguson. Essencialmente, ele diz que a crise corona expôs o fracasso de superpotências como os EUA e a China, destacando o sucesso de pequenos estados. Nas palavras de Ferguson: “A verdadeira lição aqui não é que os EUA acabaram e a China será a potência dominante do século 21. Acho que a realidade é que todas as superpotências - os Estados Unidos, a República Popular da China e a União Europeia - foram expostas como altamente disfuncionais. ” [100] Ser grande, como argumentam os proponentes dessa ideia, acarreta deseconomias de escala: países ou impérios cresceram tanto a ponto de atingir um limiar além do qual não podem governar a si próprios com eficácia. Esta, por sua vez, é a razão pela qual pequenas economias como Cingapura, Islândia, Coreia do Sul e Israel parece ter se saído melhor do que os Estados Unidos para conter a pandemia e lidar com ela. Prever é um jogo de adivinhação para tolos. A verdade simples é que ninguém pode dizer com algum grau de razoável confiança ou certeza como a rivalidade entre os EUA e a China vai evoluir - além de dizer que vai crescer inevitavelmente. A pandemia exacerbou a rivalidade que opõe o poder atual e o emergente. Os EUA tropeçaram na crise pandêmica e sua influência diminuiu. Enquanto isso, a China pode estar tentando se beneficiar da crise, expandindo seu alcance no exterior. Sabemos muito pouco sobre o que o futuro reserva em termos de competição estratégica entre a China e os EUA. Ela oscilará entre dois extremos: uma deterioração contida e controlável temperada por interesses comerciais em uma extremidade do espectro, e hostilidade total e permanente na outra.

1.4.2. Estados Fragéis e Falidos

os limites entre a fragilidade do estado, um estado falido e um fracassado são fluidos e tênues. No mundo complexo e adaptativo de hoje, o princípio da não linearidade significa que de repente um estado frágil pode se transformar em um estado falido e que, inversamente, um estado falido pode ver sua situação melhorar com igual celeridade graças à intermediação de organizações internacionais ou mesmo uma infusão de capital estrangeiro. Nos próximos anos, à medida que a pandemia inflige adversidades em todo o mundo, é mais provável que a dinâmica siga apenas um caminho para os países mais pobres e frágeis do mundo: de mal a pior. Em suma, muitos estados que apresentam características de fragilidade correm o risco de falhar.

A fragilidade do Estado continua a ser um dos desafios globais mais críticos, particularmente prevalecente em África. Suas causas são múltiplas e interligadas; eles variam de disparidade econômica, questões sociais, corrupção política e ineficiências, até conflitos externos ou internos e desastres naturais. Hoje, estima-se que cerca de 1,8 a 2 bilhões de pessoas viviam em estados frágeis, um número que certamente aumentará na era pós-pandêmica porque os países frágeis são particularmente vulneráveis a um surto de COVID-19. [101] A própria essência de sua fragilidade - fraca capacidade do Estado e a incapacidade associada de garantir as funções fundamentais dos serviços públicos básicos e segurança - torna-os menos capazes de lidar com o vírus. A situação é ainda pior em Estados falidos e falidos que quase sempre são vítimas de extrema pobreza e violência turbulenta e, como tal, mal podem ou não podem mais desempenhar funções públicas básicas como educação, segurança ou governança. Dentro de seu vácuo de poder, pessoas indefesas são vítimas de facções concorrentes e do crime, muitas vezes obrigando a ONU ou um estado vizinho (nem sempre bem intencionado) a intervir para evitar um desastre humanitário. Para muitos desses estados, a pandemia será o choque exógeno que os força a falhar e cair ainda mais. Por todas essas razões, é quase uma tautologia afirmar que os danos infligidos pela pandemia aos Estados frágeis e em decadência serão muito mais profundos e duradouros do que nas economias mais ricas e desenvolvidas. Isso vai devastar algumas das comunidades mais vulneráveis do mundo. Em muitos casos, o desastre econômico irá desencadear alguma forma de instabilidade política e surtos de violência,

porque os países mais pobres do mundo sofrerão de duas dificuldades: primeiro, o colapso no comércio e nas cadeias de abastecimento causado pela pandemia irá provocar devastação imediata como nenhuma remessa ou aumento da fome; e, em segundo lugar, mais adiante na linha, eles vão suportar uma perda prolongada e severa de emprego e renda. Esta é a razão pela qual o surto global tem tanto potencial para causar estragos nos países mais pobres do mundo. É aí que o declínio econômico terá um efeito ainda mais imediato nas sociedades. Em grandes áreas da África Subsaariana, em particular, mas também em partes da Ásia e da América Latina, milhões dependem de uma renda diária insuficiente para alimentar suas famílias. Qualquer bloqueio ou crise de saúde causada pelo coronavírus pode criar rapidamente desespero e desordem generalizados, potencialmente desencadeando uma agitação massiva com efeitos globais em cadeia. As implicações serão particularmente prejudiciais para todos os países apanhados no meio de um conflito. Para eles, a pandemia inevitavelmente interromperá a assistência humanitária e os fluxos de ajuda. Também limitará as operações de paz e adiará os esforços diplomáticos para pôr fim aos conflitos.

Choques geopolíticos têm a tendência de pegar os observadores de surpresa, com efeitos em cascata e em cadeia que criam consequências de segunda, terceira e mais ordens, mas atualmente onde estão os riscos mais aparentes?

Todos os países com commodities estão em risco (Noruega e alguns outros não se qualificam). No momento em que este artigo foi escrito, eles estão sendo atingidos de maneira particularmente forte pelo colapso dos preços da energia e das commodities que estão agravando os problemas colocados pela pandemia e todas as outras questões com as quais eles se confundem (desemprego, inflação, sistemas de saúde inadequados e, é claro , pobreza). Para economias dependentes de energia ricas e relativamente desenvolvidas, como a Federação Russa e a Arábia Saudita, o colapso dos preços do petróleo "apenas" representa um golpe econômico considerável, colocando orçamentos tensos e reservas em moeda estrangeira sob pressão, e apresentando situações agudas de médio e longo prazo riscos. Mas para países de baixa renda como o Sudão do Sul, onde o petróleo é responsável pela quase totalidade das exportações (99%), o golpe poderia ser simplesmente devastador. Isso é verdade para muitos outros países frágeis de commodities. O colapso total não é um cenário estranho para petroestados como Equador ou Venezuela, onde o vírus pode dominar os poucos hospitais em funcionamento dos países muito rapidamente.

Enquanto isso, no Irã, as sanções dos EUA estão agravando os problemas associados ao alto índice de infecção por COVID-19. Particularmente em risco agora estão muitos países do Oriente Médio e do Magrebe, onde a dor econômica era cada vez mais aparente antes da pandemia e com populações jovens e inquietas e desemprego galopante. O golpe triplo da COVID-19, o colapso dos preços do petróleo (para alguns) e o congelamento do turismo (uma fonte vital de empregos e receitas em moeda estrangeira) podem desencadear uma onda de grandes manifestações antigovernamentais que lembram a Primavera Árabe em 2011 Em um sinal sinistro, no final de abril de 2020 e em meio ao bloqueio, ocorreram tumultos por causa do desemprego e do aumento da pobreza no Líbano.

A pandemia trouxe de volta a questão da segurança alimentar com violência e, em muitos países, poderia acarretar uma catástrofe humanitária e de crise alimentar. Funcionários da Organização das Nações Unidas para alimentação e agricultura preveem que o número de pessoas que sofrem de insegurança alimentar aguda pode dobrar em 2020 para 265 milhões. A combinação de restrições de movimento e comércio causadas pela pandemia com aumento do desemprego e acesso limitado ou nenhum acesso aos alimentos pode desencadear uma agitação social em grande escala seguida por movimentos em massa de migração e refugiados. Em estados frágeis e em decadência, a pandemia exacerba a escassez de alimentos existente por meio de barreiras ao comércio e interrupção das cadeias globais de abastecimento de alimentos. Isso ocorre de forma tão considerável que em 21 de abril de 2020, David Beasley, Diretor Executivo do Programa Mundial de Alimentos da ONU, alertou o Conselho de Segurança da ONU que "fomes múltiplas de proporções bíblicas" haviam se tornado possível em cerca de três dezenas de países, mais notavelmente Iêmen, Congo, Afeganistão, Venezuela, Etiópia, Sudão do Sul, Síria, Sudão, Nigéria e Haiti.

Nos países mais pobres do mundo, os bloqueios e a recessão econômica que acontecem nos países de alta renda irão provocar grandes perdas de renda para os trabalhadores pobres e todos aqueles que dependem deles. A diminuição das remessas para o exterior, que representam uma proporção tão grande do PIB (mais de 30%) em alguns países como Nepal, Tonga ou Somália, é um exemplo disso. Isso vai infligir um choque devastador em suas economias com dramáticas implicações sociais. De acordo com o Banco Mundial, o impacto dos bloqueios e da subsequente "hibernação" econômica que aconteceu em tantos países ao redor do mundo causará um declínio de 20% nas remessas para países de baixa e média renda, de US $

554 bilhões no ano passado para $ 445 bilhões em 2020. [102] Em países maiores como Egito, Índia, Paquistão, Nigéria e Filipinas, para os quais as remessas são uma fonte crucial de recursos externos
financiamento, isso criará muitas dificuldades e tornará sua vida econômica, social e situação política ainda mais frágil, com possibilidade muito real de desestabilização. Depois, há o turismo, uma das indústrias mais afetadas pela pandemia, que é uma tábua de salvação econômica para muitas nações pobres. Em países como a Etiópia, onde as receitas do turismo representam quase a metade (47%) do total das exportações, a correspondente perda de renda e empregos infligirá consideráveis prejuízos econômicos e sociais. O mesmo vale para as Maldivas, Camboja e vários outros.
Então, existem todas as zonas de conflito onde muitos grupos armados estão pensando em como usar a desculpa da pandemia para fazer avançar sua agenda (como no Afeganistão, onde o Taleban pede que seus prisioneiros sejam libertado da prisão ou na Somália, onde o grupo al-Shabaab apresenta COVID-19 como uma tentativa de desestabilizá-los). O pedido de cessar-fogo global feito em 23 de março de 2020 pelo secretário-geral da ONU caiu em ouvidos surdos. Dos 43 países com pelo menos 50 eventos relatados de violência organizada em 2020, apenas 10 responderam positivamente (na maioria das vezes com declarações simples de apoio, mas sem compromisso com a ação). Entre os outros 31 países com conflitos em andamento, os atores não só não tomaram medidas para atender ao chamado, mas muitos realmente aumentaram o nível de violência organizada. [103] As primeiras esperanças de que as preocupações com a pandemia e a emergência de saúde que se seguiu poderiam conter conflitos de longa duração e catalisar negociações de paz evaporaram. Este é mais um exemplo de pandemia que não só falhou em deter uma tendência preocupante ou perigosa, mas na verdade a acelerou.
Os países mais ricos ignoram a tragédia que se desenrola em países frágeis e decadentes por sua conta e risco. De uma forma ou de outra, os riscos reverberarão em uma instabilidade maior ou mesmo no caos. Um dos efeitos colaterais mais óbvios para as partes mais ricas do mundo de miséria econômica, descontentamento e fome nos estados mais frágeis e pobres consistirá em uma nova onda de migração em massa em sua direção, como as que ocorreram na Europa em 2016

1.5. Reset Ambiental

À primeira vista, a pandemia e o meio ambiente podem parecer apenas

parentes distantes; mas eles estão muito mais próximos e interligados do que pensamos. Ambos têm e continuarão a interagir de maneiras distintas e imprevisíveis, variando do papel desempenhado pela biodiversidade diminuída no comportamento de doenças infecciosas até o efeito que COVID-19 pode ter sobre as mudanças climáticas, ilustrando assim o equilíbrio perigosamente sutil e interações complexas entre humanidade e natureza. Além disso, em termos de risco global, é com as mudanças climáticas e o colapso do ecossistema (os dois principais riscos ambientais) que a pandemia mais facilmente se compara. Os três representam, por natureza e em graus variados, ameaças existenciais à humanidade, e poderíamos argumentar que a COVID-19 já nos deu um vislumbre, ou antegozo, do que uma crise climática completa e o colapso do ecossistema podem acarretar de uma perspectiva: choques combinados de demanda e oferta e perturbação nas cadeias de comércio e de abastecimento com efeito cascata e arrastamento que amplificam os riscos (e, em alguns casos, as oportunidades) nas outras macrocategorias: geopolítica, questões sociais e tecnologia. Se as mudanças climáticas, o colapso do ecossistema e as pandemias parecem tão semelhantes aos riscos globais, como eles realmente se comparam? Eles possuem muitos atributos comuns, embora exibam fortes diferenças. Os cinco principais atributos compartilhados são: 1) são riscos sistêmicos conhecidos (ou seja, cisne branco) que se propagam muito rapidamente em nosso mundo interconectado e, ao fazer isso, amplificam outros riscos de diferentes categorias; 2) são não lineares, o que significa que, além de um certo limite, ou ponto de inflexão, podem exercer efeitos catastróficos (como "superespalhamento" em um determinado local e, em seguida, sobrecarregar as capacidades do sistema de saúde no caso de uma pandemia); 3) as probabilidades e a distribuição de seus impactos são muito difíceis, senão impossíveis, de medir - estão constantemente mudando e precisam ser reconsiderados sob premissas revisadas, o que, por sua vez, os torna extremamente difíceis de administrar de uma perspectiva política; 4) são de natureza global e, portanto, só podem ser tratadas de maneira adequada de forma coordenada globalmente; e 5) afetam desproporcionalmente os já mais vulneráveis países e segmentos da população. E quais são suas diferenças? Existem vários, a maioria dos quais são de natureza conceitual e metodológica (como uma pandemia sendo um risco de contágio, enquanto as mudanças climáticas e o colapso do ecossistema são riscos de acumulação), mas os dois que mais importam são: 1) a diferença de horizonte de tempo (tem uma influência crítica nas políticas e ações mitigadoras); e 2) o problema de causalidade (torna a aceitação pública das estratégias de mitigação mais difícil): As pandemias

são um risco quase instantâneo, cuja iminência e perigo são visíveis para todos. Um surto ameaça nossa sobrevivência como indivíduos ou espécie e, portanto, respondemos imediatamente e com determinação quando confrontados com o risco. Em contraste, as mudanças climáticas e a perda de natureza são graduais e cumulativas, com efeitos que são discerníveis principalmente a médio e longo prazo (e apesar de cada vez mais eventos de perda de natureza "excepcionais" relacionados ao clima, ainda existem números significativos que permanecem não convencidos de o imediatismo da crise climática). Esta diferença crucial entre os respectivos horizontes de tempo de uma pandemia e de mudança climática e perda da natureza significa que um risco de pandemia requer ação imediata que será seguida por um resultado rápido, enquanto a mudança climática e a perda da natureza também requerem ação imediata, mas o resultado (ou "recompensa futura", no jargão dos economistas) só virá com um certo lapso de tempo. Mark Carney, ex-Governador do Banco da Inglaterra que agora é o Enviado Especial da ONU para Ação Climática e Finanças, observou que este problema de assincronicidade do tempo gera uma "tragédia do horizonte": ao contrário dos riscos imediatos e observáveis, os riscos das mudanças climáticas podem parecer distantes (em termos de tempo e geografia), caso em que não serão respondidos com a gravidade que merecem e exigem. Por exemplo, o risco material que o aquecimento global e a subida das águas representam para um ativo físico (como um resort de férias na praia) ou uma empresa (como um grupo hoteleiro) não será necessariamente considerado como material pelos investidores e, portanto, não será avaliado em pelos mercados.

O problema da causalidade é fácil de entender, assim como as razões que tornam as respectivas políticas muito mais difíceis de implementar. No caso da pandemia, a ligação causal entre o vírus e a doença é óbvia: o SARS-CoV-2 causa o COVID-19. Além de um punhado de teóricos da conspiração, ninguém contestará isso. No caso dos riscos ambientais, é muito mais difícil atribuir causalidade direta a um evento específico. Frequentemente, os cientistas não conseguem apontar uma relação direta de causalidade entre as mudanças climáticas e um evento meteorológico específico (como uma seca ou a gravidade de um furacão). Da mesma forma, eles nem sempre concordam sobre como uma atividade humana específica afeta determinadas espécies em extinção. Isso torna incrivelmente mais difícil mitigar as mudanças climáticas e os riscos de perda da natureza. Enquanto para uma pandemia, a maioria dos cidadãos tenderá a concordar com a necessidade de impor medidas coercitivas, eles resistirão a políticas restritivas no caso de riscos ambientais onde as

evidências podem ser contestadas. Existe também uma razão mais fundamental: o combate a uma pandemia não requer uma mudança substancial do modelo socioeconômico subjacente e de nossos hábitos de consumo. O combate aos riscos ambientais sim.

1.5.1. Coronavírus e o Meio-Ambiente

1.5.1.1. Natureza e doenças zoonóticas

As doenças zoonóticas são aquelas que se propagam de animais para humanos. A maioria dos especialistas e conservacionistas concorda que eles aumentaram drasticamente nos últimos anos, particularmente por causa do desmatamento (um fenômeno também vinculado a um aumento nas emissões de dióxido de carbono), o que aumenta o risco de interação e contaminação entre humanos e animais. Por muitos anos, os pesquisadores pensaram que ambientes naturais como as florestas tropicais e sua rica vida selvagem representavam uma ameaça para os humanos porque é onde os patógenos e vírus que estão na origem de novas doenças em humanos, como dengue, Ebola e HIV, podem ser encontrados. Hoje, sabemos que isso está errado porque a causa vai para o outro lado. Como David Quammen, autor de Spillover: Animal Infections and the Next Human Pandemic, argumenta: “Nós invadimos florestas tropicais e outras paisagens selvagens, que abrigam tantas espécies de animais e plantas - e dentro dessas criaturas, tantos vírus desconhecidos. Cortamos as árvores; matamos os animais ou os enjaulamos e os enviamos aos mercados. Nós perturbamos os ecossistemas e libertamos os vírus de seus hospedeiros naturais. Quando isso acontece, eles precisam de um novo hospedeiro. Freqüentemente, somos nós. ” [104] Até agora, um número crescente de cientistas tem mostrado que é na verdade a destruição da biodiversidade causada pelos humanos que é a fonte de novos vírus como COVID-19. Esses pesquisadores se uniram em torno da nova disciplina de "saúde planetária" que estuda as conexões sutis e complexas que existem entre o bem-estar dos humanos, outras espécies vivas e ecossistemas inteiros, e suas descobertas deixaram claro que a destruição da biodiversidade aumentar o número de pandemias.

Em uma carta recente ao Congresso dos EUA, 100 grupos ambientais e de vida selvagem estimam que as doenças zoonóticas quadruplicaram nos últimos 50 anos. [105] Desde 1970, as mudanças no uso da terra tiveram as maiores impacto negativo na natureza (e no processo causou um quarto das

emissões antrópicas). A agricultura sozinha cobre mais de um terço da superfície terrestre e é a atividade econômica que mais perturba a natureza. Uma recente revisão acadêmica concluiu que os condutores agrícolas estão associados a mais de 50% das doenças zoonóticas. [106] À medida que as atividades humanas como a agricultura (com muitas outras como mineração, extração de madeira ou turismo) invadem os ecossistemas naturais, elas quebram as barreiras entre as populações humanas e os animais, criando as condições para o surgimento de doenças infecciosas transmitidas de animais para humanos. A perda do habitat natural dos animais e o comércio da vida selvagem são particularmente relevantes porque quando os animais conhecidos como estando ligados a doenças específicas (como morcegos e pangolins com o coronavírus) são retirados da natureza e movidos para as cidades, um reservatório de doenças da vida selvagem é simplesmente transportado para uma área densamente povoada. Isso é o que pode ter acontecido no mercado em Wuhan, onde acredita-se que o novo coronavírus tenha se originado (as autoridades chinesas proibiram permanentemente o comércio e o consumo de animais selvagens). Hoje em dia, a maioria dos cientistas concordaria que quanto maior o crescimento populacional, quanto mais perturbamos o meio ambiente, quanto mais intensiva a agricultura se torna sem biossegurança adequada, maior o risco de novas epidemias. O principal antídoto de que dispomos atualmente para conter a progressão das doenças zoonóticas é o respeito e a preservação do meio ambiente natural e a proteção ativa da biodiversidade. Para fazer isso de forma eficaz, caberá a todos nós repensar nossa relação com a natureza e questionar por que temos tornar-se tão alienado dela. No capítulo final, oferecemos recomendações específicas sobre a forma que uma recuperação “amiga da natureza” pode assumir.

1.5.1.2. Poluição do ar e risco de pandemia

Há anos se sabe que a poluição do ar, em grande parte causada por emissões que também contribuem para o aquecimento global, é um assassino silencioso, ligado a várias condições de saúde, que vão desde diabetes e câncer a doenças cardiovasculares e respiratórias. De acordo com a OMS, 90% da população mundial respira ar que não atende às suas diretrizes de segurança, causando a morte prematura de 7 milhões de pessoas a cada ano e levando a organização a qualificar a poluição do ar como uma “emergência de saúde pública”.

Agora sabemos que a poluição do ar piora o impacto de qualquer coronavírus em particular (não apenas o atual SARS-CoV-2) em nossa saúde. Já em 2003, um estudo publicado no meio da epidemia de SARS sugeria que a poluição do ar poderia explicar a variação no nível de letalidade, [107] deixando claro pela

primeira vez que quanto maior o nível de poluição do ar, maior a probabilidade de morte pela doença causada por um coronavírus. Desde a então, um crescente corpo de pesquisas mostrou como uma vida inteira respirando ar mais sujo pode tornar as pessoas mais suscetíveis ao coronavírus. Nos Estados Unidos, um artigo médico recente concluiu que as regiões com ar mais poluído apresentarão maiores riscos de morte por COVID-19, mostrando que os condados dos Estados Unidos com maiores níveis de poluição sofrerão maiores números de hospitalizações e mortes. [108] Um consenso foi formado na comunidade médica e pública de que existe um efeito sinérgico entre a exposição à poluição do ar e a possível ocorrência de COVID-19, e um resultado pior quando o vírus atinge. A pesquisa, ainda embrionária, mas em expansão rápida, ainda não provou que existe um vínculo de causalidade, mas expõe de forma inequívoca uma forte correlação entre a poluição do ar e a propagação do coronavírus e sua gravidade. Parece que a poluição do ar em geral, e a concentração de partículas em particular, prejudicam as vias aéreas - a primeira linha de defesa dos pulmões - o que significa que as pessoas (independentemente da idade) que vivem em cidades altamente poluídas enfrentarão um risco maior de pegar COVID-19 e morrer por causa disso. Isso pode explicar por que as pessoas na Lombardia (uma das regiões mais poluídas da Europa) que contraíram o vírus tiveram duas vezes mais chances de morrer de COVID-19 do que as pessoas em quase qualquer outro lugar da Itália.

1.5.1.3. Lockdown e emissões de carbono

É muito cedo para definir a quantidade pela qual as emissões globais de dióxido de carbono cairão em 2020, mas a Agência Internacional de Energia (AIE) estima em sua Revisão Global de Energia 2020 que elas cairão 8%. [109] Mesmo que este número correspondesse à maior redução anual já registrada, ainda é minúsculo em comparação com o tamanho do problema e permanece inferior à redução anual de emissões de 7,6% na próxima década que a ONU pensa ser necessário para conter o aumento global das temperaturas abaixo de 1,5 ° C. [110] considerando a gravidade dos bloqueios, o número de 8% parece bastante decepcionante. Parece sugerir que pequenas ações individuais (consumir muito menos, não usar nossos carros e não voar) são de pouca importância quando comparadas ao tamanho das emissões geradas pela eletricidade, agricultura e indústria, os “grandes emissores” que continuaram a operar durante os bloqueios (com exceção parcial de alguns setores). O que também revela é que os maiores “infratores” em termos de emissões de carbono nem sempre são aqueles geralmente percebidos como os culpados óbvios. Um recente relatório de

sustentabilidade mostra que as emissões totais de carbono geradas pela produção de eletricidade necessária para alimentar nossos dispositivos eletrônicos e transmitir seus dados são aproximadamente equivalentes às do setor global de aviação civil. [111] A conclusão? Mesmo bloqueios sem precedentes e draconianos com um terço da população mundial confinada em suas casas por mais de um mês não chegaram nem perto de ser uma estratégia de descarbonização viável porque, mesmo assim, a economia mundial continuou emitindo grandes quantidades de dióxido de carbono. Qual seria, então, essa estratégia? O tamanho e o escopo consideráveis do desafio só podem ser enfrentados por uma combinação de: 1) uma mudança radical e sistêmica importante em como produzimos a energia de que precisamos para funcionar; e 2) mudanças estruturais em nosso comportamento de consumo. Se, na era pós-pandemia, decidirmos retomar nossas vidas como antes (dirigindo os mesmos carros, voando para os mesmos destinos, comendo as mesmas coisas, aquecendo nossa casa da mesma maneira, e assim por diante) , a crise da COVID-19 terá ido para o lixo no que diz respeito às políticas climáticas. Por outro lado, se alguns dos hábitos que fomos forçados a adotar durante a pandemia se traduzissem em mudanças estruturais no comportamento, o resultado climático pode ser diferente. Deslocar-se menos, trabalhar um pouco mais remotamente, andar de bicicleta e caminhar em vez de dirigir para manter o ar de nossas cidades tão limpo quanto durante os bloqueios, passar as férias perto de casa: tudo isso, se agregado em escala, pode levar a um redução sustentada das emissões de carbono. Isso nos leva à importante questão de saber se a pandemia acabará por exercer um efeito positivo ou negativo sobre as políticas de mudança climática.

1.5.2. Impacto da pandemia nas mudanças climáticas e outras políticas ambientais

A pandemia está destinada a dominar o cenário político por anos, com o sério risco de ofuscar as preocupações ambientais. Em uma anedota contadora, o centro de convenções em Glasgow, onde a Cúpula do Clima COP-26 da ONU deveria ter ocorrido em novembro de 2020, foi convertido em abril em um hospital para pacientes do COVID-19. As negociações climáticas já foram adiadas e as iniciativas políticas adiadas, alimentando a narrativa de que, por um longo tempo, os líderes governamentais estarão apenas prestando atenção à gama multifacetada de problemas imediatos criados pela crise pandêmica. Outra narrativa

também surgiu, elaborada por alguns líderes nacionais, executivos seniores e formadores de opinião proeminentes. É nesse sentido que a crise da COVID-19 não pode ser desperdiçada e que agora é a hora de implementar políticas ambientais sustentáveis. Na realidade, o que acontece com o combate às mudanças climáticas na era pós-pandêmica pode ir em duas direções opostas. O primeiro corresponde à narrativa acima: as consequências econômicas da pandemia são tão dolorosas, difíceis de abordar e complexas de implementar que a maioria dos governos ao redor do mundo pode decidir deixar “temporariamente” de lado as preocupações com o aquecimento global para se concentrar na recuperação econômica. Se for esse o caso, as decisões de política apoiarão e estimularão as indústrias pesadas de combustíveis fósseis e emissoras de carbono, subsidiando-as. Eles também reverterão os rígidos padrões ambientais vistos como um obstáculo no caminho para a rápida recuperação econômica e encorajarão as empresas e os consumidores a produzir e consumir o máximo de "coisas" possível. O segundo é estimulado por uma narrativa diferente, em que empresas e governos são encorajados por uma nova consciência social entre grandes segmentos da população em geral de que a vida pode ser diferente e é impulsionada por ativistas: o momento deve ser aproveitado para aproveitar isso janela única de oportunidade para redesenhar uma economia mais sustentável para o bem maior de nossas sociedades. Vamos examinar os dois resultados possíveis divergentes em mais detalhes. Nem é preciso dizer que dependem do país e da região (UE). Dois países não adotarão as mesmas políticas nem se moverão na mesma velocidade, mas, em última análise, todos devem abraçar a direção da tendência menos intensiva em carbono.

Três razões principais podem explicar por que isso não é dado e por que o foco no meio ambiente pode desaparecer quando a pandemia começar a recuar:

1. 1. Os governos podem decidir que é do melhor interesse coletivo buscar o crescimento a “qualquer custo” a fim de amortecer o impacto sobre o desemprego.

2. 2. As empresas estarão sob tal pressão para aumentar as receitas que a sustentabilidade em geral e as considerações climáticas em particular se tornarão secundárias.

3. 3. Os baixos preços do petróleo (se sustentados, o que é provável) podem encorajar consumidores e empresas a depender ainda mais de

energia com uso intensivo de carbono. Essas três razões são convincentes o suficiente para torná-las atraentes, mas há outras que podem ter sucesso em empurrar a tendência na outra direção. Quatro em particular poderiam ter sucesso em tornar o mundo mais limpo e sustentável:

Liderança iluminada. Alguns líderes e tomadores de decisão que já estavam na vanguarda da luta contra as mudanças climáticas podem querer aproveitar o choque infligido pela pandemia para implementar mudanças ambientais mais duradouras e mais amplas. Eles farão, com efeito, "bom uso" da pandemia, não desperdiçando a crise. A exortação de diferentes líderes, desde Sua Alteza Real o Príncipe de Gales a Andrew Cuomo, para "reconstruir melhor" vai nessa direção. O mesmo acontece com uma declaração dupla feita pela IEA com Dan Jørgensen, Ministro do Clima, Energia e Serviços Públicos da Dinamarca, sugerindo que as transições de energia limpa poderiam ajudar a impulsionar as economias: "Em todo o mundo, os líderes estão se preparando agora,

elaborando pacotes de estímulo econômico maciço. Alguns desses planos fornecerão incentivos de curto prazo, outros moldarão a infraestrutura nas próximas décadas. Acreditamos que, ao tornar a energia limpa uma parte integrante parte de seus planos, os governos podem gerar empregos e crescimento econômico, ao mesmo tempo em que garantem que seus sistemas de energia sejam modernizados, mais resistentes e menos poluentes. [112] Os governos liderados por líderes iluminados farão seus pacotes de estímulo condicionados a compromissos verdes. Eles irão, por exemplo, fornecer condições financeiras mais generosas para empresas com modelos de negócios de baixo carbono.

Conciência de risco. A pandemia desempenhou o papel de um grande "despertar do risco", tornando-nos muito mais conscientes dos riscos que enfrentamos coletivamente e lembrando-nos que o nosso mundo está fortemente interligado. COVID-19 deixou claro que ignoramos a ciência e a perícia por nossa conta e risco, e que as consequências de nossas ações coletivas podem ser consideráveis. Esperançosamente, algumas dessas lições que nos oferecem uma melhor compreensão do que realmente significa e acarreta um risco existencial serão agora transferidas para os riscos climáticos. Como declarou Nicholas Stern, Presidente do Instituto de Pesquisa Grantham sobre Mudança Climática e Meio Ambiente: "O que

> vimos de tudo isso é que podemos fazer mudanças (...). Temos que reconhecer que haverá outras pandemias e estar mais bem preparados. [Mas] também devemos reconhecer que a mudança climática é uma ameaça maior e mais profunda que não desaparece e é tão urgente quanto. ” [113] Tendo nos preocupado por meses com a pandemia e seus efeitos em nossos pulmões, ficaremos obcecados por ar puro; durante os bloqueios, um número significativo de nós viu e cheirou por nós mesmos os benefícios da redução da poluição do ar, possivelmente levando a uma compreensão coletiva de que temos apenas alguns anos para lidar com as piores consequências do aquecimento global e das mudanças climáticas. Se for esse o caso, mudanças sociais (coletivas e individuais) ocorrerão.

Mudança de comportamento. Como consequência do ponto acima, as atitudes e demandas da sociedade podem evoluir em direção a uma maior sustentabilidade em um grau maior do que normalmente se supõe. Nossos padrões de consumo mudaram drasticamente durante os bloqueios, forçando-nos a nos concentrar no essencial e não nos dando escolha a não ser adotar uma “vida mais verde”. Isso pode durar, levando-nos a desconsiderar tudo o que realmente não precisamos e colocando em movimento um círculo virtuoso para o meio ambiente. Da mesma forma, podemos decidir que trabalhar em casa (quando possível) é bom para o meio ambiente e nosso bem-estar individual (o deslocamento é um "destruidor" do bem-estar - quanto mais tempo ou seja, mais prejudicial se torna para a nossa saúde física e mental). Essas mudanças estruturais na forma como trabalhamos, consumimos e investimos podem demorar um pouco antes de se generalizarem o suficiente para fazer uma diferença real, mas, como argumentamos antes, o que importa é a direção e a força da tendência. O poeta e filósofo Lao Tzu estava certo ao dizer: “Uma jornada de mil milhas começa com um único passo”. Estamos apenas no início de uma longa e dolorosa recuperação e, para muitos de nós, pensar em sustentabilidade pode parecer um luxo, mas quando as coisas começarem a melhorar, lembraremos coletivamente que existe uma relação de causalidade entre a poluição do ar e COVID- 19 Então, a sustentabilidade deixará de ser secundária e as mudanças climáticas (tão intimamente relacionadas à poluição do ar) passarão para a linha de frente de nossas preocupações. O que os cientistas sociais chamam de "contágio comportamental" (a maneira como as atitudes, ideias e comportamento se espalham população) pode então fazer sua mágica!

Ativismo . Alguns analistas arriscaram que a pandemia provocaria a obsolescência do ativismo, mas o oposto pode muito bem ser verdade. Segundo um grupo de acadêmicos americanos e europeus, o coronavírus encorajou a motivação para a mudança e desencadeou novas ferramentas e estratégias em termos de ativismo social. Ao longo de apenas algumas semanas, este grupo de pesquisadores coletou dados sobre várias formas de ativismo social e identificou quase 100 métodos distintos de ação não violenta, incluindo ações físicas, virtuais e híbridas. A conclusão deles: “As emergências frequentemente provam ser a forja na qual novas ideias e oportunidades são trabalhadas. Embora seja impossível prever quais podem ser os efeitos a longo prazo de tal habilidade e consciência crescentes, está claro que o poder das pessoas não diminuiu. Em vez disso, os movimentos ao redor do mundo estão se adaptando à organização remota, construindo suas bases, aprimorando suas mensagens e planejando estratégias para o que vem a seguir ”. [114] Se sua avaliação estiver correta, o ativismo social, reprimido por necessidade durante os bloqueios e suas várias medidas de distanciamento físico e social, pode ressurgir com renovado vigor uma vez que os períodos de confinamento terminem. Encorajados pelo que viram durante os bloqueios (sem poluição do ar), os ativistas climáticos redobrarão seus esforços, impondo mais pressão sobre empresas e investidores. Como veremos no Capítulo 2, o ativismo dos investidores também será uma força a ser considerada. Isso fortalecerá a causa dos ativistas sociais, adicionando uma dimensão extra e poderosa a ela. Vamos imaginar a seguinte situação para ilustrar o ponto: um grupo de ativistas verdes poderia se manifestar em frente a uma usina a carvão para exigir maior fiscalização das regulamentações de poluição, enquanto um grupo de investidores faz o mesmo na sala de reuniões ao privar o acesso à usina para a capital.

Entre as quatro razões, evidências factuais dispersas nos dão esperança de que a tendência verde acabará prevalecendo. Vem de domínios diferentes, mas convergem para a conclusão de que o futuro poderia ser mais verde do que normalmente assumimos. Para corroborar essa convicção, quatro observações se cruzam com os quatro motivos apresentados:

1. Em junho de 2020, a BP, uma das "supermajors" mundiais de petróleo e gás, reduziu o valor de seus ativos em US $ 17,5 bilhões, tendo chegado à conclusão de que a pandemia acelerará uma mudança global em direção a

formas mais limpas de energia. Outras empresas de energia estão prestes a fazer um movimento semelhante. [115] No mesmo espírito, grandes empresas globais como a Microsoft se comprometeram a se tornar carbono negativo até 2030.

2. O Acordo Verde Europeu lançado pela Comissão Europeia é um esforço massivo e a manifestação mais tangível de autoridades públicas que decidiram não deixar a crise COVID-19 ir para o lixo. [116] O plano atribui 1 trilhão de euros para reduzir as emissões e investir na economia circular, com o objetivo de tornar a UE o primeiro continente neutro em carbono até 2050 (em termos de emissões líquidas) e dissociar o crescimento económico da utilização de recursos.

3. Várias pesquisas internacionais mostram que a grande maioria dos cidadãos em todo o mundo deseja que a recuperação econômica da crise da coroa priorize as mudanças climáticas. [117] Nos países que compõem o G20, uma maioria considerável de 65% dos cidadãos apóia uma recuperação verde.
[118]

4. Algumas cidades como Seul estão promovendo seu compromisso com as políticas climáticas e ambientais implementando seu próprio “Novo Acordo Verde”, estruturado como uma forma de mitigar as consequências da pandemia. [119]

A direção da tendência é clara, mas, em última análise, a mudança sistêmica virá dos formuladores de políticas e líderes empresariais dispostos a aproveitar as vantagens dos pacotes de estímulo da COVID para dar o pontapé inicial na economia de natureza positiva. Não se trata apenas de investimentos públicos. A chave para concentrar o capital privado em novas fontes de valor econômico positivo para a natureza será mudar as alavancas políticas essenciais e os incentivos das finanças públicas como parte de uma reinicialização econômica mais ampla. Há um forte caso para agir com mais força no ordenamento do território e regulamentos de uso do solo, finanças públicas e reforma de subsídios, políticas de inovação que ajudam a impulsionar a expansão e implantação, além de P&D, financiamento combinado e melhor medição do capital natural como fator econômico fundamental de ativos. Muitos governos estão começando a agir, mas muito mais é necessário para inclinar o sistema para uma nova norma positiva para a natureza e fazer a maioria das pessoas em todo o mundo perceber que isso não é apenas uma necessidade imperiosa, mas também uma oportunidade considerável. Um documento político preparado pela Systemiq em

colaboração com o Fórum Econômico Mundial [120] estima que a construção de uma economia de natureza positiva pode representar mais de US $ 10 trilhões por ano até 2030 - em termos de novas oportunidades econômicas também
como custos econômicos evitados. No curto prazo, a distribuição de cerca de US $ 250 bilhões em financiamento de estímulo poderia gerar até 37 milhões de empregos positivos para a natureza de uma maneira altamente econômica. A reconfiguração do meio ambiente não deve ser vista como um custo, mas sim como um investimento que irá gerar atividade econômica e oportunidades de emprego.
Felizmente, a ameaça do COVID-19 não durará. Um dia, isso ficará para trás. Em contraste, a ameaça das mudanças climáticas e seus eventos climáticos extremos associados estarão conosco no futuro previsível e além. O risco climático está se desenvolvendo mais lentamente do que a pandemia, mas terá consequências ainda mais graves. Em grande medida, sua gravidade dependerá da resposta política à pandemia. Toda medida destinada a reavivar a atividade econômica terá um efeito imediato em como vivemos, mas também terá um impacto nas emissões de carbono que por sua vez terão um
impacto ambiental em todo o mundo e medido ao longo das gerações. Como argumentamos neste livro, essas escolhas são nossas.

1.6. Reset Tecnológico

Quando foi publicado em 2016, A Quarta Revolução Industrial defendeu que "A tecnologia e a digitalização irão revolucionar tudo, tornando o ditado muito usado e muitas vezes mal usado 'desta vez é diferente' adequado. Simplificando, as principais inovações tecnológicas estão prestes a impulsionar mudanças importantes em todo o mundo. ” [121] Nos curtos quatro anos desde então, o progresso tecnológico avançou de forma impressionante e rápido. A IA está agora ao nosso redor, de drones e reconhecimento de voz a assistentes virtuais e software de tradução. Os nossos dispositivos móveis tornaram-se parte integrante e permanente da nossa vida pessoal e profissional, ajudando-nos nas mais diversas frentes, antecipando as nossas necessidades, ouvindo-nos e localizando-nos, mesmo quando não solicitados… A automação e os robôs estão a reconfigurar o caminho as empresas operam com velocidade impressionante e retornos em escala inconcebíveis apenas alguns anos atrás. Inovação em genética, com biologia sintética agora no horizonte, também é emocionante, abrindo

caminho para desenvolvimentos em saúde que são inovadores. A biotecnologia ainda não consegue parar, quanto mais prevenir, o surto de uma doença, mas inovações recentes permitiram a identificação e o sequenciamento do genoma do coronavírus muito mais rápido do que no passado, bem como a elaboração de diagnósticos mais eficazes. Além disso, as mais recentes técnicas de biotecnologia utilizando plataformas de RNA e DNA permitem desenvolver vacinas mais rápido do que nunca. Eles também podem ajudar no desenvolvimento de novos tratamentos de bioengenharia. Resumindo, a velocidade e a amplitude da Quarta Revolução Industrial foram e continuam sendo notáveis. Este capítulo argumenta que a pandemia vai acelerar a inovação ainda mais, catalisando mudanças tecnológicas já em andamento (comparável ao efeito de exacerbação que teve em outras questões globais e domésticas subjacentes) e "turbinando" qualquer negócio digital ou a dimensão digital de qualquer negócio. Isso também acentuará um dos maiores desafios sociais e individuais colocados pela tecnologia: a privacidade. Veremos como o rastreamento de contato tem uma capacidade inigualável e um lugar quase essencial no arsenal necessário para combater o COVID-19, ao mesmo tempo em que está posicionado para se tornar um facilitador da vigilância em massa.

1.6.1. Acelerando a transformação digital

Com a pandemia, a “transformação digital” a que tantos analistas se referem há anos, sem saber ao certo o que significava, encontrou seu catalisador. Um dos principais efeitos do confinamento será a expansão e progressão do mundo digital de maneira decisiva e muitas vezes permanente. Isso é perceptível não apenas em seus aspectos mais mundanos e anedóticos (mais conversas online, mais streaming para entreter, mais conteúdo digital em geral), mas também em termos de forçar mudanças mais profundas na forma como as empresas operam, algo que é explorado com mais profundidade no próximo capítulo. Em abril de 2020, vários líderes de tecnologia observaram a rapidez e a radicalidade com que as necessidades criadas pela crise de saúde precipitaram a adoção de uma ampla gama de tecnologias. No espaço de apenas um mês, parecia que muitas empresas em termos de adoção de tecnologia avançaram vários anos. Para o digitalmente experiente, isso significava coisas boas, enquanto, para os outros, uma perspectiva muito ruim (às vezes catastroficamente). Satya Nadella, CEO da Microsoft, observou que os requisitos de distanciamento físico e social criaram "um tudo remoto",

antecipando a adoção de uma ampla gama de tecnologias em dois anos, enquanto Sundar Pichai, CEO do Google, ficou maravilhado com o salto impressionante em atividade digital, prevendo um efeito “significativo e duradouro” em setores tão diversos como o trabalho online, educação, compras, medicina e entretenimento.[122]

1.6.1.1. O consumidor

Durante os bloqueios, muitos consumidores anteriormente relutantes em confiar demais em aplicativos e serviços digitais foram forçados a mudar seus hábitos quase da noite para o dia: assistir a filmes online em vez de ir ao cinema, fazer entrega de refeições em vez de ir a restaurantes, conversar com amigos remotamente em vez de encontrá-los pessoalmente, conversar com colegas em uma tela em vez de bater papo na máquina de café, fazer exercícios online em vez de ir à academia e assim por diante. Assim, quase que instantaneamente, muitas coisas se tornaram “e-coisas”: e-learning, e-commerce, e-gaming, e-books, e-atendimento. Alguns dos velhos hábitos certamente retornarão (a alegria e o prazer dos contatos pessoais não têm correspondência - somos animais sociais, afinal!), Mas muitos dos comportamentos tecnológicos que fomos forçados a adotar durante o confinamento se tornará mais natural por meio da familiaridade. À medida que o distanciamento social e físico persiste, confiar mais nas plataformas digitais para se comunicar, ou trabalhar, ou buscar conselhos, ou pedir algo vai, aos poucos, ganhando terreno em hábitos antes arraigados. Além disso, os prós e contras do online versus offline estarão sob constante escrutínio por meio de uma variedade de lentes. Se as considerações de saúde se tornarem fundamentais, podemos decidir, por exemplo, que uma aula de ciclismo na frente de uma tela em casa não combina com o convívio e a diversão de fazê-lo com um grupo em uma aula ao vivo, mas é na verdade mais segura (e mais barata !). O mesmo raciocínio se aplica a muitos domínios diferentes, como voar para uma reunião (Zoom é mais seguro, mais barato, mais ecológico e muito mais conveniente), dirigir para uma reunião familiar distante no fim de semana (o grupo familiar WhatsApp não é tão divertido, mas, novamente, mais seguro , mais barato e mais ecológico) ou mesmo frequentando um curso acadêmico (não tão gratificante, mas mais barato e conveniente).

1.6.1.2. O Regulador

Esta transição para um “de tudo” mais digital em nossas vidas profissionais e pessoais também será apoiada e acelerada pelos reguladores. Até o momento, os governos frequentemente diminuíram o ritmo de adoção de novas tecnologias por meio de longas ponderações sobre como deveria ser a melhor estrutura regulatória, mas, como o exemplo da telemedicina e da entrega de drones está mostrando agora, uma aceleração dramática forçada pela necessidade é possível. Durante os bloqueios, um relaxamento quase global das regulamentações que antes prejudicava o progresso em domínios onde a tecnologia estava disponível por anos repentinamente aconteceu porque não havia melhor ou outra escolha disponível. O que até recentemente era impensável de repente tornou-se possível, e podemos ter certeza de que nem os pacientes que experimentaram o quão fácil e conveniente a telemedicina era, nem os reguladores que a tornaram possível vão querer vê-la se inverter. Novos regulamentos permanecerão em vigor. Na mesma linha, uma história semelhante está se desenrolando nos EUA com a Federal Aviation Authority, mas também em outros países, relacionada à regulamentação de fast-tracking referente à entrega de drones. O imperativo atual de impulsionar, não importa o que aconteça, a “economia sem contato” e a subsequente disposição dos reguladores em acelerá-la significa que não há barreiras. O que é verdade para domínios até recentemente sensíveis, como telemedicina e entrega de drones, também é verdade para campos regulatórios mais mundanos e bem cobertos, como dispositivos móveis pagos. Apenas para dar um exemplo banal, em meio ao bloqueio (em abril de 2020), os reguladores bancários europeus decidiram aumentar o valor que os clientes poderiam pagar usando seus dispositivos móveis, ao mesmo tempo reduzindo os requisitos de autenticação que tornavam difícil fazer pagamentos usando plataformas como PayPal ou Venmo. Esses movimentos irão apenas acelerar a “prevalência” digital em nossas vidas diárias, embora não sem problemas contingentes de segurança cibernética.

1.6.1.3. A empresa

De uma forma ou de outra, as medidas de distanciamento social e físico provavelmente persistirão depois que a própria pandemia diminuir, justificando a decisão de muitas empresas de diferentes setores de acelerar a automação. Depois de um tempo, as preocupações persistentes sobre o desemprego tecnológico diminuirão à medida que as sociedades enfatizam a necessidade de reestruturar o local de trabalho de uma forma que minimize o contato humano próximo. Na verdade, as tecnologias de

automação são particularmente adequadas para um mundo no qual os seres humanos não podem ficar muito próximos uns dos outros ou estão dispostos a reduzir suas interações. Nosso medo persistente e possivelmente duradouro de ser infectado por um vírus (COVID-19 ou outro) irá, portanto, acelerar a marcha implacável da automação, particularmente nos campos mais suscetíveis à automação. Em 2016, dois acadêmicos da Universidade de Oxford chegaram à conclusão de que até 86% dos empregos em restaurantes, 75% dos empregos no varejo e 59% dos empregos no setor de entretenimento poderiam ser automatizados até 2035. [123] Estas três indústrias estão entre aquelas a mais duramente atingida pela pandemia e na qual a automação por motivos de higiene e limpeza será uma necessidade que, por sua vez, acelerará ainda mais a transição para mais tecnologia e mais digital. Existe um fenômeno adicional definido para apoiar a expansão da automação: quando o “distanciamento econômico” pode seguir o distanciamento social. À medida que os países se voltam para o interior e as empresas globais encurtam suas cadeias de suprimento supereficientes, mas altamente frágeis, a automação e os robôs que permitem mais produção local, enquanto mantêm os custos baixos, estarão em grande demanda.

O processo de automação foi colocado em movimento há muitos anos, mas a questão crítica mais uma vez está relacionada ao ritmo acelerado de mudança e transição: a pandemia acelerará a adoção da automação no local de trabalho e a introdução de mais robôs em nosso ambiente pessoal e vidas profissionais. Desde o início dos bloqueios, ficou claro que os robôs e a IA eram uma alternativa "natural" quando o trabalho humano não estava disponível. Além disso, foram usados sempre que possível para reduzir os riscos para a saúde dos funcionários humanos. Em uma época em que o distanciamento físico se tornou uma obrigação, os robôs foram implantados em locais tão diferentes como armazéns, supermercados e hospitais em uma ampla gama de atividades, desde a digitalização de prateleiras (uma área na qual a IA fez grandes incursões) à limpeza e, claro, robótica entrega - um componente importante das cadeias de suprimentos de saúde que, por sua vez, levará à entrega “sem contato” de mantimentos e outros itens essenciais. Quanto a muitas outras tecnologias que estavam no horizonte distante em termos de adoção (como a telemedicina), empresas, consumidores e autoridades públicas estão agora correndo para turbine a velocidade de adoção. Em cidades tão variadas como Hangzhou, Washington DC e Tel Aviv, esforços estão em andamento para passar de programas-piloto a operações em grande escala, capazes de colocar um exército de robôs de entrega na estrada e

no ar. Gigantes do comércio eletrônico chinês, como Alibaba e jd.com, estão confiantes de que, nos próximos 12-18 meses, a entrega autônoma poderá se espalhar na China - muito mais cedo do que o previsto antes da pandemia. A atenção máxima é frequentemente focada nos robôs industriais, pois eles são a face mais visível da automação, mas a aceleração radical também está chegando na automação do local de trabalho por meio de software e aprendizado de máquina. A chamada Robotic Process Automation (RPA) torna os negócios mais eficientes ao instalar um software de computador que rivaliza e substitui as ações de um trabalhador humano. Isso pode assumir várias formas, que vão desde o grupo de finanças da Microsoft consolidando e simplificando relatórios, ferramentas e conteúdo díspares em um portal personalizado baseado em funções e automatizado, até uma empresa de petróleo instalando um software que envia imagens de um oleoduto para um motor de IA, para comparar fotos com um banco de dados existente e alertar os funcionários relevantes sobre problemas potenciais. Em todos os casos, o RPA ajuda a reduzir o tempo gastos compilando e validando dados e, portanto, cortando custos (às custas de um provável aumento no desemprego, conforme mencionado na seção “Reinicialização econômica”). Durante o pico da pandemia, o RPA ganhou impulso ao provar sua eficiência no tratamento de picos de volume; assim ratificado, na era pós-pandemia o processo será implementado e acelerado. Dois exemplos comprovam esse ponto. As soluções RPA ajudaram alguns hospitais a disseminar o teste COVID-19 resultados, poupando aos enfermeiros até três horas de trabalho por dia. Na mesma linha, um dispositivo digital AI normalmente usado para responder às solicitações dos clientes online foi adaptado para ajudar as plataformas digitais médicas a rastrear pacientes online quanto aos sintomas do COVID-19. Por tudo isso, a Bain & Company (consultoria) estima que o número de empresas implantando essa automação de processos de negócios dobrará nos próximos dois anos, prazo que a pandemia pode encurtar ainda mais.[124]

1.6.2. Rastreamento de contato e vigilância

Uma lição importante pode ser aprendida com os países que foram mais eficazes para lidar com a pandemia (em particular as nações asiáticas): a tecnologia em geral e o digital em particular ajudam. O rastreamento de contato bem-sucedido provou ser um componente-chave de uma estratégia bem-sucedida contra COVID-19. Embora os bloqueios sejam eficazes na redução da taxa de reprodução do coronavírus, eles não eliminam a

ameaça representada pela pandemia.

Além disso, eles têm um custo econômico e social extremamente alto. Será muito difícil combater a COVID-19 sem um tratamento eficaz ou uma vacina e, até então, a forma mais eficaz de reduzir ou interromper a transmissão do vírus é por meio de testes generalizados seguidos de isolamento de casos, rastreamento de contato e quarentena de contatos expostos às pessoas infectadas. Como veremos a seguir, nesse processo a tecnologia pode ser um atalho formidável, permitindo que as autoridades de saúde pública identifiquem as pessoas infectadas muito rapidamente, contendo assim um surto antes que ele comece a se espalhar.

O rastreamento e rastreamento de contatos são, portanto, componentes essenciais de nossa resposta de saúde pública ao COVID-19. Ambos os termos são freqüentemente usados como sinônimos, embora tenham significados ligeiramente diferentes. Um aplicativo de rastreamento obtém insights em tempo real, por exemplo, determinando a localização atual de uma pessoa por meio de geodados via coordenadas de GPS ou localização de célula de rádio. Em contraste, o rastreamento consiste em obter insights em retrospecto, como identificar contatos físicos entre pessoas que usam Bluetooth. Nenhum dos dois oferece uma solução milagrosa que possa interromper por completo a propagação da pandemia, mas possibilita o acionamento quase imediato do alarme, permitindo uma intervenção precoce, limitando ou contendo o surto, principalmente quando ocorre em ambientes de superespalhamento (como um comunidade ou família coleta). Por razões de conveniência e facilidade de leitura, combinaremos os dois e os usaremos de forma intercambiável (como costumam fazer os artigos na imprensa). A forma mais eficaz de rastrear ou rastrear é obviamente aquela movida a tecnologia: ela não só permite rastrear todos os contatos com os quais o usuário de um telefone celular esteve em contato, mas também rastrear os movimentos do usuário em tempo real, o que por sua vez oferece a possibilidade de aplicar melhor o bloqueio e avisar outros usuários móveis nas proximidades da operadora que foram expostos a alguém infectado.

Não é nenhuma surpresa que o rastreamento digital tenha se tornado uma das questões mais sensíveis em termos de saúde pública, levantando sérias preocupações sobre privacidade em todo o mundo. Nas fases iniciais da pandemia, muitos países (principalmente no Leste Asiático, mas também outros como Israel) decidiram implementar o rastreamento digital sob diferentes formas. Eles mudaram do rastreamento retroativo de cadeias de contágio passado para o rastreamento em tempo real dos movimentos, a

fim de confinar uma pessoa infectada pelo COVID-19 e impor quarentenas subsequentes ou bloqueios parciais. Desde o início, China, Hong Kong SAR e Coreia do Sul implementaram medidas coercitivas e intrusivas de rastreamento digital. Eles tomaram a decisão de rastrear indivíduos sem seu consentimento, por meio de seus dados móveis e de cartão de crédito, e até empregaram vigilância por vídeo (na Coréia do Sul). Além disso, algumas economias exigiam o uso obrigatório de pulseiras eletrônicas para chegadas de viagens e pessoas em quarentena (na RAE de Hong Kong) para alertar os indivíduos suscetíveis de serem infectados. Outros optaram por soluções de "meio termo", em que os indivíduos colocados em quarentena são equipados com um telefone celular para monitorar sua localização e serem identificados publicamente caso violem as regras.

A solução de rastreamento digital mais elogiada e comentada foi o aplicativo TraceTogether administrado pelo Ministério da Saúde de Cingapura. Parece oferecer o equilíbrio "ideal" entre questões de eficiência e privacidade, mantendo os dados do usuário no telefone, em vez de em um servidor, e atribuindo o login anonimamente. A detecção de contato funciona apenas com as versões mais recentes do Bluetooth (uma limitação óbvia em muitos países menos avançados digitalmente, onde uma grande porcentagem de celulares não tem capacidade Bluetooth suficiente para detecção eficaz). O Bluetooth identifica os contatos físicos do usuário com outro usuário do aplicativo com precisão de cerca de dois medidores e, se houver risco de transmissão COVID-19, o aplicativo avisará o contato, momento em que a transmissão dos dados armazenados para o ministério da saúde se torna obrigatória (mas o anonimato do contato é mantido). TraceTogether é, portanto, não intrusivo em termos de privacidade, e seu código, disponível em código aberto, torna-o utilizável por qualquer país em qualquer lugar do mundo, mas os defensores da privacidade objetam que ainda existem riscos.

Se toda a população de um país baixasse o aplicativo e se houvesse um aumento acentuado nas infecções por COVID-19, o aplicativo poderia acabar identificando a maioria dos cidadãos. As intrusões cibernéticas, as questões de confiança no operador do sistema e o tempo de retenção de dados representam questões adicionais de privacidade.

> Existem outras opções. Estes estão principalmente relacionados com a disponibilidade de códigos-fonte abertos e verificáveis e com garantias relativas à supervisão de dados e à duração da conservação. Padrões e normas comuns poderiam

ser adotados, especialmente na UE, onde muitos cidadãos temem que a pandemia force um trade-off entre privacidade e saúde. Mas, como observou Margrethe Vestager, a Comissária da UE para a Competição: Eu acho que é um falso dilema, porque você pode fazer muitas coisas com a tecnologia que não invadem sua privacidade. Acho que, muitas vezes, quando as pessoas dizem que só pode ser feito de uma maneira, é porque querem os dados para seus próprios fins. Fizemos um conjunto de diretrizes e com os Estados membros traduzimos em uma caixa de ferramentas, para que você possa fazer um aplicativo voluntário com armazenamento descentralizado, com tecnologia Bluetooth. Você pode usar a tecnologia para rastrear o vírus, mas ainda pode dar às pessoas a liberdade de escolha e, ao fazer isso, as pessoas confiam que a tecnologia é para rastrear vírus e não para quaisquer outros fins. Acho que é essencial mostrarmos o que realmente queremos dizer quando dizemos que você deve ser capaz de confiar na tecnologia ao usá-la, que este não é o início de uma nova era de vigilância. Isso é para rastreamento de vírus e pode nos ajudar a abrir nossas sociedades. [125]

Novamente, queremos enfatizar que esta é uma situação que se move rapidamente e altamente volátil. O anúncio feito em abril pela Apple e pelo Google de que estão colaborando para desenvolver um aplicativo que as autoridades de saúde podem usar para fazer a engenharia reversa dos movimentos e conexões de uma pessoa infectada pelo vírus aponta para uma possível saída para as sociedades mais preocupadas com a privacidade dos dados e que temem a vigilância digital acima de tudo. A pessoa que carrega o celular teria que baixar voluntariamente o aplicativo e concordar em compartilhar os dados, e as duas empresas deixaram claro que sua tecnologia não seria fornecida a agências de saúde pública que não cumprissem suas diretrizes de privacidade. Mas os aplicativos de rastreamento voluntário de contatos têm um problema: eles preservam a privacidade de seus usuários, mas só são eficazes quando o nível de participação é suficientemente alto - um problema de ação coletiva que sublinha mais uma vez a natureza profundamente interconectada da vida moderna sob o

individualismo fachada de direitos e obrigações contratuais. Nenhum aplicativo de rastreamento de contrato voluntário funcionará se as pessoas não estiverem dispostas a fornecer seus próprios dados pessoais à agência governamental que monitora o sistema; se algum indivíduo se recusar a baixar o aplicativo (e, portanto, a reter informações sobre uma possível infecção, movimentos e contatos), todos serão afetados adversamente. No final, os cidadãos só usarão o aplicativo se o considerarem confiável, o que por si só depende da confiança do governo e das autoridades públicas. No final de junho de 2020, a experiência com aplicativos de rastreamento era recente e mista. Menos de 30 países os implementaram. [126] Na Europa, alguns países como Alemanha e Itália lançaram aplicativos baseados no sistema desenvolvido pela Apple e Google, enquanto outros países, como a França, decidiram desenvolver seu próprio aplicativo, levantando questões de interoperabilidade. Em geral, problemas técnicos e preocupações com a privacidade parecem afetar o aplicativo uso e taxa de adoção. Apenas para dar alguns exemplos: o Reino Unido, após falhas técnicas e críticas de ativistas de privacidade, deu meia-volta e decidiu substituir seu aplicativo de rastreamento de contato desenvolvido internamente pelo modelo oferecido pela Apple e Google. A Noruega suspendeu o uso de seu aplicativo devido a questões de privacidade, enquanto na França, apenas três semanas após o lançamento, o aplicativo StopCovid simplesmente não conseguiu decolar, com uma taxa de adoção muito baixa (1,9 milhão de pessoas), seguida de decisões frequentes para desinstale-o.

Hoje, existem cerca de 5,2 bilhões de smartphones no mundo, cada um com potencial para ajudar a identificar quem está infectado, onde e frequentemente por quem. Esta oportunidade sem precedentes pode explicar por que diferentes pesquisas conduzidas nos EUA e na Europa durante seus bloqueios indicaram que um número crescente de cidadãos parecia favorecer o rastreamento de smartphones das autoridades públicas (dentro de limites muito específicos). Mas, como sempre, o diabo está nos detalhes da política e sua execução. Questões como se o rastreamento digital deve ser obrigatório ou voluntário, se os dados devem ser coletados de forma anônima ou pessoal e se as informações devem ser coletadas de

forma privada ou divulgada publicamente contêm muitos tons diferentes de preto e branco, tornando extremamente difícil concordar sobre um modelo unificado de rastreamento digital de forma coletiva. Todas essas questões, e o mal-estar que podem provocar, foram exacerbados pelo surgimento de empresas que rastreiam a saúde dos funcionários que surgiram nas primeiras fases das reaberturas nacionais. Eles crescerão continuamente em relevância à medida que a pandemia corona perdurar e os temores sobre outras possíveis pandemias surgirem. À medida que a crise do coronavírus recua e as pessoas começam a retornar ao local de trabalho, a mudança corporativa será em direção a uma maior vigilância; para o bem ou para o mal, as empresas estarão observando e às vezes registrando o que sua força de trabalho faz. A tendência pode assumir muitas formas diferentes, desde medir a temperatura corporal com câmeras térmicas até monitorar por meio de um aplicativo como os funcionários obedecem ao distanciamento social. Isso deve suscitar profundas questões regulatórias e de privacidade, que muitas empresas rejeitarão argumentando que, a menos que aumentem a vigilância digital, não serão capazes de reabrir e funcionar sem o risco de novas infecções (e sendo, em alguns casos, responsáveis). Eles citarão saúde e segurança como justificativa para aumentar a vigilância.

A preocupação perene expressa por legisladores, acadêmicos e sindicalistas é que as ferramentas de vigilância provavelmente permanecerão em vigor após a crise e mesmo quando uma vacina for finalmente encontrada, simplesmente porque os empregadores não têm nenhum incentivo para remover um sistema de vigilância, uma vez que é instalado, principalmente se um dos benefícios indiretos da fiscalização for verificar a produtividade dos funcionários.

Foi o que aconteceu depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Em todo o mundo, novas medidas de segurança, como o uso de câmeras generalizadas, a exigência de carteiras de identidade eletrônicas e a entrada e saída de funcionários ou visitantes se tornaram a norma. Naquela época, essas medidas eram consideradas extremas, mas hoje são utilizadas em todos os lugares e consideradas “normais”. Um número crescente de analistas, formuladores de políticas e

> especialistas em segurança temem o mesmo acontecerá agora com as soluções tecnológicas postas em prática para conter a pandemia. Eles prevêem um mundo distópico à nossa frente.

1.6.3. O risco de distopia

Agora que as tecnologias de informação e comunicação permeiam quase todos os aspectos de nossas vidas e formas de participação social, qualquer experiência digital que tenhamos pode se transformar em um “produto” destinado a monitorar e antecipar nosso comportamento. O risco de possível distopia decorre dessa observação. Nos últimos anos, tem alimentado inúmeras obras de arte, desde romances como The Handmaid’s Tale à série de TV "Black Mirror". Na academia, encontra sua expressão na pesquisa realizada por estudiosos como Shoshana Zuboff. Seu livro Surveillance Capitalism adverte sobre os clientes sendo reinventados como fontes de dados, com o “capitalismo de vigilância” transformando nossa economia, política, sociedade e nossas próprias vidas, produzindo assimetrias profundamente antidemocráticas de conhecimento e o poder que resulta do conhecimento. Nos próximos meses e anos, o trade-off entre benefícios de saúde pública e perda de privacidade será avaliado cuidadosamente, tornando-se o assunto de muitas conversas animadas e debates acalorados. A maioria das pessoas, temerosa do perigo representado pela COVID-19, perguntará: Não é tolice não aproveitar o poder da tecnologia para vir em nosso resgate quando somos vítimas de um surto e enfrentamos uma espécie de vida ou morte situação? Eles então estarão dispostos a abrir mão de muita privacidade e concordarão que, em tais circunstâncias, o poder público pode legitimamente anular os direitos individuais. Então, quando a crise passar, alguns podem perceber que seu país de repente se transformou em um lugar onde não desejam mais viver. Este processo de pensamento não é novo. Nos últimos anos, tanto governos quanto empresas têm vem usando tecnologias cada vez mais sofisticadas para monitorar e às vezes manipular cidadãos e funcionários; se não estivermos vigilantes, alertam os defensores da privacidade, a pandemia marcará um importante divisor de águas na história da vigilância. [127] O argumento apresentado por aqueles que acima de tudo temem o domínio da tecnologia sobre a liberdade pessoal é claro e simples: em nome da saúde pública, alguns elementos da privacidade pessoal serão abandonados em benefício da contenção de uma epidemia, assim como os ataques terroristas de 11 de setembro geraram uma segurança maior e permanente no nome da

proteção da segurança pública. Então, sem perceber, seremos vítimas de novos poderes de vigilância que nunca irão retroceder e que poderiam ser reaproveitados como um meio político para fins mais sinistros.

Como as últimas páginas expuseram sem sombra de dúvida, a pandemia pode abrir uma era de vigilância ativa da saúde, possibilitada por smartphones com detecção de localização, câmeras de reconhecimento facial e outras tecnologias que identificam fontes de infecção e rastreiam a propagação de uma doença em quase em tempo real. Apesar de todas as precauções que certos países tomam para controlar o poder da tecnologia e limitar a vigilância (outros não estão tão preocupados), alguns pensadores se preocupam sobre como algumas das escolhas rápidas que fazemos hoje influenciarão nossas sociedades nos próximos anos. O historiador Yuval Noah Harari é um deles. Em um artigo recente, ele argumenta que teremos uma escolha fundamental a fazer entre a vigilância totalitária e o empoderamento do cidadão. Vale a pena expor seu argumento em detalhes: a tecnologia de vigilância está se desenvolvendo em uma velocidade vertiginosa, e o que parecia ficção científica há 10 anos é hoje uma notícia velha. Como um experimento mental, considere um governo hipotético que exige que cada cidadão use uma pulseira biométrica que monitora a temperatura corporal e a frequência cardíaca 24 horas por dia. Os dados resultantes são acumulados e analisados por algoritmos governamentais. Os algoritmos saberão que você está doente antes mesmo que você perceba e também saberão onde você esteve e quem conheceu. As cadeias de infecção podem ser drasticamente reduzidas e até mesmo cortadas. Esse sistema pode sem dúvida parar a epidemia em seu caminho dentro de alguns dias.

Parece maravilhoso, certo? A desvantagem é, claro, que isso daria legitimidade a um novo sistema de vigilância aterrorizante. Se você sabe, por exemplo, que cliquei em um link da Fox News em vez de um link da CNN, isso pode lhe ensinar algo sobre minhas opiniões políticas e talvez até mesmo minha personalidade. Mas se você puder monitorar o que acontece com minha temperatura corporal, pressão arterial e frequência cardíaca enquanto assisto ao videoclipe, poderá aprender o que me faz rir, o que me faz chorar e o que me deixa com muita, muita raiva. É fundamental lembrar que raiva, alegria, tédio

e o amor são fenômenos biológicos, assim como a febre e a tosse. A mesma tecnologia que identifica a tosse também pode identificar o riso. Se corporações e governos começarem a coletar nossos dados biométricos em massa, eles podem nos conhecer muito melhor do que nós mesmos, e eles

podem não apenas prever nossos sentimentos, mas também manipular nossos sentimentos e nos vender qualquer coisa que quiserem - seja um produto ou um político. O monitoramento biométrico faria com que as táticas de hacking de dados da Cambridge Analytica parecessem algo da Idade da Pedra. Imagine a Coreia do Norte em 2030, quando cada cidadão tem que usar uma pulseira biométrica 24 horas por dia. Se você ouvir um discurso do Grande Líder e a pulseira captar os sinais reveladores de raiva, você está perdido. [128]

Teremos sido avisados! Alguns comentaristas sociais como Evgeny Morozov vão ainda mais longe, convencidos de que a pandemia anuncia um futuro sombrio de vigilância estatal tecno-totalitária. Seu argumento, baseado no conceito de “solucionismo tecnológico” apresentado em um livro escrito em 2012, postula que as “soluções” tecnológicas oferecidas para conter a pandemia necessariamente levarão o estado de vigilância ao próximo nível. Ele vê evidências disso em duas vertentes distintas de “solucionismo” nas respostas do governo à pandemia que identificou. Por um lado, existem “solucionadores progressistas” que acreditam que a exposição adequada, por meio de um aplicativo, às informações corretas sobre a infecção pode fazer com que as pessoas se comportem no interesse público. Por outro lado, existem “solucionadores punitivos” determinados a usar a vasta infraestrutura de vigilância digital para conter nossas atividades diárias e punir quaisquer transgressões. O que Morozov percebe como o maior e último perigo para nossos sistemas políticos e liberdades é que o exemplo "bem-sucedido" de tecnologia em monitorar e conter o

A pandemia irá então “consolidar o kit de ferramentas solucionista como a opção padrão para abordar todos os outros problemas existenciais - da desigualdade às mudanças climáticas. Afinal, é muito mais fácil implantar tecnologia solucionista para influenciar o comportamento individual do que fazer perguntas políticas difíceis sobre as causas dessas crises ”. [129]

Spinoza, o filósofo do século 17 que resistiu à autoridade opressora durante toda a sua vida, disse a famosa frase: “O medo não pode existir sem esperança, nem esperança sem medo.” Este é um bom princípio orientador para concluir este capítulo, junto com o pensamento de que nada é inevitável e que devemos estar simetricamente cientes dos bons e dos maus resultados. Os cenários distópicos não são uma fatalidade. É verdade que na era pós-pandemia, a saúde e o bem-estar pessoais se tornarão uma prioridade muito maior para a sociedade, e é por isso que o gênio da vigilância tecnológica não será colocado de volta na garrafa. Mas é para aqueles que governam e cada um de nós pessoalmente controlar e aproveitar os benefícios da tecnologia sem sacrificar nossos valores e liberdades individuais e coletivas.

2. MICRO RESET (INDÚSTRIA E NEGÓCIOS)

No nível micro, das indústrias e empresas, o Grande Reset implicará uma longa e complexa série de mudanças e adaptações. Quando confrontados com isso, alguns líderes da indústria e executivos seniores podem ser tentados a equiparar redefinir com reiniciar, na esperança de voltar ao antigo normal e restaurar o que funcionava no passado: tradições, procedimentos testados e formas familiares de fazer as coisas - em suma, um retorno aos negócios normais. Isso não vai acontecer porque não pode acontecer. Para a maior parte, o "business as usual" morreu (ou pelo menos foi infectado por) COVID-19. Algumas indústrias foram devastados pela hibernação econômica desencadeada pelos bloqueios e medidas de distanciamento social. Outros terão dificuldade em recuperar as receitas perdidas antes de seguir um caminho cada vez mais estreito para a lucratividade, causado pela recessão econômica que engolfa o mundo. No entanto, para a maioria das empresas que estão entrando no futuro pós-coronavírus, a questão principal será encontrar o equilíbrio adequado entre o que funcionava antes e o que é necessário agora para prosperar no novo normal.

Para essas empresas, a pandemia é uma oportunidade única de repensar sua organização e promover mudanças positivas, sustentáveis e duradouras.

O que definirá o novo normal de um cenário de negócios pós-coronavírus? Como as empresas serão capazes de encontrar o melhor equilíbrio possível entre o sucesso passado e os fundamentos agora necessários para ter sucesso na era pós-pandemia? A resposta é obviamente dependente e específica de cada setor e da gravidade com que foi atingida pela pandemia. Na era pós-COVID-19, com exceção dos poucos setores em que as empresas se beneficiarão em média de fortes ventos a favor (principalmente tecnologia, saúde e bem-estar), a jornada será desafiadora e às vezes traiçoeira. Para alguns, como entretenimento, viagens ou hospitalidade, um retorno a um ambiente pré-pandêmico é

inimaginável em um futuro previsível (e talvez nunca em alguns casos ...). Para outros, ou seja, fabricação ou alimentos, é mais sobre encontrar maneiras de se ajustar ao choque e capitalizar algumas novas tendências (como o digital) para prosperar na era pós-pandemia. O tamanho também faz diferença. As dificuldades tendem a ser maiores para as pequenas empresas que, em média, operam com reservas de caixa menores e margens de lucro mais estreitas do que as grandes empresas.

No futuro, a maioria deles lidará com taxas de custo-receita que os colocam em desvantagem em comparação com rivais maiores. Mas ser pequeno pode oferecer algumas vantagens no mundo de hoje, onde flexibilidade e celeridade podem fazer toda a diferença em termos de adaptação. Ser ágil é mais fácil para uma estrutura pequena do que para um gigante industrial.

Dito isso, e independentemente de seu setor e da situação específica em que se encontram, quase todos os tomadores de decisões de empresas em todo o mundo enfrentarão problemas semelhantes e terão que responder a algumas questões e desafios comuns. Os mais óbvios são os seguintes:

1. Devo encorajar o trabalho remoto para aqueles que podem fazê-lo (cerca de 30% da força de trabalho total nos EUA)?

2. Vou reduzir as viagens aéreas em minha empresa e quantas reuniões presenciais posso substituir de forma significativa por interações virtuais?

3. Como posso transformar o negócio e nosso processo de tomada de decisão para se tornar mais ágil e agir com mais rapidez e decisão?

4. Como posso acelerar a digitalização e adoção de soluções digitais?

O Macro reset discutido no Capítulo 1 se traduzirá em uma miríade de micro consequências no nível da indústria e da empresa. Revisamos a seguir algumas dessas tendências principais antes de nos voltarmos para a questão de quem são os “vencedores e perdedores” da pandemia e seus efeitos em setores específicos.

2.1. Micro tendências

Ainda estamos nos primeiros dias da era pós-pandemia, mas novas tendências poderosas ou em aceleração já estão em ação. Para alguns setores, isso será um benefício, para outros, um grande desafio. Porém, em todos os setores, caberá a cada empresa tirar o máximo proveito dessas novas tendências, adaptando-se com rapidez e determinação. Os negócios que se mostrarem mais ágeis e flexíveis serão os que surgirem mais fortes.

2.1.1. Aceleração e Digitalização

Na era pré-pandêmica, o burburinho da "transformação digital" era o mantra da maioria dos conselhos e comitês executivos. O digital era "chave", tinha que ser implementado "com determinação" e era visto como "pré-condição para o sucesso"! Desde então, no espaço de apenas alguns meses, o mantra se tornou uma obrigação - até mesmo, no caso de algumas empresas, uma questão de vida ou morte. Isso é explicável e compreensível. Durante o confinamento, dependíamos inteiramente da Internet para a maioria das coisas: do trabalho e educação à socialização. São os serviços online que nos permitem manter uma aparência de normalidade, e é natural que o "online" seja o maior beneficiário da pandemia, dando um tremendo impulso a tecnologias e processos que nos permitem fazer coisas remotamente: universal Internet de banda larga, pagamentos móveis e remotos e serviços viáveis de governo eletrônico, entre outros. Como consequência direta, as empresas que já operavam online certamente se beneficiarão de uma vantagem competitiva duradoura. À medida que mais coisas e serviços diversos são trazidos para nós por meio de nossos celulares e computadores, empresas em setores tão díspares como e-commerce, operações sem contato, conteúdo digital, entrega de robôs e drones (para citar apenas alguns) prosperarão. Não foi por acaso que empresas como Alibaba, Amazon, Netflix ou Zoom emergiram como "vencedoras" dos bloqueios.

Em geral, o setor de consumo foi o primeiro e mais rápido. Desde a experiência sem contato necessária imposta a muitas empresas de alimentos e varejo durante os bloqueios até os showrooms virtuais na indústria de

manufatura, permitindo aos clientes navegar e escolher os produtos que mais gostam, a maioria das empresas business-to-consumer rapidamente entendeu a necessidade de oferecer seus clientes uma jornada digital “do início ao fim”. Como alguns bloqueios chegaram ao fim e certas economias rastejaram de volta à vida, oportunidades semelhantes surgiram em aplicativos business-to-business, particularmente na manufatura, onde as regras de distanciamento físico tiveram que ser colocadas em prática em curto prazo, muitas vezes em ambientes desafiadores (por exemplo, em linhas de montagem). Como resultado direto, a IoT fez incursões impressionantes. Algumas empresas que demoraram no passado anterior ao bloqueio para adotar a IoT agora a estão adotando em massa com o objetivo específico de fazer o máximo de coisas possível remotamente. Manutenção de equipamentos, gerenciamento de estoque, relações com fornecedores ou estratégias de segurança: todas essas diferentes atividades agora podem ser realizadas (em grande medida) através de um computador. A IoT oferece às empresas não apenas os meios para executar e manter regras de distanciamento social, mas também reduzir custos e implementar operações mais ágeis.

Como alguns bloqueios chegaram ao fim e certas economias rastejaram de volta à vida, oportunidades semelhantes surgiram em aplicativos business-to-business, particularmente na manufatura, onde as regras de distanciamento físico tiveram que ser colocadas em prática em curto prazo, muitas vezes em ambientes desafiadores (por exemplo, em linhas de montagem). Como resultado direto, a IoT fez incursões impressionantes. Algumas empresas que demoraram no passado anterior ao bloqueio para adotar a IoT agora a estão adotando em massa com o objetivo específico de fazer o máximo de coisas possível remotamente. Manutenção de equipamentos, gerenciamento de estoque, relações com fornecedores ou estratégias de segurança: todas essas diferentes atividades agora podem ser realizadas (em grande medida) através de um computador. A IoT oferece às empresas não apenas os meios para executar e manter regras de distanciamento social, mas também reduzir custos e implementar operações mais ágeis. Durante o pico da pandemia, o O2O - online para offline - ganhou grande força, destacando a importância de ter uma presença online e offline e abrindo a porta (ou talvez até mesmo as comportas) para a eversão. Este fenômeno de confundir a distinção entre online e offline, conforme identificado pelo famoso escritor de ficção científica William Gibson, que afirmou "Nosso mundo está sempre em constante evolução" [130] com o ciberespaço se abrindo implacavelmente

emergiu como uma das tendências mais potentes da era pós-COVID-19. A crise pandêmica acelerou este fenômeno de eversão porque nos forçou e nos encorajou a um mundo digital, "sem peso" mais rápido do que nunca, já que cada vez mais a atividade econômica não tinha escolha a não ser ocorrer digitalmente: educação, consultoria, publicação e muitos outros . Poderíamos ir mais longe a dizer que, por algum tempo, o teletransporte suplantou o transporte: a maioria das reuniões do comitê executivo, reuniões do conselho, reuniões de equipe, exercícios de brainstorm e outras formas de interação pessoal ou social tiveram que ocorrer remotamente. Essa nova realidade é capturada na capitalização de mercado da Zoom (a empresa de videoconferência) que disparou para US $ 70 bilhões em junho de 2020, maior (naquela época) do que qualquer companhia aérea dos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, grandes empresas online como Amazon e Alibaba expandiram-se decisivamente no negócio O2O, especialmente no varejo de alimentos e logística.

Tendências como a telemedicina ou o trabalho remoto, que se expandiram amplamente durante o confinamento, provavelmente não recuarão - para eles, não haverá retorno ao status quo que prevalecia antes da pandemia. A telemedicina, em particular, se beneficiará consideravelmente. Por razões óbvias, o setor de saúde é um dos setores mais regulamentados do mundo, um fato que inevitavelmente diminui o ritmo da inovação. Mas a necessidade de enfrentar a pandemia com todos os meios disponíveis (mais, durante o surto, a necessidade de proteger os trabalhadores de saúde permitindo que trabalhem remotamente) removeu alguns dos impedimentos regulatórios e legislativos relacionados à adoção da telemedicina. No futuro, é certo que mais assistência médica será prestada remotamente. Por sua vez, vai acelerar a tendência para diagnósticos mais usáveis e em casa, como banheiros inteligentes capazes de rastrear dados de saúde e realizar análises de saúde. Da mesma forma, a pandemia pode ser uma bênção para a educação online. Na Ásia, a mudança para a educação online foi particularmente notável, com um aumento acentuado nas matrículas digitais dos alunos, valorização muito maior para empresas de educação online e mais capital disponível para start-ups de “tecnologia educacional”. O outro lado desta moeda em particular será um aumento na pressão sobre as instituições que oferecem métodos mais tradicionais de educação para validar seu valor e justificar suas taxas (conforme expandiremos um pouco mais tarde). A velocidade de expansão tem sido impressionante. “Na Grã-Bretanha, menos de 1 por cento das consultas médicas iniciais ocorreram via link de vídeo em 2019; sob bloqueio, 100 por cento ocorrem remotamente. Em outro exemplo, um importante varejista dos EUA em

2019 queria lançar um negócio de entrega na calçada; seu plano previa levar 18 meses. Durante o bloqueio, ele entrou no ar em menos de uma semana - permitindo atender seus clientes enquanto mantinha o sustento de sua força de trabalho. As interações de banco online aumentaram para 90 por cento durante a crise, de 10 por cento, sem queda na qualidade e um aumento na conformidade, proporcionando uma experiência ao cliente que não se trata apenas de banco online. ” [131] Exemplos semelhantes não faltam.

A resposta de mitigação social à pandemia e as medidas de distanciamento físico impostas durante o confinamento também resultarão no surgimento do e-commerce como uma tendência da indústria cada vez mais poderosa. Os consumidores precisam de produtos e, se não puderem fazer compras, inevitavelmente recorrerão à compra online. À medida que o hábito se instala, pessoas que nunca fizeram compras online antes se sentirão confortáveis com isso, enquanto as pessoas que eram compradores on-line em tempo parcial provavelmente confiarão mais nele. Isso ficou evidente durante os bloqueios. Nos EUA, a Amazon e o Walmart contrataram 250.000 trabalhadores para acompanhar o aumento da demanda e construiu uma infraestrutura massiva para entregar online. Esse crescimento acelerado do comércio eletrônico significa que os gigantes do setor de varejo online provavelmente sairão da crise ainda mais fortes do que na era pré-pandemia. Sempre há dois lados em uma história: conforme o hábito de fazer compras online se torna mais prevalente, ele deprime ainda mais o varejo de tijolo e argamassa (nas ruas e nos shoppings) - um fenômeno explorado com mais detalhes nas próximas seções.

2.1.2. Cadeias de suprimentos resilientes

A própria natureza das cadeias de suprimento globais e sua fragilidade inata significa que os argumentos sobre encurtá-las vêm fermentando há anos. Eles tendem a ser intrincados e complexos de gerenciar. Eles também são difíceis de monitorar em termos de conformidade com padrões ambientais e leis trabalhistas, potencialmente expondo as empresas a riscos de reputação e danos às suas marcas. Diante desse passado conturbado, a pandemia colocou o último prego no caixão do princípio de que as empresas devem otimizar as cadeias de suprimentos com base nos custos dos componentes individuais e dependendo de uma única fonte de suprimento para materiais críticos,

resumida como favorecimento da eficiência em vez da resiliência. Na era pós-pandemia, é a "otimização de valor ponta a ponta", uma ideia que inclui resiliência e eficiência ao lado de custo, que prevalecerá. Está resumido na fórmula de que "just-in-case" irá eventualmente substituir "just-in-time". Os choques nas cadeias de abastecimento globais analisados na seção macro afetarão os negócios globais e as empresas menores. Mas o que significa "just-in-case" na prática? O modelo de globalização desenvolvido no final do século passado, concebido e construído por empresas manufatureiras globais que estavam em busca de mão de obra, produtos e componentes baratos, encontrou seus limites. Fragmentou a produção internacional em pedaços cada vez mais intrincados e resultou em um sistema executado em uma base just-in-time que provou ser extremamente enxuto e eficiente, mas também extremamente complexo e, como tal, muito vulnerável (a complexidade traz fragilidade e frequentemente resulta em instabilidade). A simplificação é, portanto, o antídoto que, por sua vez, deve gerar mais resiliência. Isso significa que as "cadeias de valor globais" que representam cerca de três quartos de todo o comércio global irão inevitavelmente declinar. Esse declínio será agravado pela nova realidade de que as empresas dependentes de complexas cadeias de suprimentos just-in-time não podem mais considerar que os compromissos tarifários consagrados pela Organização Mundial do Comércio as protegerão de uma onda repentina de protecionismo em algum lugar. Como resultado, eles serão forçados a se preparar adequadamente, reduzindo ou localizando sua cadeia de suprimentos e elaborando planos alternativos de produção ou aquisição para se proteger contra uma interrupção prolongada. Cada empresa cuja lucratividade depende do princípio da cadeia de abastecimento global just-in-time terá que repensar como opera e provavelmente sacrificar a ideia de maximizar a eficiência e os lucros em prol da "segurança do abastecimento" e resiliência. A resiliência, portanto, se tornará a consideração principal para qualquer negócio sério sobre proteção contra interrupção - seja ela para um fornecedor específico, para uma possível mudança na política comercial ou para um determinado país ou região. Na prática, isso forçará as empresas a diversificar sua base de fornecedores, mesmo ao custo de manter estoques e aumentar a redundância. Também obrigará essas empresas a garantir que o mesmo seja verdadeiro em sua própria cadeia de suprimentos: elas avaliarão a resiliência ao longo de toda a cadeia de suprimentos, até o fornecedor final e, possivelmente, até mesmo os fornecedores de seus fornecedores. Os custos de produção irão inevitavelmente aumentar, mas este será o preço a pagar para construir resiliência. À primeira vista, os setores que serão mais afetados porque serão os primeiros a mudar os padrões de produção são

automotivo, eletrônico e maquinário industrial.

2.1.3. Governos e Negócios

Por todas as razões expostas no primeiro capítulo, COVID-19 reescreveu muitas das regras do jogo entre os setores público e privado. Na era pós-pandemia, as empresas estarão sujeitas a uma interferência governamental muito maior do que no passado. A maior intrusão benevolente (ou não) dos governos na vida das empresas e na condução de seus negócios dependerá do país e da indústria, assumindo, portanto, muitas formas diferentes. Descritas abaixo estão três formas notáveis de impacto
que surgirá com força nos primeiros meses do período pós-pandemia: salvamentos condicionais, compras públicas e regulamentações do mercado de trabalho.

Para começar, todos os pacotes de estímulo que estão sendo montados nas economias ocidentais para apoiar indústrias em dificuldades e empresas individuais terão convênios que restringem em particular a capacidade dos mutuários de demitir funcionários, recomprar ações e pagar bônus executivos. Na mesma linha, os governos (encorajados, apoiados e às vezes "pressionados" por ativistas e sentimentos públicos) visarão contas fiscais corporativas suspeitamente baixas e
recompensas generosas para executivos. Eles mostrarão pouca paciência com executivos seniores e investidores que pressionam as empresas a gastar mais com recompras, minimizar o pagamento de impostos e pagar enormes dividendos. As companhias aéreas norte-americanas, criticadas por buscarem ajuda do governo, tendo recentemente e consistentemente usado grandes quantias de dinheiro da empresa para pagar dividendos aos acionistas, são um excelente exemplo de como essa mudança na atitude pública será implementada pelos governos. Além disso, nos próximos meses e anos, uma “mudança de regime” pode ocorrer quando os formuladores de políticas assumirem uma parte substancial do risco de inadimplência do setor privado. Quando isso acontecer, os governos vão querer algo em troca. O resgate da Lufthansa pela Alemanha resume esse tipo de situação: o governo injetou liquidez na transportadora nacional, mas
apenas com a condição de que a empresa restrinja a remuneração dos executivos (incluindo opções de ações) e se comprometa a não pagar dividendos.

Um melhor alinhamento entre as políticas públicas e o planejamento corporativo será um foco particular de atenção em termos de maior

interferência governamental. A corrida por ventiladores durante o pico da pandemia resume o motivo. Em 2010, nos EUA, 40.000 ventiladores foram encomendados por meio de um contrato do governo, mas nunca foram entregues, explicando em grande parte a escassez no país que se tornou tão evidente em março de 2020. O que levou a essa situação de escassez? Em 2012, a empresa original que havia vencido a licitação foi comprada (em circunstâncias um tanto duvidosas e obscuras) por um fabricante muito maior (uma empresa de capital aberto que também produzia ventiladores): mais tarde, descobriu-se que a empresa compradora queria impedir o licitante original de construir um ventilador mais barato que teria prejudicado a lucratividade de seu próprio negócio. Essa empresa se arrastou antes de cancelar o contrato e, por fim, ser adquirida por um rival. Nenhum dos 40.000 ventiladores foi entregue ao governo dos EUA. [132] É improvável que este tipo de situação volte a ocorrer na era pós-pandemia, já que as autoridades públicas pensarão duas vezes antes de terceirizar projetos que tenham implicações críticas para a saúde pública (ou mesmo implicações públicas críticas, segurança ou não) para empresas privadas . O resultado final: a maximização do lucro e o curto prazo que frequentemente o acompanha raramente ou, pelo menos, nem sempre é consistente com o objetivo público de preparação para uma crise futura.

Em todo o mundo, a pressão para melhorar a proteção social e o nível salarial dos empregados de baixa remuneração aumentará. Muito provavelmente, em nosso mundo pós-pandemia, os aumentos do salário mínimo se tornarão uma questão central que será abordada por meio de uma maior regulamentação dos padrões mínimos e
uma aplicação mais completa das regras já existentes. Muito provavelmente, as empresas terão de pagar impostos mais altos e várias formas de financiamento governamental (como serviços de assistência social). A economia de gig sentirá o impacto de tal política mais do que qualquer outro setor. Antes da pandemia, ele já estava na mira do escrutínio do governo. Na era pós-pandêmica, por motivos relacionados à redefinição do contrato social, esse escrutínio
vai se intensificar. As empresas que dependem de trabalhadores de gig para operar também sentirão o efeito de mais interferência do governo, possivelmente até em um grau capaz de minar sua viabilidade financeira. Como a pandemia alterará radicalmente as atitudes sociais e políticas em relação aos trabalhadores de gig, os governos forçarão as empresas que os empregam a oferecer contratos adequados com benefícios como seguro social e cobertura de saúde. A questão trabalhista será grande para eles e, se tiverem que empregar trabalhadores de gig como empregados normais, deixarão de

ser lucrativos. A razão de ser deles pode até desaparecer.

2.1.4. Capitalismo das partes interessadas e ESG

Nos últimos 10 anos ou mais, as mudanças fundamentais que ocorreram em cada uma das cinco macrocategorias analisadas no Capítulo 1 alteraram profundamente o ambiente em que as empresas operam. Eles tornaram o capitalismo das partes interessadas e as considerações ambientais, sociais e de governança (ASG) cada vez mais relevantes para a criação de valor sustentável (ASG pode ser considerado o parâmetro para o capitalismo das partes interessadas).

A pandemia atingiu um momento em que muitas questões diferentes, que vão desde o ativismo pela mudança climática e aumento das desigualdades até a diversidade de gênero e os escândalos #MeToo já haviam começado a aumentar a conscientização e aumentar a criticidade do capitalismo das partes interessadas e das considerações ESG no mundo interdependente de hoje. Adotado abertamente ou não, ninguém agora negaria que o propósito fundamental das empresas não pode mais ser simplesmente a busca desenfreada de lucro financeiro; agora cabe a eles atender a todos os seus stakeholders, não apenas aos detentores de ações. Isso é corroborado por evidências anedóticas iniciais que apontam para uma perspectiva ainda mais positiva para ESG na era pós-pandemia. Isso pode ser explicado em três frentes:

1. A crise terá criado, ou reforçado, um senso agudo de responsabilidade e urgência na maioria das questões relativas às estratégias ESG, sendo a mais importante a mudança climática. Mas outros, como o comportamento do consumidor, o futuro do trabalho e da mobilidade e a responsabilidade da cadeia de suprimentos, passarão para a vanguarda do processo de investimento e se tornarão um componente integral da devida diligência.

2. A pandemia não deixa dúvidas nas diretorias de que a ausência de considerações ASG tem o potencial de destruir valor substancial e até mesmo ameaçar a viabilidade de um negócio. O ESG, portanto, se tornará mais integrado e internalizado na estratégia central e na governança de uma empresa. Também alterará a forma como os investidores avaliam a governança corporativa. Registros fiscais, pagamentos de dividendos e remunerações serão cada vez mais examinados por medo de incorrer em

um custo de reputação quando um problema surgir ou se tornar público.

3. Promover a boa vontade dos funcionários e da comunidade será a chave para melhorar a reputação de uma marca. Cada vez mais, as empresas terão de provar que tratam bem os seus trabalhadores, acolhendo as melhores práticas laborais e prestando atenção à saúde e segurança, bem como ao bem-estar no local de trabalho. As empresas não aderirão necessariamente a essas medidas porque são genuinamente “boas”, mas sim porque o “preço” de não fazê-lo será muito alto em termos de ira de ativistas, tanto investidores ativistas quanto ativistas sociais.

A convicção de que as estratégias ESG se beneficiaram com a pandemia e têm maior probabilidade de se beneficiar ainda mais é corroborada por várias pesquisas e relatórios. Os primeiros dados mostram que o setor de sustentabilidade superou os fundos convencionais durante o primeiro trimestre de 2020. De acordo com a Morningstar, que comparou os retornos do primeiro trimestre para mais de 200 fundos de ações de sustentabilidade

e os fundos negociados em bolsa, os fundos sustentáveis tiveram melhor desempenho em um ou dois pontos percentuais, em termos relativos. Um relatório da BlackRock oferece mais evidências de que as empresas com fortes classificações ESG superaram seus pares durante a pandemia. [133] Vários analistas sugeriram que este desempenho superior pode simplesmente ter refletido a exposição reduzida a combustíveis fósseis de fundos e estratégias ESG, mas a BlackRock afirma que as empresas em conformidade com ESG (outra maneira de dizer que aderem ao princípio do capitalismo das partes interessadas) tendem a ser mais resilientes devido à sua compreensão holística da gestão de riscos. Parece que quanto mais suscetível o mundo se torna a um amplo conjunto de riscos e questões macro, maior é a necessidade de abraçar o capitalismo das partes interessadas e as estratégias ASG.

O debate entre aqueles que acreditam que o capitalismo das partes interessadas será sacrificado no altar da recuperação e aqueles que argumentam que agora é hora de “reconstruir melhor” está longe de estar resolvido. Para cada Michael O'Leary (CEO da Ryanair) que pensa que COVID-19 vai deixar as considerações ESG “em banho-maria por alguns

anos”, existe um Brian Chesky (CEO da Airbnb) que está empenhado em transformar seu negócio em uma “empresa interessada”. [134] No entanto, independentemente da opinião de qualquer pessoa sobre os méritos do capitalismo das partes interessadas e estratégias ESG e seu papel futuro na era pós-pandemia, o ativismo fará a diferença, reforçando a tendência. Ativistas sociais e muitos investidores ativistas examinarão de perto como as empresas se comportaram durante a crise pandêmica. É provável que os mercados ou os consumidores, ou ambos, venham a punir as empresas que tiveram um desempenho ruim em questões sociais. Um ensaio co-escrito em abril de 2020 por Leo Strine, um juiz influente na América corporativa, enfatiza este ponto sobre uma mudança necessária na governança corporativa: “Estamos novamente pagando o preço por um sistema de governança corporativa que carece de foco na solidez financeira, criação de riqueza sustentável e tratamento justo dos trabalhadores. Por muito tempo, o poder do mercado de ações sobre nossa economia cresceu às custas de outras partes interessadas, especialmente os trabalhadores. Embora a riqueza geral tenha crescido, ela o fez de uma forma distorcida que é injusta para a maior parte dos trabalhadores americanos, os principais responsáveis por esse aumento. A mudança em direção à satisfação

as demandas insaciáveis do mercado de ações também levaram a níveis crescentes de dívida corporativa e risco econômico ”. [135]

Para os ativistas, a decência exibida (ou não) pelas empresas durante a crise será primordial. As empresas serão julgadas nos próximos anos por suas ações - criticamente não apenas em um sentido comercial estreito, mas vistas através de uma lente social mais ampla. Poucos esquecerão, por exemplo, que nos últimos 10 anos, as companhias aéreas dos EUA gastaram 96% de seu fluxo de caixa na recompra de ações e que, em março de 2020, a EasyJet pagou £ 174 milhões em dividendos aos seus acionistas (incluindo £ 60 milhões ao seu fundador).[136]

O ativismo ao qual as empresas podem agora estar sujeitas vai além dos limites tradicionais do ativismo social (por estranhos) e do ativismo do investidor; com o ativismo dos funcionários, está se expandindo internamente. Em maio de 2020, exatamente quando o epicentro da pandemia estava se movendo dos Estados Unidos para a América Latina, os funcionários do Google, encorajados por um relatório publicado pelo Greenpeace, conseguiram convencer a empresa a não mais construir algoritmos de IA e aprendizado de máquina personalizados para extração upstream em a indústria de petróleo e gás. [137]. Vários desses exemplos no passado recente ilustram o crescente ativismo dos funcionários,

variando de questões ambientais a questões sociais e de inclusão. Eles fornecem um exemplo revelador de como diferentes tipos de ativistas estão aprendendo a trabalhar juntos para promover os objetivos de alcançar um futuro mais sustentável. Concomitantemente, um forte aumento ocorreu na forma mais antiga de ativismo: a ação industrial. Nos EUA em particular, enquanto muitos trabalhadores de colarinho branco estavam enfrentando a pandemia enquanto trabalhavam em casa, muitos trabalhadores essenciais de baixa renda "nas trincheiras" que não tinham escolha a não ser ir para o trabalho encenou uma onda de greves, greves e protestos. [138] À medida que as questões de segurança do trabalhador, remuneração e benefícios se tornam mais centrais, a agenda do capitalismo das partes interessadas ganhará relevância e força.

2.2. Reset Industrial

Como resultado dos bloqueios, a pandemia teve efeito imediato em todas as indústrias possíveis em todo o mundo. Esse impacto é contínuo e continuará a ser sentido nos próximos anos. À medida que as cadeias de suprimentos globais são reconfiguradas, as demandas dos consumidores mudam, os governos intervêm mais, as condições de mercado evoluem e a tecnologia é interrompida, as empresas serão forçadas a se adaptar continuamente e se reinventar. O objetivo desta seção não é oferecer um relato preciso de como cada indústria em particular pode evoluir, mas sim ilustrar com pinceladas impressionistas como algumas das principais características e tendências associadas à pandemia afetarão setores específicos.

2.2.1. Interação Social e desdenficação

Efeitos em viagens e turismo, hospitalidade, entretenimento, varejo, aeroespacial e até mesmo na indústria automotiva.

As maneiras como os consumidores interagem entre si, bem como o que e como consomem, foram significativamente afetadas pela pandemia.

Consequentemente, a reinicialização resultante em diferentes setores irá variar fundamentalmente, dependendo da natureza da transação econômica envolvida. Nos setores em que os consumidores fazem transações sociais e pessoalmente, os primeiros meses e possivelmente anos da era pós-

pandemia serão muito mais difíceis do que aqueles em que a transação pode ser a uma distância física maior ou mesmo virtual. Nas economias modernas, grande parte do que consumimos acontece por meio da interação social: viagens e férias, bares e restaurantes, eventos esportivos e varejo, cinemas e teatros, concertos e festivais, convenções e conferências, museus e bibliotecas, educação: todos eles correspondem às formas sociais de consumo que representam uma parte significativa da atividade econômica total e do emprego (os serviços representam cerca de 80% do total de empregos nos Estados Unidos, a maioria dos quais são “sociais” por natureza). Eles não podem acontecer no mundo virtual ou, quando podem, apenas em uma forma truncada e freqüentemente subótima (como uma apresentação de orquestra ao vivo em uma tela). Indústrias que têm interação social em seu núcleo foram as mais atingidas pelos bloqueios. Entre eles estão muitos setores que representam uma proporção muito significativa da atividade econômica total e do emprego:

viagens e turismo, lazer, esporte, eventos e entretenimento. Por meses e possivelmente anos, eles serão forçados a operar com capacidade reduzida, atingidos pelo duplo golpe de medo de que o vírus restrinja o consumo e a imposição de regulamentações destinadas a combater esses temores, criando mais espaço físico entre os consumidores. A pressão pública pelo distanciamento físico durará até que uma vacina seja desenvolvida e comercializada em grande escala (o que, novamente, de acordo com a maioria dos especialistas, é muito improvável que aconteça antes do primeiro ou segundo trimestre de 2021, no mínimo). Nesse período, é provável que as pessoas viajem muito menos de férias e / ou negócios, vão com menos frequência a restaurantes, cinemas e teatros e podem decidir que é mais seguro comprar online do que ir fisicamente ao lojas. Por essas razões fundamentais, as indústrias mais afetadas pela pandemia também serão as mais lentas para se recuperar. Hotéis, restaurantes, companhias aéreas, lojas e locais culturais em particular serão forçados a fazer alterações caras na forma como entregam suas ofertas, a fim de se adaptar a um novo normal pós-pandêmico que exigirá a implementação de mudanças drásticas envolvendo a introdução de espaço extra, limpeza regular, proteções para a equipe e tecnologia que limita as interações dos clientes com os trabalhadores. Em muitos desses setores, mas principalmente em hotelaria e varejo, as pequenas empresas sofrerão desproporcionalmente, tendo que caminhar sobre uma linha muito tênue entre sobreviver aos fechamentos impostos pelos bloqueios (ou negócios drasticamente reduzidos) e falência. Operar com capacidade reduzida com margens ainda mais estreitas significa que muitos não sobreviverão. As

consequências de seu fracasso terão ramificações duras tanto para as economias nacionais quanto para as comunidades locais. As pequenas empresas são o principal motor do crescimento do emprego e respondem, na maioria das economias avançadas, por metade de todos os empregos do setor privado. Se um número significativo deles ir para a parede, se houver menos lojas, restaurantes e bares em um determinado bairro, toda a comunidade será impactada conforme o desemprego aumentar e a demanda secar, dando início a uma espiral viciosa e descendente que afeta cada vez mais número de pequenas empresas em uma determinada comunidade. As ondas eventualmente se espalharão além dos limites da comunidade local, afetando, embora esperemos que em menor extensão, outras áreas mais distantes. A natureza altamente interdependente e interconectada da economia, indústrias e negócios de hoje, comparável à dinâmica de vinculação das categorias macro, significa que cada uma tem um efeito de arrastamento rápido sobre as outras em uma miríade de maneiras diferentes. Pegue restaurantes. Este setor de atividade foi atingido pela pandemia de forma tão dramática que nem mesmo sabemos como o negócio de restaurantes irá voltar. Como disse um restaurador: “Eu, como centenas de outros chefs em toda a cidade e milhares em todo o país, agora estou encarando a questão de como seriam nossos restaurantes, nossas carreiras, nossas vidas se pudéssemos recuperá-los . ” [139] Na França e no Reino Unido, várias vozes da indústria estimam que até 75% dos restaurantes independentes podem não sobreviver aos bloqueios e às medidas de distanciamento social subsequentes. As grandes redes e gigantes do fast-food vão. Isso, por sua vez, sugere que as grandes empresas ficarão maiores enquanto as menores encolherão ou desaparecerão. Uma grande rede de restaurantes, por exemplo, tem mais chance de permanecer operacional, pois se beneficia de mais recursos e, em última análise, de menos concorrência na sequência de falências entre empresas menores. Os pequenos restaurantes que sobreviverem à crise terão que se reinventar totalmente. Enquanto isso, nos casos de quem fecha as portas definitivamente, o fechamento impactará não só o restaurante e seus funcionários imediatos, mas também todos os negócios que atuam em sua órbita: os fornecedores, os agricultores e os caminhoneiros.

No outro extremo do espectro de tamanho, algumas empresas muito grandes serão vítimas da mesma situação que as muito pequenas. As companhias aéreas, em particular, enfrentarão restrições semelhantes em termos de demanda do consumidor e regras de distanciamento social. A paralisação de três meses deixou as operadoras em todo o mundo com uma situação cataclísmica de receita praticamente zero e a perspectiva de dezenas de

milhares de cortes de empregos. A British Airways, por exemplo, anunciou que vai cortar até 30% de sua força de trabalho atual de 42.000 funcionários. No momento em que este artigo foi escrito (meados de junho de 2020), a reinicialização pode estar prestes a começar. Será extremamente desafiador, com uma recuperação que deve levar anos. A melhoria começará nas viagens de lazer, com as viagens corporativas a seguir. No entanto, conforme discutido na próxima seção, os hábitos de consumo podem mudar permanentemente. Se muitas empresas decidirem viajar menos para reduzir custos e substituir as reuniões físicas por virtuais sempre que possível, o impacto na recuperação e na lucratividade final das companhias aéreas pode ser dramático e duradouro. Antes da pandemia, as viagens corporativas representavam 30% do volume das companhias aéreas, mas 50% das receitas (graças a assentos com preços mais elevados e reservas de última hora). No futuro, isso deve mudar, tornando o resultado da lucratividade de algumas companhias aéreas altamente incerto, e forçando toda a indústria a reconsiderar a estrutura de longo prazo do mercado global de aviação.

Ao avaliar o efeito final em uma indústria específica, a cadeia completa de consequências precisa levar em consideração o que acontece nas indústrias adjacentes, cujo destino depende em grande parte do que acontece na parte superior, ou “no topo”. Para ilustrar isso, damos uma breve olhada em três indústrias que dependem inteiramente do setor de aviação: aeroportos (infraestrutura e varejo), aviões (aeroespacial) e aluguel de veículos (automotivo).

Os aeroportos enfrentam os mesmos desafios que as companhias aéreas: quanto menos pessoas voam, menos transitam pelos aeroportos. Isso, por sua vez, afeta o nível de consumo nas várias lojas e restaurantes que compõem o ecossistema de todos os aeroportos internacionais em todo o mundo. Além disso, a experiência de aeroportos em um mundo pós-COVID-19, envolvendo tempos de espera mais longos, altamente restritos ou mesmo sem bagagem de mão e outros potencialmente inconvenientes medidas de distanciamento social, poderiam corroer o desejo do consumidor de viajar de avião por prazer e lazer. Várias associações comerciais alertam que a implementação de políticas de distanciamento social não apenas limitaria a capacidade aeroportuária a 20-40%, mas também tornaria toda a experiência tão desagradável que se tornaria um impedimento.

Drasticamente afetadas pelos bloqueios, as companhias aéreas começaram a cancelar ou adiar pedidos de novas aeronaves e a mudar sua escolha de modelo específico, impactando severamente a indústria aeroespacial. Como consequência direta e no futuro próximo, as principais montadoras de aeronaves civis operarão com capacidade reduzida, com efeitos em cascata

em toda a sua cadeia de valor e rede de fornecedores. No longo prazo, as mudanças na demanda das companhias aéreas que reavaliam suas necessidades levarão a uma reavaliação completa da produção de aeronaves civis. Isso torna o setor aeroespacial de defesa uma exceção e um porto relativamente seguros. Para os estados-nação, a perspectiva geopolítica incerta torna imperativo manter pedidos e aquisições, mas os governos com caixa restrita exigirão melhores condições de pagamento. Como aeroportos, as locadoras de veículos dependem quase inteiramente dos volumes da aviação. A Hertz, uma empresa altamente endividada com uma frota de 700.000 carros totalmente ociosa durante os bloqueios, entrou com pedido de concordata em maio. Como para tantas empresas, COVID-19 provou ser a gota d'água proverbial.

2.22 Mudanças comportamentais - permanentes vs transitórias

Efeitos no varejo, imóveis e educação

Algumas mudanças comportamentais observadas durante os bloqueios provavelmente não serão totalmente revertidas na era pós-pandemia e algumas podem até se tornar permanentes. Como exatamente isso acontecerá permanece muito incerto. Alguns padrões de consumo podem reverter para linhas de tendência de longo prazo (comparáveis às viagens aéreas após o 11 de setembro), embora em um ritmo alterado. Outros irão, sem dúvida, acelerar, como os serviços online. Alguns podem ser adiados, como a compra de um carro, enquanto novos padrões permanentes de consumo podem surgir, como compras associadas a uma mobilidade mais verde.

Muito disso ainda é desconhecido. Durante os confinamentos, muitos consumidores foram forçados a aprender a fazer as coisas sozinhos (assar o pão, cozinhar do zero, cortar o próprio cabelo, etc.) e sentiram necessidade de gastar com cautela. Até que ponto esses novos hábitos e formas de “faça você mesmo” e autoconsumo se tornarão na era pós-pandemia? O mesmo se aplica a alunos que, em alguns países, pagam taxas exorbitantes pelo ensino superior. Depois de passar um trimestre assistindo aos professores nas telas, eles começarão a questionar o alto custo da educação?

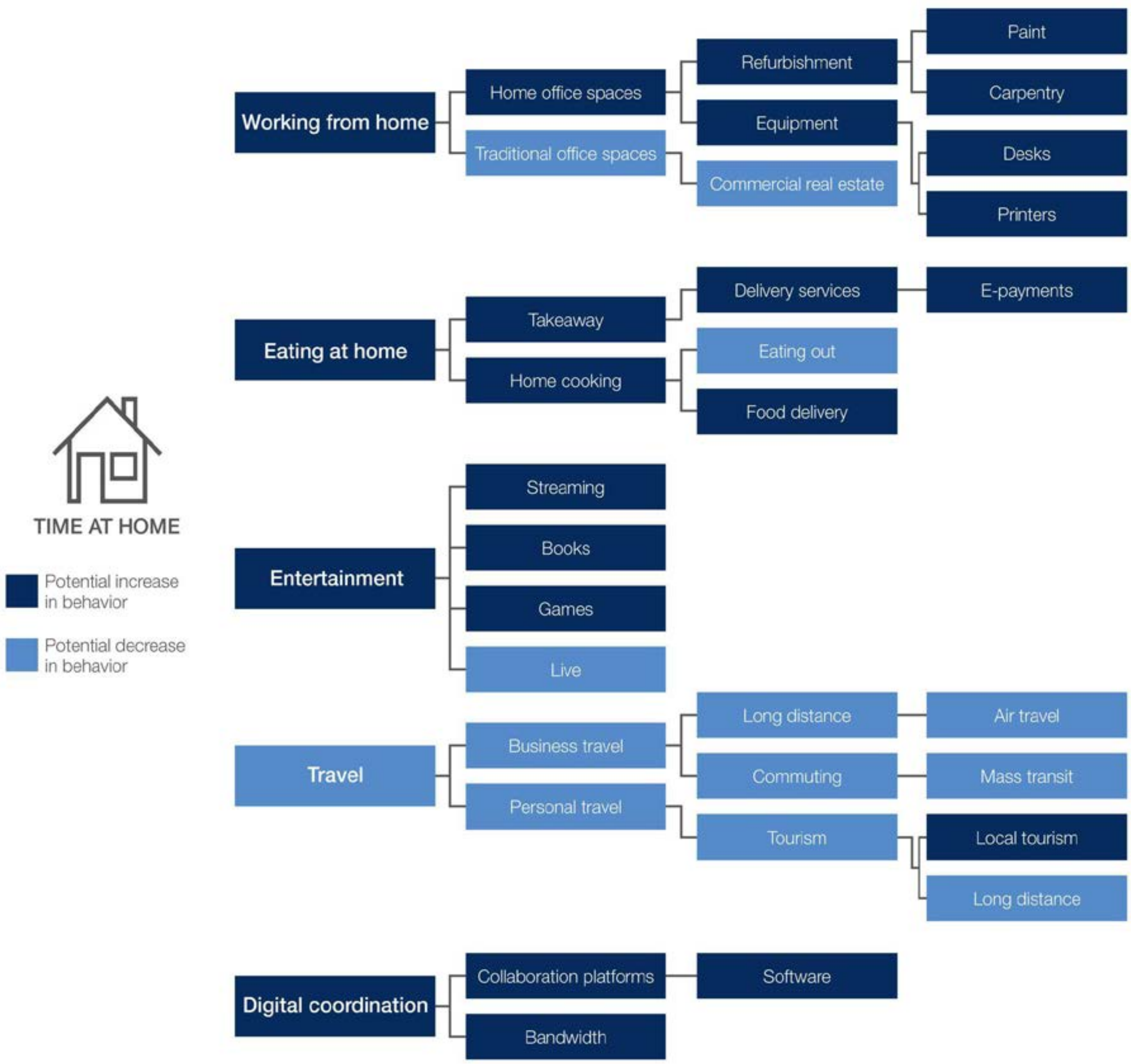
Para compreender a extrema complexidade e incerteza dessa evolução no comportamento do consumidor, vamos voltar ao exemplo das compras online versus varejo presencial. Conforme declarado, é muito provável que

as lojas físicas percam seriamente a favor das compras online. Os consumidores podem estar dispostos pagar um pouco mais para que produtos pesados e volumosos, como garrafas e utensílios domésticos, lhes sejam entregues. O espaço de varejo do supermercado, portanto, encolherá, tornando-se semelhante a lojas de conveniência, onde os clientes vão comprar quantidades relativamente pequenas de produtos alimentícios específicos. Mas também pode ser o caso de menos dinheiro será gasto em restaurantes, sugerindo que em lugares onde uma alta porcentagem do orçamento de alimentação das pessoas tradicionalmente vai para restaurantes (60% na cidade de Nova York, por exemplo), esses fundos poderiam ser desviados para e beneficiam os supermercados urbanos à medida que os moradores das cidades redescobrem o prazer de cozinhar em casa. O mesmo fenômeno pode acontecer com o negócio do entretenimento. A pandemia pode aumentar nossa ansiedade sobre sentar em um espaço fechado com completos estranhos, e muitas pessoas podem decidir que ficar em casa para assistir ao último filme ou ópera é a opção mais sábia. Tal decisão beneficiará os supermercados locais em detrimento de bares e restaurantes (embora a opção de serviços de entrega de comida para viagem online possa ser uma tábua de salvação para o último). Houve vários exemplos de como isso aconteceu de forma ad hoc em cidades de todo o mundo durante os bloqueios. Poderia talvez se tornar um elemento importante do novo plano de sobrevivência de negócios pós-COVID-19 de alguns restaurantes? Existem outros efeitos iniciais que são muito mais fáceis de prever. A limpeza é uma delas. A pandemia certamente aumentará nosso foco na higiene. Uma nova obsessão com a limpeza implicará principalmente na criação de novas formas de embalagem. Seremos encorajados a não tocar nos produtos que compramos.

Prazeres simples, como cheirar um melão ou apertar uma fruta, serão desaprovados e podem até se tornar uma coisa do passado.

Uma única mudança de atitude terá muitas ramificações diferentes, cada uma tendo um efeito particular em um setor específico, mas no final impactando muitos setores diferentes por meio de efeitos em cascata. A figura a seguir ilustra esse ponto para apenas uma mudança: passar mais tempo em casa:

Figura 2: Implicações em potenciais de passar mais tempo em casa



Source: Reeves, Martin, et al., "Sensing and Shaping the Post-COVID Era", BCG Henderson Institute, 3 April 2020, https://www.bcg.com/publications/2020/8-ways-companies-can-shape-reality-post-covid-19.aspx

O acalorado debate sobre se (ou em que medida) trabalharemos remotamente no futuro e, como resultado, passaremos mais tempo em casa, vem ocorrendo desde o início da pandemia. Alguns analistas argumentam que o fundamental o apelo das cidades (especialmente as maiores) como centros vibrantes de atividade econômica, vida social e criatividade perdurará. Outros temem que o coronavírus tenha desencadeado uma mudança fundamental nas atitudes. Eles afirmam que COVID-19 tem sido um ponto de inflexão e preveem que, em todo o mundo, habitantes urbanos de todas as idades que são confrontados com as deficiências da poluição da cidade e acomodações subdimensionadas e superfaturadas decidirão se mudar para locais com mais verde, mais espaço , menos poluição e preços mais baixos. É muito cedo para dizer qual acampamento estará certo, mas é certo que mesmo uma porcentagem relativamente pequena de pessoas se mudando dos maiores centros (como Nova York, Hong Kong SAR, Londres ou Cingapura) exerceria um efeito desproporcional sobre muitos setores diversos (os lucros são sempre obtidos à margem). Em nenhum lugar essa realidade é mais aparente do que no setor imobiliário e, em particular, no setor imobiliário comercial.

O setor de imóveis comerciais é um impulsionador essencial do crescimento global. Seu valor de mercado total excede o de todas as ações e títulos combinados globalmente. Antes da crise pandêmica, já estava sofrendo com o excesso de oferta. Se a prática emergencial de trabalhar remotamente se tornar um hábito estabelecido e difundido, é difícil imaginar quais empresas (se houver) absorverão esse excesso de oferta correndo para alugar o excesso de espaço de escritório. Talvez existam poucos fundos de investimento prontos para isso, mas eles serão a exceção, sugerindo que o imobiliário comercial ainda tem muito a cair. A pandemia fará com o setor imobiliário comercial o que fez com tantas outras questões (macro e micro): acelerará e amplificará a tendência pré-existente. A combinação de um aumento no número de empresas "zumbis" (aquelas que usam dívidas para financiar mais dívidas e que não geraram caixa suficiente nos últimos anos para cobrir seus custos de juros) vão à falência e um aumento no número de pessoas trabalhando remotamente significa que haverá muito menos inquilinos para alugar edifícios de escritórios vazios. Os incorporadores imobiliários (em sua maioria altamente alavancados) começarão então a experimentar uma onda de falências, com as maiores e sistemicamente importantes tendo que ser socorridas por seus respectivos governos. Em muitas cidades importantes ao redor do mundo, os preços dos imóveis cairão, portanto,

por um longo período de tempo, perfurando o cenário global da bolha imobiliária que havia anos se formando. Até certo ponto, a mesma lógica se aplica aos imóveis residenciais nas grandes cidades. Se a tendência de trabalhar remotamente decolar, a combinação de não se considerar mais o deslocamento diário e a ausência de crescimento do emprego significa que a geração mais jovem não vai mais optar por pagar aluguel residencial ou comprar em cidades caras. Inevitavelmente, os preços cairão. Além disso, muitos terão percebido que trabalhar em casa é mais favorável ao clima e menos estressante do que ir para o escritório. A possibilidade de trabalhar remotamente significa que os maiores centros que se beneficiaram de maior crescimento econômico do que outras cidades ou regiões em suas proximidades podem começar a perder trabalhadores para o próximo nível de cidades em ascensão. Esse fenômeno poderia, por sua vez, criar uma onda de cidades ou regiões com estrelas em ascensão, atraindo pessoas que buscam uma melhor qualidade de vida graças a mais espaço a preços mais acessíveis.

Apesar de tudo o que foi dito acima, talvez a noção de trabalho remoto generalizado se tornando a norma seja muito rebuscada para acontecer de qualquer maneira significativa. Não ouvimos com tanta frequência que a otimização do "trabalho do conhecimento" (na verdade, o setor mais simples de se ir remotamente) depende de ambientes de escritório cuidadosamente projetados? A indústria de tecnologia que resistiu a tal mudança por tanto tempo investindo maciçamente em campi sofisticados agora está mudando de ideia à luz da experiência de bloqueio. O Twitter foi a primeira empresa a se comprometer com o trabalho remoto. Em maio, Jack Dorsey, seu CEO, informou aos funcionários que muitos deles teriam permissão para trabalhar em casa mesmo depois que a pandemia de COVID-19 diminuísse, em outras palavras - permanentemente. Outras empresas de tecnologia como o Google e o Facebook também se comprometeram a permitir que sua equipe continuasse trabalhando remotamente pelo menos até o final de 2020. Evidências anedóticas sugerem que outras empresas globais de vários setores tomarão decisões semelhantes, deixando parte de sua equipe trabalhar remotamente parte de A Hora. A pandemia tornou possível algo que parecia inimaginável em tal escala apenas alguns meses atrás.

Poderia algo semelhante e igualmente perturbador acontecer com o ensino superior? Seria possível imaginar um mundo em que muito menos alunos receberão sua educação em um campus? Em maio ou junho de 2020, em meio a bloqueios, os alunos foram forçados a estudar e se formar

remotamente, muitos se perguntando no final do semestre se o farão fisicamente voltar ao campus em setembro. Ao mesmo tempo, as universidades começaram a cortar seus orçamentos, ponderando o que esta situação sem precedentes poderia implicar em seu modelo de negócios. Eles devem ficar online ou não? Na era pré-pandêmica, a maioria das universidades oferecia alguns cursos online, mas sempre evitava abraçar totalmente a educação online. As universidades mais renomadas se recusaram a oferecer diplomas virtuais, temendo que isso pode diluir sua oferta exclusiva, tornar alguns de seus professores redundantes e até mesmo ameaçar a própria existência do campus físico. Na era pós-pandemia, isso mudará. A maioria das universidades - especialmente as mais caras do mundo anglo-saxão - terá que alterar seu modelo de negócios ou falirá porque o COVID-19 o tornou obsoleto. Se o ensino online continuasse em setembro (e possivelmente depois), muitos alunos não tolerariam pagar as mesmas mensalidades altas para a educação virtual, exigindo uma redução nas taxas ou adiando suas matrículas. Além disso, muitos alunos em potencial questionariam a pertinência de desembolsar custos proibitivos para o ensino superior em um mundo marcado por altos níveis de desemprego. Uma solução potencial pode estar em um modelo híbrido.

As universidades então expandiriam maciçamente a educação online enquanto mantinham uma presença no campus para uma população diferente de alunos. Em alguns casos, isso já foi feito com sucesso, principalmente na Georgia Tech para um mestrado online em Ciência da Computação. [140] Ao seguir essa rota híbrida, as universidades expandiriam o acesso, reduzindo custos. A questão, porém, é se esse modelo híbrido é escalonável e reproduzível para universidades que não têm recursos para investir em tecnologia e em uma biblioteca exclusiva de conteúdo de primeira linha. Mas o caráter híbrido da educação online também pode assumir uma forma diferente, por combinando estudo presencial e online em um currículo por meio de bate-papos online e o uso de aplicativos para tutoria e outras formas de suporte e ajuda.

Isso tem a vantagem de agilizar a experiência de aprendizagem, mas a desvantagem de apagar um grande aspecto da vida social e das interações pessoais em um campus. No verão de 2020, a direção da tendência parece clara: o mundo da educação, como tantos outros setores, se tornará parcialmente virtual.

2.2.2. Resiliência

Efeitos em grandes tecnologias, saúde e bem-estar, bancos e seguros, indústria automotiva, eletricidade

Durante a pandemia, a qualidade da resiliência, ou a capacidade de prosperar em circunstâncias difíceis, ganhou um apelo “obrigatório” e se tornou a palavra da moda - em todos os lugares! Compreensível. Para aqueles que têm a sorte de se encontrar em setores "naturalmente" resilientes à pandemia, a crise não foi apenas mais suportável, mas até mesmo uma fonte de oportunidades lucrativas em

um momento de angústia para a maioria. Três setores em particular irão florescer (no total) na era pós-pandemia: grande tecnologia, saúde e bem-estar. Em outras indústrias que foram duramente atingidas pela crise, ser resistente é o que fará a diferença entre se recuperar do choque exógeno súbito do COVID-19 ou ser vítima dele. Os setores bancário, de seguros e automotivo são três exemplos diferentes de setores que precisam construir maior resiliência para passar pela recessão profunda e prolongada causada pela crise da saúde.

Em geral, a grande tecnologia foi a indústria resiliente por excelência, pois emergiu desse período de mudanças radicais como a maior beneficiária.

Durante a pandemia, quando as empresas e seus clientes foram forçados

para se tornar digital, acelerar planos online, adotar novas ferramentas de rede e começar a trabalhar em casa, a tecnologia tornou-se uma necessidade absoluta, mesmo entre clientes tradicionalmente relutantes. Por esse motivo, o valor de mercado combinado das principais empresas de tecnologia bateu recorde após recorde durante os bloqueios, mesmo voltando aos níveis anteriores ao início do surto. Por razões expandidas em outras partes deste livro, é improvável que esse fenômeno diminua tão cedo, muito pelo contrário.

A resiliência, como todas as boas práticas, começa em casa conosco, então podemos presumir com justiça que, na era pós-pandemia, nos tornaremos coletivamente mais conscientes da importância de nossa própria resiliência física e mental. O desejo, impulsionado por uma

necessidade maior, de se sentir bem física e mentalmente e a necessidade de fortalecer nosso sistema imunológico significam que o bem-estar e os setores da indústria do bem-estar posicionados para ajudar a proporcioná-los emergirão como grandes vencedores. Além disso, o papel da saúde pública irá evoluir e se expandir.

O bem-estar deve ser abordado de forma holística; não podemos estar individualmente bem em um mundo que não está bem. Portanto, o cuidado planetário será tão importante quanto o cuidado pessoal, uma equivalência que apóia fortemente a promoção dos princípios que discutimos anteriormente, como o capitalismo de stakeholders, a economia circular e as estratégias ASG. No nível da empresa, onde os efeitos da degradação ambiental na saúde são cada vez mais claros, questões como o ar

poluição, gestão da água e respeito pela biodiversidade se tornarão fundamentais. Ser "limpo" será um imperativo da indústria, bem como uma necessidade imperiosa imposta pelo consumidor.

Como em qualquer outro setor, o digital terá um papel significativo na definição do futuro do bem-estar. A combinação de IA, IoT e sensores e tecnologia vestível produzirá novos insights sobre o bem-estar pessoal.

Eles monitorarão como somos e nos sentimos e, progressivamente, confundirão as fronteiras entre os sistemas de saúde pública e os sistemas de criação de saúde personalizados - uma distinção que acabará por ser quebrada. Fluxos de dados em muitos domínios separados, desde nossos ambientes até nossas condições pessoais, nos darão muito maior controle sobre nossa própria saúde e bem-estar. No mundo pós-COVID-19, informações precisas sobre nossas pegadas de carbono, nosso impacto sobre a biodiversidade, sobre a toxicidade de todos os ingredientes que consumimos e os ambientes ou contextos espaciais em que evoluímos irão gerar um progresso significativo em termos de nossa consciência de bem-estar coletivo e individual. As indústrias terão que tomar nota.

A busca coletiva por resiliência também favorece a indústria do esporte, intimamente ligada ao bem-estar. Como agora é bem conhecido que a atividade física contribui muito para a saúde, o esporte será cada vez mais reconhecido como uma ferramenta de baixo custo para uma sociedade mais saudável. Portanto, os governos irão encorajar sua prática, reconhecendo o benefício agregado de que o esporte constitui uma das melhores ferramentas disponíveis para a inclusão e integração

social. Por um tempo, o distanciamento social pode restringir a prática de certos esportes, o que, por sua vez, beneficiará a expansão cada vez mais poderosa dos e-sports. Tecnologia e digital nunca estão longe!

Quatro setores que enfrentam uma série de desafios específicos colocados pela crise pandêmica ilustram a natureza diversa da resiliência. Na banca, trata-se de estar preparado para a transformação digital. No seguro, trata-se de estar preparado para os litígios que se avizinham. No setor automotivo, trata-se de estar preparado para o próximo encurtamento das cadeias de suprimentos. No setor elétrico, trata-se de estar preparado para a inevitável transição energética. Os desafios são os mesmos em cada setor, e apenas as empresas mais resilientes e mais bem preparadas em cada um deles serão capazes de "projetar" um resultado bem-sucedido.

Devido à natureza de sua atividade quando ocorre uma crise econômica, os bancos tendem a se encontrar no epicentro da tempestade. Com COVID-19, o risco dobrou de intensidade. Primeiro, os bancos devem se preparar para a possibilidade de que a crise de liquidez do consumidor se transforme em uma grande crise de solvência corporativa, caso em que sua resiliência será severamente testada.

Em segundo lugar, eles precisam se ajustar à maneira como a pandemia está desafiando os hábitos bancários tradicionais, uma forma diferente de resiliência que requer maiores capacidades de adaptação. O primeiro risco pertence à categoria de riscos financeiros "tradicionais" para os quais os bancos tiveram anos para se preparar. Ele está sendo tratado por meio de amortecedores de capital e liquidez que devem ser robustos o suficiente para suportar um grande choque. No caso da crise da COVID-19, o teste de resiliência virá quando o volume de empréstimos inadimplentes começar a aumentar. A situação é totalmente diferente para a segunda categoria de riscos. Quase durante a noite, varejo, comercial e os bancos de investimento se depararam com uma situação (frequentemente) inesperada de ter que se mover online. A impossibilidade de encontrar colegas, clientes ou colegas traders pessoalmente, a necessidade de usar o pagamento sem contato e a exortação dos reguladores para usar o banco on-line e o comércio on-line em condições de trabalho remoto significou que todo o setor bancário teve que passar para o banco digital em o golpe de uma caneta. O COVID-19 forçou todos os bancos a acelerar uma transformação digital que agora veio para ficar e que intensificou os riscos de segurança cibernética (que, por sua vez, podem aumentar as implicações de

estabilidade sistêmica se não forem adequadamente mitigadas). Aqueles que ficaram para trás e perderam o trem digital de alta velocidade terão muita dificuldade para se adaptar e sobreviver. No setor de seguros, muitas reivindicações diferentes relacionadas ao COVID-19 foram feitas sob vários tipos de seguros domésticos e comerciais, que incluem propriedade comercial e interrupção de negócios, viagens, vida, saúde e responsabilidade (como compensação de trabalhadores e responsabilidade por práticas de emprego). A pandemia representa um risco particular para a indústria de seguros porque sua existência e funcionamento são baseados no princípio da diversificação de risco, que foi efetivamente suprimido quando os governos decidiram impor um bloqueio. Por esse motivo, centenas de milhares de empresas em todo o mundo não foram capazes de registrar reivindicações e estão enfrentando meses (senão anos) de litígio ou ruína. Em maio de 2020, a indústria de seguros estimou que a pandemia poderia custar potencialmente mais de US $ 200 bilhões, tornando-se um dos eventos mais caros da história da indústria de seguros (o custo aumentará se os bloqueios ultrapassarem o período em consideração quando a previsão foi feita). Para a indústria de seguros, o desafio pós-COVID-19 consiste em atender às necessidades de proteção em evolução de seus clientes, construindo maior resiliência a uma ampla gama de choques catastróficos potencialmente “não seguráveis”, como pandemias, eventos climáticos extremos, ataques cibernéticos e terrorismo. Ele deve fazer isso navegando em um ambiente de taxas de juros extremamente baixas enquanto se prepara para litígios antecipados e a possibilidade de reivindicações e perdas sem precedentes.

Nos últimos anos, a indústria automotiva foi engolfada por uma tempestade crescente de desafios, que vão desde o comércio e incertezas geopolíticas, vendas em declínio e penalidades de CO2 até a demanda dos clientes em rápida mudança e a natureza multifacetada da crescente competição em mobilidade (veículos elétricos, carros autônomos, mobilidade compartilhada). A pandemia exacerbou esses desafios, aumentando a incerteza considerável que a indústria está enfrentando, em particular no que diz respeito às cadeias de abastecimento. Nos estágios iniciais do surto, a escassez de componentes chineses teve um impacto negativo na produção automotiva global. Nos próximos meses e anos, a indústria terá que repensar toda a sua organização e formas de operar contra o cenário de cadeias de abastecimento reduzidas e uma provável queda nas vendas de veículos.

Ao longo dos estágios sucessivos da pandemia, e em particular durante os bloqueios, o setor elétrico desempenhou um papel essencial ao permitir que a maior parte do mundo continuasse digitalmente, os hospitais funcionassem e todas as indústrias essenciais operassem normalmente. Apesar dos desafios consideráveis apresentados por ameaças cibernéticas e mudanças nos padrões de demanda, a eletricidade se manteve, provando sua resiliência a choques. Seguindo em frente, o setor elétrico deve abraçar o desafio de acelerar sua transição energética. O combinação de investimentos em infraestrutura de energia progressiva (como em renováveis, dutos de hidrogênio e redes de carregamento de veículos elétricos) e redesenvolvimento de cluster industrial (como a eletrificação da energia necessária para a produção de produtos químicos) tem o potencial de apoiar a recuperação econômica (criando empregos e economia atividade) enquanto aumenta a resiliência geral do setor de energia em termos de produção de energia limpa.

*****

O micro reset forçará todas as empresas em todos os setores a experimentar novas maneiras de fazer negócios, trabalhar e operar. Aqueles que são tentados a voltar à velha maneira de fazer as coisas irão falhar. Aqueles que se adaptam com agilidade e imaginação acabarão por tirar vantagem da crise COVID-19.

3. RESET INDIVIDUAL

Como para efeitos macro e micro, a pandemia terá consequências profundas e diversas para todos nós como indivíduos. Para muitos, já foi devastador. Até o momento, a COVID-19 forçou a maioria das pessoas em todo o mundo a isolar-se de suas famílias e amigos, desorganizou completamente os planos pessoais e profissionais e minou profundamente seu senso de segurança econômica e, às vezes, psicológica e física. Todos nós fomos lembrados de nossa fragilidade humana inata, nossas fragilidades e nossas falhas. Essa percepção combinada com o estresse gerado pelos bloqueios e a profunda sensação simultânea de incerteza sobre o que está por vir pode, embora sub-repticiamente, mudar a nós e a maneira como nos relacionamos com outras pessoas e com nosso mundo. Para alguns, o que começa como uma mudança pode terminar como um reset individual.

3.1. Redefinindo nossa humanidade

3.1.1. Os melhores anjos de nossa natureza... ou não

Os psicólogos destacam que a pandemia, como a maioria dos eventos transformadores, tem a capacidade de trazer à tona o que há de melhor e de pior em nós. Anjos ou demônios: quais são as evidências até agora?

À primeira vista, parece que a pandemia pode ter aproximado as pessoas. Em março de 2020, imagens da Itália, o país mais atingido na época, davam a impressão de que o “esforço de guerra” coletivo era uma das únicas vantagens inesperadas da catástrofe COVID-19 que estava envolvendo o país. Como toda a população ficou confinada em casa, inúmeros exemplos mostraram que, como resultado, as pessoas não apenas tinham mais tempo umas para as outras, mas também pareciam ser mais gentis umas com as outras. As saídas para essa sensibilidade coletiva aprimorada variavam de cantores de ópera famosos se apresentando para seus vizinhos de sua varanda a um ritual noturno da população cantando louvores aos profissionais de saúde (um fenômeno que se estendeu por quase toda a Europa), além de diversos atos de ajuda mútua e suporte para quem precisa. De certa forma, a Itália abriu o caminho e, uma vez que,

durante o período de confinamento e em todo o mundo, houve exemplos generalizados comparáveis de notável solidariedade pessoal e social. Em todos os lugares, atos simples de bondade, generosidade e altruísmo parecem estar se tornando a norma. Em termos do que valorizamos, as noções de cooperação, as ideias comunitárias, o sacrifício do interesse próprio pelo bem comum e o cuidado vieram à tona. Por outro lado, as manifestações de poder individual, popularidade e prestígio foram desaprovadas, eclipsando até mesmo o apelo dos “ricos e famosos” que se desvaneceu à medida que a pandemia progredia. Um comentarista observou que o coronavírus teve o efeito de rapidamente “desmantelar o culto à celebridade” - uma característica fundamental de nossa modernidade - observando: “O sonho da mobilidade de classes se dissipa quando a sociedade fecha, a economia estanca, a contagem de mortes aumenta e de todos futuro está congelado dentro de seu próprio apartamento lotado ou mansão palaciana.

A diferença entre os dois nunca foi mais óbvia. ” [141] Uma variedade de tais observações levaram não apenas os comentaristas sociais, mas também o próprio público em geral a ponderar se a pandemia teve sucesso em trazer o melhor de nós e, com isso, desencadear uma busca por um significado mais elevado. Muitas perguntas surgiram, como: poderá a pandemia dar origem a pessoas melhores e a um mundo melhor? Será seguido por uma mudança de valores? Estaremos mais dispostos a nutrir nossos laços humanos e mais intencionais em manter nossas conexões sociais? Simplificando: seremos mais atenciosos e compassivos? Se a história serve de guia, os desastres naturais, como furacões e terremotos, unem as pessoas, enquanto as pandemias fazem o oposto: eles as separam. O motivo pode ser o seguinte: diante de um desastre natural repentino, violento e frequentemente breve, as populações se unem e tendem a se recuperar com relativa rapidez. Por outro lado, as pandemias são eventos mais duradouros e prolongados que frequentemente provocam sentimentos contínuos de desconfiança (em relação aos outros) enraizados no medo primordial de morrer. Psicologicamente, a consequência mais importante da pandemia é gerar uma quantidade fenomenal de incerteza que frequentemente se torna uma fonte de angústia. Não sabemos o que o amanhã trará (Haverá outra onda de COVID-19? Isso afetará as pessoas que amo? Vou manter meu emprego?) E essa falta de segurança nos deixa inquietos e preocupados. Como seres humanos, ansiamos por certeza, daí a necessidade de “fechamento cognitivo”, qualquer coisa que possa ajudar a apagar a incerteza e ambigüidade que paralisa nossa capacidade de funcionar “normalmente”. No contexto de uma pandemia, os riscos são

complexos, difíceis de compreender e amplamente desconhecidos. Assim confrontados, é mais provável que recuemos em vez de olhar para as necessidades dos outros, como tende a acontecer com desastres naturais (ou não) repentinos (e na verdade ao contrário das primeiras impressões veiculadas pela mídia). Isso, por sua vez, se torna uma fonte profunda de vergonha, um sentimento fundamental que impulsiona as atitudes e reações das pessoas durante as pandemias. A vergonha é uma emoção moral que equivale a se sentir mal: um sentimento desconfortável que mistura arrependimento, ódio por si mesmo e uma vaga sensação de "desonra" por não fazer a coisa "certa". A vergonha foi descrita e analisada em incontáveis romances e textos literários escritos sobre surtos históricos. Pode assumir formas tão radicais e horrendas quanto pais abandonando seus filhos à própria sorte. No início de The Decameron, uma série de novelas que contam a história de um grupo de homens e mulheres abrigados em uma vila enquanto a Peste Negra assolava Florença em 1348, Boccaccio escreve que: "pais e mães foram encontrados a abandonar seus próprios filhos, abandonados, não visitados, ao seu destino ". Na mesma linha, numerosos relatos literários de pandemias anteriores, do livro A de Defoe O Diário do Ano da Peste para os Noivos de Manzoni, relata como, tantas vezes, o medo da morte acaba substituindo todas as outras emoções humanas. Em todas as situações, os indivíduos são forçados a tomar decisões sobre como salvar suas próprias vidas que resultam em profunda vergonha por causa do egoísmo de sua escolha final. Felizmente, sempre há exceções, como vimos de forma mais pungente durante o COVID-19, como entre as enfermeiras e médicos cujos múltiplos atos de compaixão e coragem em tantas ocasiões foram muito além do seu dever profissional. Mas eles parecem ser apenas isso - exceções! Em The Great Influenza, [142] um livro que analisa os efeitos da gripe espanhola nos Estados Unidos no final da Primeira Guerra Mundial, o historiador John Barry relata que os profissionais de saúde não conseguiram encontrar voluntários suficientes para ajudar. Quanto mais virulenta a gripe se tornava, menos as pessoas estavam dispostas a se voluntariar. O sentimento coletivo de vergonha que se seguiu pode ser uma das razões pelas quais nosso conhecimento geral sobre a pandemia de 1918-1919 é tão escasso, apesar do fato de que, apenas nos Estados Unidos, ela matou 12 vezes mais pessoas do que a própria guerra. Isso, talvez, também explique por que até agora tão poucos livros ou peças foram escritos sobre ele.

Os psicólogos nos dizem que o fechamento cognitivo muitas vezes exige pensamento preto e branco e soluções simplistas [143] - um terreno

propício para teorias da conspiração e a propagação de rumores, notícias falsas, inverdades e outras ideias perniciosas. Em tal contexto, buscamos liderança, autoridade e clareza, o que significa que a questão em quem confiamos (dentro de nossa comunidade imediata e entre nossos líderes) torna-se crítica. Em conseqüência, o mesmo acontece com a questão de compensação em quem desconfiamos. Em condições de estresse, aumenta o apelo à coesão e à unidade, o que nos leva a nos unir em torno de nosso clã ou grupo, e a nos tornarmos geralmente mais sociáveis dentro dele, mas não atrás dele. Parece natural que nosso senso de vulnerabilidade e fragilidade aumente, assim como nossa dependência daqueles ao nosso redor, como para um bebê ou uma pessoa frágil. Nosso apego aos próximos se fortalece, com um renovado senso de apreço por todos aqueles que amamos: família e amigos. Mas há um lado mais sombrio nisso. Também desencadeia um aumento nos sentimentos patrióticos e nacionalistas, com preocupantes considerações religiosas e étnicas também entrando em cena. No final, essa mistura tóxica atinge o pior de nós como grupo social. Orhan Pamuk (o autor turco que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 2006 e cujo último romance, Noites da Peste, deve ser publicado no final de 2020) relata como as pessoas sempre responderam às epidemias espalhando boatos e informações falsas e retratando a doença como estranha e trazida com más intenções. Essa atitude nos leva a buscar um bode expiatório - a comunalidade de todos os surtos ao longo da história - e é a razão pela qual "explosões inesperadas e incontroláveis de violência, boatos, pânico e rebelião são comuns nos relatos de epidemias de peste desde o Renascimento". [144] Pamuk acrescenta: "A história e a literatura das pragas nos mostram que a intensidade do sofrimento, do medo da morte, do pavor metafísico e da sensação de estranho vivido pela população atingida também determinará a profundidade de sua raiva e descontentamento político. "

A pandemia COVID-19 mostrou de forma inequívoca a todos nós que vivemos em um mundo que está interconectado e, ainda assim, em grande parte desprovido de solidariedade entre as nações e, muitas vezes, mesmo dentro das nações. Durante os períodos de confinamento, exemplos notáveis de solidariedade pessoal surgiram, junto com contra-exemplos de comportamento egoísta. No nível global, a virtude de ajudar uns aos outros tem se destacado por sua ausência - isso apesar da evidência antropológica de que o que nos diferencia como humanos é a capacidade de cooperar uns com os outros e formar no processo algo maior e maior do que nós. O COVID-19 fará com que as pessoas se fechem em si mesmas ou nutrirá seu senso inato de empatia e colaboração, incentivando-as a uma

solidariedade maior? Os exemplos de pandemias anteriores não são muito encorajadores, mas desta vez há uma diferença fundamental: estamos todos conscientes de que, sem uma maior colaboração, não seremos capazes de enfrentar os desafios globais que enfrentamos coletivamente. Colocado da forma mais simples possível: se, como seres humanos, não colaborarmos para enfrentar nossos desafios existenciais (o meio ambiente e a governança global em queda livre, entre outros), estamos condenados. Portanto, não temos escolha a não ser convocar os melhores anjos de nossa natureza.

3.1.2. Escolhas Morais

A pandemia forçou todos nós, cidadãos e formuladores de políticas, querendo ou não, a entrar em um debate filosófico sobre como maximizar o bem comum da forma menos prejudicial possível. Em primeiro lugar, nos levou a pensar mais profundamente sobre o que realmente significa o bem comum. O bem comum é aquele que beneficia a sociedade como um todo, mas como decidimos coletivamente o que é melhor para nós como comunidade? Trata-se de preservar o crescimento do PIB e da atividade econômica a qualquer custo para tentar evitar o aumento do desemprego? É sobre cuidar dos membros mais frágeis de nossa comunidade e fazer sacrifícios uns pelos outros? É algo intermediário e, se for, que compensações estão envolvidas? Algumas escolas de pensamento filosófico, como o libertarianismo (para o qual a liberdade individual é mais importante) e o utilitarismo (para o qual a busca do melhor resultado para o maior número faz mais sentido) podem até contestar que o bem comum é uma causa que vale a pena perseguir, mas os conflitos entre teorias morais concorrentes podem ser resolvidos? A pandemia os levou à ebulição, com discussões furiosas entre campos opostos. Muitas decisões enquadradas como “frias” e racionais, movidas exclusivamente por considerações econômicas, políticas e sociais, são de fato profundamente influenciadas pela filosofia moral - o esforço para encontrar uma teoria que seja capaz de explicar o que devemos fazer. Na verdade, quase todas as decisões relacionadas à melhor forma de lidar com a pandemia poderiam ser reformuladas como uma escolha ética, refletindo que, em quase todos os casos, as práticas humanas trabalham sob considerações morais.

Devo dar para aqueles que não têm nada e mostrar empatia para aqueles cuja opinião difere da minha? É certo mentir para o público por um bem maior? É aceitável não ajudar meus vizinhos infectados com COVID-19? Devo demitir vários funcionários na esperança de manter meu negócio funcionando para os outros? É normal fugir para minha casa de férias para minha própria segurança e conforto aprimorados ou devo oferecê-lo a alguém cuja necessidade excede a minha? Devo ignorar a ordem de confinamento para ajudar um amigo ou familiar? Cada decisão, grande ou pequena, tem um componente ético, e a maneira como respondemos a todas essas perguntas é o que nos permite aspirar a uma vida melhor.

Como todas as noções de filosofia moral, a idéia de bem comum é evasiva e contestável. Desde o início da pandemia, ela provocou debates furiosos sobre a possibilidade de usar um cálculo utilitário ao tentar domar o pandemia ou ater-se ao sacrossanto princípio da santidade da vida.

Nada cristaliza mais a questão da escolha ética do que o debate que grassou durante os bloqueios iniciais sobre o trade-off entre a saúde pública e o impacto no crescimento. Como dissemos antes, quase todos os economistas têm

desmascarou o mito de que sacrificar algumas vidas salvará a economia, mas, independentemente do julgamento desses especialistas, o debate e os argumentos continuaram.

Nos EUA em particular, mas não exclusivamente, alguns formuladores de políticas

linha de que era justificável valorizar a economia ao invés da vida, endossando uma escolha política que teria sido inimaginável na Ásia ou na Europa, onde tais pronunciamentos teriam sido equivalentes a cometer suicídio político. (Esta constatação provavelmente explica a retirada precipitada do primeiro-ministro do Reino Unido, Johnson, de uma política inicial que defendia a imunidade coletiva, muitas vezes retratada por especialistas e pela mídia como um exemplo de darwinismo social).

A priorização dos negócios sobre a vida tem uma longa tradição, indo desde os mercadores de Siena durante a Grande Peste até aqueles de Hamburgo que tentaram esconder o surto de cólera de 1892. No entanto, parece quase incongruente que continuasse vivo hoje, com todos os conhecimentos médicos e dados científicos de que dispomos. O argumento apresentado por alguns grupos como “Americanos pela Prosperidade” é que as recessões matam pessoas. Isso, embora indubitavelmente verdadeiro, é um fato que está enraizado em escolhas de políticas informadas por considerações éticas. Nos EUA, as recessões de fato matam muitas pessoas porque a ausência ou a natureza limitada de

qualquer rede de segurança social as torna potencialmente fatais. Quão? Quando as pessoas perdem seus empregos sem apoio estatal e sem seguro saúde, elas tendem a “morrer de desespero” por meio de suicídios, overdose de drogas e alcoolismo, conforme mostrado e extensamente analisado por Anne Case e Angus Deaton. [145] As recessões econômicas também provocam mortes fora dos Estados Unidos, mas as escolhas de políticas em termos de seguro saúde e proteção ao trabalhador podem garantir que haja um número consideravelmente menor. Em última análise, trata-se de uma escolha moral sobre se priorizar as qualidades do individualismo ou aquelas que favorecem o destino da comunidade. É uma escolha tanto individual quanto coletiva (que pode ser expressa por meio de eleições), mas o exemplo da pandemia mostra que sociedades altamente individualistas não são muito boas em expressar solidariedade. [146]

Na era pós-pandemia imediata, após a primeira onda no início de 2020 e em um momento em que muitas economias ao redor do mundo estão caindo em recessões profundas, a perspectiva de bloqueios mais severos parece politicamente inconcebível. Mesmo os países mais ricos não podem "se dar ao luxo" de suportar um bloqueio indefinidamente, nem mesmo por um ano ou mais. As consequências, especialmente em termos de desemprego, seriam terríveis, resultando em uma queda dramática para os mais pobres da sociedade e o bem-estar individual em geral. Como disse o economista e filósofo Amartya Sen: “A presença de doenças mata pessoas, e a ausência de meios de subsistência também mata pessoas”. Portanto, agora que as capacidades de teste e rastreamento de contato estão amplamente disponíveis, muitas decisões individuais e coletivas envolverão necessariamente análises de custo-benefício complexas e, às vezes, até mesmo um cálculo utilitário “cruel”. Cada decisão política se tornará um compromisso extremamente delicado entre salvar o maior número de vidas possível e permitir que a economia funcione o mais plenamente possível. Bioeticistas e filósofos morais freqüentemente discutem entre si sobre a contagem dos anos de vida perdidos ou salvos, em vez de apenas o número de mortes que ocorreram ou que poderiam ter sido evitadas. Peter Singer, professor de bioética e autor de The Life You Can Save, é uma voz proeminente entre aqueles que aderem à teoria de que devemos levar em conta o número de anos de vida perdidos, não apenas o número de vidas perdidas. Ele dá o seguinte exemplo: na Itália, a idade média dos que morrem de COVID-19 é de quase 80 anos, o que

poderia nos levar a fazer a seguinte pergunta: quantos anos de vida se perderam na Itália, considerando que muitas das pessoas Quem morreu do vírus não era apenas idoso, mas também tinha problemas médicos latentes? Alguns economistas estimam aproximadamente que os italianos perderam talvez uma média de três anos de vida, um resultado muito diferente em comparação com os 40 ou 60 anos de vida perdidos quando muitos jovens morrem como resultado da guerra. [148]
O objetivo deste exemplo é o seguinte: hoje, quase todo mundo tem uma opinião sobre se o bloqueio em seu país foi muito severo ou não severo o suficiente, se deveria ter sido reduzido ou estendido, se foi colocado de forma apropriada em vigor ou não, se foi devidamente aplicado ou não, muitas vezes enquadrando a questão como um "fato objetivo". Na realidade, todos esses julgamentos e declarações que fazemos constantemente são determinados por considerações éticas subjacentes que são eminentemente pessoais. Simplificando, o que expomos como fatos ou opiniões são escolhas morais que a pandemia revelou. Eles são feitos em nome do que pensamos ser certo ou errado e, portanto, nos definem como quem somos. Apenas um exemplo simples para ilustrar o ponto: a OMS e a maioria das autoridades nacionais de saúde recomendam que usemos uma máscara em público. O que foi enquadrado como uma necessidade epidemiológica e uma medida fácil de mitigação de riscos se transformou em um campo de batalha político. Nos EUA e, também, mas nem tanto, em um em poucos outros países, a decisão de usar ou não máscara tornou-se politicamente carregada por ser considerada uma violação à liberdade pessoal. Mas por trás da declaração política, recusar-se a usar uma máscara em público é uma escolha moral, como de fato é a decisão de usar uma. Isso nos diz algo sobre os princípios morais que sustentam nossas escolhas e decisões? Provavelmente sim.

A pandemia também nos obrigou a (re) considerar a importância crítica da justiça, uma noção altamente subjetiva, mas essencial para a harmonia social. Levar a justiça em consideração nos lembra que algumas das suposições mais básicas que fazemos na economia têm um elemento moral embutido nelas. Deve, por exemplo, imparcialidade ou justiça ser considerada ao olhar nas leis de oferta e demanda? E o que a resposta nos diz sobre nós? Essa questão moral quintessencial veio à tona durante a fase mais aguda da pandemia no início de 2020, quando a escassez de algumas necessidades básicas (como óleo e papel higiênico) e suprimentos essenciais para lidar com COVID-19 (como máscaras e ventiladores) começaram a ocorrer. Qual

foi a resposta certa? Deixar as leis de oferta e demanda fazerem sua mágica para que os preços aumentem o suficiente e limpem o mercado? Ou melhor, regular a demanda ou mesmo os preços por um tempinho? Em um famoso artigo escrito em 1986, Daniel Kahneman e Richard Thaler (que

posteriormente receberam o Prêmio Nobel de Economia) exploraram essa questão e concluíram que o aumento dos preços em uma emergência é simplesmente inaceitável do ponto de vista da sociedade porque será considerado injusto. Alguns economistas podem argumentar que os preços mais elevados desencadeados pela oferta e demanda são eficazes na medida em que desencorajam a compra em pânico, mas a maioria das pessoas consideraria que esta é uma questão que tem pouco a ver com economia e mais a ver com um sentimento de justiça, portanto de julgamento moral. A maioria das empresas entende isso: aumentar o preço de um bem que é necessário em uma situação extrema como uma pandemia, principalmente se for uma máscara ou desinfetante para as mãos, não é apenas ofensivo, mas vai contra o que é considerado moral e socialmente aceitável. Por esse motivo, a Amazon proibiu a manipulação de preços em seu site, e grandes redes de varejo responderam à escassez não aumentando o preço das mercadorias, mas limitando a quantidade que cada cliente poderia comprar. É difícil dizer se essas considerações morais constituem uma redefinição e se terão um efeito pós-coronavírus de longa duração em nossas atitudes e comportamentos. No mínimo, podemos supor que estamos agora mais individualmente conscientes do fato de que nossas decisões são infundidas com valores e informadas por escolhas morais. Pode acontecer que, se (mas é um grande "se") no futuro abandonarmos a postura de interesse próprio que polui tantas de nossas interações sociais, poderemos ser capazes de prestar mais atenção a questões como inclusão e justiça. Oscar Wilde já havia destacado esse problema em 1892 ao retratar um cínico como “um homem que sabe o preço de tudo e o valor de nada”.

3.2. Saúde Mental e Bem-estar

Há anos, uma epidemia de saúde mental envolveu grande parte do mundo. A pandemia já piorou e continuará a piorar. A maioria dos psicólogos (e certamente todos aqueles com quem conversamos) parecem concordar com o julgamento expresso em maio de 2020 por um de seus colegas: “A pandemia teve um efeito devastador na saúde mental”. [149]

Ao contrário das doenças físicas, as pessoas com problemas de saúde

mental costumam ter feridas que são invisíveis a olho nu de quem não é profissional. Ainda assim, na última década, os especialistas em saúde mental relataram uma explosão de problemas de saúde mental que vão desde depressão e suicídio até psicose e transtornos de dependência.

Em 2017, cerca de 350 milhões de pessoas em todo o mundo sofriam de depressão. Naquela época, a OMS previu que a depressão se tornaria a segunda principal causa de carga de doença globalmente em 2020 e que ultrapassaria a doença cardíaca isquêmica como a principal causa de carga de doença em 2030. Nos EUA, o CDC estimou em 2017 que a depressão afetou mais de 26% dos adultos. Aproximadamente 1 em cada 20 relata sintomas moderados a graves. Naquela época, também previa que 25% dos adultos americanos sofreriam de doença mental durante o ano e quase 50% desenvolveriam pelo menos uma doença mental durante a vida. [150] Números semelhantes (mas talvez não tão graves) e tendências existem na maioria dos países ao redor do mundo. No local de trabalho, a questão da saúde mental se tornou um dos grandes elefantes na sala corporativa. A epidemia de estresse, depressão e ansiedade relacionados ao trabalho parece estar continuamente piorando. Como um exemplo revelador, em 2017-2018 no Reino Unido, o estresse, a depressão e a ansiedade representaram mais da metade (57%) do total de dias de trabalho perdidos devido a problemas de saúde. [151]

Para muitas pessoas, atravessar a pandemia COVID-19 será definido como viver um trauma pessoal. As cicatrizes infligidas podem durar anos. Para começar, nos primeiros meses do surto, era muito fácil ser vítima dos preconceitos de disponibilidade e relevância. Esses dois atalhos mentais nos levaram a ficar obcecados e ruminar sobre a pandemia e seus perigos (a disponibilidade nos faz confiar em exemplos imediatos que vêm à mente ao avaliar algo e a saliência nos predispõe a focar em coisas que são mais proeminentes ou emocionalmente marcantes). Durante meses, COVID-19 se tornou quase a única notícia, notícia que era quase exclusivamente ruim. Relatos implacáveis de mortes, casos infecciosos e todas as outras coisas que podem dar errado, junto com imagens carregadas de emoção, permitiram que nossa imaginação coletiva se descontrolasse em termos de preocupação conosco e com nossos entes queridos mais próximos. Uma atmosfera tão alarmante teve efeitos desastrosos em nosso bem-estar mental. Além disso, a ansiedade

amplificada pela mídia pode ser muito contagiosa. Tudo isso se transformou em uma realidade que para tantos representava uma tragédia pessoal, seja definida pelo impacto econômico da perda de renda e emprego e / ou o impacto emocional da violência doméstica, isolamento agudo e solidão ou a incapacidade de lamentar adequadamente o falecido ente querido uns. Os humanos são seres inerentemente sociais. Companheirismo e interações sociais são um componente vital de nossa humanidade. Se privados deles, encontramos nossas vidas viradas de cabeça para baixo. As relações sociais são, em grande medida, obliteradas por medidas de confinamento e distanciamento físico ou social e, no caso dos bloqueios da COVID-19, isso ocorreu em um momento de ansiedade elevada, quando mais precisávamos deles. Rituais inerentes à nossa condição humana - apertos de mão, abraços, beijos e tantos outros - foram suprimidos. Resultou em solidão e isolamento. Por enquanto, não sabemos se nem quando podemos retornar completamente ao nosso antigo modo de vida. Em qualquer estágio da pandemia, mas particularmente no final dos bloqueios, o desconforto mental continua sendo um risco, mesmo após o período de estresse agudo, algo que os psicólogos chamam de "fenômeno do terceiro trimestre" [152] em referência às pessoas que vivem isolados por um período prolongado de tempo (como exploradores polares ou astronautas): eles tendem a ter problemas e tensões no final de sua missão. Como essas pessoas, mas em escala planetária, nosso senso coletivo de bem-estar mental sofreu um golpe muito severo. Tendo lidado com a primeira onda, agora estamos antecipando outra que pode ou não vir, e essa mistura emocional tóxica corre o risco de produzir um estado coletivo de angústia. A incapacidade de fazer planos ou se envolver em atividades específicas que costumavam ser partes intrínsecas de nossa vida normal e fontes vitais de prazer (como visitar a família e amigos no exterior, planejar com antecedência para o próximo semestre na universidade, se candidatar a um novo emprego) potencial para nos deixar confusos e desmoralizados. Para muitas pessoas, as tensões e tensões dos dilemas imediatos que se seguiram ao fim dos bloqueios durarão meses. É seguro usar o transporte público? É muito arriscado ir a um restaurante favorito? É apropriado visitar este familiar ou amigo idoso? Por muito tempo, essas decisões banais serão contaminadas com uma sensação de pavor - especialmente para aqueles que são vulneráveis por causa de sua idade ou condição de saúde.

No momento em que escrevo (junho de 2020), o impacto da pandemia em termos de saúde mental não pode ser quantificado ou avaliado de forma generalizada, mas os contornos gerais são conhecidos. Resumindo: 1)

indivíduos com problemas de saúde mental pré-existentes, como depressão, sofrerão cada vez mais de transtornos de ansiedade; 2) medidas de distanciamento social, mesmo depois de serem revertidas, terão piorado os problemas de saúde mental; 3) em muitas famílias, a perda de renda consecutiva ao desemprego mergulhará as pessoas no fenômeno da “morte do desespero”; 4) a violência doméstica e o abuso, especialmente contra mulheres e crianças, aumentarão enquanto durar a pandemia; e 5) pessoas e crianças “vulneráveis” - aqueles sob cuidados, os desfavorecidos socioeconômicos e os deficientes que precisam de um nível de apoio acima da média - estarão particularmente em risco de maior sofrimento mental. Vamos revisar abaixo alguns deles em maiores detalhes. Para muitos, uma explosão de problemas mentais ocorreu durante os primeiros meses da pandemia e continuará a progredir na era pós-pandemia. Em março de 2020 (no início da pandemia), um grupo de pesquisadores publicou um estudo no The Lancet que descobriu que as medidas de confinamento produziram uma série de consequências graves para a saúde mental, como trauma, confusão e raiva. [153] Apesar de evitar os problemas de saúde mental mais graves, uma grande parte da população mundial provavelmente sofreu estresse em vários graus. Em primeiro lugar, é entre aqueles já propensos a problemas de saúde mental que os desafios inerentes à resposta ao coronavírus (bloqueios, isolamento, angústia) serão exacerbados. Alguns vão resistir à tempestade, mas para certos indivíduos, um diagnóstico de depressão ou ansiedade pode evoluir para um episódio clínico agudo. Também há um número significativo de pessoas que pela primeira vez apresentaram sintomas de transtorno de humor grave como mania, sinais de depressão e várias experiências psicóticas. Todos foram desencadeados por eventos direta ou indiretamente associados à pandemia e aos bloqueios, como isolamento e solidão, medo de pegar a doença, perder o emprego, luto e preocupações com parentes e amigos. Em maio de 2020, o diretor clínico do National Health Service England para saúde mental disse a um comitê parlamentar que "a demanda por saúde mental aumentaria‘significativamente ’uma vez que o bloqueio terminasse e veria pessoas precisando de tratamento para traumas nos próximos anos". [154] Não há razão para acreditar que a situação será muito diferente em outro lugar.

A violência doméstica aumentou durante a pandemia. Ainda é difícil medir o aumento preciso devido ao alto número de casos que permanecem não relatados, mas não deixa de ser claro que o aumento nas incidências foi alimentado por uma combinação de ansiedade e incerteza econômica. Com os bloqueios, todos os ingredientes necessários para um aumento na

violência doméstica se fundiram: isolamento de amigos, família e emprego, a ocasião para vigilância constante e proximidade física de um parceiro abusivo (muitas vezes eles próprios sob maior estresse) e opções limitadas ou nenhuma opção para escapar. As condições de bloqueio aumentaram os comportamentos abusivos existentes, deixando pouco ou nenhum descanso para as vítimas e seus filhos fora de casa.

As projeções do Fundo de População das Nações Unidas indicam que se a violência doméstica aumentar em 20% durante os períodos de bloqueio, haveria 15 milhões de casos adicionais de violência por parceiro íntimo em 2020 para uma duração média de bloqueio de três meses, 31 milhões de casos em média lockdown de seis meses, 45 milhões para um lockdown médio de nove meses e 61 milhões se o período médio de lockdown durasse um ano. Essas são projeções globais, incluindo todos os 193 Estados-Membros da ONU, e representam os altos níveis de subnotificação característicos da violência de gênero. Ao todo, eles totalizam 15 milhões de casos adicionais de violência de gênero a cada três meses em que o bloqueio continua. [155] É difícil prever como a violência doméstica irá evoluir na era pós-pandemia.

Condições de adversidade tornarão isso mais provável, mas muito dependerá de como os países individuais controlam as duas vias pelas quais ocorre a violência doméstica: 1) a redução nos esforços de prevenção e proteção, serviços sociais e assistência; e 2) o concomitante aumento da incidência de violência. Este subcapítulo conclui com um ponto que pode parecer anedótico, mas que ganhou alguma relevância em uma era de reuniões on-line implacáveis que podem se expandir em um futuro previsível: as conversas por vídeo e o bem-estar mental são companheiros ruins? Durante os bloqueios, as videoconferências foram para muitos um salva-vidas pessoal e profissional, permitindo-nos manter conexões humanas, relacionamentos de longa distância e conexões com nossos colegas. Mas também geraram um fenômeno de exaustão mental, popularizado como “fadiga do zoom”: uma condição que se aplica ao uso de qualquer interface de vídeo. Durante os bloqueios, telas e vídeos foram tão amplamente solicitados para fins de comunicação que isso equivalia a um novo experimento social conduzido em grande escala. A conclusão: nossos cérebros acham difícil e às vezes perturbador conduzir interações virtuais, especialmente se e quando tais interações são responsáveis pela quase totalidade de nossas trocas profissionais e pessoais. Somos animais sociais para os quais as muitas pistas menores e muitas vezes não-verbais que ocorrem normalmente durante as interações sociais físicas são vitais

em termos de comunicação e compreensão mútua. Quando falamos com alguém na carne, não nos concentramos apenas nas palavras que estão dizendo, mas também nos concentramos em uma infinidade de sinais de infra-linguagem que nos ajudam a dar sentido à troca que estamos tendo: é a parte inferior do corpo do pessoa de frente para nós ou se afastou? O que suas mãos estão fazendo? Qual é o tom de sua linguagem corporal geral? Como a pessoa está respirando? Uma conversa por vídeo torna impossível a interpretação dessas pistas não-verbais carregadas de significado sutil e nos força a nos concentrarmos exclusivamente nas palavras e expressões faciais às vezes alteradas pela qualidade do vídeo. Em uma conversa virtual, não temos outra coisa senão um contato visual intenso e prolongado, que pode facilmente se tornar intimidante ou até ameaçador, principalmente quando existe uma relação hierárquica. Esse problema é ampliado pela visualização da "galeria", quando a visão central de nossos cérebros corre o risco de ser desafiada pelo grande número de pessoas à vista. Existe um limite além do qual não podemos decodificar tantas pessoas ao mesmo tempo. Os psicólogos têm uma palavra para isso: "atenção parcial contínua". É como se nosso cérebro estivesse tentando multitarefa, em vão, é claro. Ao final da ligação, a busca constante por pistas não-verbais que não podem ser encontradas simplesmente oprime nosso cérebro. Temos a sensação de estarmos sem energia e com uma sensação de profunda insatisfação. Isso, por sua vez, afeta negativamente nossa sensação de bem-estar mental.

O impacto do COVID-19 deu origem a uma gama mais ampla e profunda de problemas de saúde mental que afetam um número maior da população, muitos dos quais poderiam ter sido poupados no futuro imediato, não fosse pela pandemia. Visto nesses termos, o coronavírus reforçou e não redefiniu os problemas de saúde mental. No entanto, o que a pandemia alcançou com respeito à saúde mental, como em tantos outros domínios, foi a aceleração de uma tendência pré-existente; com isso, aumentou a consciência pública da gravidade do problema. A saúde mental, o fator isolado mais significativo que afeta o nível de satisfação das pessoas com suas vidas, [156] já estava na tela do radar dos legisladores. Na era pós-pandemia, essas questões podem agora receber a prioridade que merecem. Isso de fato constituiria uma reinicialização vital.

3.3. Mudanças Prioritárias

Muito já foi escrito sobre a maneira como a pandemia pode nos mudar - como pensamos e como fazemos as coisas. No entanto, ainda estamos nos primeiros dias (ainda não sabemos se a pandemia já passou) e, na ausência de dados e pesquisas, todas as conjecturas sobre nossos eus futuros são altamente especulativos. No entanto, podemos prever algumas mudanças possíveis que se encaixam nas questões macro e micro analisadas neste livro.
O COVID-19 pode nos obrigar a resolver nossos problemas internos de maneiras que não teríamos considerado anteriormente. Podemos começar a nos fazer algumas perguntas fundamentais que nunca teriam surgido sem a crise e os bloqueios e, ao fazer isso, redefinir nosso mapa mental.
Crises existenciais como a pandemia nos confrontam com nossos próprios medos e ansiedades e oferecem grandes oportunidades para introspecção. Eles nos forçam a fazer as perguntas que realmente importam e também podem nos tornar mais criativos em nossas respostas. A história mostra que novas formas de organização individual e coletiva freqüentemente surgem após depressões econômicas e sociais. Já fornecemos exemplos de pandemias anteriores que mudaram radicalmente o curso da história. Em tempos de adversidade, a inovação geralmente prospera - a necessidade há muito é reconhecida como a mãe da invenção. Isso pode ser particularmente verdadeiro para a pandemia COVID-19 que forçou muitos de nós a desacelerar e nos deu mais tempo para refletir, longe do ritmo e do frenesi do nosso mundo "normal" (com a exceção muito significativa, é claro, das dezenas de milhões de trabalhadores heroicos na saúde, mercearias e supermercados, e pais com filhos pequenos ou pessoas que cuidam de parentes idosos ou deficientes que precisam de atenção constante).
Oferecendo os presentes de mais tempo, maior quietude, mais solidão (mesmo que o excesso desta última às vezes resultasse em solidão), a pandemia proporcionou uma oportunidade para pensar mais profundamente sobre quem somos, o que realmente importa e o que queremos, tanto como indivíduos quanto como sociedade. Este período de reflexão coletiva forçada pode dar origem a uma mudança de comportamento que irá em
por sua vez, desencadeia uma reconsideração mais profunda de nossas crenças e convicções. Isso poderia resultar em uma mudança em nossas prioridades que, por sua vez, afetaria nossa abordagem a muitos aspectos de nossa vida cotidiana: como nos socializamos, cuidamos de nossos familiares e amigos, nos exercitamos, administramos nossa saúde, fazemos compras, educar nossos filhos e até mesmo como vemos nossa posição no mundo.

Cada vez mais, perguntas óbvias podem surgir, como: Nós sabemos o que é importante? Somos muito egoístas e focados demais em nós mesmos? Damos prioridade demais e tempo excessivo à nossa carreira? Somos escravos do consumismo? Na era pós-pandemia, graças à pausa para reflexão que ela ofereceu a alguns de nós, nossas respostas podem muito bem ter evoluído em comparação com o que nosso eu pré-pandêmico poderia ter respondido.
Consideremos, de forma arbitrária e não exclusiva, algumas dessas mudanças potenciais cuja probabilidade de ocorrência, nos parece, ainda que não muito alta, é, no entanto, maior do que comumente se supõe.

3.3.1. Criatividade

Pode ser um clichê dizer que "o que não nos mata nos torna mais fortes", mas Friedrich Nietzsche tinha razão. Nem todo mundo que sobrevive a uma pandemia sai dela mais forte, longe disso. No entanto, alguns indivíduos o fazem, com ações e realizações que podem parecer marginais na época, mas, em retrospectiva, parecem ter causado um tremendo impacto. Ter uma mente criativa ajuda. O mesmo acontece com estar no lugar certo (como o setor certo) na hora certa. Não há dúvida, por exemplo, de que nos próximos anos assistiremos a uma explosão de criatividade entre start-ups e novos empreendimentos nos espaços digitais e biotecnológicos. A pandemia atingiu os ventos de ambos, sugerindo que veremos muito progresso e muita inovação por parte dos indivíduos mais criativos e originais desses setores. Os empresários mais talentosos terão um dia de campo!
O mesmo pode acontecer nos domínios da ciência e das artes. Episódios do passado ilustre corroboram que personagens criativos prosperam no bloqueio. Isaac Newton, por exemplo, floresceu durante a peste. Quando a Universidade de Cambridge teve que fechar no verão de 1665 após um surto, Newton voltou para a casa de sua família em Lincolnshire, onde permaneceu por mais de um ano. Durante este período de isolamento forçado descrito como annus mirabilis (um "ano notável"), ele teve uma efusão de energia criativa que formou a base para suas teorias da gravidade e óptica e, em particular, o desenvolvimento da lei do quadrado inverso de gravitação (havia uma maçã árvore ao lado da casa e a ideia lhe ocorreu ao comparar a queda de uma maçã ao movimento da lua orbital). [157]
Um princípio semelhante de criatividade sob coação se aplica à literatura e está na origem de algumas das obras literárias mais famosas do mundo ocidental. Os estudiosos argumentam que o fechamento dos cinemas em Londres forçado pela peste de 1593 ajudou Shakespeare a se voltar para a poesia. É quando publica “Vênus e Adônis”, poema narrativo popular em

que a deusa implora um beijo de um menino “para afastar a infecção do ano perigoso”. Alguns anos depois, no início do século 17, os teatros em Londres fechavam mais do que abriam por causa da peste bubônica. Uma regra oficial estipulava que as apresentações teatrais deveriam ser canceladas quando as mortes causadas pela peste ultrapassassem 30 pessoas por semana. Em 1606, Shakespeare foi muito prolífico precisamente porque os teatros foram fechados pela epidemia e sua trupe não podia tocar. Em apenas um ano escreveu “King Lear”, “Macbeth” e “Antony and Cleopatra”. [158] O autor russo Alexander Pushkin teve uma experiência semelhante. Em 1830, após uma epidemia de cólera que atingiu Nizhny Novgorod, ele se viu trancado em uma propriedade provincial. De repente, depois de anos de turbulência pessoal, ele se sentiu aliviado, livre e feliz. Os três meses que ele passou em quarentena foram os mais criativos e produtivos de sua vida. Ele terminou Eugene Onegin - sua obra-prima - e escreveu uma série de esboços, um dos quais foi chamado de “Uma festa durante a peste”.

Citamos esses exemplos históricos de florescimento da criatividade pessoal em alguns de nossos maiores artistas durante uma praga ou pandemia, não para minimizar ou desviar a atenção do catastrófico impacto financeiro que a crise do COVID-19 está tendo no mundo da cultura e do entretenimento, mas, em vez disso, para proporcionar um vislumbre de esperança e uma fonte de inspiração. A criatividade é mais abundante nos setores culturais e artísticos de nossas sociedades e a história mostra que essa mesma criatividade pode ser uma importante fonte de resiliência.

Existem muitos exemplos desse tipo. Esta é uma forma incomum de reinicialização, mas não deve nos surpreender. Quando coisas devastadoras acontecem, a criatividade e a engenhosidade freqüentemente prosperam.

3.3.2. Tempo

No romance de Joshua Ferris (2007) Then We Came to the End, um personagem observa: “Alguns dias pareciam mais longos do que outros. Alguns dias pareciam dois dias inteiros. ” Isso aconteceu em escala mundial como resultado da pandemia: alterou nosso senso de tempo. No meio de seus respectivos bloqueios, muitas pessoas fizeram referência ao fato de que os dias de confinamento pareciam durar uma eternidade, mas as semanas

passaram surpreendentemente rápido. Com, mais uma vez, a exceção fundamental daqueles que estavam nas “trincheiras” (todos os trabalhadores essenciais que já mencionamos), muitas pessoas no confinamento sentiram a mesmice dos dias, com cada dia semelhante ao anterior e ao seguinte, e quase nenhuma distinção entre os dias úteis e o fim de semana. É como se o tempo tivesse se tornado amorfo e indiferenciado, sem todos os marcadores e divisões normais. Em um contexto fundamentalmente diferente, mas dentro de um tipo de experiência semelhante, os prisioneiros que enfrentam a forma mais dura e radical de confinamento confirmam isso. “Os dias se arrastam e então você acorda e um mês se passa e você pensa: 'Onde diabos isso foi?'” Victor Serge, um revolucionário russo que foi repetidamente preso, disse o mesmo: “Há horas rápidas e muito longos segundos. ” [159] Essas observações poderiam obrigar alguns de nós a reconsiderar nossa relação com o tempo, para melhor reconhecer o quão precioso ele é e não deixá-lo passar despercebido? Vivemos em uma era de extrema velocidade, onde tudo acontece muito mais rápido do que nunca porque a tecnologia criou uma cultura de imediatismo. Nesta sociedade “em tempo real”, onde tudo é necessário e desejado imediatamente, nos sentimos constantemente pressionados pelo tempo e temos a sensação incômoda de que o ritmo de vida está sempre aumentando. A experiência dos bloqueios pode alterar isso? Poderíamos experimentar em nosso próprio nível individual o equivalente ao que as cadeias de suprimentos “just-in-time” farão na era pós-pandemia - uma supressão da aceleração do tempo em benefício de uma maior resiliência e paz de espírito? Será que a necessidade de nos tornarmos mais resilientes psicologicamente nos forçaria a desacelerar e ficar mais atentos à passagem do tempo? Talvez. Esta pode ser uma das vantagens inesperadas do COVID-19 e dos bloqueios. Tornou-nos mais conscientes e sensíveis sobre os grandes marcadores do tempo: os momentos preciosos passados com os amigos e a nossa família, as estações e a natureza, as miríades de pequenas coisas que requerem um pouco de tempo (como falar com um estranho, ouvir um pássaro ou admirando uma obra de arte), mas que contribuem para o bem-estar. O reset: na era pós-pandemia, podemos ter uma valorização diferente do tempo, perseguindo-o para uma felicidade maior. [160]

3.3.3 CONSUMO

Desde que a pandemia se alastrou, muitos centímetros de colunas e análises

foram dedicados ao impacto que COVID-19 terá em nossos padrões de consumo. Um número significativo deles afirma que na era pós-pandêmica, ficaremos mais conscientes das consequências de nossas escolhas e hábitos e decidiremos reprimir algumas formas de consumo. No outro extremo do espectro, alguns analistas preveem o “consumo de vingança”, assumindo a forma de um aumento nos gastos após o fim dos bloqueios, prevendo um forte renascimento de nosso espírito animal e um retorno à situação que prevalecia antes da pandemia. O consumo de vingança ainda não aconteceu. Talvez isso nem aconteça se um sentimento de autocontenção entrar em ação primeiro.

O argumento subjacente que apoia essa hipótese é aquele ao qual nos referimos no capítulo sobre a redefinição ambiental: a pandemia agiu como um grande abrir de olhos para o público em geral sobre a gravidade dos riscos relacionados à degradação ambiental e às mudanças climáticas.
O aumento da consciência e das preocupações agudas sobre a desigualdade, combinadas com a compreensão de que a ameaça de agitação social é real, imediata e está à nossa porta, podem ter o mesmo efeito. Quando um ponto de inflexão é atingido, a desigualdade extrema começa a corroer o contrato social e cada vez mais resulta em comportamento anti-social (mesmo criminoso) muitas vezes direcionado à propriedade. Em resposta, os padrões de consumo devem estar mudando. Como isso pode funcionar? O consumo conspícuo pode cair em desgraça. Ter o modelo mais recente e atualizado de qualquer coisa não será mais um sinal de status, mas será considerado, na melhor das hipóteses, inacessível e, na pior, totalmente obsceno. A sinalização posicional será invertida. Projetar uma mensagem sobre si mesmo por meio de uma compra e exibir “coisas” caras pode simplesmente se tornar ultrapassado. Simplificando, em um mundo pós-pandêmico assolado pelo desemprego, desigualdades insuportáveis e angústia em relação ao meio ambiente, a ostentação de riqueza não será mais aceitável.
O caminho a seguir pode ser inspirado no exemplo do Japão junto com alguns outros países. Os economistas se preocupam constantemente com a possível japonificação do mundo (à qual nos referimos na seção macro), mas há uma história muito mais positiva da japonificação que nos dá uma noção de onde podemos querer ir com respeito ao consumo. O Japão possui duas características distintas que estão interligadas: tem um dos níveis mais baixos de desigualdade entre os países de alta renda e, desde o estouro da bolha especulativa no final dos anos 1980, teve um nível mais baixo de consumo

conspícuo que o diferencia. Hoje, o valor positivo do minimalismo (tornado viral pela série Marie Kondo), a busca ao longo da vida de encontrar significado e propósito na vida (ikigai) e a importância da natureza e da prática de banho na floresta (shirin-yoku) estão sendo copiados em em muitas partes do mundo, embora todos adotem um estilo de vida japonês relativamente mais "frugal" em comparação com sociedades mais consumistas. Fenômeno semelhante pode ser observado nos países nórdicos, onde o consumo conspícuo é malvisto e reprimido. Mas nada disso os torna menos felizes, muito pelo contrário. [161] Como psicólogos e economistas comportamentais continuam nos lembrando, o consumo excessivo não é sinônimo de felicidade. Esta pode ser outra redefinição pessoal: a compreensão de que o consumo conspícuo ou consumo excessivo de qualquer tipo não é bom para nós nem para o nosso planeta, e a subsequente compreensão de que um senso de realização e satisfação pessoal não precisa depender do consumo implacável - talvez bastante o oposto.

3.3.3 Natureza e Bem-Estar

A pandemia provou ser um exercício em tempo real sobre como gerenciar nossa ansiedade e medos durante um período de extraordinária confusão e incerteza. Uma mensagem clara emergiu disso: a natureza é um antídoto formidável para muitos dos males de hoje. Pesquisas recentes e abundantes explicam indiscutivelmente por que isso acontece. Neurocientistas, psicólogos, médicos, biólogos e microbiologistas, especialistas em performance física, economistas, cientistas sociais: todos em seus respectivos campos podem agora explicar por que a natureza nos faz sentir bem, como alivia a dor física e psicológica e por que está associada a isso muitos benefícios em termos de bem-estar físico e mental. Por outro lado, eles também podem mostrar por que estar separado da natureza em toda a sua riqueza e variedade - vida selvagem, árvores, animais e plantas - afeta negativamente nossas mentes, nossos corpos, nossas vidas emocionais e nossa saúde mental. [162]

O COVID-19 e os lembretes constantes das autoridades de saúde para caminhar ou fazer exercícios todos os dias para se manter em forma colocam essas considerações em primeiro plano. O mesmo aconteceu com as miríades de testemunhos individuais durante os bloqueios, mostrando o quanto as pessoas nas cidades ansiavam por vegetação: uma floresta, um parque, um jardim ou apenas uma árvore. Mesmo nos países com os regimes de bloqueio

mais rígidos, como a França, as autoridades de saúde insistiam na necessidade de passar algum tempo fora de casa todos os dias. Na era pós-pandemia, muito menos pessoas ignorarão a centralidade e o papel essencial da natureza em suas vidas. A pandemia tornou essa consciência possível em grande escala (já que agora quase todo mundo no mundo sabe disso). Isso criará conexões mais profundas e pessoais em um nível individual com os macropontos que mencionamos anteriormente sobre a preservação de nossos ecossistemas e a necessidade de produzir e consumir de maneira que respeite o meio ambiente. Agora sabemos que, sem acesso à natureza e tudo o que ela tem a oferecer em termos de biodiversidade, nosso potencial para o bem-estar físico e mental fica gravemente prejudicado.

Durante a pandemia, fomos lembrados de que as regras de distanciamento social, lavagem das mãos e uso de máscara (além de auto-isolamento para as pessoas mais vulneráveis) são as ferramentas padrão para nos proteger do COVID-19. Ainda, dois outros fatores essenciais que dependem fortemente de nossa exposição à natureza também desempenham um papel vital em nossa resiliência física ao vírus: imunidade e inflamação. Ambos contribuem para nos proteger, mas a imunidade diminui com a idade, enquanto a inflamação aumenta. Para aumentar nossas chances de resistir ao vírus, a imunidade deve ser aumentada e a inflamação suprimida. Que papel a natureza desempenha neste cenário? Ela é a protagonista, a ciência agora nos diz! O baixo nível de inflamação constante experimentado por nossos corpos leva a todos os tipos de doenças e distúrbios, que vão desde condições cardiovasculares à depressão e capacidades imunológicas reduzidas.

Essa inflamação residual é mais prevalente entre pessoas que vivem em cidades, ambientes urbanos e áreas industrializadas. Agora está estabelecido que a falta de conexão com a natureza é um fator que contribui para uma maior inflamação, com estudos mostrando que apenas duas horas gastas em uma floresta podem aliviar a inflamação, reduzindo os níveis de citocinas (um marcador de inflamação). [163]

Tudo isso se resume a escolhas de estilo de vida: não apenas o tempo que passamos na natureza, mas também o que comemos, como dormimos, quanto nos exercitamos. Estes são escolhas que apontam para uma observação encorajadora: a idade não precisa ser uma fatalidade. Uma ampla pesquisa mostra que, junto com a natureza, a dieta e o exercício físico podem retardar, às vezes até reverter, nosso declínio biológico. Não há nada de fatalista nisso! Exercício, natureza, comida não processada ... Todos eles têm o duplo benefício de melhorar a imunidade e suprimir a inflamação. [164]

Isso se encaixa com o ponto que acabamos de mencionar sobre os hábitos de consumo. Seria surpreendente se todas essas evidências recentemente

encontradas não levassem a uma maior conscientização sobre o consumo responsável. No mínimo, a direção da tendência - menos depredação, mais sustentabilidad - parece claro.
O reset para os indivíduos: a pandemia chamou nossa atenção para a importância da natureza. Daqui para a frente, prestar mais atenção aos nossos ativos naturais se tornará progressivamente primordial.

CONCLUSÃO

Em junho de 2020, apenas seis meses desde o início da pandemia, o mundo está em um lugar diferente. Nesse curto espaço de tempo, o COVID-19 desencadeou mudanças importantes e ampliou as linhas de falha que já afetam nossas economias e sociedades. Desigualdades crescentes, um senso generalizado de injustiça, aprofundamento das divisões geopolíticas, polarização política, aumento dos déficits públicos e altos níveis de dívida, governança global ineficaz ou inexistente, financeirização excessiva, degradação ambiental: estes são alguns dos principais desafios que existiam antes da pandemia.

A crise da coroa exacerbou todos eles. O desastre do COVID-19 poderia ser o relâmpago antes do trovão? Teria força para desencadear uma série de mudanças profundas? Não podemos saber como o mundo será daqui a 10 meses, muito menos como será em 10 anos a partir de agora, mas o que sabemos é que, a menos que façamos algo para redefinir o mundo de hoje, o de amanhã será profundamente atingido. Na Crônica de uma morte anunciada, de Gabriel Garcia Márquez, uma vila inteira prevê uma catástrofe iminente, e ainda nenhum dos aldeões parece capaz ou disposto a agir para evitá-la, até que seja tarde demais. Não queremos ser essa aldeia. Para evitar tal destino, sem demora precisamos colocar em movimento o Grande Reset. Este não é um “bom ter”, mas uma necessidade absoluta. Deixar de abordar e corrigir os males profundamente enraizados de nossas sociedades e economias pode aumentar o risco de

que, como ao longo da história, uma reinicialização seja imposta por choques violentos como conflitos e até mesmo revoluções. É nossa responsabilidade pegar o touro pelos chifres. A pandemia nos dá essa chance: ela "representa uma rara mas estreita janela de oportunidade para refletir, reimaginar e redefinir nosso mundo".

A profunda crise provocada pela pandemia nos deu muitas oportunidades para refletir sobre como nossas economias e sociedades funcionam e como não funcionam. O veredicto parece claro: precisamos mudar; devemos mudar. Mas podemos? Vamos aprender com os erros que cometemos no passado? A pandemia abrirá a porta para um futuro melhor? Vamos conseguir nossa casa global em ordem? Simplificando, colocaremos em movimento o Grande Reset? Reinicializar é uma tarefa ambiciosa, talvez ambiciosa demais, mas não temos escolha a não ser tentar o máximo para alcançá-la. Trata-se de tornar o mundo menos divisivo, menos poluente, menos destrutivo, mais inclusivo, mais justo e mais justo do que o deixamos na era pré-pandemia. Não fazer nada ou de menos é caminhar como um sonâmbulo em direção a cada vez mais desigualdades sociais, desequilíbrios econômicos, injustiças e degradação ambiental. Deixar de agir equivaleria a deixar nosso mundo se tornar mais mesquinho, mais dividido, mais perigoso, mais egoísta e simplesmente insuportável para grandes segmentos da população do globo. Não fazer nada não é uma opção viável.

Dito isso, o Grande Reset está longe de ser um negócio fechado. Alguns podem resistir à necessidade de se engajar nela, temerosos da magnitude da tarefa e esperançosos de que o senso de urgência diminuirá e a situação logo voltará ao "normal". O argumento para a passividade é o seguinte: passamos por choques semelhantes - pandemias, recessões severas, divisões geopolíticas e tensões sociais - antes e vamos passar por eles novamente. Como sempre, as sociedades serão reconstruídas, e também nossas economias. A vida continua! A justificativa para não redefinir também se baseia na convicção de que o estado do mundo não é tão ruim e que apenas precisamos consertar algumas coisas nas bordas para torná-lo melhor. É verdade que o estado do mundo hoje é, em média, consideravelmente melhor do que no passado. Devemos reconhecer que, como seres humanos, nunca estivemos tão bem. Quase todos os indicadores-chave que medem nosso bem-estar coletivo (como o número de pessoas que vivem na pobreza ou morrendo em conflitos, o PIB per capita, a expectativa de vida ou taxas de alfabetização e até mesmo o número de mortes causadas por pandemias) têm melhorado

continuamente. séculos passados, de forma impressionante nas últimas décadas. Mas eles têm melhorado “na média” - uma realidade estatística que não faz sentido para aqueles que se sentem (e com frequência são) excluídos.

Portanto, a convicção de que o mundo de hoje é melhor do que nunca, embora correta, não pode servir como desculpa para se consolar com o status quo e deixar de consertar os muitos males que continuam a afligi-lo.

A trágica morte de George Floyd (um afro-americano morto por um policial em maio de 2020) ilustra vividamente esse ponto. Foi o primeiro dominó ou a gota d'água que marcou um momento decisivo no qual um sentimento profundo e acumulado de injustiça sentido pela comunidade afro-americana dos Estados Unidos finalmente explodiu em protestos massivos. Seria apontar para eles que, na “média”, sua situação é melhor hoje do que no passado. Apaziguou sua raiva? Claro que não! O que importa para os afro-americanos é sua situação hoje, não o quanto sua condição "melhorou" em comparação com 150 anos atrás, quando muitos de seus ancestrais viviam na escravidão (foi abolida nos EUA em 1865), ou mesmo há 50 anos quando se casaram um americano branco era ilegal (o casamento interracial só se tornou legal em todos os estados em 1967). Dois pontos são pertinentes ao Grande Reinício: 1) nossas ações e reações humanas não estão enraizadas em dados estatísticos, mas são determinadas por emoções e sentimentos - as narrativas conduzem nosso comportamento; e 2) à medida que nossa condição humana melhora, nossos padrões de vida aumentam, assim como nossas expectativas de uma vida melhor e mais justa.

Nesse sentido, os protestos sociais generalizados ocorridos em junho de 2020 refletem a necessidade urgente de embarcar na Grande Reinicialização. Ao conectar um risco epidemiológico (COVID-19) com um risco social (protestos), eles deixaram claro que, no mundo de hoje, é a conectividade sistêmica entre riscos, problemas, desafios e também oportunidades que importa e determina o futuro. Nos primeiros meses da pandemia, a atenção do público, compreensivelmente, se concentrou nos efeitos epidemiológicos e de saúde do COVID-19. Mas, no futuro, os problemas mais consequentes residem na concatenação dos riscos econômicos, geopolíticos, sociais, ambientais e tecnológicos que resultarão da pandemia e seu impacto contínuo nas empresas e nos indivíduos.

Não há como negar que o vírus COVID-19 na maioria das vezes tem sido uma catástrofe pessoal para os milhões de infectados por ele e para suas famílias e comunidades. No entanto, em um nível global, se vista em termos da porcentagem da população global afetada, a crise da coroa é (até agora) uma das pandemias menos mortais que o mundo experimentou nos últimos 2.000 anos. Muito provavelmente, a menos que a pandemia evolua de forma imprevista, as consequências do COVID-19 em termos de saúde e mortalidade serão leves em comparação com as pandemias anteriores. No final de junho de 2020 (em um momento em que o surto ainda grassa na América Latina, no Sul da Ásia e em grande parte dos EUA), COVID-19 matou menos de 0,006% da população mundial. Para contextualizar este baixo número em termos de letalidade, a gripe espanhola matou 2,7% da população mundial e o VIH / SIDA 0,6% (de 1981 até hoje). A Peste de Justiniano desde seu início em 541 até que finalmente desapareceu em 750 matou quase um terço da população de Bizâncio, de acordo com várias estimativas, e a Peste Negra (1347-1351) é considerada como tendo matado entre 30% e 40% da população mundial na época. A pandemia corona é diferente. Não constitui uma ameaça existencial, ou um choque que deixará sua marca na população mundial por décadas.

No entanto, implica perspectivas preocupantes por todas as razões já mencionadas; no mundo interdependente de hoje, os riscos se fundem, amplificando seus efeitos recíprocos e ampliando suas consequências.

Muito do que está por vir é desconhecido, mas podemos ter certeza do seguinte: no mundo pós-pandêmico, as questões de justiça virão à tona, variando da estagnação da renda real para uma vasta maioria à redefinição de nossos contratos sociais. Da mesma forma, profundas preocupações com o meio ambiente ou questões sobre como a tecnologia pode ser implantada e administrada para o benefício da sociedade forçará seu caminho na agenda política. Todos esses problemas são anteriores à pandemia, mas o COVID-19 os expôs para que todos pudessem ver e os ampliou. A direção das tendências não mudou, mas, na esteira do COVID-19, ficou muito mais rápida. O pré-requisito absoluto para uma reinicialização adequada é maior colaboração e cooperação dentro e entre os países. Cooperação - uma “habilidade cognitiva supremamente humana” que coloca nossa espécie em sua trajetória única e extraordinária - pode ser resumida como “intencionalidade compartilhada” para agirmos juntos em direção a um objetivo comum. [166] Simplesmente não

podemos progredir sem ele. A era pós-pandemia será caracterizada por mais ou menos cooperação? Existe um risco muito real de que amanhã o mundo seja ainda mais dividido, nacionalista e sujeito a conflitos do que é hoje. Muitas das tendências analisadas na seção macro sugerem que, avançando para o futuro, nosso mundo será menos aberto e menos cooperativo do que antes da pandemia. Mas um cenário alternativo é possível, em que o coletivo a ação dentro das comunidades e uma maior colaboração entre as nações permitem uma saída mais rápida e pacífica da crise da coroa. À medida que as economias se reiniciam, há uma oportunidade de incorporar maior igualdade social e sustentabilidade à recuperação, acelerando em vez de atrasar o progresso em direção aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para 2030 e desencadeando uma nova era de prosperidade. [167] O que poderia tornar isso possível e aumentar as chances de probabilidade em favor de tal resultado?

Vendo os fracassos e as linhas de falha à luz do dia cruel lançada pela crise corona pode nos obrigar a agir mais rápido, substituindo ideias, instituições, processos e regras com novos mais adequados às necessidades atuais e futuras. Esta é a essência do Grande Reset. A experiência globalmente compartilhada da pandemia poderia ajudar a aliviar alguns dos problemas que enfrentamos quando a crise começou? Uma sociedade melhor pode emergir dos bloqueios? Amartya Sen, laureado com o Prêmio Nobel de Economia, pensa assim, acreditando que: “A necessidade de atuar em conjunto pode certamente gerar uma apreciação do papel construtivo da ação pública”, [168] citando como prova alguns exemplos como a Segunda Guerra Mundial tendo fez as pessoas perceberem a importância da cooperação internacional e convencer países como o Reino Unido do benefício de alimentos e cuidados de saúde mais bem compartilhados (e a eventual criação de um estado de bem-estar). Jared Diamond, o autor de Upheaval: How Nations Cope with Crisis and Change, tem uma opinião semelhante, esperando que a crise corona o obrigará para abordarmos quatro riscos existenciais que enfrentamos coletivamente: 1) ameaças nucleares; 2) mudanças climáticas; 3) o uso insustentável de recursos essenciais como florestas, frutos do mar, solo superficial e água doce; e 4) as consequências das enormes diferenças nos padrões de vida entre os povos do mundo: "Por mais estranho que possa parecer, a resolução bem-sucedida da crise pandêmica pode nos motivar a lidar com essas questões maiores que até agora nos recusamos a enfrentar. Se a pandemia finalmente nos preparar para lidar com essas ameaças existenciais, pode haver uma fresta de esperança na nuvem negra do vírus. Entre as consequências do vírus, pode

ser a maior, a mais duradoura - e nosso grande motivo de esperança ”. [169]

Essas expressões de esperança individual são apoiadas por uma infinidade de pesquisas que concluem que coletivamente desejamos mudanças. Eles variam de uma pesquisa no Reino Unido mostrando que a maioria das pessoas quer alterar fundamentalmente a economia à medida que ela se recupera, em contraste com um quarto querendo que ela voltasse a ser como estava, [170] a pesquisas internacionais que descobriram que uma grande maioria dos cidadãos em todo o mundo querem que a recuperação econômica da crise corona priorize as mudanças climáticas [171] e apóie uma recuperação verde. [172] Em todo o mundo, os movimentos que exigem um "futuro melhor" e clamam por uma mudança para um sistema econômico que priorize nosso bem-estar coletivo sobre o mero crescimento do PIB estão proliferando.

*****

Estamos agora em uma encruzilhada. Um caminho nos levará a um mundo melhor: mais inclusivo, mais justo e mais respeitoso com a Mãe Natureza. O outro vai nos levar a um mundo que se assemelha ao que acabamos de abandonar - mas pior e constantemente perseguido por surpresas desagradáveis. Devemos, portanto, acertar. Os desafios que se avizinham podem ter mais consequências do que escolhemos até agora imaginar, mas nossa capacidade de reinicialização também pode ser maior do que antes ousávamos esperar.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer a Mary Anne Malleret por sua inestimável contribuição para o manuscrito e por aprimorar muito seu estilo geral, graças à sua “caneta”, e a Hilde Schwab, por atuar como uma leitora crítica. Eles também gostariam de agradecer a Camille Martin, da Monthly Barometer, por fornecer assistência à pesquisa, e a Fabienne Stassen, que editou o livro diligentemente e com atenção aos detalhes, apesar das óbvias limitações de tempo.

Agradeço também aos muitos colegas do **Fórum Econômico Mundial** que aconselharam, leram, revisaram, formataram, projetaram, publicaram e promoveram este livro. Eles incluem colegas dos escritórios de São Francisco, Nova York, Genebra, Pequim e Tóquio e especialistas em economia, sociedade, tecnologia, saúde pública e políticas públicas. Agradecimentos especiais vão para Kelly Ommundsen e Peter Vanham no Gabinete do Presidente. Finalmente, o feedback que veio dos constituintes do Fórum de todo o mundo e de pessoas com origens muito diferentes ajudou a tornar este livro o que esperava ser: um livro oportuno, bem equilibrado e informativo sobre o mais importante desafio de saúde pública em um século que o mundo continua a enfrentar e maneiras de enfrentá-lo e aliviar seu impacto daqui para frente.

Klaus Schwab e Thierry Malleret Geneva,
Julho 2020

NOTAS FINAIS

[1] Snowden, Frank, *Epidemics and Society: From the Black Death to the Present* , Yale University Press, 2019.
[2] Tuchman, Barbara, *A Distant Mirror – The Calamitous 14th Century* , Random House Trade Paperbacks; Reissue edition, 1987.
[3] Solana, Javier, "Our Finest Hour", Project Syndicate, 28 March 2020, https://www.project-syndicate.org/commentary/global-socioeconomic-landscape-after-covid19-pandemic-by-javier-solana-2020-03 .
[4] Camus, Albert, *The Plague* , Stuart Gilbert translation, Alfred A. Knopf, Inc., 1948, p. 80.
[5] Mahbubani, Kishore, *The Great Convergence: Asia, the West, and the Logic of One World* , PublicAffairs, Perseus Books Group, 2013.
[6] World Economic Forum, *The Global Risks Report 2020* , Insight Report, 15th Edition, http://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_Risk_Report_2020.pdf .
[7] Wharton University of Pennsylvania, Risk Management and Decision Processes Center, "The Ostrich Paradox: Why We Underprepare for Disasters", Issue Brief, May 2018, https://riskcenter.wharton.upenn.edu/wp-content/uploads/2019/03/Ostrich-Paradox-issue-brief.pdf .
[8] Wagenaar, William A. and Sabato D. Sagaria, "Misperception of exponential growth", *Perception & Psychophysics* , vol. 18, 1975, pp. 416–422, https://link.springer.com/article/10.3758/BF03204114 .
[9] CDC, "2019-2020 U.S. Flu Season: Preliminary Burden Estimates", https://www.cdc.gov/flu/about/burden/preliminary-in-season-estimates.htm
[10] Johns Hopkins University & Medicine, Coronavirus Resource Center, "COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)", 24 June 2020.
[11] Simon, Herbert, "The Architecture of Complexity", *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 106, no. 6, 1962, pp. 467-482.
[12] Malleret, Thierry, *Disequilibrium: A World Out of Kilter* , BookBaby, 2012.
[13] Contrary to white-swan events, which are certain, black-swan events are very rare, hard to predict (non-probabilistic) and have outsized consequences. They are called "black swans" in reference to the fact that

such swans were presumed not to exist until Dutch explorers discovered them in Western Australia at the end of the 17th century.

[14] Webb, Richard, “Quantum physics”, *New Scientist* , n.d., https://www.newscientist.com/term/quantum-physics/# .

[15] Project Gutenberg, “A Journal of the Plague Year by Daniel Defoe”, http://www.gutenberg.org/ebooks/376 .

[16] Jordison, Sam, “Defoe’s Plague Year was written in 1722 but speaks clearly to our time”, *The Guardian* , 5 May 2020, https://www.theguardian.com/books/booksblog/2020/may/05/defoe-a-journal-of-the-plague-year-1722-our-time .

[17] Schama, Simon, “Plague time: Simon Schama on what history tells us”, *Financial Times* , 10 April 2020, https://www.ft.com/content/279dee4a-740b-11ea-95fe-fcd274e920ca .

[18] Jordà, Òscar, Sanjay R. Singh and Alan M. Taylor, “Longer-Run Economic Consequences of Pandemics”, Federal Reserve Bank of San Francisco, Working Paper 2020-09, 2020, https://www.frbsf.org/economic-research/files/wp2020-09.pdf .

[19] Bloomberg, “Coronavirus Is Likely to Become a Seasonal Infection Like the Flu, Top Chinese Scientists Warn”, *Time* , 28 April 2020, https://time.com/5828325/coronavirus-covid19-seasonal-asymptomatic-carriers .

[20] Kristof, Nicholas, “Let’s Remember That the Coronavirus Is Still a Mystery”, *The New York Times* , 20 May 2020, https://www.nytimes.com/2020/05/20/opinion/us-coronavirus-reopening.html .

[21] Draulans, Dirk, “‘Finally, a virus got me.’ Scientist who fought Ebola and HIV reflects on facing death from COVID-19”, *Science* , 8 May 2020, https://www.sciencemag.org/news/2020/05/finally-virus-got-me-scientist-who-fought-ebola-and-hiv-reflects-facing-death-covid-19# .

[22] Moore, Kristine, et al., *COVID-19: The CIDRAP Viewpoint* , Center for Infectious Disease Research and Policy (CIDRAP), 2020, https://www.cidrap.umn.edu/sites/default/files/public/downloads/cidrap-covid19-viewpoint-part1_0.pdf .

[23] Cherukupalli, Rajeev and Tom Frieden, “Only Saving Lives Will Save Livelihoods”, *Foreign Affairs* , 13 May 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-05-13/only-saving-lives-will-save-livelihoods .

[24] Badger, Emily and Alicia Parlapiano, “Government Orders Alone Didn’t Close the Economy. They Probably Can’t Reopen It”, *The New York Times* , 9 May 2020 update, https://www.nytimes.com/2020/05/07/upshot/pandemic-economy-government-orders.html .
[25] Wighton, Kate, “Lockdown and school closures in Europe may have prevented 3.1m deaths”, Imperial College London, 8 June 2020, https://www.imperial.ac.uk/news/198074/lockdown-school-closures-europe-have-prevented .
[26] Hsiang, Solomon, et al., “The effect of large-scale anti-contagion policies on the COVID-19 pandemic”, *Nature* , 8 June 2020, https://www.nature.com/articles/s41586-020-2404-8 .
[27] Goodman, Peter S., “ Why the Global Recession Could Last a Long Time”, *The New York Times* , 1 April 2020, https://www.nytimes.com/2020/04/01/business/economy/coronavirus-recession.html .
[28] Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD), “Evaluating the initial impact ofCOVID-19 containment measures on economic activity”, 10 June 2020, https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=126_126496-evgsi2gmqj&title=Evaluating_the_initial_impact_of_COVID-19_containment_measures_on_economic_activity . .
[29] CPB Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis, “Scenarios economic consequences corona crisis”, CPB Scenarios, March 2020, https://www.cpb.nl/sites/default/files/omnidownload/CPB-Scenarios-March-2020-Scenarios-economic-consequences-corona-crisis.pdf .
[30] International Monetary Fund, “World Economic Outlook Update”, June 2020, https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/06/24/WEOUpdateJune2020 .
[31] Politi, James, “What to know about America’s newly unemployed”, *Financial Times* , 21 May 2020, https://www.ft.com/content/5924441b-1cb6-4fbd-891b-0afb07e163d7 .
[32] Frey, Carl Benedikt, “Covid-19 will only increase automation anxiety”, *Financial Times* , 21 April 2020, https://www.ft.com/content/817228a2-82e1-11ea-b6e9-a94cffd1d9bf .

[33] Jaimovich, Nir and Henry E. Siu, "Job Polarization and Jobless Recoveries", National Bureau of Economic Research (NBER), Working Paper 18334, November 2018 revision, https://www.nber.org/papers/w18334.pdf.
[34] Coyle, Diane and Benjamin Mitra-Khan, "Making the Future Count", mimeo, 2017.
[35] Boffey, Daniel, "Amsterdam to embrace 'doughnut' model to mend post-coronavirus economy", *The Guardian* , 8 April 2020, https://www.theguardian.com/world/2020/apr/08/amsterdam-doughnut-model-mend-post-coronavirus-economy.
[36] Banerjee, Abhijit V. and Esther Duflo, *Good Economics for Hard Times* , PublicAffairs, 2019.
[37] Ibid.
[38] Commission on Growth and Development, *The Growth Report: Strategies for Sustained Growth and Inclusive Development* , World Bank, 2008; Hallward-Driemeier, Mary and Gaurav Nayyar, *Trouble in the Making? The Future of Manufacturing-Led Development* , World Bank Group, 2018.
[39] Ellen MacArthur Foundation, "What is a circular economy?", 2017, https://www.ellenmacarthurfoundation.org/circular-economy/concept .
[40] As proven by the Platform for Accelerating the Circular Economy (PACE), see https://pacecircular.org .
[41] International Trade Union Confederation (ITCU), "Investing in the Care Economy: A Pathway to Growth", 8 March 2016, https://www.ituc-csi.org/investing-in-the-care-economy-a.
[42] Cassidy, John, "Can We Have Prosperity Without Growth?", *The New Yorker* , 3 February 2020, https://www.newyorker.com/magazine/2020/02/10/can-we-have-prosperity-without-growth .
[43] Degrowth, "Degrowth: New Roots for the Economy", 2020, https://www.degrowth.info/en/open-letter.
[44] McAfee, Andrew, *More from Less* , Simon & Schuster, Inc., 2019.
[45] Blanchard, Olivier, "Designing the fiscal response to the COVID-19 pandemic", Peterson Institute for International Economics (PIIE), Briefing 20-1, 8 April 2020.
[46] Reinhart, Carmen M. and Kenneth Rogoff, "The Coronavirus Debt Threat", *The Wall Street Journal* , 26 March 2020,

https://www.wsj.com/articles/the-coronavirus-debt-threat-11585262515 .
[47] Reinhart, Carmen M., "This Time Truly Is Different", Project Syndicate, 23 March 2020, https://www.project-syndicate.org/commentary/covid19-crisis-has-no-economic-precedent-by-carmen-reinhart-2020-03 .
[48] Saez, Emmanuel and Gabriel Zucman, "Keeping Business Alive: The Government Will Pay", 16 March 2020 revision, http://gabriel-zucman.eu/files/coronavirus2.pdf .
[49] Effective deep negative interest rates would have to be supported with measures to prevent financial firms from hoarding cash, see Rogoff, Kenneth, "The Case for Deeply Negative Interest Rates", Project Syndicate, 4 May 2020, https://www.project-syndicate.org/commentary/advanced-economies-need-deeply-negative-interest-rates-by-kenneth-rogoff-2020-05 .
[50] Blanchard, Olivier, "Is there deflation or inflation in our future?", VOX, 24 April 2020, https://voxeu.org/article/there-deflation-or-inflation-our-future .
[51] Sharma, Ruchir, "Elizabeth Warren and Donald Trump Are Wrong About the Same Thing", *The New York Times* , 24 June 2019, https://www.nytimes.com/2019/06/24/opinion/elizabeth-warren-donald-trump-dollar-devalue.html .
[52] Kumar, Aditi and Eric Rosenbach, "Could China's Digital Currency Unseat the Dollar?", *Foreign Affairs* , 20 May 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2020-05-20/could-chinas-digital-currency-unseat-dollar .
[53] Paulson Jr., Henry M., "The Future of the Dollar", *Foreign Affairs* , 19 May 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/2020-05-19/future-dollar .
[54] Eichengreen, Barry, Arnaud Mehl and Livia Chiţu, "Mars or Mercury? The geopolitics of international currency choice", VOX, 2 January 2018, https://voxeu.org/article/geopolitics-international-currency-choice .
[55] Kissinger, Henry A., "The Coronavirus Pandemic Will Forever Alter the World Order", *The Wall Street Journal* , 3 April 2020, https://www.wsj.com/articles/the-coronavirus-pandemic-will-forever-alter-the-world-order-11585953005 .
[56] The expression has been used, and also debunked, repeatedly. For a specific example, see Jones, Owen, "Coronavirus is not some great leveller: it is exacerbating inequality right now", *The Guardian* , 9 April 2020,

https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/09/coronavirus-inequality-managers-zoom-cleaners-offices .
[57] El-Erian, Mohamed A. and Michael Spence, "The Great Unequalizer", *Foreign Affairs* , 1 June 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-06-01/great-unequalizer .
[58] Dingel, Jonathan I. and Brent Neiman, "How Many Jobs Can be Done at Home?", Becker Friedman institute, White Paper, June 2020, https://bfi.uchicago.edu/wp-content/uploads/BFI_White-Paper_Dingel_Neiman_3.2020.pdf.
[59] Deaton, Angus, "We may not all be equal in the eyes of coronavirus", *Financial Times* , 5 April 2020, https://www.ft.com/content/0c8bbe82-6dff-11ea-89df-41bea055720b.
[60] Milanovic, Branko, "The Real Pandemic Danger Is Social Collapse", *Foreign Affairs* , 19 March 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/2020-03-19/real-pandemic-danger-social-collapse .
[61] According to the Global Protest Tracker of the Carnegie Endowment for International Peace, https://carnegieendowment.org/publications/interactive/protest-tracker .
[62] Milne, Richard, "Coronavirus 'medicine' could trigger social breakdown", *Financial Times* , 26 March 2020, https://www.ft.com/content/3b8ec9fe-6eb8-11ea-89df-41bea055720b .
[63] Long, Heather and Andrew Van Dam, "The black-white economic divide is as wide as it was in 1968", *The Washington Post* , 4 June 2020, https://www.washingtonpost.com/business/2020/06/04/economic-divide-black-households .
[64] McAdam, Doug, "Recruitment to High-Risk Activism: The Case of Freedom Summer", *American Journal of Sociology* , vol. 92, no. 1, July 1986, pp. 64-90, https://www.jstor.org/stable/2779717?seq=1 .
[65] Micklethwait, John and Adrian Wooldridge, "The Virus Should Wake Up the West", Bloomberg, 13 April 2020, https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2020-04-13/coronavirus-pandemic-is-wake-up-call-to-reinvent-the-state .
[66] Knoeller, Herman, "The Power to Tax", *Marquette Law Review* , vol. 22, no. 3, April 1938.

[67] Murphy, Richard, "Tax and coronavirus: a tax justice perspective", Tax Research UK, 24 March 2020, https://www.taxresearch.org.uk/Blog/2020/03/24/tax-and-coronavirus-a-tax-justice-perspective .
[68] Mazzucato, Mariana, "The Covid-19 crisis is a chance to do capitalism differently", *The Guardian* , 18 March 2020, https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/18/the-covid-19-crisis-is-a-chance-to-do-capitalism-differently .
[69] Stiglitz, Joseph E., "A Lasting Remedy for the Covid-19 Pandemic's Economic Crisis", *The New York Review of Books* , 8 April 2020, https://www.nybooks.com/daily/2020/04/08/a-lasting-remedy-for-the-covid-19-pandemics-economic-crisis.
[70] This is shown in particular in the annual Edelman Trust Barometer, https://www.edelman.com/trustbarometer.
[71] Two prominent examples emanate from the International Panel on Social Progress, *Rethinking Society for the 21st Century* , 2018, https://www.cambridge.org/gb/academic/subjects/politics-international-relations/political-economy/rethinking-society-21st-century-report-international-panel-social-progress , and the World Bank, *Toward a New Social Contract* , 2019, https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/30393/9781464813535.pdf .
[72] Kissinger, Henry A., "The Coronavirus Pandemic Will Forever Alter the World Order", *The Wall Street Journal* , 3 April 2020 https://www.wsj.com/articles/the-coronavirus-pandemic-will-forever-alter-the-world-order-11585953005 .
[73] Hu, Katherine, "'I Just Don't Think We Have the Luxury to Have Dreams Anymore'", *The New York Times* , 24 March 2020, https://www.nytimes.com/2020/03/24/opinion/coronavirus-recession-gen-z.html .
[74] McNulty, Jennifer, "Youth activism is on the rise around the globe, and adults should pay attention, says author", UC Santa Cruz, 17 September 2019, https://news.ucsc.edu/2019/09/taft-youth.html .
[75] As an example, in September 2019, more than 4 million young people demonstrated simultaneously in 150 countries to demand urgent action on climate change; see Sengupta, Somini, "Protesting Climate Change, Young People Take to Streets in a Global Strike", *The New York Times* , 20

September 2019, https://www.nytimes.com/2019/09/20/climate/global-climate-strike.html.
[76] For a discussion of current forms of nationalism, see Wimmer, Andreas, "Why Nationalism Works", *Foreign Affairs*, March/April 2019, https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2019-02-12/why-nationalism-works.
[77] Rudd, Kevin, "The Coming Post-COVID Anarchy", *Foreign Affairs*, 6 May 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-05-06/coming-post-covid-anarchy.
[78] Rodrik, Dani, *The Globalization Paradox*, Oxford University Press, 2012.
[79] Pastor, Lubos and Pietro Veronesi, "A rational backlash against globalisation", VOX, 28 September 2018, https://voxeu.org/article/rational-backlash-against-globalisation.
[80] Huang, Yanzhong, "U.S. Dependence on Pharmaceutical Products From China", Council on Foreign Relations, Blog post, 14 August 2019, https://www.cfr.org/blog/us-dependence-pharmaceutical-products-china.
[81] Khanna, Parag, "Post-pandemic: welcome to the multi-speed world of regional disparities", *Global Geneva*, 26 April 2020, https://www.global-geneva.com/post-pandemic-welcome-to-the-multi-speed-world-of-regional-disparities.
[82] Global Business Alliance, "Inbound Investment Survey", May 2020, https://globalbusiness.org/dmfile/GlobalBusinessAlliance_InboundInvestmentSurveyFindings_May2020.pdf.
[83] Paulson, Henry, "Save globalisation to secure the future", *Financial Times*, 17 April 2020, https://www.ft.com/content/da1f38dc-7fbc-11ea-b0fb-13524ae1056b.
[84] United Nations, Department of Economic and Social Affairs (DESA), Committee for Development Policy, "Global governance and global rules for development in the post-2015 era", Policy Note, 2014, https://www.un.org/en/development/desa/policy/cdp/cdp_publications/2014cdppolicynote.pdf.
[85] Subramanian, Arvind, "The Threat of Enfeebled Great Powers", Project Syndicate, 6 May 2020, https://www.project-syndicate.org/commentary/covid19-will-weaken-united-states-china-and-europe-by-arvind-subramanian-2020-05.

[86] Fukuyama, Francis, *Political Order and Political Decay: From the Industrial Revolution to the Globalization of Democracy* , Farrar, Straus and Giroux, 2014.
[87] Shivshankar Menon, a former Indian national security adviser, quoted in Crabtree, James, "How coronavirus exposed the collapse of global leadership", *Nikkei Asian Review* , 15 April 2020, https://asia.nikkei.com/Spotlight/Cover-Story/How-coronavirus-exposed-the-collapse-of-global-leadership .
[88] Cabestan, Jean-Pierre, "China's Battle with Coronavirus: Possible Geopolitical Gains and Real Challenges", Aljazeera Centre for Studies, 19 April 2020, https://studies.aljazeera.net/en/reports/china%E2%80%99s-battle-coronavirus-possible-geopolitical-gains-and-real-challenges .
[89] Anderlini, Jamil, "Why China is losing the coronavirus narrative", *Financial Times* , 19 April 2020, https://www.ft.com/content/8d7842fa-8082-11ea-82f6-150830b3b99a .
[90] Kynge, James, Katrina Manson and James Politi, "US and China: edging towards a new type of cold war?", *Financial Times* , 8 May 2020, https://www.ft.com/content/fe59abf8-cbb8-4931-b224-56030586fb9a .
[91] Lee Hsien Loong, "The Endangered Asian Century", *Foreign Affairs* , July/August 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/2020-06-04/lee-hsien-loong-endangered-asian-century .
[92] Fedrizzi, Alessandro and Massimiliano Proietti, "Quantum physics: our study suggests objective reality doesn't exist", *The Conversation* , 14 November 2019, https://theconversation.com/quantum-physics-our-study-suggests-objective-reality-doesnt-exist-126805 .
[93] Jiaming, Li, "Every move to stigmatize China evokes our historical memory", *Global Times* , 19 April 2020, https://www.globaltimes.cn/content/1186037.shtml .
[94] Bill of Rights Institute, "Founding Principles and Virtues", n.d., https://billofrightsinstitute.org/founding-documents/founding-principles .
[95] Nye Jr, Joseph S., "No, the Coronavirus Will Not Change the Global Order", *Foreign Policy* ,16 April 2020, https://foreignpolicy.com/2020/04/16/coronavirus-pandemic-china-united-states-power-competition
[96] Mahbubani's latest book, *Has China Won? The Chinese Challenge to American Primacy* , PublicAffairs, came out in March 2020, in the midst of the health crisis.

[97] Mahbubani, Kishore, "How China could win over the post-coronavirus world and leave the U.S. behind", MarketWatch, 18 April 14, 2020, https://www.marketwatch.com/story/how-china-could-win-over-the-post-coronavirus-world-and-leave-the-us-behind-2020-04-14 .
[98] Sharma, Ruchir, "The Comeback Nation", *Foreign Affairs* , May/June 2020, https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-03-31/comeback-nation .
[99] This is the subtitle of the article by Kevin Rudd already quoted: "The Coming Post-COVID Anarchy: The Pandemic Bodes Ill for Both American and Chinese Power – and for the Global Order", https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-05-06/coming-post-covid-anarchy . All quotes in the paragraph are from this article.
[100] Miyamoto, Takenori, "Interview: US is a mess but China isn't the solution: Niall Ferguson", *Nikkei Asian Review* , 21 May 2020, https://asia.nikkei.com/Editor-s-Picks/Interview/US-is-a-mess-but-China-isn-t-the-solution-Niall-Ferguson .
[101] Signé, Landry, "A new approach is needed to defeat COVID-19 and fix fragile states", Brookings, 21 April 2020, https://www.brookings.edu/blog/future-development/2020/04/21/a-new-approach-is-needed-to-defeat-covid-19-and-fix-fragile-states .
[102] As reported in *Monthly Barometer* , June 2020.
[103] Miller, Adam, "Call unanswered: A review of responses to the UN appeal for a global ceasefire", Armed Conflict Location & Event Data Project (ACLED), 13 May 2020, https://acleddata.com/2020/05/13/call-unanswered-un-appeal .
[104] Quammen, David, "We Made the Coronavirus Epidemic", *The New York Times* , 28 January 2020, https://www.nytimes.com/2020/01/28/opinion/coronavirus-china.html .
[105] "Coronavirus and Wildlife Letter: Stimulus Package", 24 March 2020, https://www.documentcloud.org/documents/6819003-CoronavirusWildlifeLetterStimulusPackage.html .
[106] World Economic Forum, "COVID-19 – Food/Nature/Climate", Internal document, May 2020.
[107] Cui, Yan, et al., "Air pollution and case fatality of SARS in the People's Republic of China: an ecologic study", *Environmental Health* , vol. 2, no. 15, 2003, https://ehjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/1476-069X-2-15 .

[108] Friedman, Lisa, "New Research Links Air Pollution to Higher Coronavirus Death Rates", *The New York Times* , 7 April 2020, https://www.nytimes.com/2020/04/07/climate/air-pollution-coronavirus-covid.html . The scientific article published by researchers from Harvard University is by Wu, Xiao, et al., "Exposure to air pollution and COVID-19 mortality in the United States: A nationwide cross-sectional study", Harvard T.H. Chan School of Public Health, 24 April 2020 update, https://projects.iq.harvard.edu/covid-pm .
[109] International Energy Agency (IEA), *Global Energy Review 2020* , April 2020, https://www.iea.org/reports/global-energy-review-2020 .
[110] United Nations Environment Programme (UNEP), *Emissions Gap Report 2019* , 2019, https://www.unenvironment.org/interactive/emissions-gap-report/2019 .
[111] S&P Global and RobecoSAM, *The Sustainability Yearbook 2020* , 2020, https://www.robeco.com/docm/docu-robecosam-sustainability-yearbook-2020.pdf .
[112] International Energy Agency (IEA), "How clean energy transitions can help kick-start economies", 23 April 2020, https://www.iea.org/commentaries/how-clean-energy-transitions-can-help-kick-start-economies .
[113] Hook, Leslie and Aleksandra Wisniewska, "How coronavirus stalled climate change momentum", *Financial Times* , 14 April 2020, https://www.ft.com/content/052923d2-78c2-11ea-af44-daa3def9ae03 .
[114] Chenoweth, Erica, et al., "The global pandemic has spawned new forms of activism – and they're flourishing", *The Guardian* , 20 April 2020, https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/20/the-global-pandemic-has-spawned-new-forms-of-activism-and-theyre-flourishing .
[115] KSTP, "BP takes $17.5B hit as pandemic accelerates emissions cuts", 15 June 2020, https://kstp.com/business/bp-takes-over-17-billion-dollar-hit-as-coronavirus-pandemic-accelerates-emissions-cuts/5760005/ ; Hurst, Laura, "Supermajors find obstacles, and opportunities, as pandemic drags on", World Oil, 16 June 2020, https://www.worldoil.com/news/2020/6/16/supermajors-find-obstacles-and-opportunities-as-pandemic-drags-on .
[116] European Commission, "A European Green Deal", https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal_en .

[117] Gray, Emily and Chris Jackson, “Two thirds of citizens around the world agree climate change is as serious a crisis as Coronavirus”, Ipsos, 22 April 2020, https://www.ipsos.com/en/two-thirds-citizens-around-world-agree-climate-change-serious-crisis-coronavirus .
[118] World Economic Forum, *COVID-19 Risks Outlook: A Preliminary Mapping and Its Implications* , Insight Report, May 2020, http://www3.weforum.org/docs/WEF_COVID_19_Risks_Outlook_Special_Edition_Pages.pdf .
[119] Se-jeong, Kim, “Seoul City to implement 'Green New Deal' to mitigate pandemic fallout”, *The Korea Times* , 4 June 2020 update, https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2020/06/281_290628.html .
[120] Systemiq and World Economic Forum, “Building a Nature-Positive Future – Recommendations for Policy-makers to Reset the Economy through the Power of Natural Capital”, July 2020.
[121] Klaus Schwab, *The Fourth Industrial Revolution* , World Economic Forum, 2016, p. 9.
[122] Both quoted in Waters, Richard, “Lockdown has brought the digital future forward – but will we slip back?”, *Financial Times* , 1 May 2020, https://www.ft.com/content/f1bf5ba5-1029-4252-9150-b4440478a2e7 .
[123] Frey, Carl Benedikt and Michael A. Osborne, “The future of employment: How susceptible are jobs to computerisation?”, *Technological Forecasting and Social Change* , vol. 114, January 2017, pp. 254-280, https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0040162516302244 .
[124] Heric, Michael, et al., “Intelligent Automation: Getting Employees to Embrace the Bots”, Bain & Company, 8 April 2020, https://www.bain.com/insights/intelligent-automation-getting-employees-embrace-bots .
[125] Chotiner, Isaac, “The Coronavirus and the Future of Big Tech”, *The New Yorker* , 29 April 2020, https://www.newyorker.com/news/q-and-a/the-coronavirus-and-the-future-of-big-tech .
[126] Holmes, Oliver, et al., “Coronavirus mass surveillance could be here to stay, experts say”, *The Guardian* , 18 June 2020, https://www.theguardian.com/world/2020/jun/18/coronavirus-mass-surveillance-could-be-here-to-stay-tracking .
[127] Harari, Yuval Noah, “The world after coronavirus”, *Financial Times* , 20 March 2020, https://www.ft.com/content/19d90308-6858-11ea-a3c9-1fe6fedcca75 .

[128] Ibid.
[129] Morozov, Evgeny, "The tech 'solutions' for coronavirus take the surveillance state to the next level", *The Guardian* , 25 April 2020, https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/15/tech-coronavirus-surveilance-state-digital-disrupt .
[130] Thornhill, John, "How Covid-19 is accelerating the shift from transport to teleport", *Financial Times* , 30 March 2020, https://www.ft.com/content/050ea832-7268-11ea-95fe-fcd274e920ca .
[131] Sneader, Kevin and Shubham Singhal, "From thinking about the next normal to making it work: What to stop, start, and accelerate", McKinsey & Company, 15 May 2020, https://www.mckinsey.com/featured-insights/leadership/from-thinking-about-the-next-normal-to-making-it-work-what-to-stop-start-and-accelerate# .
[132] This anecdote appears in the article by Kulish, Nicholas, et al., "The U.S. Tried to Build a New Fleet of Ventilators. The Mission Failed", *The New York Times* , 20 April 2020 update, https://www.nytimes.com/2020/03/29/business/coronavirus-us-ventilator-shortage.html .
[133] BlackRock, *Sustainable investing: resilience amid uncertainty* , 2020, https://www.blackrock.com/corporate/literature/investor-education/sustainable-investing-resilience.pdf .
[134] Tett, Gillian, "Business faces stern test on ESG amid calls to 'build back better'", *Financial Times* , 18 May 2020, https://www.ft.com/content/e97803b6-8eb4-11ea-af59-5283fc4c0cb0 .
[135] Strine, Leo and Dorothy Lund, "How to restore strength and fairness to our economy" reproduced in "How Business Should Change After the Coronavirus Crisis", *The New York Times* , 10 April 2020, https://www.nytimes.com/2020/04/10/business/dealbook/coronavirus-corporate-governance.html .
[136] Schwab, Klaus, "Covid-19 is a litmus test for stakeholder capitalism", *Financial Times* , 25 March 2020, https://www.ft.com/content/234d8fd6-6e29-11ea-89df-41bea055720b .
[137] Merchant, Brian, "Google Says It Will Not Build Custom A.I. for Oil and Gas Extraction", OneZero, 19 May 2020, https://onezero.medium.com/google-says-it-will-not-build-custom-a-i-for-oil-and-gas-extraction-72d1f71f42c8 .

[138] Baird-Remba, Rebecca, "How the Pandemic Is Driving Labor Activism Among Essential Workers", Commercial Observer, 11 May 2020, https://commercialobserver.com/2020/05/how-the-pandemic-is-driving-labor-activism-among-essential-workers.
[139] Hamilton, Gabrielle, "My Restaurant Was My Life for 20 Years. Does the World Need It Anymore?", *The New York Times Magazine* , 26 April 2020 update, https://www.nytimes.com/2020/04/23/magazine/closing-prune-restaurant-covid.html .
[140] Taparia, Hans, "The Future of College Is Online, and It's Cheaper", *The New York Times* , 25 May 2020, https://www.nytimes.com/2020/05/25/opinion/online-college-coronavirus.html .
[141] Hess, Amanda, "Celebrity Culture Is Burning", *The New York Times* , 30 March 2020, https://www.nytimes.com/2020/03/30/arts/virus-celebrities.html .
[142] Barry, John, *The Great Influenza: The Story of the Deadliest Pandemic in History* , Penguin Books, 2005.
[143] Kruglanski, Arie, "3 ways the coronavirus pandemic is changing who we are", *The Conversation* , 20 March 2020, https://theconversation.com/3-ways-the-coronavirus-pandemic-is-changing-who-we-are-133876 .
[144] Pamuk, Orhan, "What the Great Pandemic Novels Teach Us", *The New York Times* , 23 April 2020, https://www.nytimes.com/2020/04/23/opinion/sunday/coronavirus-orhan-pamuk.html .
[145] Case, Anne and Angus Deaton, *Deaths of Despair and the Future of Capitalism* , Princeton University Press, 2020, https://press.princeton.edu/books/hardcover/9780691190785/deaths-of-despair-and-the-future-of-capitalism.
[146] Friedman, Thomas L., "Finding the 'Common Good' in a Pandemic", *The New York Times* , 24 March 2020, https://www.nytimes.com/2020/03/24/opinion/covid-ethics-politics.html .
[147] Facebook, "Knowledge Capsules: Lockdown or no lockdown", 26 April 2020, https://m.facebook.com/KnowledgeCapsules1/posts/2374859852804537 .
[148] Bazelon, Emily, "Restarting America Means People Will Die. So When Do We Do It?", *The New York Times Magazine* , 10 April 2020,

https://www.nytimes.com/2020/04/10/magazine/coronavirus-economy-debate.html .
[149] Twenge, Jean, “New study shows staggering effect of coronavirus pandemic on America’s mental health”, *The Conversation* , 7 May 2020, https://theconversation.com/new-study-shows-staggering-effect-of-coronavirus-pandemic-on-americas-mental-health-137944 .
[150] Tucci, Veronica and Nidal Moukaddam, “We are the hollow men: The worldwide epidemic of mental illness, psychiatric and behavioral emergencies, and its impact on patients and providers”, *Journal of Emergencies, Trauma, and Shock* , vol. 10, no. 1, 2017, pp. 4-6, https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5316796 .
[151] Health and Safety Executive (HSE), “Work related stress depression or anxiety statistics in Great Britain, 2018”, Annual Statistics, 31 October 2018, http://greeningconsultants.co.uk/wp-content/uploads/2019/03/HSE-Stats-2018.pdf .
[152] Bechtel, Robert B. and Amy Berning, “The Third-Quarter Phenomenon: Do People Experience Discomfort After Stress Has Passed?”, in A.A. Harrison, Y.A. Clearwater and C.P. McKay (eds), *From Antarctica to Outer Space* , Springer, 1991, https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4612-3012-0_24 .
[153] Brooks, Samantha K., et al., “The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence”, *The Lancet* , vol. 395, no. 10227, 14-20 March 2020, pp. 912-920, https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0140673620304608 .
[154] Campbell, Denis, “UK lockdown causing ‘serious mental illness in first-time patients’”, *The Guardian* , 15 May 2020, https://amp-theguardian-com.cdn.ampproject.org/c/s/amp.theguardian.com/society/2020/may/16/uk-lockdown-causing-serious-mental-illness-in-first-time-patients .
[155] United Nations Population Fund (UNFPA), “Impact of the COVID-19 Pandemic on Family Planning and Ending Gender-based Violence, Female Genital Mutilation and Child Marriage”, Interim Technical Note, 27 April 2020, https://www.unfpa.org/sites/default/files/resource-pdf/COVID-19_impact_brief_for_UNFPA_24_April_2020_1.pdf .
[156] Layard, Richard, “A New Priority for Mental Health”, Paper EA035, Centre for Economic Performance, London School of Economics and Political Science, May 2015, http://cep.lse.ac.uk/pubs/download/ea035.pdf .

[157] Falk, Dan, "Must We All Become More Creative because of the Pandemic?", *Scientific American* , 29 March 2020, https://blogs.scientificamerican.com/observations/must-we-all-become-more-creative-because-of-the-pandemic.
[158] Pollack-Pelzner, Daniel, "Shakespeare Wrote His Best Works During a Plague", *The Atlantic* , 14 March 2020, https://www.theatlantic.com/culture/archive/2020/03/broadway-shutdown-could-be-good-theater-coronavirus/607993 .
[159] Freedland, Jonathan, "Adjust your clocks: lockdown is bending time completely out of shape", *The Guardian* , 24 April 2020, https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/24/lockdown-time-coronavirus-prisoners .
[160] Whillans, Ashley, "Time for Happiness", *Harvard Business Review* , January 2019, https://hbr.org/cover-story/2019/01/time-for-happiness .
[161] Helliwell, John F., Richard Layard, Jeffrey Sachs and Jan-Emmanuel De Neve (eds), *World Happiness Report 2020* , Sustainable Development Solutions Network, 2020, https://happiness-report.s3.amazonaws.com/2020/WHR20.pdf .
[162] This research is summed up in Jones, Lucy, *Losing Eden: Why Our Minds Need the Wild* , Allen Lane, 2020.
[163] Im, Su Geun, et al., "Comparison of Effect of Two-Hour Exposure to Forest and Urban Environments on Cytokine, Anti-Oxidant, and Stress Levels in Young Adults", *International Journal of Environmental Research and Public Health* , vol. 13, no. 7, 2016, https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4962166 .
[164] Nieman, David C. and Laurel M. Wentz, "The compelling link between physical activity and the body's defense system", *Journal of Sport and Health Science* , vol. 8, No. 3, 2019, pp. 201-217, https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2095254618301005 .
[165] Klaus Schwab on 3 March 2020; see also World Economic Forum, "The Great Reset", 3 June 2020, https://www.facebook.com/worldeconomicforum/videos/189569908956561 .
[166] McGowan, Kat, "Cooperation Is What Makes Us Human", *Nautilus* , 29 April 2013, http://nautil.us/issue/1/what-makes-you-so-special/cooperation-is-what-makes-us-human .

[167] Cleary, Seán, “Rebuild after the crisis on three pillars: Equity, security and sustainability”, G20 Insights, Policy Brief, 29 May 2020, https://www.g20-insights.org/policy_briefs/rebuild-after-the-crisis-on-three-pillars-equity-security-and-sustainability.

[168] Sen, Amartya, “A better society can emerge from the lockdowns”, *Financial Times* , 15 April 2020, https://www.ft.com/content/5b41ffc2-7e5e-11ea-b0fb-13524ae1056b.

[169] Diamond, Jared, “Lessons from a pandemic”, *Financial Times* , 27 May 2020, https://www.ft.com/content/71ed9f88-9f5b-11ea-b65d-489c67b0d85d.

[170] Harvey, Fiona, “Britons want quality of life indicators to take priority over economy”, *The Guardian* , 10 May 2020, https://www.theguardian.com/society/2020/may/10/britons-want-quality-of-life-indicators-priority-over-economy-coronavirus .

[171] Gray, Emily and Chris Jackson, “Two thirds of citizens around the world agree climate change is as serious a crisis as Coronavirus”, Ipsos, 22 April 2020, https://www.ipsos.com/en/two-thirds-citizens-around-world-agree-climate-change-serious-crisis-coronavirus .

[172] World Economic Forum, *COVID-19 Risks Outlook: A Preliminary Mapping and Its Implications* , Insight Report, May 2020, http://www3.weforum.org/docs/WEF_COVID_19_Risks_Outlook_Special_Edition_Pages.pdf .